

EMPODERADAS IG

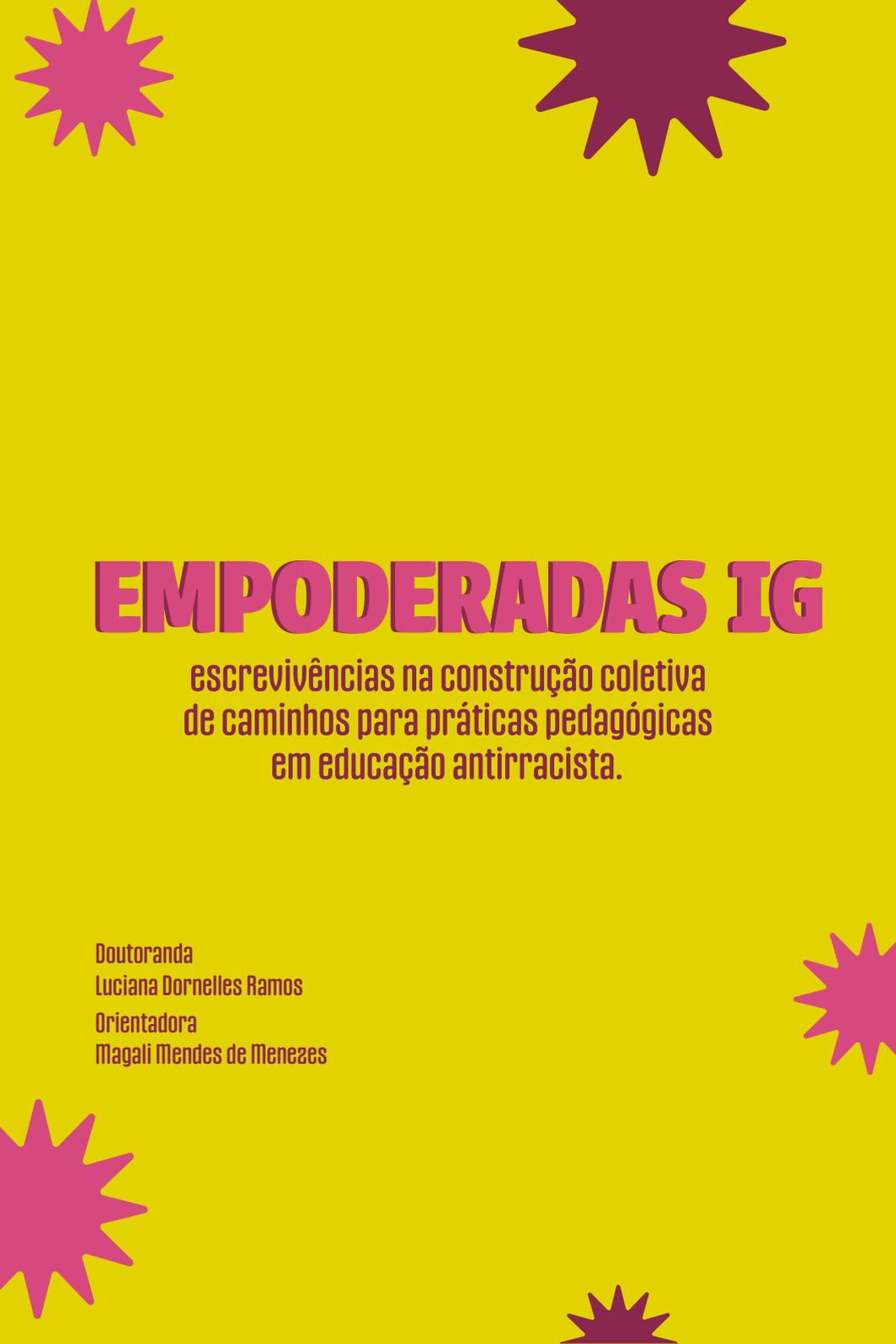


Escrevivências na construção coletiva
de caminhos para práticas pedagógicas
em educação antirracista.

Luciana Dornelles Ramos

Tese de doutorado apresentada no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Magali Mendes de Menezes.



EMPODERADAS IG

escrevivências na construção coletiva
de caminhos para práticas pedagógicas
em educação antirracista.

Doutoranda

Luciana Dornelles Ramos

Orientadora

Magali Mendes de Menezes



Arte: Rodrigo Munhos (Empoderadas ig)

Ana Carolina Laria, Deyvson Lencina Borges, Isadora Pacheco, Liane da Silva Azevedo, Maria Eduarda Laria, Maria Eduarda Pacheco, Maria Luiza David, Natasha Mello, Raynner Victor Silva Moreira, Renan Nepomocena, Rodrigo Munhos, Thaisiane Dutra.

CIP - Catalogação na Publicação

Dornelles Ramos, Luciana

EMPODERADAS IG: escrevivências na construção coletiva de caminhos para práticas pedagógicas em educação antirracista. / Luciana Dornelles Ramos. -- 2024.

277 f.

Orientador: Magali Mendes de Menezes.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Educação antirracista . 2. Empoderadas IG. 3. Escrevivências . 4. Educação das relações étnico-raciais . I. Mendes de Menezes, Magali, orient.
II. Título.

*À Neiva Dornelles Ramos, que lutou
tanto para viver este momento comigo.*

Obrigada por tudo Mãe!

AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa foi iniciada muito antes de minha entrada no Mestrado, construída por muitas vozes e muitas histórias, ela conta sobre uma história nada única do Projeto Empoderadas IG, que começou como um sonho, sem muitas expectativas, que acabou se mostrando uma perspectiva de educação possível construída coletivamente.

Começo meus agradecimentos, então, pedindo a bênção aos meus mais velhos, meus avós e bisavós, que abriram muitas portas para mim e para os meus. Portas essas pelas quais muitas vezes eles mesmos não puderam passar, mas deixaram abertas para que minha mãe, meu pai, meus tios, tias, primos e primas pudéssemos chegar até aqui. Por isso dizemos que nossos passos vem de longe, porque não chegamos sozinhos, somos o sonho de nossos ancestrais que lutaram muito para que vivêssemos uma vida de muitas possibilidades, pela liberdade de ser e existir neste mundo.

À minha mãe, Neiva Dornelles Ramos, por ter lutado bravamente e ter me permitido viver este sonho ao teu lado, compartilhar este sonho contigo é minha maior realização. Ao meu Pai, Gilberto Nogueira Ramos, pelas parcerias de dia a dia, por compreender minhas ausências, pelos muitos almoços e por ser tão presente em minha vida, te amo Pai, essa conquista é tua também. Fabiano e Rafael, meus irmãos, minhas referências, eles que subiram a régua no quesito inteligência e sempre me fizeram correr atrás para ser mais. Obrigada por estarem ao meu lado nos momentos mais difíceis, dividindo os maiores medos, e também nos momentos felizes, nos churrascos, nas risadas, na vida.

Agradeço às(os) Dornelles, e às(os) Ramos. Famílias que são meu porto seguro, que me incentivam a alçar grandes

vãos, e me esperam de braços abertos sempre que me sinto pronta para voltar. Eu amo vocês, são referências reais em minha vida, obrigada por todo amor, toda a paciência, todo o incentivo, acolhida e carinho que me deram nos mais diversos momentos de minha vida.

Aos meus amigos e amigas que me ajudaram a tornar essa jornada mais leve, pelos sambas, churrascos risadas, por lerem meus textos e ouvirem minhas loucuras, obrigada por seguirem em minha vida, amando e respeitando todas as partes de mim. É muito bom poder ser por completo ao lado de vocês.

Ao Gelsinho, por ser companheiro, melhor amigo, parceiro de todas as horas, obrigada por me incentivar a brilhar, por entender minhas ausências, por cuidar com tanto carinho das minhas alunas e alunos, por ser leve, topar minhas loucuras, por ser tão presente em minha vida.

Às minhas queridas alunas e alunos do Empoderadas IG, obrigada por terem escolhido caminhar comigo, por não terem largado minha mão, por serem vitalidade em minha vida me mostrando que sempre vale a pena viver intensamente e sorrir. Obrigada por terem topado os desafios do Mestrado e do Doutorado, por pensarem comigo as possibilidades de uma educação antirracista.

À minha querida orientadora Magali Mendes de Menezes, pela escuta e leitura empática de sempre, me encorajando e mostrando as lindas possibilidades de caminho para esta pesquisa que foi tão desafiadora. Obrigada pela liberdade de me possibilitar encontrar o que fazia sentido para mim como pesquisadora, por me incentivar e acompanhar nas leituras de mulheres negras que me acompanharam nesta trajetória. Por estes anos de Mestrado e Doutorado que foram intensos e desafiadores, obrigada Maga, por ser esta pessoa tão especial em minha vida.

Ao meu Quilombo na Pós, meus colegas de "Orientação dos Pretxs", que dividiram comigo suas pesquisas, ideias,

frustrações e desafios. Com vocês me senti menos sozinha neste mundo acadêmico ainda tão branco, com vocês me inspirei a ser melhor, a ler mais, a produzir mais, e não esquecer de valorizar os encontros presenciais, o olho no olho, as risadas e as epistemologias de buteco (risos). Em especial, Paulina, Grazi, Maurício, Victor e Gabriel, obrigada por nunca terem soltado minha mão, vocês com certeza tornaram minha jornada muito mais especial.

E por último e não menos importante, obrigada aos meus encantados, aos meus guias, aos meus anjos de luz. Por me guiarem nos momentos de dúvida, serem suporte nos momentos de dificuldades e por me darem esperança em um futuro lindo e possível que podemos juntos construir.

A todas, todos e todes que fizeram e fazem parte da minha vida, eu não estaria aqui sem vocês, eu sou porque nós somos. Ubuntu!

*“Escrevo para registrar o que os
outros apagam quando falo, para
reescrever as histórias mal escritas
sobre mim, sobre você”*

Gloria Anzaldua



Um design com cara de Empoderadas

Quando a professora Luh me procurou dizendo que queria algo diferente para o projeto e que desejava que tivesse a aparência de um livro, eu soube imediatamente que deveria refletir a identidade das Empoderadas. Era necessário ter roxo, rosa, cartazes; tinha que ter cor e contar nossa história, desde os primeiros dias na sala do IG. Foi assim que visualizei o primeiro mural que encontramos ao abrir este livro, uma referência às paredes da nossa primeira sala cobertas por cartazes com mensagens de empoderamento.

Todo o processo fluiu naturalmente, pois é algo que vivo com intensidade. Não foi desafiador representar as Empoderadas em cores, formas e estilo. Queria que fosse amigável, alegre e sensível, capaz de transmitir o sentimento que as Empoderadas trazem através destas páginas, e acredito que tenha alcançado esse objetivo.

A professora Luh e eu tivemos algumas reuniões para alinhar o que poderia ou não ser incluído, o que funcionava e o que não. Elaborei um esboço com base no que discutimos e mostrei para ela e para o pessoal do projeto, e todos adoraram! Em seguida, parti para a execução.

Encontrei algumas dificuldades durante o processo de executar a ideia nos programas de diagramação, por não ter muita experiência com certos aspectos necessários para o projeto. Aprendi de forma intuitiva, e muita pesquisa. Também enfrentei dificuldades para conseguir um computador, já que o meu estava com problemas e não tive condições de consertá-lo a tempo. Concluí este projeto em um notebook emprestado por uma tia, conciliando o tempo entre trabalho, faculdade e visitas ao hospital, pois, enquanto estava finalizando o design deste projeto, minha avó foi internada e precisei dedicar tempo a estar com ela no hospital.

O caminho até aqui foi longo, mas conseguimos. Juntos, conseguimos.

Com carinho, Maria Eduarda Pacheco

RESUMO

Como ensinar para os meus alunos uma educação antirracista a qual não tive acesso? Essa foi a pergunta que conduziu esta pesquisa, assim como minha trajetória com um grupo que se comprometeu a estudar e buscar histórias que a escola não conta sobre povos negros e indígenas, o Empoderadas IG. Alunas e alunos do projeto que passaram a ser meus companheiros de luta, de vida e aprendizados, assim como se tornaram os sujeitos e protagonistas desta pesquisa onde buscamos analisar a partir de nossa experiência com o projeto, caminhos para a construção coletiva de práticas pedagógicas em educação antirracista.

Através de um referencial teórico protagonizado por mulheres negras que nos inspiram, como bell hooks, Winnie Bueno, Nilma Lino Gomes, Bárbara Carine, Chimamanda Adichie, Djamilia Ribeiro entre outras, criamos um diálogo sobre caminhos e possibilidades para a educação antirracista no Brasil. Conceição Evaristo e suas escritas, nos mostrou através das escritas, que era possível criar uma metodologia que traduzisse uma experiência coletiva na metodologia da pesquisa colaborativa. Concluímos que os saberes compartilhados pelo Movimento Negro são caminhos eficazes para iniciar essas práticas. Valorizar a representatividade, a escrita de mulheres negras e intelectuais negros e indígenas, o compromisso com a ação, outras formas de linguagens além da escrita, e a escuta ativa e empática são caminhos necessários para uma efetiva aplicação dessas práticas. Assim como criar em sala de aula uma comunidade de aprendizagem, racializar a branquitude, problematizar

e reconstruir os materiais didáticos, e criar condições em sala de aula para que as alunas e alunos tenham acesso a diferentes versões da história e ao exercício de uma pedagogia crítica que dê a eles condições de aprenderem para a transgressão e para a liberdade de se permitirem viver as mil possibilidades de ser e existir neste mundo. Esta pesquisa não se dá como uma fórmula pronta, mas como uma grande carta à comunidade com um compartilhamento de experiências que podem se mostrar como caminhos para que repensemos nossas práticas, nossas escolas, e a educação no Brasil.

Palavras-chave: Educação antirracista; Empoderadas IG; Escrivivências

ABSTRACT

How do I teach my students an anti-racist education that I didn't have to access? This was the question that led to this research, as well as my trajectory with a group that promised to study and seek stories that the school does not tell about black and indigenous peoples, the Empoderadas IG. To the students and students of the project who became my companions in struggle, life and learning, as well as became the subjects and protagonists of this research where we seek to analyze from our experience with the project, paths for the collective construction of pedagogical practices in anti-racist education. Through a theoretical framework led by black women who inspire us, such as bell hooks, Winnie Bueno, Nilma Lino Gomes, Bárbara Carine, Chimamanda Adichie, Djamila Ribeiro, among others, we create a dialogue about paths and possibilities for anti-racist education in Brazil. Conceição Evaristo and her writings showed us through *escrevivências* that it was possible to create a methodology that translated a collective experience into the methodology of collaborative research. We conclude that the knowledge shared by the Black Movement is an effective way to initiate these practices. Valuing representation, the writing of black women and black and indigenous intellectuals, the commitment to action, other forms of language besides writing, and active and empathetic listening are necessary paths for an effective application of these practices. As well as creating a learning community in the classroom, racializing whiteness, problematizing and reconstructing teaching materials, and creating conditions in the classroom so that students have

access to different versions of history and the exercise of a critical pedagogy that gives them the conditions to learn for transgression and for the freedom to allow themselves to live the thousand possibilities of being and existing in this world. This research don't have a ready-made formula, but is a great letter to the community with a sharing of experiences that can be shown as ways for us to rethink our practices, our schools, and education in Brazil.

Keywords: Anti-racist education; Empoderadas IG; Escrivências (Writing)

RESUMEN

Cómo enseñar a mis alumnos una educación antirracista a la cual no tuve acceso fue la pregunta que guió esta investigación, así como mi trayectoria con un grupo comprometido a estudiar y buscar historias que la escuela no cuenta sobre los pueblos negros e indígenas, el Empoderadas IG. Alumnas y alumnos del proyecto que pasaron a ser mis compañeros de lucha, de vida y aprendizajes, así como se convirtieron en los sujetos y protagonistas de esta investigación donde buscamos analizar desde nuestra experiencia con el proyecto, caminos para la construcción colectiva de prácticas pedagógicas en educación antirracista.

A través de un referencial teórico protagonizado por mujeres negras que nos inspiran, como bell hooks, Winnie Bueno, Nilma Lino Gomes, Bárbara Carine, Chimamanda Adichie, Djamilia Ribeiro, entre otras, creamos un diálogo sobre caminos y posibilidades para la educación antirracista en Brasil. Conceição Evaristo y sus escritos nos mostraron a través de las *escrevivências* que era posible crear una metodología que tradujera una experiencia colectiva en la metodología de la investigación colaborativa. Concluimos que los saberes compartidos por el Movimiento Negro son caminos eficaces para iniciar estas prácticas. Valorizar la representatividad, la escritura de mujeres negras e intelectuales negros e indígenas, el compromiso con la acción, otras formas de lenguajes además de la escritura, y la escucha activa y empática son caminos necesarios para una aplicación efectiva de estas prácticas. Así como crear en el aula una comunidad de aprendizaje, racializar la blanca, problematizar y reconstruir los materiales didácticos, y

crear condiciones en el aula para que las alumnas y alumnos tengan acceso a diferentes versiones de la historia y al ejercicio de una pedagogía crítica que les dé condiciones para aprender para la transgresión y para la libertad de permitirse vivir las mil posibilidades de ser y existir en este mundo. Esta investigación no se da como una fórmula lista, sino como una gran carta a la comunidad con un compartimiento de experiencias que pueden mostrarse como caminos para que repensemos nuestras prácticas, nuestras escuelas y la educación en Brasil.

Palabras clave: Educación antirracista; Empoderadas IG; Escrevivências

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Empoderadas IG, 2018.26

Figura 2. Empoderadas IG na escola Loureiro da Silva, 2018. ...45

Figura 3. Cabelos das Empoderadas. Nossa celebração ao dia do amigo (2017). ...75

Figura 4. Foto dos Negros na UFRGS, NOV. 2023. ...109

Figura 5. Primeiro registro das Empoderadas IG. Agosto/2023. ...112

Figura 6. Primeira visita do projeto na escola Sain't Hillaire. Outubro/ 2016. ...115

Figura 7. Registro da primeira palestra do projeto no IG. Novembro/2016. ...116

Figura 8. Final do ano de 2016. ...117

Figura 9. Com as professoras Thaynah M. Barreto e Tainá Albuquerque, 2017. ...119

Figura 10. Construção da salinha do projeto, 2017.. ...120

Figura 11. Inauguração da sala do projeto em 2017 ...121

Figura 12. Kadu Casales registrando nossos momentos ...122

Figura 13. Primeiros meminhos a ingressarem no projeto Empoderadas, 2017 ...123

Figura 14. Reportagens sobre o projeto Empoderadas, 2018 ...124

Figura 15 Registros de visitas às escolas, 2017 a 2019 ...125

Figura 16. Empoderadas no Vila Flores. 15/06/2019 ...127

Figura 17. Empoderadas na UFRGS. 02/05/2019 ...128

Figura 18. Dona Neiva de volta ao lar. 29/03/ 2021 ...138

Figura 19. Assistindo a defesa de Mestrado com a mãe. 12/04/2021 ...139

Figura 20. Empoderadas IG. 17/07/2021 ...140

Figura 21. Reunião das Empoderadas na Fora da Asa. Julho/2022 ...151

Figura 22. Campanha de arrecadação de fundos para a ida das Empoderadas à Salvador, 2022 ...158

Figura 23. Tia Iris e os Dornelles ...162

Figura 24. Barbara Carine e Escolinha Maria Felipa, Setembro/2022 ...1170

Figura 25. Grupo sociocultural "As Ganhadeiras de Itapuã" ...173

Figura 26. Clube do Samba, Salvador, 2022 ...175

Figura 27. Instituto Bantu. Ilha de Itaparica. Outubro/202 ...177

Figura 28. Um abraço em Mestra Aurinda. Outubro/2022 ...178

Figura 29. Empoderadas e suas famílias no aeroporto. Setembro/2022 ...179

Figura 30. Foto tirada no dia em que decidimos iniciar a campanha "Empoderadas no doutorado em Salvador". Junho/2022. ...185

Figura 31. Empoderadas em Salvador. Setembro/2022 ...192

Figura 32. Uma vida de amizade em cartas: Luciana e Monique ...195

Figura 33. Visita à Escola Porto Alegre. 28/08/2017 ...202

Figura 34. Lia em Salvador com o Projeto Empoderadas. 18/09/2022 ...205

Figura 35. Carta Liane. Outubro/ 2019. Fonte: ...206

Figura 36. Lia e Anderson em nossa roda de conversa na Loureiro, 2018. ...208

Figura 37. Cartas recebidas de alunos e alunas das escolas que visitamos ...209

Figura 38. Mensagem do
Renan. 21/09/2022 ...214

Figura 39. Recepção das
Empoderadas pelas famílias
no aerorporto de Porto Ale-
gre. 20/09/2022 ...216

Figura 40. Ana, Nathi, Vivi
e Lu. Família em Salvador.
Setembro de 2022 ...233

Figura 41. Empoderadas na
UFBA. Setembro/ 2022
...246

Figura 42. Empoderadas
no Rio de Janeiro/ GERER.
Novembro/ 2023. ...267

LISTA DE ABREVIATURAS

CPM	Conselho de Pais e Mestres
E.E.E.F	Escola Estadual de Ensino Fundamental
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EPD	Espaço Preparatório de Dança
ERER	Educação para as Relações Étnico-Raciais
FACED	Faculdade de Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IG	Idelfonso Gomes
LDB	Lei de Diretrizes Básicas da Educação
MN	Movimento Negro
MNU	Movimento Negro Unificado
MUCDR	Movimento Unificado Contra a Discriminação Étnico-Racial
PEC	Programa de Educação Continuada
PNAD	Programa Nacional por Amostra de Domicílios
POA	Porto Alegre
PPGEdu	Programa de Pós-Graduação em Educação
RS	Rio Grande do Sul
SOE	Serviço de Orientação Educacional
STF	Supremo Tribunal Federal
TEN	Teatro Experimental do Negro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFCSPA	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - DO EU AO NÓS: AS
DIVERSAS VOZES DE NOSSA HISTÓRIA. ... 26

1. "DESIDENTIFICAR-SE" DÓI: O PROCESSO
DE DESCOLONIZAÇÃO. ... 39

2. O DESPERTAR DA NEGRITUDE: E A
COMPREENSÃO DO CORPO POLÍTICO ... 46

3. ESCOLA PARA QUE(M)?
DA DENÚNCIA À ESPERANÇA! 52 ... 76

3.1 REBELDES COM CAUSA: IMAGENS DE
CONTROLE E O "NÃO LUGAR" DO ALUNO
NEGRO NA ESCOLA ... 85

3.2 MOVIMENTO NEGRO E EDUCAÇÃO
ANTIRRACISTA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS ... 101

4. EMPODERADAS IG: AS RESISTÊNCIAS
E RE-EXISTÊNCIAS DO QUILOMBO QUE
EXISTE EM NÓS. ... 110

5. DE PESQUISA PARTICIPANTE À PESQUISA
COLABORATIVA: CAMINHOS QUE CONFLUEM
PARA UMA ESCOLHA METODOLÓGICA ... 141

6. ESCRIVIVÊNCIAS QUE CRUZAM FRONTEIRAS: CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISA COLABORATIVA.	... 152
7. EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: ROMPENDO COM OS MUROS DA ESCOLA E DA UNIVERSIDADE.	...163
8. EMPODERADAS EM SALVADOR: ESCRIVIVÊNCIAS DE UMA EXPERIÊNCIA COLETIVA.	... 180
9. CARTAS AO EMPODERADAS: UMA HISTÓRIA CONTADA POR MUITAS VOZES 131	... 193
ANDANÇAS DAS EMPODERADAS: O QUE APRENDEMOS ATÉ AQUI.	... 244
REFERÊNCIAS	... 268
ANEXO A- Modelo de termo de consentimento livre e esclarecido	... 276

INTRODUÇÃO

DO EU AO NÓS: AS DIVERSAS VOZES DE NOSSA HISTÓRIA.

Imagine que você ganhou um grande presente, sua vida vai virar um livro. De repente você descobre que o autor escolhido para escrever o livro da sua vida, é uma pessoa que não gosta nada de você. Por mais profissional que esta pessoa tente ser, você acredita que ela escreveria a melhor versão de sua história?

Foi assim com os negros e indígenas, suas histórias foram escritas por pessoas que os odiavam, por pessoas que os consideravam selvagens, por pessoas que não os consideravam humanos. Será que essas pessoas escreveram as melhores versões de suas histórias?

Até hoje são reproduzidas nas escolas, essas versões das histórias de negros e indígenas, até hoje suas memórias não são contadas a partir de suas próprias narrativas e isso interfere na construção do imaginário social de quem foram, quem são esses povos, limitando



Figura 1. Empoderadas IG 2018.
Fonte: arquivo da autora.

suas possibilidades de quem podem ser.

A educação faz parte de lutas históricas do povo negro no Brasil desde os tempos da escravização, mas surge em espaços formais como uma história única contada pela versão do colonizador. A história única fez com que muitos de nós acreditássemos que nossos antepassados aceitaram passivamente as mazelas da subordinação, da servidão...do cativeiro. Lívia Sant'Anna (2023) diz que:

Essa mesma é perigosa – porque genocida e epistemocida – história única (Adichie, 2019) propagada pelo colonizador para justificar a escravização de pessoas negras, incutiu na historiografia a ideia de que as sociedades de origem das/os africanas/os escravizadas/os eram incivilizadas, desorganizadas, iletradas (Sant'anna, 2023, p. 49).

Diferente dessa história única, existem versões que contam o quanto existiram levantes, lutas e movimentos de resistência do povo negro durante o período de escravização. Lívia Sant'Anna (2023) ainda relata que:

Ainda que não se possa demonstrar que “nas senzalas da Bahia de 1835 havia talvez maior número de gente sabendo ler e escrever do que no alto das casas grandes”, africanas/os letradas/os foram trazidas/os como escravizadas para o Brasil e se utilizaram desses saberes para confrontar o sistema (Sant'anna, 2023, p. 50)

Em diversos momentos históricos, a palavra escrita foi registrada, como na Revolta dos Malês, na Balaiada, nas cartas de Negro Cosme reivindicando o fim da escravização. Ele que sabendo ler e escrever criou uma escola para pessoas negras aquilombadas. A educação sempre esteve presente para o povo negro como forma de transgressão e de resistência, diferente das versões contadas na escola. Para mudar isso, através das lutas do movimento negro, no ano de 2003, foi sancionada a Lei 10.639/03 que, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), tornou obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares do Brasil. Em 2008, a

LDB foi novamente alterada, tornando obrigatório o estudo da história e cultura indígena nos estabelecimentos de ensino, assim, fortalecendo a luta contra a discriminação, o preconceito e o racismo, e promovendo a valorização desses grupos étnicos que contribuíram para a formação do nosso país. Após 20 anos da sanção da Lei 10.639/03, seguimos na luta para que a mesma seja aplicada como deveria nas escolas, uma pesquisa recente feita pelo Instituto Alana, publicada pelo portal Geledés Instituto da Mulher Negra (2023)¹, revela que 71% das redes municipais do Brasil não aplicam o que determina a lei 10.639/03, o que mostra o descaso de professores, gestores e do Estado na valorização desses conteúdos essenciais para os currículos escolares. Por isso, muitas pessoas negras e indígenas, para aprenderem sobre suas histórias, precisam atravessar os muros das escolas, buscando em suas comunidades estes aprendizados em espaços não formais de educação. Foi assim comigo. Compreender a história dos meus foi quase um exercício autodidata, onde na busca, encontrei meu melhor professor, o Movimento Negro. Nilma Lino Gomes (2022) conta que fez parte de um grupo de reflexões, trabalho e discussões constituído por sete pesquisadoras e um pesquisador, de maioria negra e de diversos estados do Brasil, e que dentre as diversas experiências compartilhadas, um ponto em comum atravessava e interseccionava suas histórias: “[...] o processo de reeducação pelo qual todes passamos ao conhecermos o Movimento Negro. Um processo marcado por diferentes lugares e formas de interação política, pessoal, pedagógica e acadêmica” (Gomes, 2022, p. 21). Ao ler o relato de Nilma, me identifiquei, pois apesar de não ter feito parte do grupo, me incluo nas transformações

1. INTITUTO ALANA. Lei 10.639/03 : a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afrobrasileira. Portal Geledés, São Paulo, p. 86fl, 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2023/04/lei-10639-pesquisa.pdf>. Acesso em: 09 dezembro 2023.

que viveram, quando ela diz que “[...] todas somos aprendizes dos saberes construídos pela população negra brasileira ao longo dos séculos, sistematizados e socializados pelo Movimento Negro” (Gomes , 2022, p. 21). Foi nele que me vi cercada de pessoas como eu, buscando conhecer sobre nós e sobre os nossos. Nele que conheci outras versões de nossas histórias, versões que não são contadas nas escolas. Com ele recuperei parte de minha autoestima, entendi de onde vim, onde estava e para onde queria ir, foi o Movimento Negro o meu melhor professor.

Desde o princípio dessa tese (que antes era um projeto de dissertação), quis contar a história de um coletivo que criei com minhas alunas, o Empoderadas IG. Para isso, precisei passar por um processo de reencontro com diversas versões de mim, para, em um movimento Sankofa ², compreender meu passado, entender meu presente, e projetar um futuro para esta pesquisa, que tem total influência no futuro de nossas vidas. Passo então a apresentar os caminhos que percorri e que são aqui apresentados através dos capítulos. Caminhos estes que me mostraram a necessidade de olhar para mim, compreendendo meus processos a fim de entender o tipo de escrita que fazia sentido, e que, em nossa pesquisa, representasse o “nós” e as tantas vozes que perpassam nossa trajetória. Lendo mulheres negras que compatilhavam em suas escritas os seus processos, me vi nelas, e compreendi que quando compartilho meus processos atravessados por questões de raça e gênero, não falo somente sobre mim, falo sobre a história de muitas de nós. Por isso, no capítulo um, “Desidentificar-se dói: o processo de descolonização” falo sobre estes processos, desde olhar para o meu passado e acolher com carinho e empatia a pequena Lu, calada e assustada pelas violências

2. Sankofa é um ideograma africano, que representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás, remete ao significado de voltar ao passado para ressignificar o presente e projetar um futuro.

do racismo, assim como a Lu adolescente, que encontrou sua voz, não se permitindo calar diante do que considerava injusto, o que a tornou, aos olhos de professores e gestores, uma rebelde sem causa. Olhar para essas diferentes fases me fez identificar, enquanto professora, ainda mais com meus alunos e seus processos, e me provocou a pensar que tipo de representatividade eu queria ser para eles e elas. Neste capítulo também falo por que e para quem escrevo, e para isso, foi preciso entender e escolher para quem falo. Não faria sentido uma pesquisa sobre e com minhas alunas e alunos com uma escrita inacessível, acadêmica e branca demais. Descobrir para quem falo e como falo, foram aprendizados que permearam minha escrita e minha prática nestes últimos anos, aprendizados que se refletem neste texto, que desde o seu início, teve vozes demais para chamar de meu.

No capítulo dois, "O despertar da Negritude: a compreensão do corpo político", ainda refletindo sobre meus processos de experiências da violência do racismo nos ambientes escolares e na graduação, reescrevo minha história e minha trajetória até meu despertar da Negritude, quando voltei para a escola como professora. As provocações das vivências com meus alunos e alunas, e ver neles dores que também vivi, me fez entender que não bastava a consciência de ser negra, eram necessárias ações para lutar contra este sistema que perpetua desigualdades e que, para isso, seria necessário muito estudo para descobrir as histórias sobre os meus que a escola não me contou. Esse incômodo me levou a criação do projeto Empoderadas IG, que nasceu como uma forma de abrir espaço para um diálogo com minhas alunas sobre temáticas que não estavam sendo abordadas em sala de aula, mas que se mostravam urgentes dentre as tantas demandas da escola. Trazendo como isca para atrair as meninas, o tema cabelo crespo, 13 meninas e eu começamos a nos encontrar para entender

nossas demandas e descobrir como pensar uma educação antirracista. A partir deste capítulo, minha escrita e minha história começam a se transformar do eu, em nós. As meninas optaram por caminhar comigo, eu já não estava mais sozinha, nossas histórias e trajetórias se cruzaram e mudaram nossas vidas de uma maneira que naquele momento era impossível de se imaginar. A partir deste momento também faço a opção de sempre tratar no feminino minhas falas quando faço referência às alunas do projeto, pois este espaço sempre foi de protagonismo e de maioria feminina. Os meninos entraram no final de 2017, e sempre estiveram em menor número, sei que isso não é um problema para eles, que sabem que mesmo quando falamos das alunas no feminino, eles estão incluídos em nossa história, nossa luta e em nossas vidas.

O capítulo três, “Escola para que(m)? Da denúncia à esperança”, é um capítulo onde inicio falando sobre o não lugar do aluno negro na escola, sobre a educação nem sempre ter sido um direito de todos e sobre as violências vividas, tanto recreativamente como institucionalmente nas escolas. Através da expressão “Rebeldes com causa”, valido a rebeldia desses alunos frente a essas experiências violentas em um ambiente onde deveriam ser acolhidos e se ver entre os colegas, professores e nos conteúdos curriculares também. Chego ao Movimento Negro Educador, grande responsável pelo avanço e aprendizado sobre negritude nos últimos tempos, lembrando suas histórias de lutas pela educação, tendo ele como um professor, que se reinventa e se atualiza, mantendo viva a necessidade de uma avanço social através da educação antirracista.

No capítulo quatro, “Empoderadas IG: as resistências e re-existências do quilombo que existe em nós”, foco central da pesquisa, em que reescrevemos a história do projeto, que nasceu em 2016, se tornou um grupo de estudos com o objetivo de empoderar jovens de escolas públicas para

torná-las(os) representatividade para outros jovens. Contamos sobre nossa história, nossos desafios, as visitas que fizemos em outras escolas públicas de Porto Alegre e a maneira que encontramos de nos comunicarmos com essas comunidades, tentando compreender suas demandas e potencializar nossos encontros. Contamos sobre nossas integrantes, pessoas que nos apoiaram, sobre nossa saída do IG (E.E.E.F. Ildefonso Gomes, daí vem a sigla IG), e sobre as tantas mãos estendidas para nós naquele momento tão difícil, para que o projeto não acabasse. Falamos sobre como viramos o jogo com a nossa entrada no Mestrado e a mudança de nível para o Doutorado. Contamos sobre as diversas vezes que tivemos que nos reinventar, sobre as dificuldades em fazer pesquisa em meio a pandemia da Covid-19, e dos desafios em relizar uma pesquisa colaborativa em meio a todas essas demandas da vida, onde muitas vezes, o Empoderadas teve o lugar de quilombo, acolhida e esperança em um futuro melhor.

No capítulo 5, "Da pesquisa participante à pesquisa colaborativa: caminhos que confluem para uma escolha metodológica", começamos então a falar sobre as metodologias que escolhemos e que fizeram sentido para a nossa pesquisa. A opção da pesquisa colaborativa ao invés da pesquisa participante, o feminismo negro como caminho a partir da compreensão de suas teorias e sobre a importância que ler mulheres negras teve, para que entendêssemos como gostaríamos de conduzir a tese. Mulheres negras que nos levaram a pensar a escritôria de Conceição Evaristo como metodologia, ou seja, uma escrita a partir de um eu, que reflete um nós, narrativas a partir de experiências negras que pudemos identificar nas escritas de muitas mulheres negras que nos acompanharam no decorrer desta pesquisa.

Se no capítulo cinco falamos sobre escolhas, no capítulo 6, "Escritôrias que cruzam fronteiras: caminhos na

construção de uma pesquisa colaborativa”, falamos sobre a construção e inserção dessas metodologias em nossas práticas e de nossas vivências em nossa pesquisa de Doutorado. Falamos sobre a possibilidade de um sandwiche em Salvador, que acabou se tornando a realização de um sonho coletivo, onde através do apoio de nossa comunidade, o Empoderadas teve a oportunidade de conhecer esta terra mágica que nos ensinou muito sobre ancestralidade, negritude e representatividade.

O capítulo 7, “Educação em espaços não formais: rompendo com os muros da escola e da universidade”, fala sobre como, mesmo o projeto iniciando dentro de uma instituição escolar, foi fora dos muros da escola que mais aprendemos sobre as tantas histórias que a escola não conta. Em Salvador, também foi fora desses espaços formais de educação onde mais aprendemos, então enfatizamos as experiências incríveis, potentes e libertadoras que estes espaços podem nos proporcionar.

No capítulo 8, “Empoderadas em Salvador: escrituras de uma experiência coletiva”, falamos mais profundamente sobre a nossa experiência juntas em Salvador. Sobre o desafio de escrever sobre uma experiência coletiva, para que ela não se tornasse uma versão única sobre uma história de muitas pessoas, e sobre como encontramos na escritura a possibilidade de realizar essa escrita de forma que ela melhor representasse o nós.

No capítulo 9, “Cartas ao Empoderadas: uma história contada por muitas vozes”, contamos sobre a escolha das cartas como uma forma de elo e comunicação, tanto entre participantes do projeto, como no diálogo construído nas escolas que visitamos. Neste capítulo as vozes das Empoderadas ganham protagonismo através de suas cartas para o nosso projeto, cartas antigas, que marcaram suas entradas no grupo, suas dores e movimentos que as levaram a buscar o coletivo, assim como as cartas que fizeram após

nossa viagem para Salvador, depois de 7 anos do início de nossa caminhada. Cartas onde pudemos identificar que o acesso a educação antirracista possibilitou a substituição das dores que apareciam em suas primeiras cartas, por perspectiva e esperança nas possibilidades que podemos viver a partir da escolha pela educação que descoloniza e liberta. Cartas também de mães e parceiras do projeto que nos mostram as diversas versões que uma história coletiva pode ter. Cartas que marcaram nossa história e nos ensinaram a importância da escuta na construção de práticas pedagógicas em educação antirracista.

E na conclusão, "Andanças das Empoderadas: o que aprendemos até aqui", pontuamos os aprendizados que tivemos através dessa experiência coletiva, de viver e fazer pesquisa, do elo entre a prática e a teoria, do quanto podemos aprender quando nos abrimos para construir uma comunidade de aprendizado.

Quando comecei o projeto, me deparei com um questionamento que acabou se tornando o problema de minha pesquisa: como ensinar para as minhas alunas uma educação antirracista a qual não tive acesso?

Neste texto, que se faz em primeira pessoa do singular, e do plural, vocês irão se deparar com uma linguagem coloquial, com a influência de uma juventude que me acompanha o tempo todo, e fundamentada por mulheres negras que me inspiraram e me permitiram validar um tipo de escrita que para alguns pode parecer nada acadêmica, mas que traduz da forma mais honesta possível a rica experiência que tivemos na academia. Buscando a resposta para o problema, vou costurando arestas, e em uma escrita nada linear, passado e presente se conectam o tempo todo para a prospecção de um futuro possível. Em uma pesquisa colaborativa, precisei aprender a abrir mão do controle, me abrir para os processos que esta metodologia nos permitiu viver e as aprendizagens que realizar uma pesquisa no co-

letivo nos possibilitou. Isso fez com que, ao finalizar este texto, me deparasse com uma estrutura espiralar, o que me fez lembrar Leda Maria Martins (2021) quando diz que:

Como respostas, o tempo vai e volta em espirais e nos reinaugura em suas cinesias. Em seus voltejos, somos. Tempo ntangu, tempo sol, tempo no vento riscado, no corpo experimentado. Tempo que se refaz em outros tempos, como o tempo de disseminar e o tempo de recolher. Tempo também é tanga, escrever e dançar. Escrever é assim inscrever no corpo que dança, vozeia, canta e tamborila, o tempo constituinte das espirais. (Martins, 2021, p. 219)

Leda fala sobre a relação das culturas negras com o tempo, e foi nos permitindo viver esta pesquisa no tempo ancestral que ela se constitui em uma estrutura que se tranforma do eu em nós, se traduz no movimento, e em um tempo que não é linear, é espiralar. Essa escrita também busca a essência da oralidade, por isso, ispirada em bell hooks, Winnie Bueno, Grada Kilomba, Bárbara Carine e tantas outras mulheres negras que, ao lê-las me provocam a impressão de estarem conversando comigo, sentadas no sofá da sala, busco uma escrita empática e acolhedora, como senti na escrita de Ana Maria Gonçalves em *Um defeito de cor*, uma escrita afetuosa, como se fosse uma avó contando uma história para uma neta. Neste texto, tento me aproximar ao máximo do que seria para mim a escrita da oralidade.

Para pensar a questão central, analisamos a história do Projeto Empoderadas IG, nossas trajetórias e experiências buscando compreender: como construir coletivamente práticas de educação antirracista?

A partir de nossa experiência, pudemos observar que romper os muros da escola e os muros da universidade foram processos necessários que fizemos e vivemos o tempo todo.

Pudemos observar e aprender com fases de minha trajetória, que se tornou nossa, e com fases de nosso letramento racial. De certa forma, minhas alunas e alunos

desabrocham ao final do texto, mostrando com mais intensidade suas presenças, e pudemos perceber que isto que identificamos nesta pesquisa, pudemos identificar também nas práticas de nosso projeto. Em minhas necessárias ausências em função do doutorado, as meninas passaram a organizar as atividades nas escolas e fazerem sozinhas as visitas, lendo as cartinhas dos alunos, organizando as práticas que fariam a partir da demanda da comunidade. Elas disseram que antes “se escondiam atrás da Sôra Lu”, e que com minha ausência se obrigaram a tomar as rédeas de nossas atividades, elas voaram solo. Na pesquisa também, principalmente depois de nossa viagem a Salvador. De lá para cá passamos a conviver mais, estudar mais, voltar a uma rotina que havia sido quebrada durante a pandemia, e de certa forma, esse nosso empoderamento como coletivo aparece na estrutura do texto.

Nos capítulos que descrevemos anteriormente pudemos então observar que o projeto se tornou um elemento empírico concreto utilizado para buscar caminhos para nossas práticas pedagógicas em educação antirracista. O que é o Projeto Empoderadas IG? Que caminhos ele encontrou para dialogar sobre educação antirracista com diferentes públicos? Como dialoga com jovens do projeto, alunos da escola, de outras escolas e de ambientes não formais de educação? Como é o diálogo com outros professores? Como escrever uma história coletiva através de uma escrita em primeira pessoa sem torná-la uma história única?

Seria impossível pensar essas questões sem ter nesta pesquisa minhas alunas comigo como colaboradoras de minha tese, elas, que caminharam comigo desde 2016, me mostraram suas versões de nossa trajetória, caminhada essa que hoje posso ver refletida na vida de cada aluna e aluno do projeto. Ler intelectuais negras, feministas negras, me mostraram um caminho possível de escrita para esta pesquisa, e desde o início de nosso projeto mostraram

também um caminho possível para pensarmos uma educação antirracista. A minha escrita parte do eu, mas ao longo da pesquisa foi se transformando em nós, e através de nossas vivências, ao longo destes anos, nos desafiamos escrever nossas experiências, compartilhando nesta tese os caminhos que encontramos para a construção coletiva de práticas pedagógicas em educação antirracista.

Escrevemos esta tese então, como uma grande carta às comunidades escolares do nosso Brasil, contando nossas experiências nos espaços formais e não formais de educação, e os aprendizados que tivemos nesta trajetória em busca de uma educação que nos libertasse do colonialismo que conduz a escola. A vocês, alunas e alunos, professoras, professores, gestores, mães, pais, avós e amigas(os), dedicamos esta tese, que traz um pouco de nossa experiência, mas traz muito de quem somos e dos caminhos que escolhemos seguir. Que nossa experiência inspire mais pessoas a compreender que quando nos isentamos, estamos trabalhando a serviço do opressor, que se não formos antirracistas, estaremos colaborando na perpetuação de uma educação para a colonialidade. Que nossa experiência não seja vista como uma receita de bolo, mas sim como inspiração para caminhos possíveis quando pensamos uma educação que respeita, que liberta, quando pensamos em uma educação antirracista.

Que nossa tese chegue como uma grande carta para vocês, que nossas experiências provoquem, através do incômodo da desconstrução, a mudança necessária para uma educação que respeite as diversidades e valorize as diferentes versões da história na construção de nosso país. Essa carta/tese foi escrita com muita entrega, muito diálogo, muita reflexão e Amor Preto. Que este nosso amor pelo que fazemos chegue até cada um de vocês que nos lê, e que possamos juntos seguir fazendo a roda girar, nesta luta pela educação antirracista, na luta por uma escola que

rompa com o racismo que impede que narrativas de povos negros e indígenas adentrem as salas de aula, e ensine nossas alunas e alunos a compreender de onde vieram, quem são, e as mil possibilidades de quem podem ser.

Uma boa leitura a todas, todes e todos. Com carinho...

Luciana Dornelles Ramos e Empoderadas IG.



Olá, prazer eu me chamo Ana Carolina, tenho 19 anos, moro com meus pais e minha irmã, acabei de me formar no técnico em administração, faço tecnólogo de processos gerenciais, sou estagiária trabalho no palácio da justiça, eu amo tirar momentos para mim, para aproveitar com as pessoas que eu gosto, conhecer coisas novas...

O Empoderadas é um exemplo do que eu gosto de fazer, conhecer coisas novas, aprender coisas novas, passar um tempo com o pessoal, eu sempre saio dos encontros feliz, renovada, com o coração quentinho, o projeto além de ser um meio de estudos e ações é um meio de aconchego, onde nós conversamos, escutamos conselhos e nos apoiamos.

O projeto foi e é muito importante para a minha educação sobre a luta antirracista, sobre como eu devo me posicionar em tais ocasiões, saber o meu lugar de fala, saber conversar sobre e não ser tão leiga sobre o que é a educação antirracista.

Eu estou no projeto desde 2018, aprendi muita coisa, passamos por tantas coisas também!

O projeto abriu minha mente para várias questões, me encorajou, me acolheu e o principal que foi o aprendizado do que é ser antirracista.

A educação antirracista é uma luta educacional, que busca combater e eliminar o racismo. Uma luta que todos devem apoiar.

E o projeto Empoderadas esta nessa luta a anos, com muitos apoiadores e parceiros também!

1. “DESIDENTIFICAR-SE” DÓI: O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO.

“Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema ilustra o ato da escrita como um ato de tornar-se e, enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou”

(Kilomba, 2019, p.28)

Tem feito parte da minha vida, falar sobre meu processo de descoberta da negritude, meu empoderamento e as diferentes representatividades que vão surgindo dia após dia para mim. Pessoas com as quais me identifico, me vejo e que me ajudam a descolonizar meu olhar frente ao espelho, frente a minha vida e a sociedade que me rodeia. Me aquilombar (me aproximar e me relacionar mais com pessoas negras) teve um reflexo direto em minhas relações. Não somente por estar entre pessoas negras, mas por me unir a pessoas que afirmavam a negritude positivamente e criavam juntas espaços de resistência como forma de sobreviver a uma sociedade racista. Como se fosse um filtro, e esse filtro fosse minha negritude, muitas pessoas, conforme fui me afirmando uma mulher negra, se afastaram da minha vida. Percebi o quanto era desagradável se depararem com o incômodo da desconstrução. Mas afinal, existe desconstrução sem incômodo? bell hooks (2017) percebeu em sala de aula este incômodo gerado pelo abandono das velhas formas de pensar, e disse que passou a reconhecer estes sentimentos dos alunos. Reconheço o desconforto gerado pela desconstrução, e quando o sente, cabe a pessoa escolher se abraça este incômodo e

reflete sobre como pode mudar a partir disso, ou afasta o que gera o incômodo. Muitas pessoas se afastaram de mim, outras, permaneceram em minha vida, e hoje tenho com elas uma relação muito mais sincera, onde eu posso ser quem sou, com todos os meus defeitos, minhas qualidades e principalmente minha negritude.

Quando estamos neste processo e nos deparamos com situações passadas, é interessante olhar para tudo com uma outra perspectiva. Voltar a espaços não mais frequentados, gera o gatilho de reencontrar dores que a gente achava que haviam ficado no passado. Vivi isso com a minha escrita de tese (que no começo de tudo era uma dissertação), pois ela é em primeira pessoa. Tive que me reencontrar com a Lu de várias fases, e entender com outro olhar o quanto o racismo me atravessou e de certa forma me moldou. Reencontrar a pequena Lu e seu silêncio doeu, lembrar de atitudes cruéis as quais fui exposta desde a pré-escola, na Ginástica Olímpica (hoje artística) e o quanto essas situações me levaram a um silêncio que muitas pessoas interpretavam como de uma menina doce e tímida, quando, na verdade era de uma menina assustada. Reencontrar a Lu da adolescência, que havia rompido com esse silêncio, que resolveu gritar por si e por todos que via passando por situações que não acreditava serem justas. Época em que me tornei uma "rebelde sem causa" aos olhos dos outros, mas hoje entendo minha rebeldia. Rebeldia com causa sim, e novamente o racismo na escola que me atravessava forjou essas posturas e vivências. A Lu da graduação, colhendo frutos de conquistas, vivendo novas experiências, tendo novas oportunidades, aprendendo a se tornar outro tipo de estudante. Um momento em que achei ter encontrado meu lugar no mundo, mas de alguma maneira aquele mundo acadêmico me dizia de diversas formas que não, aquele

não era o meu lugar. Novamente julgamentos, novamente exclusões, e um acréscimo de culpa. De pensar ser uma peça com defeito, afinal muita gente dizia que era meu jeito de falar, que era coisa da minha cabeça, que eu estava exagerando, e mais uma vez eu me via insistindo para ser aceita em grupos que me diziam o tempo todo “este não é o seu lugar”.

Olhar para essas experiências, me faz ter outra perspectiva de minha própria vida. Hoje já tenho maturidade de me permitir me retirar de ambientes que me são tóxicos, hoje já tenho argumentos e embasamento teórico para me defender do racismo que me atinge (e isso não significa que ele não doa quando me bate). Hoje meu espelho é diferente, porque eu me reeduquei, e essa educação é antirracista. Uma educação racista faz com que a pessoa negra olhe no espelho e só enxergue o branco (história branca, princesas brancas, cultura branca, profissionais bem sucedidos brancos) e veja o negro e tudo que o cerca serem desvalorizados, subalternizados, objetificados, invisibilizados. A gente apaga a negritude e se cerca de uma branquitude³ que nos exclui, e que de forma escrachada ou silenciosa nos diz que somos o outro. Quando revertemos esse processo, através de uma educação antirracista, é como se peças soltas de um quebra-cabeça começassem a se encaixar. Como se a solidão que sentimos mesmo entre uma multidão começasse a desaparecer, porque passamos a fazer parte de algo. Passamos a olhar para o espelho e ver outro reflexo nele; um reflexo que não mais nos assusta, um reflexo que nos dá orgulho, que nos faz pertencentes a uma luta, a um povo, a uma história, que nos faz deixar de ser o outro, e se reencontrar com

3. Branquitude não necessariamente é sobre pessoas brancas, mas sobre um lugar simbólico que elas ocupam, com lugares sociais e posições de privilégio, tanto materiais quanto simbólicos. Um sistema utilizado em função da manutenção de poder.

o 'nós'. Ubuntu significa "Eu sou porque nós somos", e olhar com carinho para o reflexo da minha imagem é olhar com carinho para o meu igual. O "se identificar" é lindo, ver uma menina negra de três anos olhando para a televisão e, ao ver uma apresentadora negra, se enxergar e dizer que ela é parecida com aquela referência com a qual ela se depara, emociona. O brilho nos olhos de um aluno que pela primeira vez tem um professor negro. O olhar de uma criança que vê seu primo sendo o primeiro da família a se formar no ensino superior, aquele herói de toga. São processos lindos, mas que também podem ser muito dolorosos, porque "desidentificar-se" dói. Abandonar a branquitude que nos constitui desde a escola dói, deixar para trás pessoas que amamos, embora não nos tenham amado por completo dói, saber que afirmar nossa negritude afasta pessoas importantes para gente dói, mas é uma dor que liberta.

Escrevo para falar de uma sociedade que ainda não vê o negro como igual. Escrevo para falar de 135 anos de "liberdade" e 388 anos de escravização. Escrevo para falar desses processos que construíram a nossa sociedade, e dos reflexos que vivemos até hoje em um país que foi moldado em cima do racismo, da escravização e da desigualdade. Escrevo para dissertar sobre como esses reflexos atingem a escola, alunos não negros, mas principalmente os alunos negros. A escola geralmente é a primeira experiência social da criança longe do círculo familiar. Um ambiente que deveria ser acolhedor, propício para aprendizagens, trocas, interações sociais, amizades e desenvolvimento. Muitas pessoas dizem que a escola é uma micro versão do que é a nossa sociedade, e pensando que vivemos em uma sociedade que foi criada a partir do racismo devemos nos perguntar: como é essa experiência para as crianças negras?

Analiso a minha trajetória para entender como foi o processo de ser aluna negra e hoje professora, me ver nos meus alunos e ver nas dores e medos deles processos que também vivi, e entender as motivações que me fizeram criar um projeto voluntário para empoderar esses jovens através da educação antirracista. Neste projeto vi a chance de mudar o processo deles, de apresentar uma educação que não me foi apresentada, e fazer com que eles se sentissem pertencentes a uma identidade que para mim e para tantas outras pessoas negras e não negras foi negada.

É importante uma educação antirracista urgente nas escolas, pois estudar Brasil sem estudar cultura negra e indígena com respeito é roubar das nossas crianças uma parte de sua cultura, de pertencimento, de identidade e respeito à diversidade. É oferecer para elas uma história contada somente por um lado, o do colonizador. Mas para incluir essa temática nas escolas precisamos enfrentar um obstáculo estrutural nas instituições de ensino, o racismo. Tão forte nessas instituições que nem uma lei, vigente desde 2003 (10.639/03) que torna obrigatória a inclusão do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos do ensino básico faça com que as escolas reformem seus currículos incluindo esses temas como essenciais para a formação dos nossos jovens. Lei esta que em 2023 completou vinte anos, e que nos mostra que temos muito o que evoluir como escola para realmente contruir uma educação que transgrida o colonialismo, que eduque para a diversidade, para o antirracismo, para a interculturalidade. E por isso também escrevo, para mostrar caminhos e possibilidades, para mostrar como o acesso a uma educação antirracista mudou minha vida e de minhas alunas e alunos. Escrevo para esperançar, para escrever uma experiência

coletiva de uma pedagogia engajada, convidando quem nos lê, a se unir a gente nesta luta que vem de muito tempo, mas que segue urgente e atual: a luta por uma educação antirracista.



Figura 2. Empoderadas IG na escola Loureiro da Silva, 2018. Fonte: arquivo da autora.



Oi oi! Eu me chamo Thaisiane, tenho 20 anos, moro na zona norte de Porto Alegre, sou estudante de Biomedicina e técnico em Análises Clínicas, atualmente sou estagiária e trancista nas horas vagas. Estar rodeada das pessoas que eu amo sempre renova minhas energias.

O Empoderadas pra mim é sinônimo de acolhimento, nos apoiamos, conversamos, aprendemos e crescemos juntos. Com o projeto aprendi sobre letramento racial, sobre como abordar assuntos de questões raciais, empoderamento feminino e educação antirracista. Hoje me sinto mais segura de debater, expor minha opinião e conhecimentos independente do local que eu esteja, saber ter o meu local de escuta e aprendizagem também.

Tenho orgulho do que nos tornamos através do Empoderadas, as portas que abrimos e conquistamos, que nós como coletivo sigamos construindo e plantando sementes nos nossos e nos próximos que virão.

2. O DESPERTAR DA NEGRITUDE: E A COMPREENSÃO DO CORPO POLÍTICO

"A Negritude resulta de uma atitude proativa e combativa de espírito.

Ela é um despertar; despertar de dignidade. Ela é uma rejeição; rejeição da opressão. Ela é luta; luta contra a desigualdade.

Ela também é revolta."

(Césaire, A. 1987, p.109).

Sempre tive a consciência de ser uma pessoa negra, mas escrevendo este texto, fiquei pensativa lembrando como descobri sobre o racismo. Lendo a apresentação do livro "Por que você não acredita em mim?" (2023) me deparei com um questionamento da Andreza Delgado que me tocou profundamente. "Você não acha traumatizante a ideia de que pessoas negras despertem para a negritude através de um gatilho de violência?" (Delgado in Bueno, 2023, p. 9). Comigo foi exatamente assim. Com quatro anos de idade, estava brincando com bonecas Barbie com duas vizinhas muito amigas na casa de uma delas, quando seu avô entrou pela porta do quarto e falou "O que essa negrinha está fazendo em cima da cama? Se quer brincar aqui em casa a negrinha tem que brincar no chão". Eu, sem entender desci da cama, me sentei no chão, e continuei a brincar me perguntando por que eu tinha que brincar no chão se minhas amigas podiam brincar na cama? Por que aquela palavra "negrinha" da maneira como ele falou pareceu ser tão ofensiva? Quando cheguei em casa, curiosa como sempre fui, perguntei para a minha mãe por que negrinha tinha que brincar no chão?

Muitos anos depois, em 2014, fiz um texto falando sobre esta situação. Foi a primeira vez que tive coragem

de falar sobre isso. Lembro que cheguei a perguntar para a minha mãe se isso realmente tinha acontecido, e ela me confirmou que sim, e disse o quanto foi difícil para ela este dia... entendo que por mais que eu tente, eu nunca vou conseguir imaginar o que minha mãe sentiu, pois aos meus quatro anos ela teve que ter comigo a conversa mais difícil que já tivemos, teve que me ensinar sobre o racismo. Desde então, sempre tive consciência de que eu era negra e de que não poderia deixar nenhuma pessoa me diminuir, me humilhar nem maltratar ninguém por causa disso. Quando converso com minhas amigas negras elas também contam violências do racismo que marcaram suas infâncias, e Winnie (2023) em seu livro compartilha com a gente uma dessas situações de violência que a traumatizaram profundamente, ela contextualiza a situação:

Eu estava brincando com as crianças no prédio e achei, entre as pedras do jardim, algumas notas de um dinheiro de cujo nome nem me lembro (é, eu fui criança em um momento da história brasileira em que o dinheiro trocava de nome toda hora). Eu deveria ter uns 5 anos e lembro que logo corri para a vendinha que ficava em frente ao prédio onde eu morava para gastar todo aquele dinheiro, que eu nem sabia quanto era, em doces. A vendinha era uma mistura de mercearia e boteco, e o dono era um homem branco carrancudo, com um bigode grisalho amarelado de cigarro. Ele usava óculos grandes de aro de tartaruga colados com fita adesiva e se chamava Adolfo. Todo mundo no bairro conhecia o velho Adolfo e sua vendinha (Bueno, 2023, p. 33).

Era uma criança animada, em um contexto de brincadeira e diversão com seus amigos, o fato ocorreu quando ela tinha uma mesma média de idade em que vivi minha primeira violência racial.

[...] eu muito alegremente estiquei minha mão para cima, balançando uma das notas do dinheiro que eu não sabia quanto era e pedi meus doces – Seu Adolfo, Seu Adolfo! Quero todo esse dinheiro de doce, um de cada, até o

dinheiro acabar! – O homem puxou o dinheiro da minha mão com rispidez. Fiquei um pouco assustada, mas ainda assim estiquei as duas mãos abertas como uma concha esperando receber todos os doces que coubessem nelas. Mas as minhas mãos pequenas e escuras não receberam doçura. Elas receberam um tapa inesperado e amargo, acompanhado de uma pergunta traiçoeira: - De onde você roubou esse dinheiro? – Eu só entenderia o que essa pergunta significava para uma criança pequena cuja toda família aquele homem conhecia, muito tempo depois. No momento, me lembro apenas de ter ficado assustada, com o tapa e a pergunta, e de ter respondido rapidamente: - Eu não roubei, eu achei! – Ao que aquele homem odioso respondeu: - É mentira! Você é uma negrinha imunda, mentirosa e “ladrona”! Saia daqui ou eu vou chamar a polícia. Berrei que iria contar tudo para o meu pai, e o homem berrou de volta: - Conte, pode contar! Ninguém vai acreditar em você! (Bueno, 2023, p. 34).

Winnie conta que foi para as escadas do prédio e chorou, secou suas lágrimas e diferente do que eu fiz, decidiu não contar para ninguém com medo que não acreditassem nela. Talvez se eu tivesse confrontado meu vizinho, ele me silenciaria, como Adolfo fez com a Winnie e eu assustada ficasse em silêncio, talvez não, o que é fato é que eu, Winnie e tantas crianças negras tivemos e temos uma parte de nossa inocência roubada por violências raciais, e isso reverbera em nós de diversas maneiras.

Vivi diversas fases depois da conversa com minha mãe. Quando entrei na escola logo entendi que por ser uma criança negra eu seria tratada de forma diferente. Geralmente as crianças descobrem que são negras na escola, até então se entendem como crianças, cuidadas e amadas no seu núcleo familiar. Djamilia Ribeiro conta sua experiência no livro *Pequeno Manual Antirracista*.

Neguinha do cabelo duro”, “neguinha feia” foram alguns dos xingamentos que comecei a escutar. Ser a diferente – o que quer dizer não branca – passou a ser um defeito. Comecei a ter questões de autoestima, fiquei mais intros-

pectiva e cabisbaixa. Fui forçada a entender o que era racismo e a querer me adaptar para passar despercebida. Como diz a pesquisadora Joyce Berth: "Não me descobri negra, fui acusada de sê-la (Ribeiro, 2019, p. 23-24).

Lembro nos recreios do Jardim de Infância que eu ficava sozinha em um brinquedo e de repente chegava um grupinho de "meninas malvadas" e gritava "sai neguinha, nós vamos brincar aqui". Eu, partia sozinha para outro brinquedo, logo depois elas apareciam novamente com as mesmas frases e esse ciclo se repetia todos os dias, "e assim, através do meu corpo e minha dor, o racismo era naturalizado como algo que fazia parte do cotidiano escolar" (Bueno, 2023, p.176). Foi uma fase de silêncio, um silêncio que eu achava que me protegia. "Um silêncio que engoli, mas nunca digeri. Um silêncio que fala muito alto e que muito tem a dizer sobre a forma que crianças negras são criminalizadas e privadas de sua inocência e de sua própria infância (Bueno, 2023, p. 35). Um silêncio que guardei tão profundamente que hoje sinto até dificuldades para lembrar. "Você me surpreende e me choca, quando revela alguma parte de mim que mantive em segredo de mim mesma" (Anzaldúa, 2000. p. 233).

Neste texto, Gloria Anzaldúa fala sobre a caneta e o escrever, me identifico com ela ao tentar trazer para o meu texto um pouco de mim, ao me reencontrar e olhar de novo para momentos que estavam guardados a sete chaves e para dores que invisibilizei para seguir em frente.

Não começamos a escrever para reconciliar este outro dentro de nós? Nós sabíamos que éramos diferentes, separadas, exiladas do que é considerado "normal", o branco- correto. E à medida que internalizamos este exílio, percebemos a estrangeira dentro de nós e, muito frequentemente, como resultado, nos separamos de nós mesmas e entre nós. Desde então estamos buscando aquele eu, aquele "outro" e umas às outras. E em espirais que se alargam, nunca retornamos para os mesmos lugares de infância onde o exílio aconteceu (Anzaldúa, 2000, p.232).

Relembrar estes momentos da minha infância é me deparar com a “pequena Lu”, suas dores, seus medos, suas relações, e isso é um processo dolorido, mas que me ajuda a compreender melhor os processos que me levaram a mulher que me tornei hoje e romper com o silêncio, que não deixa de ser uma arma potente do racismo. “Racismo e silêncio têm conexões profundas, e o silêncio tem impactos mais profundos ainda na vida de pessoas negras desde a mais tenra idade” (Bueno 2023, p. 28). Entender tão pequena que seremos tratadas de maneira diferente pela nossa cor da pele assusta, e é preciso um processo muito forte de encontro com a negritude para romper com as amarras que o racismo causa em nós.

Na pré-adolescência, lembro quando entraram muitos colegas negros na minha turma. Eu como uma menina que sempre flutuou entre grupos, sem ter como a maioria das crianças, o seu grupinho ou aquele melhor amigo, logo fiz amizade com os novos alunos. Foi então que percebi uma diferença de tratamento, principalmente dos professores para com esses alunos, e aos poucos fui entendendo do que se tratava. Nessa época reencontrei minha voz, achava injustas as coisas que alguns professores falavam e me posicionava, me tornando até líder da turma com uma grande frequência. Lembro que comecei a ser chamada no “SOE” (Serviço de Orientação Educacional) da escola, e professores e a orientadora tentavam me convencer a me afastar desse grupo, pois eu era uma pessoa negra, mas era “diferente” deles. Lembro que isso me deixava mais revoltada, hoje penso em tantos argumentos que eu poderia ter utilizado quando aquele grupo de professores se fechava comigo em uma sala e tentava “fazer minha cabeça”⁴. Por que eu novamente era diferente? Por que eu era negra de pele clara? Por que meu cabelo era ca-

4. Expressão utilizada para situações em que tentam influenciar, persuadir, convencer a pessoa de algo.

cheado? Por que eu não era da periferia de Porto Alegre? Por quê? A partir dessa época, do estereótipo de menina doce e quietinha, parti para a menina revoltada e agressiva, “a relação ideal entre pessoas negras e pessoas brancas é uma relação de obediência, servidão, mansidão e subserviência. Uma relação na qual dizemos “Sim senhor/senhora” para tudo que o branco impõe” (Bueno, 2023, p. 165). Ao romper com este lugar de silêncio e subserviência, aos poucos fui (ou foram) me convencendo de que eu era uma “rebelde sem causa”.

As relações sociais no ambiente escolar me incomodavam de maneira tão profunda que me fizeram romper com um silêncio de anos, a partir de então, minhas reivindicações que causavam incômodos em diversos segmentos de poder na instituição, começaram a ser invalidadas, minhas críticas eram silenciadas através de uma imagem de mim que passaram a construir, de rebelde sem causa. Como diz Winnie, “Nossas raivas são genuínas e catalisadoras de mudanças tamanhas que são capazes de alterar profundamente a ordem das coisas. E por isso mesmo são deslegitimadas por essa imagem tacanha de uma agressividade sem razão” (Bueno, 2023, p. 148). Essa nossa ruptura com o silêncio gera uma reação da branquitude que nos cerca, tamanho o incômodo que gera nossa reação, como bem explica Bueno.

[...] quando as pessoas negras ousam falar disso nos seus próprios termos, as pessoas brancas assumem uma postura defensiva. Mostram-se incomodadas e se negam a uma escuta ativa. É bastante comum quando pessoas brancas se sintam desconfortáveis quando pessoas negras falam sobre suas próprias experiências, porque, quando fazemos isso, estamos rompendo com esse interdito histórico que no proíbe de usar nossa própria voz (Bueno, 2023, p. 104).

Minha família, com muitos professores, sempre nos estimulou a estudar. Minha mãe e minhas tias levavam

meus primos e eu para passeios culturais, nos ensinavam a pesquisar o que a gente não sabia, nos ensinavam que a gente que é pobre cresce e se liberta através do estudo, ensinamentos que meus avós passaram para elas e elas passavam para a gente. Lembro quando era o ano do meu vestibular, minha tia Iris foi até o Unificado (um cursinho pré-vestibular de Porto Alegre) com uma lista dos meus primos para quem ela havia conseguido bolsa e que haviam passado na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Ela conseguiu uma bolsa para mim. Discuti com a minha mãe, pois mesmo com bolsa o investimento era muito grande. Meus irmãos já haviam passado na Federal, eu sentia essa aprovação como algo inatingível, me sentia culpada em gastar o dinheiro da minha mãe e não passar, mas a minha mãe era mais teimosa que eu. Comecei o cursinho e de cara percebi que eu, aluna de escola pública estava aprendendo o que os outros alunos estavam revisando, a didática nas aulas era diferente, me faziam gostar de assistir, gostar de estudar, mas quando eu via quão longe eu estava dos meus concorrentes, logo voltava a pensar que a UFRGS era inatingível.

Um dia, no ano de 2002, conversando com um colega do IE (Instituto de Educação) durante a aula, estávamos comentando sobre a nossa inscrição no vestibular e para qual curso cada um iria fazer. O professor de física, ouvindo nosso bate-papo, se aproximou e falou. “Por que vocês vão gastar o dinheiro dos pais de vocês fazendo o vestibular da UFRGS? Vocês nunca vão passar”. Aquilo foi tão humilhante, no fundo, eu sentia que o que ele me falou era verdade, mas eu sabia que ele não tinha o direito de nos jogar aquele balde de água fria⁵, ele não tinha o direito de me roubar aquele sonho. Sobre isso, Winnie Bueno (2023) diz:

5. Expressão utilizada quando alguém gera uma decepção, estraga as expectativas.

Muitas das mulheres e homens negros com os quais convivo compartilham memórias pavorosas desse momento escolar. Memórias que os impediram de sonhar. Meninas negras que queriam ser bailarinas e eram respondidas com escárnio pelas professoras; meninos negros que diziam que queriam ser médicos e como resposta ouviam: “esse sonho é demais para você”. O desestímulo ao sonho de crianças negras é o pesadelo dessas mesmas crianças no período escolar. E pode parecer pouca coisa, mas essa é uma forma da escola, enquanto instituição, controlar o acesso ao trabalho e perpetuar desigualdades: uma forma simbólica, mas bastante eficaz (Bueno, 2023, p. 189).

Vivemos isso quando crianças e quando adolescentes, ouvimos palavras duras que podem nos roubar sonhos, nos imobilizar. No fim, fiz o vestibular e vi que não era esse “bixo de 7 cabeças”⁶ que a gente pensa que é (ou que nos fazem pensar). Fiz uma média boa, mas não foi o suficiente para ver meu nome no listão. Quase um mês depois, a surpresa, eu estava como primeira suplente no curso de Educação Física, e para a minha alegria, aquele meu colega do ocorrido com o professor de física também tinha sido chamado para Engenharia. Voltei na escola, visitei a sala do professor, bati na porta e falei “lembra Sôr⁷, que o senhor disse que eu nunca ia passar na UFRGS? (Bati duas palminhas e disse...) Passei!”

A UFRGS foi um sonho para mim. Ali eu aprendi a gostar de estudar, comecei a ver portas se abrindo na minha vida, vivi situações chatas, com professores arrogantes, mas eu estava tão feliz que não deixava aquilo me impedir de viver aquele momento que para mim estava sendo tão especial. A Educação Física é um curso mais “leve” por ter muitas disciplinas práticas, dança, esportes, recreação, então entre as cadeiras mais difíceis (Anatomia, Fisiologia do

6. Expressão utilizada para algo difícil, extremamente complicado, de quase impossível resolução

7. Sôr e Sôra, maneira como os alunos de escolas públicas chamam seus Professores em Porto Alegre e outras cidades do RS.

Exercício, Cinesiologia, Biomecânica...) tinham outras que nos faziam dar risadas, produzir endorfina, experimentar diferentes movimentos e desafiar nosso corpo, é um conteúdo diverso e apaixonante.

Logo me encantei pelo corpo humano e sua perfeição, por compreender o que acontecia a cada movimento, as fases do desenvolvimento desde a criança até a terceira idade. Foi a época em que conheci a dança também, e através dela realizei aquele que até então era meu maior sonho (e também inatingível para uma jovem de escola pública), viajar pelo mundo. Com a dança, morei 3 meses na China, representando o Brasil em um grande parque de Chengdu, na província de Sichuan, e participei de Festivais de Folclore na Grécia, Argentina, Itália, França e Sérvia, tendo nessas viagens a possibilidade de conhecer outros países também. As questões raciais na época ficaram um pouco "anuladas" no meu dia a dia, eu percebia a falta de pessoas negras na minha volta, isso me chamava bastante atenção, mas não sentia, de forma tão forte (ou ignorava), situações de racismo... até iniciar um relacionamento com um menino branco.

Não vou entrar em detalhes, ele era meu melhor amigo, eu vivia na casa dele e era muito bem tratada pelos seus pais. Eu e o pai dele ficávamos conversando sobre muitas coisas que havia em comum entre ele e meu pai, eu me sentia muito querida. Até passar do status de amiga para namorada. "É mais fácil amar pessoas negras quando elas estão no seu devido lugar" (Ribeiro, 2019. p. 89).

Essa fala de Ribeiro me remete a reflexão que farei posteriormente sobre o não lugar. O racismo é "sutil" (não tanto para quem vive), uma pessoa negra pode ser bem-vinda na casa, ser amiga, desde que entenda seu lugar naquele espaço. Querer fazer parte da família, namorar, casar, muitas vezes é romper com esse lugar pré-estabelecido. O número de pessoas negras em relacionamentos in-

terracionais onde o namorado(a) sente receio em apresentar o parceiro(a) para os pais, ou acaba tendo que brigar para que aceitem a relação é muito grande, e são poucas as pessoas brancas que enfrentam os familiares nessa e nas mais diversas situações de racismo. Falar sobre isso me faz lembrar de Lélia Gonzales, que passou por situações semelhantes quando namorou e casou com um homem branco de origem espanhola, e viveram muitos problemas com a família do rapaz.

Quando eles descobriram que estávamos legalmente casados, aí veio o pau violento em cima de mim; “negra suja” e coisa desse nível... mas meu marido foi um cara muito legal, sacou o processo de discriminação da família dele, e ficamos juntos até sua morte. (Pereira e Hollanda, apud. Ratts e Rios, 2010, p. 52)

Ler os relatos de experiências de mulheres negras me ajudou a compreender que eu não era a única a viver estas situações, e pude entender melhor também sobre o enraizamento do racismo em nossa sociedade, e como ele se manifesta nas relações sociais.

Winnie Bueno (2023) se questiona como pessoas brancas podem viver sem sentir raiva do que vemos nessa sociedade racista?

Sempre me perguntei como as pessoas brancas podiam viver placidamente, sem raiva nenhuma, assistindo à dehumanização constante de pessoas negras, à brutalidade destinada aos homens negros, deparando-se cotidianamente com os homicídios de jovens negros, com os alvos sendo sempre os mesmos (Bueno, 20023, p. 149).

Pergunto-me se esse processo não parte de ignorarem situações que acontecem entre os seus, com pessoas próximas, dentro de suas próprias casas, pois muitas pessoas brancas se dizem antirracistas e combatem o racismo na rua sem olhar para o que está em seu próprio âmbito familiar. Justificam o racismo dos avós, porque são de outra época. Disfarçam o racismo dos pais, dizendo que não

é com a gente, que eles acham que “ninguém” é bom o suficiente para seus filhos, e muitas vezes entrar em um relacionamento interracial é ter que abraçar essas questões. Em função delas também, muitas pessoas negras acabam nunca sendo assumidas para as famílias, principalmente mulheres negras, que já carregam historicamente, em função da escravidão, uma hipersexualização, corpo como fetiche e diversão. Mulheres negras não são criadas como princesas como mulheres brancas, muito menos se incluem no tal “sexo frágil” como socialmente se fala de mulheres (que mulheres são essas?).

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? (Truth, 1851).

Sojourner Truth, em 1851, proferiu esses questionamentos em um discurso realizado em uma convenção sobre direitos da mulher, em Ohio. Após ouvir de pastores que as mulheres não deveriam ter os mesmos direitos dos homens por serem frágeis, ela se levantou e falou sobre sua vida, sobre sua rotina de trabalhos pesados, agressões vividas e privações de direitos, ergueu sua voz dizendo, “Eu não sou uma mulher?”.

Mulheres negras historicamente nunca foram vistas como sexo frágil, portanto não são as escolhidas para se casar, são as mais preteridas, são a maioria das mães solo. Mulheres que vivem a solidão da mulher negra, que atravessa suas vidas desde crianças. Sueli Carneiro (2003) aborda essas questões em sua escrita:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós mulheres negras fazemos parte de um contingente

de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar. Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. (Carneiro, 2003, p.50)

Essa identidade da qual fala Sueli nos atravessa em todas as nossas relações, amizade, amor, trabalho, e sempre que saímos do local de subserviência do qual esperamos que estejamos isso gera um incômodo.

Comecei a viver situações inimagináveis para mim. Não ser bem-vinda, telefone desligado na cara; quando nós chegávamos nos eventos o pai do meu ex namorado esperava a gente se sentar na mesa, aí se levantava, jogava um dinheiro na mesa e ia embora. Foi um momento muito difícil, porque ali novamente eu vi que eu era diferente. Não importava como eu fosse, como me portasse, se estudasse e corresse atrás dos meus sonhos. Para algumas pessoas eu nunca seria o suficiente, afinal, eu era uma mulher negra.

Trago esse momento, pois ele foi divisor de águas na minha vida, ali eu lembrei de me racializar novamente, de não esquecer que eu era uma mulher negra, e de repente comecei a perceber novamente todo o racismo que nunca deixou de estar ao meu redor, entre professores, colegas, a dança, as viagens. Foi um momento bem doído na minha vida, mas muito importante para mim. Curiosamente estava muito a florada na UFRGS a discussão sobre a instauração das cotas na Universidade. Contextualizando este momento, Rita Camisolão (2020) relata que:

No início dos anos 2000, a discussão sobre Ações Afirmativas e especificamente a adoção de cotas para negros e indígenas no Ensino Superior se intensificou no país, impulsionada pela participação do Brasil na III Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo, Xenofobia e Intolerância Correlata no ano de 2001, na assunção do racismo no país e no consenso de que apenas políticas públicas de caráter universalista não garantiriam a erradicação de desigualdades raciais e exclusão sofridas por negros e indígenas. (Camisolão, 2020, p.33)

Foi um período de tensões por muitas universidades de diferentes lugares do Brasil, Ribeiro (2019), fala sobre este momento nas universidades do Rio de Janeiro.

Na época em que o debate sobre ações afirmativas estava acalorado, um dos principais argumentos contrários a implementação das cotas raciais nas universidades era “as pessoas negras vão roubar a minha vaga”. Por trás dessa frase está o fato de que pessoas brancas, por causa de seu privilégio histórico, viam as vagas em universidades públicas como suas por direito (Ribeiro, 2019. p. 4).

Outro argumento utilizado pela branquitude, era de que pessoas negras não capacitadas iriam diminuir a qualidade do ensino nas universidades públicas, como fala Winnie Bueno (2023):

A grande preocupação da intelectualidade branca era a respeito da “qualidade” das instituições de ensino após o ingresso de negros, naquela ideia de que, se os alunos não tinham capacidade de acompanhar as aulas, com toda a certeza diminuiriam o prestígio alcançado por essas universidades tradicionais (Bueno, 2023, p. 78).

As discussões eram difíceis e pesadas. Às vezes parecia que as pessoas esqueciam que éramos negros e falavam coisas absurdas na nossa frente como se, por convivermos em um “ambiente branco” tivéssemos abandonado ou apagado nossa negritude. Muitas vezes tentavam me usar como exemplo de meritocracia, dizendo que se eu consegui outras pessoas negras poderiam conseguir, bas-

tava se esforçar. Não pensavam em quão racista era a ideia de que se não havia outras pessoas negras ali era simplesmente porque não haviam se esforçado o suficiente.

Esse debate não é sobre capacidade, mas sobre oportunidades – e essa é a distinção que os defensores da meritocracia parecem não fazer. Um garoto que precisa vender pastel para ajudar na renda da família e outro que passa as tardes em aula de idiomas e de natação não partem do mesmo ponto. Não são muitos que podem se dar ao luxo de passar uma graduação sem trabalhar ou ganhando apenas uma bolsa de estágio (Ribeiro, 2019, p. 43-44).

Como disse Ribeiro, eles não partem do mesmo ponto, e isso era ignorado pelas pessoas nas discussões sobre as ações afirmativas. Elas preferiam ver a instauração das cotas como algo racista que dizia que pessoas negras não tinham a mesma capacidade que pessoas brancas, do que reconhecer que vivendo em uma sociedade racista nós não só não partimos do mesmo ponto, como não temos acesso as mesmas oportunidades que pessoas brancas.

Cotas raciais são políticas de ações afirmativas, e ações afirmativas são políticas sociais voltadas para a reparação histórica de grupos socialmente destituídos de direitos em razão de suas características coletivas. Pessoas negras, pessoas trans, mulheres, indígenas, quilombolas e pessoas com deficiência são grupos sociais que tem paupado de longa data sua participação nos espaços de poder a partir das políticas de cotas (Pinheiro, 2023, p. 133)

Naquela época era quase impossível argumentar, pois as pessoas não estavam nem um pouco dispostas a ouvir. Acredito que em relação à saúde mental aquele momento não foi bom para nenhum aluno negro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul...

Com muita luta, pressão e frente a muita articulação e mobilização política de movimentos negros, indígenas e com um grande protagonismo dos alunos da UFRGS, a luta pelas cotas ganhou visibilidade nacional. Segundo Rita Camisolão (2020):

Na semana que precedeu a segunda reunião, movimento estudantil, movimentos sociais negro e indígena, estudantes de educação básica, apoiadores das cotas, ocuparam a reitoria e mantiveram-se ativos até o final da votação. Assim foi aprovada a Decisão 134/2007 que instituiu o Programa de Ações Afirmativas, que estabelecia a Reserva de Vagas para acesso a todos os cursos de graduação e cursos técnicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de candidatos egressos do Sistema Público de Ensino Fundamental e Médio, candidatos autodeclarados negros egressos do Sistema Público de Ensino Fundamental e Médio e candidatos indígenas, por um período de cinco anos, podendo ser prorrogada. (Camisolão, 2020, p. 35)

As cotas estavam instauradas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e a partir dela, segundo Camisolão, se definia que:

[...] do total das vagas oferecidas em cada curso de graduação da UFRGS seriam garantidas, no mínimo, 30% (trinta por cento) para candidatos egressos do Sistema Público de Ensino Fundamental e Médio, e deste número, no mínimo, a metade seria garantida aos estudantes autodeclarados negros (Camisolão, 2020, p. 35)

Uma das batalhas estava vencida, mas nossa luta pelo respeito a nossas presenças na Universidade, pela acolhida e permanência dos alunos e alunas das Ações Afirmativas segue até hoje.

Em 2015 eu ingressei no Magistério Público Estadual. Um novo desafio, até então eu vinha atuando na área do bacharelado. No meu primeiro dia na escola me senti um "ET"⁸. Muito observada pelos alunos, minha presença causou um certo alvoroço. Conversando com eles me diziam que era estranho ter uma professora jovem, negra, solteira, sem filhos, que já havia viajado pelo mundo e que dizia gostar de estudar. Quando descobriam meus 30 anos, logo me comparavam com suas mães, que na minha

8. Expressão utilizada quando a pessoa se sente como uma estranha que chama a atenção de todos.

idade já tinham muitos filhos e algumas também já tinham netos. Era divertido conversar com eles, entendi que eu mostrava para eles uma outra perspectiva simplesmente pela minha presença ali. Do dia para a noite me tornei referência para mais ou menos 200 crianças, e sinceramente isso foi bem assustador. Pensar em que tipo de referência eu queria ser para eles me tirou o sono por algumas noites. Eu, uma pessoa que gostava de sair, fazer festa, viajar, estar com meus amigos em bares, que tinha minhas questões, não conseguia parar de pensar: "Que tipo de representatividade quero ser para os meus alunos e alunas?"

Observando os jovens algumas coisas começaram a me chamar atenção. As alunas negras não soltavam seus cabelos de jeito nenhum. Muitas alisavam e mesmo assim não usavam os cabelos soltos. Os meninos usavam a cabeça raspada, ou utilizavam toca ou boné. Quando eu conversava com eles sobre isso as respostas me partiam o coração. "Meu cabelo é ruim", "Meu cabelo é duro", "Meu cabelo tem muito volume", "eu odeio o meu cabelo, "eu me odeio". Eram sentimentos que eu tive, que amigas minhas passaram, que alguns de nossos ancestrais também viveram. Marcas deixadas pela colonialidade.

Mais do que a cor da pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravidão. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de "primitividade", desordem, inferioridade e não civilização. O cabelo africano foi então classificado como o "cabelo ruim". Ao mesmo tempo, negras e negros foram pressionados a alisar o "cabelo ruim" com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados "sinais repulsivos" da negritude (Kilomba, 2019, p.126-127).

São marcas que atravessam gerações e que dificilmente uma criança negra que convive com a branquitu-

de não vai sentir. É difícil falar sobre isso, pois me vi nos meus alunos. É uma dor pela qual eu já passei, estar em um corpo que não é considerado belo, que não é aceito, que é rejeitado. Passei minha infância ouvindo “por que não alisa?”, “Se tu alisasse teu cabelo ele ia ficar bonito”, “Por que não alisa? Teu cabelo não é tão ruim”. E pensem comigo, eu passei por essas situações diariamente mesmo com um cabelo cacheado, imaginem o que passam pessoas com o cabelo crespo que é o menos aceito socialmente. Eu como aluna negra na escola vivi esta discriminação, e meus alunos continuavam vivendo aquelas mesmas dores que vivi. Fui aluna dos anos 1990 a 2002, e achava que retornando como professora para a escola pública em 2015 muitas coisas teriam mudado, mas observando o contexto escolar eu percebi que para os alunos negros não. Eles seguem não se vendo nos livros didáticos, não aprendendo a história e cultura do seu povo. Quando escutavam algo sobre a população negra era sempre referente a escravidão, referente a dor, referente a humilhação. A escola continuava sendo um “não lugar” para o aluno negro.

Caracteriza-se o “não-lugar” como espaço do anonimato, que é impessoal, sem qualquer traço de identidade ou de valorização; uma forma eficaz de silenciar e apagar um segmento da população da história e da cultura de um país. É importante destacar que tal exclusão acontece principalmente no nível simbólico, isto é, o “não-lugar” não corresponde apenas a um espaço físico, trata-se também, de uma exclusão que opera no nível da subjetividade dos sujeitos (Bonilha e Soligo, 2015. p. 32).

Pensando na criança negra e no conceito de “não lugar”, se o lugar da pessoa negra não é na escola e não se relaciona com intelectualidades, com o saber ali exposto, significa que existe um lugar pré-estabelecido para esses corpos. Que lugares seriam esses em uma sociedade que se construiu a partir do racismo? Lugares de subserviência, de subordinação. E não atoa já ouvi de professores

“Por que vou me desgastar com aluno “x” se ele vai acabar como empacotador do Zaffari⁹?”, e esse aluno x tem cor. O que se espera desses alunos não é seguir uma vida acadêmica, se pré-estabelece que aquele aluno não concluirá os estudos e irá trabalhar para servir, como se espera de corpos negros desde os tempos da escravidão. Podemos fazer uma reflexão sobre as imagens de controle, sobre como a reprodução de um estereótipo de corpos fazem uma manutenção do controle sobre esses corpos. Winnie Bueno (2023) faz uma reflexão sobre esse pensamento de Patricia Hill Collins:

Essas imagens repercutem de modo tão forte e cotidiano, principalmente a partir de estereótipos, que limitam a subjetividade de pessoas negras e contribuem para a naturalização das opressões que vivenciamos, inclusive na infância, como aconteceu comigo (Bueno, 2023, p. 37)

A partir desses lugares pré-estabelecidos para corpos negros, quando esses corpos rompem com essa violência, passam a ocupar espaços onde viverão outros tipos de violências, pois nesses espaços a imponência do não lugar se apresenta de maneira forte e opressora. Fazendo com que muitas vezes esses corpos negros internalizem que aquele não é realmente um espaço para eles e elas.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em 2018, os pretos ou pardos representavam 75,2% do grupo formado pelos 10% da população mais pobre do país que também é a população com maior número de abandono escolar. Na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD) também do IBGE, chega a 19% o percentual de jovens negros fora da escola, em torno de 6,5 pontos percentuais superiores à população branca que é de 12,05%. Os dados de 2020 são alarmantes, pois mostram pela primeira vez os dados de evasão escolar em números, e sabemos que esses nú-

9. Rede de supermercados de Porto Alegre.

meros podem aumentar devido a crise da Covid-19. Das 50 milhões de pessoas com idades entre 14 e 29 anos, 10 milhões, não haviam concluído alguma das etapas da educação básica, ou seja, 20% dessas pessoas, onde a grande maioria são Pretos e Pardos, e os motivos principais são a necessidade de trabalhar e a “falta de interesse”. Sobre esta “falta de interesse”, lembro de, no evento “Fashion Revolution” em 2018, falar da minha preocupação com os alunos, de sua apatia na escola, da falta de vontade de estudar, quando uma educadora social disse que trabalhava com os jovens na periferia e que ela não achava que eles eram apáticos, e sim que a escola e seu conteúdo eurocêntrico e distante da realidade daqueles jovens que era desinteressante para eles. E o que ela disse fazia total sentido, o problema não estava nos alunos e sim na escola.

O Portal Geledés traz os dados da Fundação Abrinq sobre “A Criança e o Adolescente nos ODS: Marco zero dos principais indicadores brasileiros”, publicado em 2019, que destaca:

[...] a) quanto maior a faixa de rendimento familiar, é também maior as taxas de frequência escolar, o que impacta sobre o desempenho das crianças e adolescentes mais pobres; b) as meninas em idade escolar são mais direcionadas ao trabalho doméstico, enquanto que os meninos trabalham na produção para terceiros e para o próprio consumo; c) há disparidades raciais no acesso à educação infantil que vai se agravando nos próximos níveis de ensino e, também de acordo com a rede (pública ou privada), o que significa que as desigualdades raciais “se cristalizam ao longo das etapas da Educação Básica”; d) crianças e adolescentes que não estão ocupados no mundo de trabalho têm maiores taxas de escolarização; e) jovens negros estão 4 vezes mais expostos à morte violenta do que jovens brancos; e f) crianças e adolescentes meninas são a maioria das vítimas de violência, abuso e exploração sexual. Portanto a pesquisa demonstra que a privação de direitos e as desigualdades raciais e de gênero têm início ainda na fase da infância e se refletem de forma diferente sobre a trajetória de meninas e meninos,

negros e brancos; em períodos de crise e austeridade elas costumam aumentar e, neste momento, é necessário um acompanhamento da sociedade civil com o objetivo de evitar um aprofundamento das desigualdades (Geledés Instituto, 2020).

Os dados e números expõe essa desigualdade social e racial que permeia o ambiente escolar. Crianças negras são as que mais se encontram fora da escola, e conforme sobem o nível de escolaridade, as que seguem estudando passam a ver cada vez menos colegas negros ao seu redor. Segundo o IBGE de 2022, pessoas que não frequentam a escola, com nível de instrução inferior ao ensino médio completo mostra que 27,9% são pessoas brancas, enquanto 70,9% são pessoas pretas ou pardas, o que comprova o alto índice de evasão escolar da população negra. As pessoas negras narram experiências terríveis na vida universitária e muitos quando conseguem concluir seus cursos não têm vontade de voltar a esse ambiente para, por exemplo, fazer uma pós-graduação. Conviver diariamente com o não lugar é uma agressão que traumatiza, fecha portas e nega às minorias experiências que deveriam ser direito de todos.

A partir de tantas reflexões senti um incômodo muito grande. Como eu poderia ajudar a resgatar a autoestima desses jovens? Qual era meu papel como professora na luta por uma educação antirracista? Como dialogar com os outros professores e mostrar a necessidade desta prática?

Eu precisava me assumir como um corpo político. Me entender como mulher negra, entender a representatividade que eu levava para os meus alunos e o tipo de referência que eu queria ser. Como fazer isso se a educação que eu havia recebido era a mesma que eles estavam recebendo? De onde buscar caminhos para aplicar uma educação antirracista que eu nunca havia recebido? Como reparar uma vida de estudos sem nunca ter estudado um autor negro, a história do povo negro, sua cultura e suas conquistas?

tas? Eram dúvidas que tiravam meu sono. Para ensiná-los eu precisava aprender, e não só aprender para eles, mas aprender com eles. Conhecendo a história de outras professoras negras, cheguei até bell hooks, que nos fala sobre a influência da obra de Paulo Freire em sua trajetória.

Desde o começo, foi a insistência de Freire na educação como prática da liberdade que me encorajou a criar estratégias para o que ele chamava de "conscientização" em sala de aula. Traduzindo esse termo como consciência e engajamento críticos, entrei nas salas de aula convicta de que tanto eu quanto todos os alunos tínhamos de ser participantes ativos, não consumidores passivos (hooks, 2017. p.26).

Como hooks, eu queria desacomodar meus alunos, provocá-los a enxergar os problemas apresentados e criar juntos, alternativas para superá-los. Queria uma educação física que não ficasse centrada somente no esporte e talento esportivo, queria mais. Que eles entendessem seus corpos, aprendessem a respeitá-los para assim respeitarem o corpo do outro. Queria que refletíssemos sobre as regras, que adaptássemos ou construíssemos novas regras juntos para as nossas atividades. Trouxe para a sala de aula teoria, para que compreendêssemos o porquê da prática, e essa minha metodologia gerou alguns incômodos. Nos alunos porque muitos preferiam ficar "livres" no pátio, ganhando uma bola para o "futebol dos meninos", uma para o "vôlei das meninas", e alguns não estavam com vontade de nenhuma prática queriam ficar sentados ouvindo música, mexendo nos seus celulares e conversando entre amigos. Para eles isso era uma aula de Educação Física. Quando eu dizia que teríamos aula teórica ficavam revoltados, e eu compreendia, pois, dos 25 períodos de aula que tinham na semana, apenas em 2 eles saíam da sala de aula "tradicional" para a sala de aula de Educação Física, o pátio. Eu explicava os projetos e lançava os desafios, eles relutavam em se envolver nas atividades, mas depois,

quando começavam a ver os resultados dos seus trabalhos e projetos era gratificante ver o brilho nos olhos e o orgulho que sentiam das suas realizações.

O outro incômodo que minha prática gerava era em outros professores, apesar de eu sempre dialogar com os alunos sobre respeitar o espaço do outro, sobre cuidar o barulho que fazíamos para as outras turmas, quando estávamos dentro de sala de aula geralmente fazíamos círculos para dialogar, ou eles se dividiam em grupos para organizar seus projetos, isso já gerava um barulho diferente do habitual nas salas de aula, e quando os alunos estavam envolvidos e trabalhando bem, eu combinava com eles que poderiam ouvir, em um volume baixo, suas músicas. No início foi difícil que alguns professores entendessem minha metodologia, alguns achavam que o que eu trabalhava com os alunos não era referente a disciplina de Educação Física. Me identifico com hooks quando ela compartilha que:

Minha paixão por essa busca me levou a questionar constantemente a cisão entre mente e corpo, tantas vezes tomada como ponto pacífico. A maioria dos professores eram radicalmente contra- chegavam até a desprezar- qualquer abordagem ao aprendizado nascida de um ponto de vista filosófico que enfatizasse a união de mente, corpo e espírito e não a separação entre esses elementos (hooks, 2017, p.31).

Eu não podia dissociar os dois, e fazer essa abordagem não foi um processo fácil, as vezes sentia a resistência dos alunos, ouvia críticas dos professores, mas trabalhar daquela maneira a Educação Física era o que fazia sentido para mim. Com o tempo alunos e professores, em sua maioria, foram entendendo que apenas se tratava de uma proposta diferente que pensava corpo e mente como inseparáveis para qualquer tipo de prática corporal. Sentia também que dialogar com os alunos e ajudá-los a entender por que estávamos realizando aquela atividade, de onde partimos e para onde queríamos chegar fez com que

se motivassem mais nos projetos e atividades propostas em aula. A sala de aula era um desafio diário, sempre tentei conversar com os alunos sobre datas importantes para a comunidade negra, trazer para as aulas de educação física conteúdos sobre a cultura negra e indígena, mas eu não me sentia satisfeita, não conseguia dar conta em sala de aula daquelas questões tão urgentes que eu observava diariamente nas relações dos meus alunos, mas ainda me sentia perdida para dar o próximo passo.

Recorri a quem sempre esteve ali, mesmo quando eu nem pensava em existir. Eu precisava me empoderar e sabia que sozinha eu não iria conseguir. Busquei acolhida no Movimento Negro.

Segundo Nilma Lino Gomes (2017):

Esse movimento social que fez e faz a tradução intercultural das teorias e interpretações críticas realizadas sobre a temática racial no campo acadêmico para a população negra e pobre fora da universidade, que articula, com intelectuais comprometidos com a superação do racismo, encontros, palestras, publicações, minicursos, workshops, projetos de extensão, ciclos de debates abertos à comunidade e que inspira, produz, e ajuda a circular as mais variadas publicações, panfletos, folders, revistas, livros, sites, canais do YouTube, blogs, páginas do Facebook, álbuns, artes, literatura, poesia abordando a temática racial no Brasil em sintonia com a diáspora africana (Gomes, 2017, p. 17-18).

Essa tradução intercultural que Nilma fala foi o que vivi me aproximando do Movimento Negro, ouvindo intelectuais negras que estavam dentro e fora da academia, conhecendo seus projetos, que me ajudavam a compreender os processos que eu vivia dentro da escola e fora dela, eu passei a entender melhor a negritude e também a branquitude. Sobre a segunda, Bárbara Carine Pinheiro (2023) explica que:

O termo branquitude não se refere às pessoas em suas singularidades; trata-se de uma categoria social, que se refere a um lugar de vantagens simbólicas, subjetivas e

materiais disponíveis para pessoas identificadas como brancas em uma sociedade onde o racismo é estrutural. Essa identificação no Brasil é fenotípica, ou seja, se da pela estética, e não pela constituição genética (genótipo) (Pinheiro, 2023, p. 40, 41).

Quando comecei a racializar pessoas brancas, comecei a compreender melhor a branquitude, e isso em meu processo foi fundamental para a compreensão de nossa sociedade.

Ao olhar em volta, eu era a única pessoa negra na maioria dos ambientes que frequentava. Era difícil conversar com pessoas não negras sobre racismo e negritude. Muitos ficavam sem palavras e mudavam de assunto, alguns diziam que eu não podia começar a problematizar e ver racismo em tudo, e muitos se afastaram, pois era mais fácil virar as costas e ignorar todas as questões e incômodos que minha negritude passou a trazer para as minhas relações. Comecei a buscar nas redes sociais grupos e eventos que estavam acontecendo no movimento negro em Porto Alegre. Vi um movimento interessante se organizando para “pretear” um bloco de carnaval e prestigiar os dois únicos artistas negros que cantavam nele. Entrei neste grupo que tinha mais de 100 pessoas, de diferentes regiões, diferentes escolaridades e profissões. Muitas pessoas que entravam não conheciam ninguém, e eu era uma delas. Neste grupo havia debates diários sobre questões do racismo e da negritude, compartilhávamos textos, artigos, livros, vídeos e trabalhos acadêmicos, além de coisas do dia a dia, divulgação de festas e eventos e muitas risadas, e foi um local onde encontrei pessoas que estavam dispostas a me acolher, ajudar, conversar ou simplesmente me dar ouvidos, não tratando minhas dores ou problemas como algo pequeno.

Sentia uma valorização muito grande por parte do grupo, por eu ser professora, eles se motivavam com o meu desejo de abraçar a luta antirracista na escola. Se or-

gulhavam de eu ser uma professora negra buscando fazer a diferença para alunos que vivem as mesmas dores que eles já viveram dentro do ambiente escolar, e essa valorização, esse incentivo, me deu forças para seguir em frente. Eu já não me sentia tão sozinha. Passado esse evento para qual o grupo se organizou, mantivemos contato, e hoje neste grupo tenho grandes amigos, parceiros e parceiras de projetos e de sonhos.

Cada vez para mim fazia mais sentido estar entre pessoas negras. Eu aprendia demais, conteúdos que me interessavam muito, estar nesses espaços reascendeu em mim o gosto por estudar. Comecei a participar de eventos, palestras, encontros onde minha rede de pessoas negras aumentava, e eu conhecia pessoas que como eu estavam lutando para mudar os espaços onde viviam, trabalhavam e estudavam. Era incrível como estar entre os nossos nos inspirava e fortalecia. A partir dessas vivências, do acesso a leituras e referências e das reflexões que minha inserção no Movimento Negro me proporcionou, comecei a me sentir com mais propriedade para então, tentar fazer algo diferente pelos meus alunos e alunas. Decidi então criar um grupo de estudos no IG (apelido dos alunos para a escola que se chama Ildefonso Gomes).

Mas como convencer alunos que ali se mostravam apáticos e desinteressados que estudar seria legal? Este foi meu primeiro desafio criando o projeto. Entendi que precisava de uma isca, algo que despertasse o interesse ou pelo menos a curiosidade deles. Comecei a conversar prestando atenção nos interesses dos alunos. Nas suas necessidades, no que aquela comunidade escolar estava me dizendo que precisava, um exercício de escuta. Percebi que a questão central era a autoestima, e a baixa autoestima refletia de maneira negativa em diversos aspectos sociais vividos pelos alunos. Eles não tinham muitas perspectivas de vida, não se viam tendo sucesso profissional

nem almejavam seguir nos estudos. A graduação era algo inatingível para eles. Muitos se classificavam como “burros”, achavam que não sabiam estudar e colocavam isso como algo imutável. As meninas viviam se depreciando. Quando não era o nariz eram as orelhas, ou o corpo, ou a cor, ou os cabelos, mas sempre apontavam motivos para se sentirem feias. A relação entre os alunos era muito abusiva, os meninos passavam a mão nas meninas, puxavam seus cabelos, xingavam, e o “não” delas nunca era respeitado. Essas foram algumas coisas que observei e acreditei que precisassem de uma intervenção mais imediata.

Comecei a estudar questões sobre o feminismo e feminismo negro, e tive a ideia de utilizar como isca para despertar o interesse das alunas e alunos o cuidado com os cabelos. O cabelo assim como foi uma marca de servidão durante a escravização, se tornou com o movimento dos Panteras Negras um símbolo de luta e Empoderamento.

[...] o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os e africanas/os da diáspora. Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou “Black” e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. Eles são políticos e moldam a posição de mulheres negras em relação a “raça”, gênero e beleza. Em outras palavras eles revelam como negociamos políticas de identidade e racismo- pergunte a Angela Davis! (Kilomba, 2019, p.127).

Por todos esses significados que nos traz Kilomba, acreditei que a partir da temática cabelo crespo, poderíamos chegar a reflexões muito mais profundas sobre negritude. Na época eu estava fazendo Low Poo, que é uma técnica de cuidados mais naturais para cabelos crespos e cacheados, desenvolvida por uma americana chamada Lorraine Massey, mas que poderia ser aplicada a qualquer tipo de fio. Estava fazendo essa técnica para recuperar meus cabelos de um erro de uma profissional quando fui

fazer luzes, uma mulher branca que se ofendeu quando fiz observações sobre o meu cabelo, que resolveu me ignorar e acabou fazendo exatamente o que eu havia falado que não queria. Se propositalmente ou por não saber lidar com cabelos cacheados, nunca vamos saber, mas me desesperei, pois o que ela fez foi tão agressivo para o meu fio, que nem cacheado ele queria ficar, foi quando por dica de uma colega que fazia, comecei o Low Poo. Meu cabelo respondeu muito bem a mudança de rotina, e eu pensei que podia adaptá-la e ensinar as meninas a cuidar das suas madeixas com produtos mais baratos e hidratações caseiras.

Passei em todas as salas da escola, com turmas do sexto até o nono ano. Os alunos ficaram um pouco desconfiados, principalmente quando eu disse que seria um grupo de estudos, e não um salão de beleza. Treze meninas aceitaram participar, consegui liberação da direção para utilizar o laboratório uma vez na semana no contraturno das aulas para o projeto, que seria voluntário. Pensei muito para escolher o nome, e resolvi fazer uma provocação que já seria o primeiro tema que iríamos pesquisar. Falei para as meninas que o projeto se chamaria “O poder do crespo e o empoderamento” e esperei para ver se isso geraria alguma reação nelas. Uma menina negra foi a que levantou a questão. “Sôra, se temos no projeto meninas brancas, negras, de cabelo crespo, liso e cacheado, o nome do projeto não deveria ser mais neutro? Ou algo que incluísse todo mundo?”. Era exatamente a pergunta que eu esperava que elas fizessem, e assim começamos nossos estudos falando sobre representatividade. Segundo Almeida:

[...] o que chamamos de representatividade refere-se à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, inclusive no interior dos centros de difusão ideológica como os meios de comunicação e a academia (Almeida, 2019, p. 67).

Pensando então, que os meios de comunicação são um centro de difusão ideológica, no primeiro encontro do

projeto, analisamos historicamente novelas, filmes e programas de TV, buscando onde estavam os personagens negros e em quais papéis eles geralmente eram representados. Questionei se elas achavam que o que vimos em nossa pesquisa era condizente com a realidade da população brasileira. A partir dessa discussão, expliquei para elas a importância do protagonismo negro no nosso projeto, e que isso não significava que pessoas não negras não teriam espaço ali e em nossa luta, e expliquei que estudar ia nos trazer empoderamento. Para explicar o termo, Joice Berth, uma pensadora negra, cita a intelectual indiana Cecilia M. Berth (2019):

O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até a resistência, protestos e mobilizações coletivas, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos (Berth, 2019, p. 23-24).

Aquelas meninas precisavam saber quem eram, de onde vieram e os obstáculos que iam enfrentar, e já enfrentavam, por serem pobres, mulheres e negras em uma sociedade racista, classista e patriarcal. Elas precisavam saber que o seu “não”, deveria ser respeitado, que quando vemos uma opressão, devemos combatê-la, e que estudar é nos munir de conhecimentos e argumentos que irão nos ajudar a enfrentar essa luta.

Comecei a chamá-las de “minhas empoderadas”. Nessa brincadeira ficamos a dizer que elas eram as Empoderadas do IG (apelido da escola), as alunas criaram um grito de guerra falando “Empoderadas IG”, e este aca-

bou se tornando o nome do nosso projeto. “Empoderadas IG: o poder do crespo e o empoderamento”.

Éramos uma professora, treze alunas, um quadro negro e a vontade de mudar. Nós nem imaginávamos o que estava por vir.



Figura 3. Cabelos das Empoderadas. Nossa celebração ao dia do amigo (2017)

Fonte: arquivo pessoal da autora.



Meu nome é Rodrigo Munhos, tenho 24 anos, sou estudante de Design Gráfico pela Unirriter e trabalho na assessoria de imprensa do Conselho Regional de Medicina do Estado.

Ingressei neste ano de 2023 no Empoderadas e a experiência que obtive em tão pouco tempo foi necessária para abrir minha mente e meus olhos. Eu venho de uma estrutura educacional onde não conheço minhas origens e, tão pouco a história sobre meus antepassados aqui pelo RS. A partir do projeto, passei a pensar sob outro olhar e procurar estudar sobre, assim como, a importância de encontrar outros próximos a mim nos meus ambientes de estudo e trabalho.

Acabei fazendo uma reflexão que quando pergunto a mim mesmo ou a outras pessoas, me pego perplexo: “quantos designer negros você conhece?”.

E é através do projeto e dessa pergunta que procuro ocupar esse espaço vazio, buscando mais conhecimento e procurando agregar.

Entrar na Empoderadas me trouxe outras visões sobre o quanto é fundamental ter representatividade, se sentir identificado com o que busco para minha vida.

Infelizmente na minha faculdade sou um dos poucos, se não o único negro que atua na minha área e, é isso que eu quero mudar, talvez ser a base de inspiração para os que estão para vir depois de mim.

3. ESCOLA PARA QUE(M)? DA DENÚNCIA À ESPERANÇA!

“Na escola, lembro de crianças brancas sentadas na frente da sala de aula, enquanto as crianças negras se sentavam atrás. De nós, dos fundos da sala, era exigido que escrevêssemos com as mesmas palavras das crianças da frente “porque somos todos iguais”, dizia a professora. Nos pediam para ler sobre a época dos “descobrimientos portugueses”, embora não nos lembrássemos de termos sido descobertas/os. Pediam que escrevêssemos sobre o grande legado da colonização, embora só pudéssemos lembrar do roubo e da humilhação. E nos pediam que não perguntássemos sobre nossos heróis e heroínas de África, porque elas/eles eram terroristas e rebeldes. Que ótima maneira de colonizar, isto é, ensinar colonizadas/os a falar e escrever a partir da perspectiva do colonizador.” (Kilomba, 2019. p.65)

Como no texto de Kilomba, se vivenciarmos a educação pública aqui no Brasil, iremos identificar semelhanças em diversos aspectos abordados por ela. Os conteúdos a serem estudados, as perguntas que podem ou não serem feitas, o lugar de cada um em sala de aula. Uma educação que exalta o colonizador. Esses aspectos perpassam a minha experiência como aluna e como professora em escola pública. Lembro que os conselhos de classe eram terríveis para mim, eu saía com dor de cabeça, com um aperto no coração, pois ficava explícita a diferença de tratamento entre os alunos, ficava claro (extremamente claro) os alunos que mereciam e que não mereciam uma atenção especial dos professores. Como nos relata Winnie Bueno, “Crianças negras e crianças brancas recebem tratamento desigual, e essa diferença no tratamento prejudica processos de aprendizagem das crianças negras” (Bueno, 2023. p. 176).

Esses tratamentos desiguais podemos dizer que são reflexos de uma sociedade que historicamente também

não tratou brancos, negros e indígenas como iguais. O não lugar na escola para alunos negros não era somente subjetivo era uma realidade, a escola não era um lugar para todos, e como explica Lívia Sant'Anna (2023), isso se deu através de leis que por décadas proibiram o acesso de pessoas negras à educação:

[...] pessoas negras – em certos contextos legais, ainda que livres- passaram décadas proibidas de frequentar as escolas, fato histórico que tem reflexos nefastos até os dias de hoje na (re)produção de desigualdades de acesso, não apenas na seara da educação, mas em outras esferas dos direitos fundamentais (Sant'anna, 2023, p. 59-60).

Por muito tempo, o acesso à educação foi negado ao povo negro, quando escravizados não eram considerados como cidadãos, e quando libertos, encontravam manobras do estado para que não pudessem acessar direitos, como o estudo, por exemplo, e isso não se dava somente no âmbito da educação pública:

[...] a restrição de acesso de pessoas escravizadas às escolas públicas – já prescrita desde a Constituição Imperial de 1824 – foi uma realidade constante e formalmente determinada pela legislação de praticamente todas as províncias brasileiras, até finais do século 19. A interdição abrangia – com variações, recuos e permissões (ainda que por omissão do texto legal) – , instituições públicas de ensino primário, secundário e especializado. Embora a proibição se centrasse nas escolas públicas, em algumas províncias, chegava a alcançar também o acesso às escolas particulares, como era o caso de Goiás, nos termos do Regulamento da Instrução Pública e Particular, de 1869. Isso quer dizer que, nestes casos, ainda que crianças escravizadas tivessem quem arcasse com os custos decorrentes de sua

instrução, não poderiam frequentar as escolas (Sant'anna, 2023, p. 40).

Não podemos negar esse histórico de não lugar para a educação de pessoas negras no Brasil, por séculos a escola foi um lugar inacessível para esta população, e quando, através de algum mantenedor ou por uma brecha encontrada na lei, alguma pessoa negra conseguia este acesso, a permanência no ambiente, extremamente violento, era um grande desafio. Impossível não pensar nos reflexos desta relação da escola com o aluno negro, e das possibilidades que uma educação antirracista poderia criar para estes alunos. bell hooks, falando sobre a experiência em uma escola segregada (2021), conta que:

Escolas negras eram lugares em que nossa autoestima como estudantes negros era afirmada. Isso não porque nossos professores eram negros, mas porque a maioria deles era politicamente consciente do impacto do pensamento racista na autoestima negra – e eles escolheram se opor a isso (hooks, 2021, p. 125-126).

Infelizmente em nossas escolas essa consciência política dos impactos do pensamento racista nos alunos não existe ou é ignorada, gerando este não lugar para esses alunos negros na escola.

Conseguir a atenção de todos os alunos sempre foi um desafio para mim em sala de aula. Preocupava-me a apatia de alguns, eu percebia que a escola não fazia sentido para eles, e muitas vezes essa escola não faz sentido, pois eles não se veem ali. Nos conteúdos, nos livros didáticos, nas pessoas a sua volta que obtém um certo sucesso com os estudos. Muitos alunos que eram considerados problemáticos tinham uma boa relação comigo, pois na educação física eles se destacavam no esporte, eu percebia que muitos deles se convenciam de que ali era sua única chance de ter sucesso na escola e na vida, e sentia

sua frustração quando eu chegava em sala de aula com conteúdos teóricos. Eles erguiam uma barreira de proteção que era difícil atravessar, mas eu acreditava que pela identificação que tinham pelo conteúdo da Educação Física, aprender a estudar esses conteúdos teóricos ajudariam eles a se organizarem para estudar também os conteúdos de outras matérias, eles precisavam primeiro se identificar e entender que eram capazes.

Lembro quando comecei a trabalhar com eles sobre as estruturas do corpo humano, e associava essas estruturas a situações que eles poderiam observar em jogos de futebol, em lutas, nos próprios corpos, e assim eles foram entendendo o que eram e para que serviam o esqueleto, articulações, ligamentos, tendões e músculos. Lembro dos alunos lá do fundo levantando a mão, receosos para responder que já ouviram falar que um jogador rompeu os ligamentos do joelho, e não poderia voltar para a partida, e do orgulho que ficavam quando eu dizia que a associação estava certa, explicava a função dos ligamentos e juntos pensávamos sobre o porque aquele jogador não poderia voltar para aquele jogo. Aos poucos eles iam se encorajando a falar e participar da aula, e eu saía realizada, pois conseguia construir uma aula que envolvesse todos os alunos desafiando-os a encontrar habilidades que muitos nem sabiam que tinham.

Achava importante as aulas teóricas também para contemplar aqueles alunos que não tinham muita habilidade nos esportes, e muitas vezes quando a gente pensava a teoria das atividades eles tinham mais facilidade de encontrar um lugar em quadra onde se sentissem úteis. Entendiam que um time é composto por pessoas de diferentes habilidades e muitas vezes acabavam encontrando seu lugar no jogo. Envolver a turma na aula é um desafio diário que nem sempre os professores estão dispostos a fazer. Pode ser mais cômodo e confortável dar aula para

os alunos da frente, ignorar quem não está participando, desde que não incomode.

Trago aqui a experiência de uma disciplina, onde geralmente os alunos ditos “problemáticos” gostam de participar, e mesmo assim quando mudamos a metodologia eles automaticamente acham que como nas outras disciplinas voltarão a ser invisíveis, voltarão a viver a experiência do “não lugar”.

Após a Abolição da escravatura, com o incentivo à imigração europeia no país, os negros foram deslocados para um “não-lugar” em vários âmbitos da sociedade, principalmente no mercado de trabalho, e desta forma, ficaram relegados a uma situação de exclusão e miséria. Desde então, esse “não-lugar” é estigmatizado, marcado por estereótipos negativos, legitimando-se, assim, a discriminação racial, mantida pelos benefícios simbólicos e materiais que a população branca obtém da desqualificação competitiva do grupo negro (Bonilha e Soligo, 2015, p.32).

O “não lugar” existe dentro das instituições escolares, não se espera que o aluno negro seja um bom aluno, ele carrega com ele um estereótipo de aluno bagunceiro, que não quer saber dos estudos e tem dificuldade em aprender. Qualquer aluno negro que rompa com este estereótipo, vai ser tratado como exceção. Eu ouvi muitas vezes das pessoas “Tu é negra mas é inteligente”, como se negro e inteligente não pudessem estar juntos em uma frase sem a utilização do “mas”. Kilomba em uma de suas entrevistas traz esta vivência de Kethleen:

“Você é negra, mas (...) e então você pode preencher o espaço vazio com o que você quiser... “Apesar de você ser negra (...)” Tudo era... Por alguma razão, eu não era como as outras crianças negras. Por alguma razão, eu era negra, mas ainda tolerável, eu ainda era ok. Eu era inteligente... mas... eu era especialmente inteligente (apesar de ser negra). Sempre foi uma questão... ser negra era algo sempre presente, tinha de ser colocado em algum lugar [...] Kethleen é definida como uma “raça”, e ao mesmo tempo, a “raça” é dissociada dela porque ela

é inteligente. Ela é negra, mas inteligente. O “mas” é o elemento dissociativo. Ele desvincula a inteligência da negritude, tornando-as categorias que se contradizem (Kilomba, 2019. p.176).

Este “mas” nos coloca em lugar de exceção, apesar de ser negra, eu sou inteligente, e isso não é só uma experiência pessoal minha, nem só da Kethleen, como nós, muitas pessoas negras certamente passaram por essa mesma situação, pois ela é uma construção social, advinda dos tempos da escravização, de que pessoas negras eram boas em serviços braçais mas não tinham capacidade intelectual.

Como já falado anteriormente, o não lugar não é somente um espaço físico, mas principalmente simbólico e de subjetividade. Mesmo que você esteja em um espaço, diversos sinais, acontecimentos e atitudes irão te dizer que aquele não é um lugar para você. Uma vez em uma disciplina que fiz como aluna PEC (Programa de Educação Continuada) na FACED (Faculdade de Educação da UFRGS), estava conversando com meus colegas antes da aula começar no local onde costumávamos nos sentar. Uma das intérpretes de libras virou para trás, interrompeu nossa conversa e falou: “Aqui que senta a galerinha das cotas então?” e riu. Nós ficamos atônitos, respondemos qualquer coisa, e passamos o resto da aula calados. Só quando saímos da aula consegui perguntar para eles se mais alguém tinha percebido algo muito errado no que tinha acontecido. Precisamos de um tempo para digerir o ocorrido para conseguir dialogar sobre. Éramos 5 (cinco) negros e uma aluna trans, lembro que naquele dia eu estava extremamente cansada, e fui para casa me sentindo muito mal. Por ter calado, “quando somos forçadas a engolir a raiva, sentimos em cada pedacinho do nosso corpo a violência nos atravessando novamente” (Bueno, 2023, p. 164), por não ter o direito como outros alunos a simplesmente me sen-

tar, assistir a aula e ir embora, por ter sempre que abraçar uma luta racial, ser a pessoa que vai problematizar, que vai “militar”, “ao mesmo tempo que reconhecemos a agressividade da violência que nos é imposta, também conhecemos de maneira profunda o mito da mulher agressiva e os perigos dele para nós” (Bueno, 2023, p. 164). Naquele dia eu só queria ser uma aluna normal, mas como, se éramos corpos negros e LGBTQIANP+?

Esse processo de identificação absoluta – ou essencialismo – no qual uma pessoa é vista meramente como uma “raça” é somente possível porque no racismo nega-se, para negras e negros, o direito a subjetividade. Kethleen não é apenas Kethleen; ela é um “corpo”, ela é uma “raça”, ela é uma “história”. Ela existe nessa triplicidade. Presa nessa pessoa tripla, é preciso ser ao menos três vezes melhor do que qualquer pessoa branca, para se tornar igual. Enquanto aquelas/es na classe têm o privilégio de existir na primeira pessoa, Kethleen existe na pessoa triplíce. Enquanto outras/os brancas/os falam como indivíduos, como Sally, Christine ou John, Kathleen fala como um corpo, como uma “raça”, como uma descendente de pessoas que foram escravizadas. (Kilomba, 2019. p.174)

Aquela frase com aquele sorriso tirava nosso direito à subjetividade, nos dizia que éramos corpos estranhos naquele espaço. Nos mostrava nosso “não lugar” em uma disciplina de Pós-Graduação. Naquele dia eu só queria ser a Luciana, não queria ser a aluna que ia problematizar antes da aula, a aluna que teria que fazer uma denúncia sobre o ocorrido, não queria ser a pessoa negra raivosa, nem mesmo a galerinha das cotas. Eu só queria ser a Luciana, assistir minha aula e voltar para casa em paz.

A lei 10.639/03 surgiu para mostrar esse lugar do aluno negro dentro da escola, mas nossa escola é tão racista que até hoje esta lei não é aplicada. Seguimos romantizando a colonização, exaltando os colonizadores e minimizando as histórias da população negra e indígena. Muitos alunos saem da educação básica ouvindo falar so-

mente sobre a escravização quando se trata da população negra. Em toda a minha vida como estudante, somente estudei autores negros agora, na Pós-Graduação. Como se sente o aluno negro sem se ver na escola durante toda a vida escolar? Se exaltamos as violências da colonização, se só ensinamos sobre a cultura do colonizador, se colocamos a branquitude como norma, tornando tudo que se afasta da branquitude como o outro na escola, para quem é esta educação? Esta escola é para quem?

Com esse histórico, a escola pública, mesmo sendo um direito social, se esquece de que ela é uma instituição que mais recebe corpos marcados pela desigualdade sociorracial acirrada no contexto da globalização capitalista. Corpos diferentes, porém discriminados por causa de sua diferença. Corpos sábios, mas que têm o seu saber desprezado enquanto forma de conhecimento (Gomes, 2017, p.134).

Se não nos repensarmos como educadores e repensarmos a educação para o respeito às diferenças, estaremos sempre a serviço da colonialidade, pois ela se renova, se atualiza e se perpetua através de uma educação colonizadora.

3.1 REBELDES COM CAUSA: IMAGENS DE CONTROLE E O “NÃO LUGAR” DO ALUNO NEGRO NA ESCOLA

Como contei anteriormente, durante a minha adolescência fui convencida de que eu era uma “rebelde sem causa”, eu era problematizadora, questionadora, não tinha a postura que professores e orientadores educacionais esperavam que eu tivesse. Até pouco tempo se me perguntassem como eu era quando adolescente, minha resposta era a mesma. Eu era uma adolescente difícil, uma rebelde sem causa. Realizar esta pesquisa e me deparar com a “Lu adolescente”, olhando por uma outra perspectiva e entendendo o contexto escolar extremamente racista ao qual alunos negros são expostos todos os dias, me fez compreender meus processos e refletir melhor sobre ser aluno negro. Quando comecei a dar aula também encontrei alunos rebeldes, e o “pior” de tudo era me ver neles, eu me identificava com os mais “agitados”. Lembro que teve um dia das mães que foi tão agitado na escola, os alunos estavam tão inspirados em bagunçar que saí de lá zonzinha. Fui para casa pensando que eu na escola estaria no grupo dos agitados, e quando fui encontrar minha mãe fiquei rindo sozinha, pensando se dava os parabéns para ela ou pedia desculpas.

Aos poucos, convivendo mais e conhecendo melhor o ambiente escolar algumas coisas foram me chamando atenção. Observava nos alunos uma revolta, um sentimento que não sabiam expressar, e que muitas vezes acabavam descarregando em um momento ou em uma pessoa errada. Observei também que na escola havia uma segregação entre as turmas, as com final “zero”, eram as turmas boas, as turmas com final “um”, eram as turmas “ruins” que alguns professores faziam de tudo para não ter que

trabalhar. Os sextos e sétimos anos tinham muitos alunos negros, nos oitavos e nonos anos eles já ficavam em números bem reduzidos. Percebi também uma relação bem complicada por parte de alguns professores com alunos negros ou com essas turmas ditas "ruins", que por sinal concentravam muitos desses alunos. Conversando com professores de outras escolas, vi que essas situações eram práticas comuns em outras escolas também, e sobre essas práticas, sobre essas imagens de controle do aluno negro que quero convidá-los a reflexão. Winnie Bueno em seu livro (2020), reflete sobre o conceito de imagens de controle no pensamento de Patricia Hill Collins:

[...] São utilizadas pelos grupos dominantes com o intuito de perpetuar padrões de violência e dominação que historicamente são constituídos para que permaneçam no poder. [...] Essas figuras, cuja gênese é o período escravocrata, continuam a ser reformuladas com o intuito de disseminar na sociedade contemporânea as justificativas que estruturam o sistema de vigilância e violência que atravessam o cotidiano das mulheres negras (Bueno, 2020, p.73).

São então imagens que se atualizam e se perpetuam, imagens que trarão junto ao corpo negro, os preconceitos históricos que a sociedade impõe sobre seus corpos.

Imagens de controle são a face ideológica do racismo e do sexismo: elas articulam justificativas para a naturalização das violências que pessoas negras, em especial as mulheres são submetidas, e sustentam as dinâmicas de poder já existentes. Elas apresentam dinâmicas múltiplas e significados diversos para cada experiência individual de pessoas negras, e seus contornos são adequados conforme vamos modificando o contexto em que vivemos (Bueno, 2023, p. 36-37).

Uma imagem criada durante o período da escravização, é a de que pessoas negras tem menos capacidade cognitiva. Para pessoas brancas é muito difícil até hoje pensar em uma pessoa negra como intelectual, muitas vezes os próprios pro-

fessores irão demonstrar isso no ambiente escolar.

Muitas crianças descobrem que são negras na escola, principalmente porque nela fica gritante a diferenciação de tratamento por parte de colegas e professores. De repente esta criança se torna uma pessoa que consideram suja, que tem o cabelo feio, o nariz de batata, a pele queimada. De repente esta criança se torna a que ninguém quer fazer dupla para o trabalho, a que a professora não toca, a que não recebe elogio, a que é acusada de coisas que não fez, e ninguém a defende afinal ela é negra. De repente aquela criança começa a aprender que tudo o que ela representa é considerado feio perante a sociedade, e que a branquitude é a norma, o belo, o desejável. Isso se mostra na maneira como seus colegas não negros são, nos livros que leem, nos filmes que assistem, nas mensagens que esta criança encontra por todos os lados.

Havia todas essas imagens terríveis de pessoas negras nos livros, (...) ou na televisão, nas notícias, nos jornais, basicamente em todos os lugares. Em toda a parte..." Alicia retrata o poder do colonialismo no mundo contemporâneo. Mesmo antes de uma criança negra ter lançado o olhar para uma pessoa branca, ela já foi bombardeada com a mensagem de que a branquitude é tanto norma como superior, diz Fanon. Revistas, quadrinhos, filmes e televisão coagem a criança negra a se identificar com os outros brancos, mas não consigo mesma. A criança é forçada a criar uma relação alienada com a negritude, já que os heróis desses cenários são brancos e as personagens negras são a personificação de fantasias brancas (Kilomba, 2019, p.154).

Essas imagens se fazem presentes no cotidiano escolar, prejudicam a autoimagem dos alunos negros e fazem com que alunos brancos tenham a certeza de que são a norma. Fazem com que crianças negras queiram começar a disfarçar sua negritude, a não chamar atenção para não mais sofrer as agressões as quais uma criança negra é exposta diariamente na escola. Quando somos negros, nossa

cor é nosso cartão de visitas, ela chega para as pessoas antes de quem somos, e muitas vezes ela vai ser determinante em relação à maneira como seremos tratados. Mais de uma vez, na escola em que eu trabalhava, eu chegava e via os professores preocupados com o “aluno x”, pois este como aluno novo entrou na turma x, e essa turma seria muito prejudicial para ele. Diziam, “coitado do aluno x, ele vai ser massacrado nesta turma”. O aluno x, um aluno branco, que à primeira vista, mesmo sem ter contato em sala de aula, os professores pressupunham que se encaixaria na turma de final zero, que era considerada a turma “boa”.

Segundo Winnie Bueno, “a fragilidade acaba se constituindo como um atributo da branquura, e a agressividade, como uma condição inerente à negritude” (Bueno, 2023, p. 156). Essa lógica aparece muito na divisão de turmas nas escolas, e essa divisão é algo que chama atenção tanto de professores quanto de alunos. Nas turmas de final 1(um) estavam os alunos repetentes, alunos com “dificuldades”, alunos com “problemas de comportamento”, alunos que moravam nas “margens”. E em sua maioria esses alunos eram negros. São alunos que não recebem da instituição a mesma solidariedade que aquele aluno x recebeu dos professores ao entrar na escola, sobre esta falta de solidariedade para pessoas negras e periféricas, Bueno (2023) diz que “É como se aquelas pessoas não fossem dignas de solidariedade e da empatia, porque o simples fato de residirem em uma periferia, faz delas elementos suspeitos e, portanto, passíveis de todo o tipo de violência e insegurança” (Bueno, 2023, p. 205).

Nas turmas zero, ficavam os alunos que não haviam repetido, que tinham melhores notas, que moravam no centro da cidade, considerados mais inteligentes e com bom comportamento. Conversando com uma das Empoderadas, depois que ela saiu do IG, ela disse que era mui-

to nítido para eles que as turmas “zero” eram as turmas das crianças brancas. E que infelizmente ela percebeu em sua escola de ensino médio a mesma lógica. Uma lógica construída a partir de imagens de controle que se refletem também nas escolas, “O cidadão de bem é construído no imaginário social como sinônimo de homem branco; o bandido, como sinônimo de homem negro. O cidadão de bem tem seus direitos assegurados. O bandido não tem direito a nada” (Bueno, 2023, p. 205). Nas escolas, as crianças brancas são vistas como indivíduos que precisam ser protegidos, crianças negras são as más influências, e por isso podem ser segregadas. Conversando com outros professores, os mesmos relatos... mudam as escolas, mudam os números, mas a lógica é a mesma. Existe uma segregação por raça e classe dentro do ambiente escolar.

Essas imagens de controle, divisão de turmas, tratamento diferenciado dos professores, punições excessivas, fazem parte de uma instituição racista, inserida em uma sociedade que é estruturalmente racista, como nos explica Almeida:

Vimos que as instituições reproduzem as condições para o estabelecimento e a manutenção da ordem social. Desse modo, se é possível falar de um racismo institucional, significa que a imposição de regras e padrões racistas por parte da instituição é de alguma maneira vinculada à ordem social que ela visa resguardar. Assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente – com todos os conflitos que lhe são inerentes –, o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa mesma estrutura. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista (Almeida, 2019, p. 31).

Pensando sobre o que explica Silvio, sendo a escola uma instituição inserida em uma sociedade racista, ela deve ter em suas políticas o combate a essa opressão, de

modo contrário irá reproduzir o racismo estrutural pertencente a sociedade brasileira, se tornando um espaço não seguro para o aluno negro, que sofre agressões racistas diárias no ambiente escolar. Essas agressões se dão pela sua cor da pele, formato do nariz, mas principalmente em relação aos seus cabelos. É comum que meninas negras não soltem seus cabelos, ou que passem pelo processo de alisamento desde muito cedo. Quando iniciei o projeto, utilizando o tema cabelo crespo como isca para desenvolver a partir dele outros assuntos, como já referido anteriormente, muitas das minhas alunas alisavam seus cabelos há tanto tempo que não lembravam como eles eram quando naturais, mas lembravam nitidamente da sensação de serem alvos de “piadas” e deboches, dos colegas e amigos dizendo que seu cabelo era “ruim”. É muito comum ver nas escolas alunas de cabelos crespos e cacheados com seus cabelos presos. É uma maneira que encontram de se camuflar, de tentar passar despercebidas para evitar as agressões. Os meninos em sua maioria raspam os cabelos, os que não raspam, usam touca ou boné para disfarçar suas madeixas, e é uma cena recorrente na escola ver os colegas arrancando seus bonés, e toda a turma rindo dos seus cabelos afro. Já imaginou ouvir todos os dias, diversas vezes por dia, que uma característica sua é feia? Certamente se você é negro, não precisa imaginar, basta lembrar dos tempos de escola, como compartilha Winnie Bueno:

E, apesar dos esforços da minha mãe, a adolescência e o aumento das pressões estéticas e dos discursos racistas proferidos sobre a minha aparência acabaram fazendo com que em algum momento eu não quisesse mais me ver. [...] Eu passei a me recusar tão fortemente a me ver que eu acabei deixando de frequentar o salão da Carminha e implorando à minha mãe para usar produtos químicos que deixassem meu cabelo mais próximo do cabelo das minhas colegas brancas: liso. (Bueno, 2023, p.118).

Muitas pessoas com frequência me perguntam, “Lu,

as mulheres não deveriam ser livres para escolher como vão utilizar seus cabelos? Não é por essa liberdade que vocês lutam?" Eu digo que sim, que as mulheres devem ser livres para se vestirem e usarem seus cabelos como quiserem, mas devemos ter uma atenção especial em relação às crianças. Geralmente os corpos de crianças brancas são preservados durante sua infância. Se elas querem, por exemplo, fazer luzes ou pintar os cabelos, muitas vezes seus pais determinam uma certa idade para que eles possam fazer essa transformação. Lembro que minhas amigas brancas contavam que quando fizessem quatorze anos poderiam fazer luzes. Elas aguardavam ansiosamente a idade chegar. Com as crianças negras este processo é oposto. Elas são socialmente incentivadas a alisar seus cabelos perto dos seus seis anos, algumas com cinco, quatro, e sei de crianças negras com três anos que já passavam pelo processo de alisamento. Muitos dos pais dessas crianças têm uma relação traumática em relação aos cabelos crespos, e não querem que os filhos passem pelo mesmo que eles já passaram. Assim como eu falei que vi meus alunos vivendo situações de racismo que eu já vivi na escola, os pais também veem seus filhos vivenciando dores que eles também já tiveram, e isso não é nada fácil. Como proteger seus filhos das dores do racismo cotidiano?

Somos assombradas por memórias e experiências que causaram uma dor desumanizante, uma dor da qual se tem pressa de fugir. O racismo cotidiano revela esse primeiro elemento do trauma, quando alguém é inesperadamente agredido por um evento violento que é experimentado como um choque e persiste em assombrar o eu (Kilomba, 2019, p. 219-220).

Essas dores marcam de tal maneira, que fazem com que pessoas negras, por exemplo, alisem seus cabelos em uma tentativa de fugir do que elas acreditam causar aquelas dores, o cabelo, quando, na verdade, a culpa não é do cabelo, e sim do racismo. Crianças negras deveriam ser

preservadas em um momento em que estão construindo suas identidades, deveriam viver em um mundo que permitisse a elas se amarem do jeito que são. Algumas com onze anos não lembram como são seus cabelos naturais, pois alisam desde os seis, sete anos. Então sim, as mulheres devem ser livres para escolher como querem usar seus cabelos, mas nossas crianças devem aprender a se amar como são, para depois, quando mais velhas, optarem por alisar, por exemplo porque gostam do seu cabelo liso, e não porque odeiam seu cabelo crespo, e infelizmente muitas delas aprendem a odiar seus cabelos na escola.

Algo que eu muito observei na escola, é que muitas meninas que tomavam coragem de soltar seus cabelos chegavam felizes com ele geralmente molhado na escola pela manhã. Muitas me procuravam para mostrar que estavam com os cabelos soltos e eu as enchia de elogios, dizia que estavam lindas (e realmente estavam). Quando retornávamos do recreio, eu percebia que essas alunas geralmente estavam com seu cabelo preso, muitas até de capuz, como se quisessem se esconder do mundo. No recreio é quando geralmente o racismo é mais pesado e agressivo, a criança não lida somente com os colegas conhecidos de sala de aula, mas com outros alunos da escola que não perdem a oportunidade de oprimir alguém que julgam ser fora do padrão. Vê-las dessa maneira me cortava o coração, isso é algo bem comum nas escolas, ouvi relatos de muitos outros professores que já observaram o mesmo. Quando elas têm coragem de assumir seus cabelos crespos, muitas vezes as situações as quais são expostas no recreio se tornam um pesadelo. Ter o Empoderadas como um grupo combativo a essas situações no IG foi bem importante. Pois, quando aconteciam essas ocorrências, elas iam em grupo defender a menina que estava sendo agredida. Isso dava uma segurança a mais para as meninas que estavam se encorajando a utilizar seus cabelos soltos,

pois sentiam que não estavam sozinhas como geralmente nos encontramos em situações de racismo. Quando ele acontece, nos sentimos sozinhos, mesmo que estejamos em meio a uma multidão.

O racismo cotidiano é realizado em uma constelação triangular na qual o sujeito negro aparece em destaque sozinho. Há sempre três elementos incluídos nesta performance: o sujeito branco que ataca, o sujeito negro que é atacado, e o público branco que, em geral, observa silenciosamente, representando o consenso branco (Kilomba, 2019, p.230-231).

Esta solidão é aterrorizante, e faz com que muitos percam a coragem de revidar. Muitas dessas cenas na escola acontecem em frente aos amigos próximos, em frente a funcionários, em frente a professores. E esses, na maioria das vezes silenciam, naturalizando aquele tipo de agressão, naturalizando o racismo no ambiente escolar.

Esse mesmo racismo afeta de forma contundente e perversa as suas vítimas e exalta os que o praticam, colocando-os dentro da redoma de vidro da branquitude. Ao proteger as pessoas brancas e elegê-las como padrão universal de beleza, inteligência, competência e civilidade, o racismo inculca e gera, em suas vítimas, um sentimento antagônico a todos esses atributos. Essa negatividade é expressada principalmente em seus corpos, na superfície de sua pele, e no tipo de cabelo. Quanto mais preta é a cor da pele e mais crespo é o cabelo, mais as pessoas que possuem tais características são desvalorizadas, e ensinadas a se desvalorizar, não só esteticamente, mas também enquanto seres humanos (Gomes, 2019, p. 18-19).

No momento em que fazemos que não vimos esses tipos de opressão, deixamos os ofensores livres para repetir as agressões, pois sabem que podem praticá-las impunemente, principalmente se as mesmas forem feitas em tom jocoso, o que argumentam ser somente uma brincadeira, mas que machuca e só diverte um lado, causando danos imensuráveis para as vítimas. Algumas passam a se

isolar, conversam menos, tem medo de se expor, e alguns passam a reagir, sendo muitas vezes punidos por reagirem violentamente ao racismo, um diferente tipo de agressão, que também é muito violenta, como o que aconteceu com Winnie Bueno:

[...] conforme fui crescendo, toda vez que eu manifestava qualquer contrariedade frente a uma situação violenta eu era considerada agressiva. Na escola, isso era uma constante. Quando respondia a uma situação de agressão racial, sempre chamavam minha atenção para o “problema da raiva”. Foram inúmeras as situações em que professoras, supervisoras e orientadoras pedagógicas - todas brancas, vale dizer – desencorajaram minha assertividade me aconselhando a não responder às violências que me eram impostas (Bueno, 2023, p. 144).

Algo que me preocupa, é o quanto condicionamos alunos negros a incorporarem as imagens de controle, passando a ter exatamente a postura que as pessoas afirmam que essa criança tem, que esperam que ela tenha, mesmo que não faça parte de suas características. Lembro de um aluno que entrou na escola, ele era negro e alto, e entrou na turma de final zero. Isso gerou um incômodo nos professores desde o primeiro dia de aula deste aluno, e ele foi tratado como se fosse influenciar de forma negativa os seus colegas de turma. Com a justificativa da idade, foi transferido, indo para a turma de final um. O menino recebia punições com frequência, mesmo que ele dissesse que não estava envolvido no que estava sendo acusado. O tratamento, era como se o aluno fosse um “marginal”, e ele lutou contra essa imagem, até certo tempo. Aos poucos ele começou a mudar, aprontar mais, e dizia “elas vão me acusar mesmo...” foi nítida a mudança, na postura, no olhar, no jeito como nos respondia, mas quanto desta mudança foi nossa responsabilidade? Ele era um aluno negro e alto, que destoava dos colegas apesar de seu tamanho não corresponder a sua idade. Foi julgado desde o dia que entrou na escola, e ouviu tantas vezes que era um

aluno problemático, que começou a se comportar como um.

Essas imagens repercutem de modo tão forte e cotidiano, principalmente a partir de estereótipos, que limitam a subjetividade de pessoas negras e contribuem para a naturalização das opressões que vivenciamos, inclusive na infância, como aconteceu comigo (Bueno, 2023, p. 37).

Neste sentido que acredito que as imagens de controle atuam violentamente sobre corpos negros, pois precisamos provar diariamente que não somos o que o imaginário social racista espera que sejamos, e isso é uma tarefa difícil, principalmente quando todos ao seu redor te influenciam a abraçar aquele estereótipo.

Ouvi tantas vezes que eu tinha problemas de agressividade que no final da adolescência eu me convenci de que era mesmo uma pessoa raivosa e agressiva. Aceitei a pecha, o defeito moral, da agressividade, porque tinha me cansado de tentar provar que eu não era aquilo. As pessoas diziam que eu era agressiva e eu automaticamente respondia: "Sou mesmo. Sou brabona!" (Bueno, 2023, p. 144).

Tantas histórias, tantas vidas direcionadas a essas imagens, tantos jovens vencidos pelo cansaço de provar diariamente que não é essa construção imaginária que as pessoas fazem de si. Penso ser algo que devemos refletir e olhar com mais atenção no ambiente escolar.

E que lugar esses jovens encontram para se permitir existir em uma escola que cria um "não lugar" para esses alunos? Onde encontram seus saberes reconhecidos?

Uma vez fiz um trabalho interdisciplinar com duas colegas, uma de português e uma de artes. Anunciamos o projeto contando para os alunos que iríamos estudar sobre "Poesia". Foi engraçado os olhares para mim, eles já estavam mais acostumados com a minha metodologia, então não reclamavam tanto, mas eu sempre ouvia "lá vem a Sôra Lu com as loucuras dela". Convidei minhas colegas a aproveitarmos o forte movimento de Slam, batalhas de poesia feitas nas ruas da cidade, aqui de Porto Alegre,

para que fosse apresentado para eles o movimento e, assim, pudéssemos trabalhar a Poesia Marginal. O primeiro Slam que assisti foi o "Slam Chamego", onde a temática era falar sobre amor, sobre sentimentos, seja em relação a paixão, amor de mãe, família, decepções, e me chamou a atenção a quantidade de jovens participando, de meninos, jovens negros que estavam se permitindo falar sobre sentimentos, algo que o machismo e a masculinidade tóxica da sociedade em que vivemos muitas vezes impede que eles se permitam fazer. Na época tínhamos recebido no Empoderadas IG, os primeiros meninos a participarem do projeto, e para recebê-los estudamos juntas sobre masculinidades (acompanhar o grupo MilTons, que discute masculinidades negras aqui em Porto Alegre me ajudou muito a compreender melhor e ter outro olhar sobre meus alunos), assistimos o documentário "The mask you live in" (a máscara que você veste) que fala sobre como o machismo afeta homens e meninos, e foi de um aprendizado gigante para todos nós. Um dos meninos que entrou no projeto nos contou que assistiu em casa novamente com seu pai e sua mãe, e disse que ao final do documentário seu pai ficou em silêncio por um tempo e depois abraçou ele e começou a chorar e pedir desculpas. Ele disse que nunca tinha visto seu pai chorar, e que a partir dali, eles iniciaram uma nova maneira de se relacionar.

Lembrei disso quando estava no Slam Chamego, encantada com aqueles jovens se permitindo abrir o coração. Eu precisava levar aquela iniciativa para dentro da escola e minhas colegas toparam abraçar a ideia. Fiz um certo suspense com os alunos até a aula inaugural, eles não entendiam por que íamos trabalhar com poesia. Na aula inaugural reunimos todas as turmas que iriam participar do projeto na sala de vídeo, e começamos uma aula contando para eles o que era a Poesia Marginal, tentando também ressignificar o termo para os alunos. Eu estava bem atenta

as suas reações, pois até então eles não estavam muito empolgados em estudar poesia. Conforme fomos contando sobre a poesia marginal e o movimento Slam, os olhares foram ficando mais atentos. Para o final daquela aula, passamos na televisão os vídeos de quatro poetas aqui de Porto Alegre: Bruno Silva (conhecido como Bruno Negrão), Agnes Maria, Cristal Rocha e Hercules Marques (o Jovem Preto Rei). Foi a “cereja do bolo”, quando os alunos viram aqueles quatro jovens negros empoderados, com tanta potência em suas falas, trazendo em suas poesias uma realidade com a qual eles se identificavam, ganhamos seu interesse. Se entregaram a atividade.

Nossa ideia era fazer um livro com as poesias dos alunos. Cada um deles iria criar uma poesia autoral e escolher uma poesia que gostassem como forma de homenagear algum poeta. O estilo era livre. A professora de português começou a trabalhar com a estrutura das poesias, a de artes a ajudá-los a pensar nas ilustrações e apresentação do livro, e eu iria trabalhar a expressão corporal e abrir nas aulas um espaço para que eles pudessem declamar poesias. Tínhamos a intenção de finalizar o projeto em um sarau onde os alunos apresentariam suas poesias, teríamos apresentação de música e a participação do Bruno Negrão, que já tinha se tornado um ídolo para os alunos. Infelizmente não conseguimos realizar o sarau, mas plantamos uma semente muito importante. Os alunos começaram a ler e escrever mais. Alguns criaram diversas poesias. Buscavam-me nos corredores para me mostrar seus escritos, e inclusive alunos de turmas que não estavam no projeto começaram a escrever também. Compramos para os alunos um livro produzido por alguns dos poetas de Porto Alegre que apresentamos para eles. No dia que o Bruno foi levar os livros na escola, os alunos ficaram alvoroçados, não acreditavam que o Bruno Negrão estava na escola deles. Foi um momento muito bonito, pedi que ele passasse

nas turmas e declamasse uma poesia e ele gentilmente o fez. Os alunos amaram, queriam mostrar para o Bruno suas poesias, tirar fotos, que ele autografasse os livros, e quase tive que fugir com ele dos alunos. Bruno, Agnes, Cristal, Felipe, tocaram aqueles jovens da escola com sua arte, mediar esse encontro foi muito especial.

Erê
Se as maldades do
mundo te deixar
doente
nossa poesia é vacina
antídoto com altas
doses de auto-estima

que faz crescer quem passou a
vida tomando pílula de
nanicolina

Pequenos grandes heróis e
heroínas voando alto feito pipa
e pode pá
nas costas a mochila é a capa
na mão direita a caneta é a
espada na esquerda o livro
protege a guarda

Com o pente garfo se
arma arma o black e
revida
sai com ele armado cabeça
erguida olhando sempre pra
cima
Até porque quem não olha pra
frente Tropic, mas

não
cai
não
trava
não
falha

não
para

Estuda
enfrenta
e mata no peito a
batalha que é a vida
diária

Não mente
toma banho
lava as mãos
escova os dentes
faz a lição
escuta o pai, a mãe
Mas também escuta o
coração (tum tum)

Troca os palavrões
Por bons
sentimentos
Deixando de lado as
brigas mantendo sempre o
respeito
Eu sei que tem dias
que são difíceis
que nem a gente sabe o que passa aqui
dentro mas bota fé e escuta
o que eu to dizendo vai melhorar!

Só não pode parar de sonhar
Sonhos são o que nos fazem
levantar todos os dias pra realizar
Basta acreditar
Eu acredito em sonhos
Acredito
acredito

Então sonha, menor sonha
Só não deixa o sonho morrer na fronha
(Agnes Mariá 2019, p. 128-129)

É tão bonito quando eles se veem, quando se identificam em um ambiente onde geralmente o que estudam é tão distante de suas realidades. Os alunos que geralmente são taxados como rebeldes, muitas vezes se expressam através das artes, se encontram na música, no esporte, nos caminhos onde eles conseguem se permitir existir em sua plenitude. “Nossas raivas são genuínas e catalisadoras de mudanças tamanhas que são capazes de alterar profundamente a ordem das coisas. E por isso mesmo são deslegitimadas por essa imagem tacanha de uma agressividade sem razão” (Bueno, 2023, p. 148). A escola é um ambiente hostil para esses alunos, e para sobreviver eles aprendem a ser resistência. A serem resilientes e encontrar caminhos que façam sentido para eles. Neste capítulo vimos um outro lado do ambiente escolar, um lado que geralmente não é mostrado, um lado que atinge diretamente os alunos negros, que tantas vezes são chamados de rebeldes, hoje eu entendo que sim, são rebeldes, porém, rebeldes com causa.

3.2 MOVIMENTO NEGRO E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

“Entende-se como Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno da sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o objetivo explícito de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e culturas negras no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras em diferentes espaços e lugares da sociedade” (Gomes, 2017, p.23-24).

É muito difícil definir o Movimento Negro, ele se faz plural, assim como a negritude. Se faz presente historicamente na luta pelo direito da população negra à educação, e para começar a entender a importância da descolonização da educação, precisamos entender que quando falamos em educação no Brasil, ela nem sempre foi para todos. Precisamos resgatar a história e compreender que em nosso país a cor, vem como uma primeira impressão, e dependendo dela pessoas negras e brancas tiveram, e hoje ainda têm, vidas, acessos e oportunidades diferentes. Algo que precisamos pontuar desde sempre é que pessoas negras e não negras, não partem historicamente do mesmo lugar. Em 1824, a Constituição do Império determinava que a educação era um direito de todos os cidadãos. Mas quem eram os cidadãos? Portugueses e pessoas nascidas em solo brasileiro, inclusive pessoas negras libertas. Pessoas negras escravizadas tinham negada sua cidadania já

que tinham o acesso à escola vetado. Mesmo com o fim da escravidão, no final do séc. XIX e início do séc. XX, o Brasil não criou condições para uma inserção digna da população negra na sociedade, pelo contrário, criou políticas que dificultavam o acesso dessa população à moradia, ao mercado de trabalho e à educação. Desde então, movimentos negros vêm abraçando essas lutas e conquistando direitos para pessoas negras no país.

Deixar de ser um “ex-escravo”, ou liberto para ser cidadão, ter direitos iguais, não ser visto como inferior e vivenciar a cidadania plena era o sonho perseguido pela população negra da época, sobretudo os setores mais organizados. Entre as suas reivindicações, a educação se tornou prioritária, pois o analfabetismo e a lenta inserção nas escolas oficiais se constituíam um dos principais problemas dessa população para a inserção no mundo do trabalho (Gomes, 2017, p. 29).

Através da imprensa, das artes, e por diversas áreas de diferentes atuações, o Movimento Negro lutou por direitos, conscientizou a população negra e trabalhou seriamente no resgate da identidade herdada pela cultura africana valorizando a cultura afro-brasileira. Foi e é um movimento que é construído coletivamente e de forma colaborativa, e não há uma unidade de pensamento e de ação em relação ao Movimento Negro. Ele, assim como a população negra, é plural, e tem agentes ativos agindo por diferentes meios.

Apesar desses diferentes agentes, algo em comum entre o MN (Movimento Negro) é que a educação é considerada essencial e necessária para a ascensão da população negra, e como ela historicamente foi negada a esse grupo, ele criou diversas estratégias para a luta por direitos e também para a promoção de outras formas de educação em espaços não formais. Se pararmos para pensar sobre a ausência e necessidade de implementação de uma educação que valorize a negritude, sua cultura e seus saberes nos espaços de educação formais, como a sociedade tem

avançado e aprendido tanto nos últimos séculos sobre negritude? A resposta está no MN, que como um bom professor, se reinventa e se atualiza, mantendo sempre viva a necessidade de um avanço social através da educação antirracista.

Quando falo que os agentes ativos do MN atuam por diferentes frentes, falo por exemplo sobre a imprensa negra do final do séc. XIX e início do séc. XX, que enfrentou as teorias do racismo científico mostrando a população negra da época seu valor.

A imprensa negra paulista, com suas diferentes perspectivas pode ser considerada como produtora de saberes emancipatórios sobre raça e as condições de vida da população negra. [...] A imprensa negra rompe com o imaginário racista do final do século XIX e início do século XX que, pautado no ideário do racismo científico, atribuía à população negra o lugar de inferioridade intelectual. Os jornais tinham um papel educativo, informavam e politizavam a população negra sobre seus próprios destinos rumo à construção de sua integração na sociedade da época (Gomes, 2017, p.29).

A imprensa negra teve então, papel educativo significativo entre a população negra, sendo uma forma alternativa de compartilhamento de saberes. Ainda hoje temos uma mídia alternativa negra, que contrária as grandes corporações midiáticas, informa e educa o povo negro. Com as tecnologias de hoje, podemos fazer a informação chegar dentro das casas das famílias, independente de fronteiras, com uma velocidade que não era possível na época. Potencializando as capacidades de diálogos e organizações, mas, por outro lado, nos faz admirar mais ainda as organizações ocorridas nos séculos XIX e XX através de jornais, panfletos, encontros e luta.

A arte também teve papel fundamental na educação do povo negro. Abdias do Nascimento, um dos intelectuais negros mais importantes da nossa história, fundou o Tea-

tro Experimental do Negro, uma companhia teatral voltada para o desenvolvimento da conscientização racial para a luta pela cidadania.

O Teatro Experimental do Negro (TEN) (1944-1968) nasceu para contestar a discriminação racial, formar atores e dramaturgos negros e resgatar a herança africana na sua expressão brasileira. O TEN alfabetizava seus primeiros participantes, recrutados entre operários, empregados domésticos, favelados sem profissão definida, modestos funcionários públicos, e oferecia-lhes uma nova atitude, um critério próprio que os habilitava também a indagar o espaço ocupado pela população negra no contexto nacional. O TEN também publicou o jornal *Quilombo* (1948-1950), que apresentava em todos os números a declaração do “Nosso Programa”. A reivindicação do ensino gratuito para todas as crianças brasileiras, a admissão subvencionada de estudantes negros nas instituições de ensino secundário e universitário [...] (Gomes, 2017, p.30-31).

Novamente um movimento, negro, que tinha papel educativo fundamental para a população negra, dando oportunidades a pessoas que estavam às margens da sociedade, não só de aprenderem a ler e escrever, ou sobre a arte da dramaturgia, mas principalmente entenderem seus direitos e a importância da luta civilizatória, por melhores condições de trabalho, moradia, educação, da luta por direitos civis.

Aqui no Rio Grande do Sul, dentre muitos movimentos importantes, um dos primeiros grupos do Movimento Negro, institucionalizados de Porto Alegre foi o Grupo *Palmares*. Segundo Elenir Gularte Marques (2019):

O Grupo *Palmares*, que se revezou entre duas coordenações, Oliveira Silveira e Helena Vitória Machado, teve duração de 1970 a 1978, conforme constatamos em reportagens de jornais e documentações do grupo. O grupo foi, num primeiro momento, formado por homens que se reuniam na Rua da Praia e em bares, mas a partir de 1972 já era formado por mulheres em sua maioria, conforme

observamos em fotografias, e as reuniões a partir deste período ocorreram em clubes, universidades e casas dos militantes (Marques, 2019, p. 21).

Idealizado por Oliveira Silveira, Palmares surgiu da ideia de que fosse um grupo cultural e de estudos, onde pudessem, a partir de referências negras, revisar aspectos da história do negro no Brasil. Segundo Marques (2019), "A finalidade do grupo era conhecer a história das relações raciais, inspirando-se nos debates socialistas, no Movimento de Negritude, nas independências africanas e nas lutas pelos direitos civis estadunidenses" (Marques 2019, p. 21). A partir destes diálogos construídos nestes encontros, que ocorreram em um período de inúmeras censuras em função da ditadura militar, em 1974, o grupo propõe a data do 20 de novembro (em referência a Zumbi, o último rei da República de Palmares), como uma alternativa ao 13 de maio (data da assinatura da Lei Áurea), como referência a celebração do povo negro, substituindo a ideia de uma liberdade consentida por uma concepção de uma liberdade conquistada. Essa iniciativa se difundiu em diversas cidades e estados do Brasil, culminando, através do Movimento Negro Unificado, no "Dia Nacional da Consciência Negra", data importante onde debatemos até hoje questões da negritude, relembramos figuras negras históricas, contando histórias que a escola não conta e reforçamos a importância da história e cultura da população negra na construção social do Brasil e de diversos lugares do mundo. Foram muitos anos de luta do Movimento Negro até que em 2003, a partir da sanção da Lei 10.639, o Dia da Consciência Negra entrou oficialmente no calendário escolar.

No ano de 2023, a Faculdade de Educação da UFRGS recebeu um acervo de Oliveira Silveira¹⁰, e no dia 20 de novembro de 2023, Oliveira Silveira recebeu um Título de Dou-

10. <https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/reportagem-matinal/ufrgs-recebe-acervo-de-oliveira-silveira/>

tor *Honoris Causa* (in memoriam), também pela Universidade do Rio Grande do Sul. Reconhecimento mais que merecido a esta figura afro-gaúcha que nos deixa um legado de luta, amor preto e coletividade.

Organizações como o grupo Palmares e tantas outras organizações e iniciativas marcaram a história afro-brasileira, e como falamos agora sobre a Lei 10.639/03, é importante lembrar que essas lutas só se tornam direitos civis através da política. É através dela que criamos e reescrevemos leis, para que através delas possamos reivindicar direitos. A Frente Negra brasileira, que mais tardar se tornou um partido político, era, segundo Gomes:

[...] associação de caráter político, informativo, recreativo e beneficente surgiu em São Paulo em 1931, com intenções de se tornar uma articulação nacional. Composta por vários departamentos, promovia a educação e o entretenimento de seus membros, além de criar escolas e cursos de alfabetização de crianças, jovens e adultos. Visava também a integração dos negros na vida social, política e cultural, denunciando as formas de discriminação racial existentes na sociedade brasileira daquele período (Gomes, 2017, p.30).

A Frente Negra Brasileira chegou a se tornar um partido político em 1936, mas teve seu caminho interrompido em 1937 através de um decreto assinado por Getúlio Vargas que tornava todos os partidos políticos ilegais. Os avanços desses movimentos foram ameaçados pela ditadura militar, mas em resposta as arbitrariedades da ditadura, entidades diversas do Movimento Negro se articularam fundando na década de 70 o MNU (Movimento Negro Unificado) que no princípio era chamado de MUCDR (Movimento Unificado Contra a Discriminação étnico-racial), como herança deste movimento temos grandes intelectuais negros que até hoje são referências nos estudos, nas pesquisas e na luta pela equidade racial. Que adentraram a academia e colocaram o negro como protagonista em suas pautas pelo

trabalho e educação. Graças a essas tantas lutas, o MN foi aprendendo e se reinventando, se apropriou da discussão de raça feita de forma pejorativa pela branquitude, e ressignificou um termo que foi criado para nos discriminar, se utilizando dele para conquistar direitos. Em relação à educação tivemos conquistas muito significativas, como por exemplo a alteração da LDB, pela lei 10.639/03, que torna obrigatória a inclusão no currículo da temática sobre a história e cultura africana e afro-brasileira, e a discussão das Ações Afirmativas que culminou na sanção da lei 12.711/2012, que dispõe sobre cotas sociais e raciais para ingresso nas universidades federais e instituições federais de ensino técnico de nível médio e a sanção da lei 12.909, de 2014, que reserva a negros 20% das vagas oferecidas em concursos públicos.

A geração de hoje, é fruto dessas conquistas, fruto de uma geração que teve acesso às ações afirmativas e hoje ocupa espaços que nossos ancestrais foram impedidos de ocupar. Isto nos potencializa, nos coloca em espaços dentro do poder executivo, judiciário e legislativo. Forma cada vez mais intelectuais que reforçam os saberes da população negra dentro da academia, sendo protagonistas de suas próprias pesquisas, criando reflexões e teorias, e tensionando espaços historicamente brancos e excludentes. A geração negra do século XXI, se reinventa em suas formas de denúncia, utiliza as tecnologias como arma para empoderar a juventude negra, levar conhecimento aos que foram privados da educação, se organizar, debater, aprender e reverberar os saberes das gerações que lutaram tanto para que estivéssemos aqui. Nós somos o sonho dos nossos ancestrais, uma geração que vem abraçando a luta, e seguindo o movimento, e esse movimento é negro. Seguimos fazendo a roda girar.

Nilma Lino Gomes nos trouxe essa reflexão sobre o Movimento Negro educador, que historicamente constrói

saberes a partir de suas lutas, nos dando a oportunidade de uma educação que nos é negada na escola. Foi nele que encontrei acolhida, foi no MN que busquei caminhos para oferecer aos meus alunos uma educação antirracista que nunca me foi oferecida. Foi com este movimento que tive acesso a livros, artigos, textos, palestras, eventos, rodas de conversa, que me ajudaram a entender nossa sociedade e meu papel como professora negra. E foi através dele também que tive contato com intelectuais negros que se dispuseram a fazer a tradução intercultural das críticas e teorias sobre as temáticas raciais produzidas na academia, para nós, que estávamos fora dela. Foi vendo, ouvindo e aprendendo com esses intelectuais, que me autorizei a tentar o Mestrado. Que vi que a universidade podia ser um espaço meu e que os saberes construídos na minha trajetória com meus alunos eram válidos. Foi importante ver essas pessoas negras na universidade para me permitir hoje estar aqui.

Tive muito medo da minha experiência na academia, mas quando entrei no Mestrado eu sabia que precisava me aquilombar. Nos unimos entre os estudantes que ingressaram no mestrado a partir das ações afirmativas no ano de 2019 e formamos um grupo que se acolhe e se fortalece, se tornando resistência em um espaço que muitas vezes nos passa a mensagem de não ser nosso lugar. Sinto-me mais forte junto a eles. Nos reuníamos semanalmente para conversar sobre nossos trabalhos, nossas leituras, as frustrações, sobre os desafios, mas também para celebrar nossas vitórias. Não éramos muitos, mas estávamos unidos e assim fomos mais fortes, e este aprendizado foi o movimento negro que nos deu. Dialogamos sobre os caminhos até o Mestrado com pessoas negras interessadas a enfrentar esse desafio. Mostramos que o caminho é possível, e que estaremos lá para acolhê-los. Não faz sentido estarmos sozinhos nesses espaços, não mais. Queremos cada vez mais, Mestres, Douto-

res, professores universitários, inclusive em nosso programa de Pós-Graduação, que no período de minha qualificação de Mestrado (2020), não tinha nenhum(a) professor(a) negro(a), e que hoje felizmente tem a presença de duas professoras negras, mas queremos mais. Queremos seguir para romper com a solidão desses professores.

Gladis Kercher foi a única professora negra com quem tive aula (em um curso de extensão UNIAFRO/UFRGS) em toda a minha formação universitária, até chegar na Pós-Graduação e assistir aulas de professores convidados, e posteriormente com a própria professora Gladis quando felizmente entrou no PPGEduc. Queremos estar juntos e dar continuidade em suas lutas e conquistas dentro da universidade, queremos ser representatividade para que as próximas gerações se vejam representadas nesses espaços. Queremos o Movimento Negro inserido nos espaços formais de educação, sendo valorizado por seus saberes, por suas lutas, que não ensinam somente a população negra, mas toda uma sociedade, a ser mais igualitária, justa e democrática. São ensinamentos que o movimento negro nos proporciona, tanto nos espaços formais como nos espaços não formais de educação. É o que buscamos com nosso aquilombamento na Pós, com projetos como o Empoderadas IG e tantos outros, o aquilombamento como forma de resistir e existir neste mundo, mostrando quem somos, o orgulho de onde viemos e as tantas perspectivas de quem podemos ser.



Figura 4. Foto dos Negros na UFRGS, NOV. 2023.

Fonte: Vitor Hugo Xavier/ ASSUFRGS



Eu sou a Maria Eduarda, tenho 19 anos de idade, atualmente estou trabalhando e cursando processos gerenciais. Entrei no projeto através de um convite da sora Lu, em 2018, antes mesmo de participar do projeto eu já acompanhava e gostava muito.

Durante esse tempo no projeto eu aprendi muuuuitas coisas, entre elas a que mais fez sentido para mim durante um período de transição da adolescência para a vida adulta foi acreditar mais em mim, e adquirir bastante conhecimento, de onde eu venho, a raça, meu lugar de fala. A educação antirracista abre muitas portas para evoluir a mente fechada, que muitas vezes é por falta de informação e educação familiar, acredito que não nascemos racistas, somos ensinados, e com o tempo podemos ser moldados e ter nossas próprias escolhas e caráter. Como o projeto, que luta por uma educação antirracista que é uma luta incansável mas que nós sempre vemos que está dando certo, com feedbacks de alunos, da sociedade e de quem nos acompanha.

4. EMPODERADAS IG: AS RESISTÊNCIAS E RE-EXISTÊNCIAS DO QUILOMBO QUE EXISTE EM NÓS.

“[...] chamei pelo nome uma a uma das alunas que estavam no fundo da sala assistindo, e elas desfilaram até a frente da sala onde eu estava, com uma música que haviam escolhido. Este momento foi muito simbólico para mim, pois percebi os olhos dos alunos brilhando ao olharem para as meninas. Elas não eram atrizes famosas, não eram cantoras, artistas de TV, eram jovens de escolas públicas como eles(as) que estavam empoderadas, desfilando com orgulho de sua cor, seus cabelos, seus corpos, eram representatividades reais. Ali eu entendi o propósito do projeto, empoderar jovens de escolas públicas para que eles e elas se tornassem representatividade para outros alunos”
(Ramos, 2021. p. 62)

Quando começamos o projeto em 2016, utilizei como isca para atrair os jovens o tema “cabelo crespo”, como já fiz referência, estimulando assim as alunas e os alunos a se interessarem em estudar a partir de um tema atual, interessante e diretamente relacionado a saúde, respeito e autoestima. Ofereci para as alunas e alunos da escola a possibilidade de nos encontrarmos no contraturno uma vez por semana durante três meses, e nesses encontros iríamos estudar técnicas de cuidados mais naturais com os cabelos (hidratações, nutrições, reconstruções do fio), estudar sobre representatividade, racismo, feminismo negro, questões de gênero e assuntos que envolvessem o am-

biente escolar. Treze meninas aceitaram participar, e iniciamos o projeto que acontecia todas as quartas feiras no laboratório de ciências.



Figura 5. Primeiro registro das Empoderadas IG. Agosto/2016.

Fonte: arquivo pessoal da autora

Iniciamos as atividades a partir de debates sobre representatividade, começamos a pesquisar onde estavam os personagens negros nas novelas, e dialogamos sobre estas imagens de controle, que sempre colocava pessoas negras em lugares de subordinação. Começamos a trabalhar a autoimagem das meninas, pedi que buscassem youtubers (que estavam bem em alta na época) que se parecessem com elas, e observei que muitas escolheram mulheres que diziam que achavam parecidas, “mas eram

bonitas". Algumas das que alisavam o cabelo buscaram youtubers que achavam ter os cabelos parecidos com o seu natural, e algumas meninas disseram alisar os cabelos há tanto tempo que diziam não lembrarem de como eram seus cabelos naturais, o que me fez refletir sobre como algumas crianças negras que alisam seus cabelos desde cedo, não conseguem lembrar de como eram, mas lembram muito bem da violência que sofriam em função dos cabelos crespos. Percebi que ao estudarmos os diferentes fios, os tipos de cuidados mais naturais com os cabelos, fizemos com que elas curassem um pouco desse ódio, e começassem a olhar e a cuidar dos seus cabelos com mais carinho.

Outra atividade que fizemos foi na visita da Professora Carla de Português, que preparou para a gente uma aula sobre as princesas da Disney. Como Leni Dornelles pontua, pudemos observar as imagens que essas personagens de desenhos infantis passavam para nossas crianças:

Com relação aos marcadores de beleza, também podemos tomar como exemplo tanto as histórias infantis nórdicas como as histórias das princesas Disney, tão comuns nos filmes, nos produtos de higiene, nos materiais escolares, etc. A maioria das imagens desses artefatos culturais vinculadas na mídia mostram fadas e princesas brancas, magras, loiras, com longas madeixas e olhos azuis (Dornelles e Marques, 2015, p. 115).

Além da questão da imagem, as meninas se mostraram incomodadas pelo fato das princesas, em sua maioria, esperarem por um príncipe salvador que iria mudar as suas vidas. Foi uma aula rica, de um debate muito potente. Estudamos sobre o efeito de químicas no couro cabeludo e o quanto isso pode ser prejudicial à saúde, tivemos oficinas de turbantes, lemos juntas textos da Angela Davis, da Djamila Ribeiro, estudamos teorias do feminismo negro e dialogamos muito sobre assuntos que muitas vezes são considerados tabus dentro das escolas. Ao final dos três

meses de projeto não só eu, como outros professores já identificávamos outra postura nas alunas. Muitas já começaram a soltar seus cabelos, que antes só ficavam presos, estavam aceitando melhor o volume dos seus cachos, estimulavam umas as outras a se libertarem, algumas inclusive decidindo iniciar a transição capilar (momento em que a pessoa decide abandonar o uso de químicas e alisamentos e opta por deixar seu cabelo natural), e sua autoestima havia melhorado, fazendo com que estivessem mais proativas e mais participantes nas aulas.

Recebemos então, um convite inesperado, visitar uma escola na Lomba do Pinheiro para contar sobre o nosso projeto e nossa experiência para os alunos, iríamos conhecer a escola Sain't Hilaire. Em 2016, com poucos meses de projeto, foi um desafio aceitar este convite, pois não sabíamos como resumir os três meses de vivência que tivemos no projeto em uma palestra. No dia da visita, eu e minhas alunas nos encontramos e fomos de ônibus, juntas para a Lomba do Pinheiro. A escola era grande, nossa ansiedade também. Começaram a chegar as turmas e foram se organizando na sala de vídeos. Iniciei a palestra contando um pouco a minha experiência até chegar como professora da rede pública estadual, e do porquê decidi criar o projeto. Contei um pouco do que estudamos e dos reflexos que esses três meses de estudos tiveram nas minhas alunas e em nossas relações.

Como combinado previamente, em determinado momento da palestra comecei a chamar uma por uma das minhas alunas, que estavam sentadas no fundo da sala, e elas desfilavam até a frente para ficarem comigo. Foi nesse momento, vendo o brilho nos olhos dos alunos da Sain't Hilaire olhando minhas alunas, que entendi, que elas eram representatividades reais para eles. Eles não estavam vendo atrizes de TV, cantores, modelos famosas, estavam vendo alunas de escola pública, como eles, que estavam em-

poderadas, se amando, orgulhosas de seus Black Powers, de suas origens e de sua negritude. Fiquei emocionada. Entendi o propósito do projeto. Não era sobre mim, sobre atores, atrizes ou diferentes profissionais. Era sobre elas, alunas de escola pública se tornando representatividade para outros alunos, alunas de escolas públicas que estavam se permitindo se amar.



Figura 6. Primeira visita do projeto na escola Sain't Hillaire. Outubro/ 2016.

Fonte: arquivo da autora.

Depois da palestra na escola Sain't Hilaire, havíamos organizado o dia da consciência negra na escola. As alunas estavam muito nervosas, muitas delas estavam soltando os cabelos para os colegas pela primeira vez. Eu observava o quanto era difícil para elas se libertarem em um am-

biente que para elas já foi tão hostil, afinal, foi na escola que mais ouviram que seus cabelos eram feios, que eram cabelos ruins. Elas me diziam que desfilarem em outra escola era muito mais fácil do que desfilarem na escola onde estudavam, para alunos que elas conheciam. Reuni todas elas na biblioteca, e fomos nos arrumando juntas, conversando sobre nossas experiências durante aqueles três meses, sobre aquele dia que marcava o encerramento do nosso projeto, e que não importava onde estivéssemos, se estivéssemos juntas estaríamos mais fortes. Falei para elas que nenhuma delas era obrigada a desfilarem, que se alguma estivesse se sentindo mal em se expor, não tinha problema não participar. Uma delas pediu para não desfilarem, tremia de nervosa. Combinamos de que se batesse a insegurança era para olharmos umas para as outras, e então, saberíamos que não estávamos sozinhas.



Figura 7. Registro da primeira palestra do projeto no IG. Novembro/2016.
Fonte: arquivo da autora.

A palestra foi um sucesso, os alunos vibravam a cada aluna que desfilava e se mostravam surpresos com as “novas versões” de suas colegas. O nervosismo e a ansiedade delas deu lugar a realização, estavam animadas, orgulhosas, felizes. Encerramos o ano de 2016 com chave de ouro. Eu estava feliz, pois sentia que em pouco tempo consegui tocar aquelas vidinhas de uma maneira que marcaria elas positivamente para o resto de suas vidas, e elas também, me marcaram, me ensinaram e me deram esperança.



Figura 8. Final do ano de 2016.

Fonte: arquivo da autora

Em 2017 iniciaram os parcelamentos de salário dos professores do Estado do Rio Grande do Sul. Nossos salários já estavam congelados desde 2015, e agora ainda seriam parcelados. Eu fiquei muito mal com tamanho desrespeito, pensei sobre o projeto e decidi por não o retomar naquele ano, afinal o projeto era voluntário, e ficaria difícil

abraçar toda a responsabilidade, engajamento e trabalho que o projeto carecia, para não receber nem o meu salário completo no final do mês. Meu coração doeu com essa decisão, mas eu me sentia sem forças para seguir. Constar isso para as alunas foi difícil, elas me buscavam nos corredores perguntando se naquele ano não teria projeto mesmo, em todas as aulas, pediam pelo retorno do projeto. Alunos que não faziam parte diziam que o projeto tinha que voltar porque eles queriam participar, e alunas novas na escola vieram me dizer que entraram no “IG” por causa do Projeto Empoderadas. Quando os alunos estão determinados e se empenham em conseguir alguma coisa, é muito difícil dizer não para elas(es). E foi assim com o projeto. Por elas/eles, eu precisava voltar, mas o projeto teria que ter outros moldes, eu não teria como me comprometer com os encontros semanais, pois havia começado a dar mais aulas extras para aumentar minha renda, teríamos que abrir uma “seleção” para novas integrantes, e com certeza eu precisaria de ajuda, não daria conta de organizar o projeto sozinha.

Meu primeiro passo foi convidar duas professoras, parceiras e amigas para participar do projeto. A Tainá Albuquerque, que havia participado como visitante do projeto no ano de 2016 e deu para as meninas uma oficina de finalização dos cabelos e de amarrações e turbantes. A Tainá é professora de arte, e trouxe todo o seu olhar artístico para agregar ao empoderadas. Também convidei a Thaynah Menna Barreto, professora de Inglês, apoiou o projeto desde o início levando muitas das nossas discussões para dentro da sala de aula, nos brindou com a representatividade do grupo LGBTQIAPN+, enriquecendo nossos debates e ampliando nossas discussões sobre respeito. As duas professoras, parceiras e amigas me deram a força que eu precisava para seguir com o projeto, é importante a gente saber quando pedir

ajuda, é importante a gente identificar aliados para podermos seguir mais fortalecidos.



Figura 9. Com as professoras Thaynah M. Barreto e Tainá Albuquerque, 2017
Fonte: arquivo da autora.

Com novas professoras e um novo grupo, conseguimos também uma “nova” sala. Havia uma sala na escola que não era utilizada, e ela estava bem suja, e feia, mas conseguimos aquele espaço e tínhamos um grupo disposto em transformar ele em nossa nova casa. Começamos pela limpeza e uma campanha de doação, aceitamos das pessoas, livros, almofadas, tapetes, produtos de limpeza, tudo que nos ajudasse a transformar o local e deixar ele acolhedor para os nossos encontros. Nos reuníamos para termos ideias e tomarmos decisões. Quando começava a “faxina” as meninas colocavam música, cantavam, dançavam, enquanto iam limpando, retirando o que iria para o lixo e organizando as doações que chegavam.



Figura 10. Construção da salinha do projeto, 2017.

Fonte: arquivo da autora.

Tivemos a ideia de lançar o projeto nas redes sociais. Eu tinha muito medo, não somente pela exposição das meninas, mas pelo alcance das redes que é muito grande, por outro lado, aproveitando esse alcance poderíamos ajudar mais crianças, chegar a mais casas e escolas e multiplicar nossa luta. Conversei muito com as alunas sobre a responsabilidade de irmos para as redes, sobre a importância de estudarmos cada vez mais, elas estavam animadas, e a animação delas vencia meu medo. Fizemos autorização dos pais para o uso da imagem delas, e tivemos a ideia de fazer

uma inauguração da nossa salinha, com fotos das meninas e do espaço para colocarmos nas redes. Conversei com um amigo, fotografo e videomaker, o Kadu Casales, pedindo dicas para fazer as fotos das meninas. Ele, que já conhecia a proposta do projeto me disse, “marca uma data que eu vou lá com uns guris da Restinga (bairro de Porto Alegre) que eu estou dando uma força, e fazemos as fotos para vocês”, quando contei para elas, nem acreditaram. Marcamos a inauguração da nossa salinha e trabalhamos muito até a data para que ela ficasse bonita e que de alguma maneira representasse a identidade do nosso projeto.



Figura 11. Inauguração da sala do projeto em 2017

Fonte: arquivo da autora.

A partir da inauguração iniciamos então uma parceria com o Kadu Casales¹¹, que se propôs a fazer toda a parte de imagens e edição de vídeos no nosso projeto. Ele nos tornou visíveis.

11. Kadu Casales: <https://www.instagram.com/ftkaducasales80/>



Figura 12. Kadu Casales registrando nossos momentos
Fonte: arquivo da autora.

Começamos a receber convites inesperados, participamos de programas de rádio, de televisão, era tudo muito novo para nós, mas era muito legal poder potencializar nossa luta através de grandes redes de comunicação. Eu percebia as meninas com uma melhor desenvoltura nas entrevistas, suas falas estavam mais potentes e com argumentos mais elaborados, tanto eu quanto elas estávamos aprendendo muito com essas experiências.

Em 2017, com a entrada de novos integrantes no grupo recebemos os primeiros meninos a fazerem parte do Empoderadas. Foi muito importante para os outros meninos

da escola entenderem que também era um espaço para eles, e a partir dali começamos a incluir em nossos estudos questões sobre masculinidades. Entender que o machismo também afeta os meninos e as tantas maneiras como isso ocorre foi essencial para o nosso grupo e para o acolhimento dos meninos.



Figura 13. Primeiros meninos a ingressarem no projeto Empoderadas, 2017

Fonte: arquivo da autora.

Um momento do projeto que me chamou muito a atenção, foi em um dia que eu estava na escola e comecei a receber muitas mensagens de parabéns, nosso projeto apareceu em dois jornais impressos de Porto Alegre. Ficamos muito felizes. Mais tarde olhando as redes sociais, as legendas dos meus alunos para sua aparição no jornal era "Tem Preto no jornal, e não é na página policial. Nos deem educação e faremos a revolução", fiquei emocionada por perceber o quanto para eles era importante estarem em

um jornal de forma positiva, como jovens que ajudavam alunos de outras escolas a melhorar sua autoestima, e não em páginas policiais como estavam acostumados a ver jovens negros.



Figura 14. Reportagens sobre o projeto Empoderadas, 2018
Fonte: arquivo da autora.



Video: O direito de ensinar

Nosso projeto se tornou um grupo de estudos, para empoderar jovens e visitar outras escolas para compartilhar um pouco do que juntas e juntos aprendemos. O primeiro semestre era considerado nosso momento de empoderamento, onde líamos livros, assistíamos palestras, discutíamos sobre vídeos, filmes, artigos, textos que nos ajudassem a ampliar nosso repertório intelectual e entender melhor as questões da negritude e desta luta que fazemos parte. O segundo semestre era considerado nosso momento de ação, onde partíamos para a prática e visitávamos outras escolas públicas, levando os alunos do projeto como representatividade para os alunos das escolas, e dialogando sobre educa-

ção antirracista, padrão de beleza, saúde mental, diversidade e respeito. Cada escola que visitávamos era um novo mundo que conhecíamos, tínhamos a oportunidade de conhecer seus trabalhos e a forma como resistem ao sucateamento da educação pública. Momento ricos, de muita troca e aprendizado, que era, registrados pelas lentes do Kadu Casales para que pudessemos compartilhar em nossas redes as potências das periferias e para que esses alunos pudessem se ver.



Figura 15. Registros de visitas às escolas, 2017 a 2019

Fonte: arquivo da autora.



Video: Escola
Pasqualini

No início do ano de 2019 recebemos da direção da escola a triste notícia de que iríamos perder nosso espaço, nossa salinha. A justificativa foi a de que queriam refazer o CPM (Conselho de Pais e Mestres) da escola, que desde 2015, quando ingressei já não existia, e continua não existindo até hoje. Falar sobre racismo dentro da escola é tensionar relações. No fundo entendemos que geramos um incômodo dentro da escola e infelizmente a reação da direção a esse incômodo foi nos afastar. Foi um momento muito difícil, onde me senti muito sem forças. Contar para as meninas foi triste, e desmontar a nossa salinha, retirando cada cartaz, nossa biblioteca, a marca de cada aluno que já havia passado pelo projeto nos fez chorar, mas desistir não foi uma opção cogitada por nós. Tivemos que nos reinventar. Sem um local fixo, fomos acolhidos pela Associação Vila Flores e pudemos utilizar o espaço deles para os nossos encontros. Tivemos o apoio de muita gente que se solidarizou com o momento em que estávamos vivendo e isso nos fortaleceu muito. Entendemos que nós somos o nosso próprio Ile (que significa casa em iorubá), e que, como na época me disse a Profa. Gladis, não é porque destroem um quilombo que toda a resistência e sonhos ali construídos vão se acabar com aquele espaço físico, pois o que é construído ali, segue dentro de cada um de nós, este ensinamento levamos até hoje, tanto nos momentos de dificuldade onde precisamos nos reinventar, resistir e (re)existir, como nos momentos de conquistas e de felicidades, onde olhamos para trás e valorizamos cada passo dessa caminhada longa, linda e desafiadora que nos faz seguir em frente. Mesmo fora da escola, nós seguimos com nossos estudos, nossas visitas a escolas, participações em eventos, trocas e muitos aprendizados.



Figura 16. Empoderadas no Vila Flores. 15/06/2019

Fonte: arquivo da autora

Terem nos tirado do IG, foi um momento de minha vida em que senti muita raiva, e hoje entendo que ela quando bem canalizada pode mover mundos. Uns dias depois de nos tirarem da escola, vi que o edital para a seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS estava aberto, e como dizem minhas alunas, “na força do ódio”, me inscrevi pela primeira vez. Eu, mesmo sonhando há muito tempo com o Mestrado, nunca havia me inscrito, pois, para mim, eu não tinha o perfil de uma pesquisadora. Lembrava dos meus colegas da Esefid que participavam dos grupos de pesquisas e eles eram muito

diferentes da minha pessoa, em sua maioria brancos, pessoal mais quieto, que não saía muito, não era um pessoal que gostava de festa e agito como eu. Quando eu falava com os colegas e as colegas que estavam no Mestrado, todos brancos, pedia caminhos para fazer a seleção e eles me diziam que era tranquilo, era só eu ter algum contato com algum professor dos grupos de pesquisa que futuramente poderiam ser meus orientadores, mas eu não tinha contato nenhum, e me descorajava em ver passar sempre nas seleções os colegas que eram muito próximos ou estavam sempre com esses professores. Até então, eu nunca tinha pensado em fazer meu mestrado na Educação, e quando vi aquele edital aberto pensei que lá eu teria a possibilidade de estudar meu tema de interesse no momento que era a educação antirracista e a vivência que eu vinha tendo com as meninas, então sem pensar muito me inscrevi, e de etapa em etapa, fomos passando até a aprovação do projeto. Sim, as Empoderadas saíram do IG para a UFRGS.



Figura 17. Empoderadas na UFRGS. 02/05/2019
Fonte: arquivo da autora.



Video: Saida do IG

Conheci minha orientadora, Magali Mendes de Menezes e logo de cara percebi que nos daríamos bem, ela me pediu para viver o primeiro semestre, escolher disciplinas que eu achasse que dialogassem com minha pesquisa, ler os textos, encontrar autores que fizessem sentido para o caminho que eu estava escolhendo, e assim o fiz. Outro movimento que fiz ao entrar na Pós foi ir atrás dos meus colegas negros. Lembro que de fora observei as mudanças nas cores da UFRGS, que no meu tempo eram muito brancas, e eu podia observar que isso estava mudando muito, fizemos nosso grupo, inicialmente de Mestrandas e Mestrandos pretos que entraram no segundo semestre de 2019, e eu não imaginava naquele momento o quanto eles seriam essenciais para a minha permanência na UFRGS. Com as Empoderadas, seguimos fazendo os encontros no Vila Flores. Apesar do lugar ser lindo, ter uma energia quase mágica, era mais difícil realizar os encontros lá, pois era mais longe de onde a maioria dos alunos moravam, então eu precisava fazer vaquinhas (arrecadações) nas minhas redes e contar com a ajuda de amigas, amigos e familiares para pagar as passagens dos jovens para os encontros, mas seguimos como conseguimos, até que um evento inesperado imobilizou o mundo todo, a pandemia da Covid-19.

Em 2020 começou o isolamento social, e passamos a ter uma vida virtual, aulas online, encontros online, vidas online. Fiz uma vaquinha para comprar livros para as meninas, os amigos ajudaram muito e consegui comprar dois para cada uma. Com máscara e muito álcool gel, eu e minha mãe (sempre minha parceira nessas aventuras) passamos na casa de cada uma delas, desci do carro, e sem

abraços (mas louca para abraçar) entreguei os livros e junto com eles uma cartinha, onde eu convidava elas oficialmente para fazerem parte da minha pesquisa, que mais do que nunca se tornava nossa. Todas as meninas aceitaram e começamos a fazer nossos encontros do Mestrado online, inicialmente lendo juntas meu projeto de pesquisa onde elas traziam suas colaborações e considerações sobre o que escrevi, sobre o que lembravam dos momentos que vivemos e também, falavam sobre o que a leitura remeteu a elas a cerca de suas próprias experiências. A princípio e, em função da pandemia, eu convidei 6 (seis) das integrantes do grupo para participarem, com os demais, fizemos alguns encontros online também, e os diálogos iam muito no caminho deles e delas fazerem trocas e desabafos sobre como estava sendo para elas(es) aquele momento tão difícil. Lembro que frases como “Eu estou no ensino médio e nunca pisei em uma escola de ensino médio”; “Eu entrei na UFRGS e nunca pisei na UFRGS”; “eu não vou abrir meu microfone pois eu moro com muitas pessoas e está uma barulheira aqui”; “sinto que estou perdendo o melhor momento da minha adolescência”... faziam parte daqueles desabafos e me deixavam muito reflexiva. Alguns dos integrantes não conseguiam participar pois não tinham celular, ou tinham celular mas não tinham internet, outras para participar pegavam o celular de suas mães. Foi um momento muito difícil onde eu me questionava muito, para quem era essa educação remota que estava acontecendo. Quantos alunos de escolas públicas estavam sendo prejudicados por não terem condições básicas para poderem assistir suas aulas online? Hoje vivemos nas escolas os reflexos desse período, mas seguimos como podemos, a pandemia marcou de diversas maneiras a vida de todo mundo, e marcou a nossa também.

Ainda estávamos em pandemia quando fizemos a defesa de nossa qualificação no Mestrado, a apresentação foi

online, tinham muitas pessoas na sala. Eu havia ensaiado a apresentação, primeiro com o grupo de orientação dos Mestrandos Pretos, e depois com meu grupo de orientação da Profa. Magali, me sentia pronta, mas estava ansiosa. Tive medo que a internet caísse na hora, que algum vizinho fizesse alguma obra com muito barulho (com as pessoas o tempo todo em casa a gente ouvia muito mais barulhos no condomínio), mas tudo deu certo, a apresentação correu bem e começaram as considerações da banca. Tanto a Professora Gladis, como a Professora Cida me emocionaram com suas colaborações (muitas das provocações delas aparecem nesta versão final do trabalho), quando elas saíram da sala para juntas avaliarem e fazerem o parecer final, amigas, amigos, familiares começaram a abrir a câmera e foi muita emoção. As pessoas haviam acompanhado toda a nossa trajetória no Empoderadas, a transformação das meninas, o crescimento do projeto, nossa saída do IG, nossa entrada no Mestrado na UFRGS, então era um momento de vitória coletiva, pois literalmente sem meus amigos, minha família e principalmente minhas alunas acreditando em mim, eu não estaria ali, na qualificação do Mestrado. Choramos muito, recebi muito carinho, as pessoas gostaram muito da apresentação e de compreender melhor os caminhos que a pesquisa estava trilhando e eu fiquei muito feliz em compartilhar o que a gente vinha fazendo e os aprendizados que estávamos tendo em decorrência disso. A banca demorou a voltar, o que me deixou um pouco nervosa, mas elas voltaram sorridentes, com um parecer que me deixou paralisada. Disseram que nosso trabalho era de excelência, que havia uma maturidade no diálogo com os autores e na pesquisa que eram a nível de doutorado, e que por isso, sugeriam minha/nossa mudança de nível, do Mestrado para o Doutorado, pois a nossa pesquisa merecia mais tempo para ser bem concluída com toda a potencialidade que ela apresentava. Não sei explicar a emoção que

senti, só consegui chorar, pois passava um filme na minha cabeça, de tantos “nãos” que recebemos dentro das instituições formais de educação em nossa trajetória, toda a nossa luta, minhas alunas segurando minha mão, não me deixando cair, me fazendo nelas, encontrar motivos para não desistir. Aquela banca, através da voz de minha orientadora que me acolheu com todo o carinho me dizia um SIM gigante. Para mim, mudança de nível era uma lenda dentro da UFRGS, eu não conhecia ninguém que havia feito, elas me disseram que a decisão era minha, que eu tinha que pensar bem para aceitar, pois seria todo um processo para realizar essa mudança, e eu, rindo de nervosa, disse sim. Eu só poderia dizer sim para essa linda oportunidade que nos ofereceram.



Video: Mudança de nível

Depois disso foram três meses de loucura, meu projeto de dissertação, depois de aprovado por uma banca interna do PPGEdU, se tornou projeto de tese, e precisei fazer uma nova dissertação para defender para a banca que me daria o título de Mestre, mudando assim, de nível para o doutorado. Neste meio tempo, uma nova onda da Covid-19 chegou com muita força, minha banca estava agendada para o dia 05/03/2021, mas, um dia antes do meu aniversário, no dia 26/02/21, minha mãe positivou para a Covid, e aquele momento, que antes parecia um sonho, começou a se tornar um pesadelo. Passamos nossos aniversários em casa, tentando manter um distanciamento social. O aniversário da mãe é no dia primeiro de março, fizemos vídeos da família homenageando ela, que já estava mais fraquinha. No dia dois de março a saturação da mãe

caiu muito, e eu e meu irmão entendemos que era a hora de levá-la para o hospital. Saímos de casa sem saber bem o que fazer, pois os postos e hospitais estavam lotados de pessoas que haviam contraído o vírus, e a mãe não tinha plano de saúde. Decidimos levá-la no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, pois ela já se consultava lá com o grupo de reumatologia. Acho que nossos anjos de guarda nos acompanharam, pois chegando lá, uma enfermeira atendeu a mãe no carro mesmo, pediu para meu irmão ir fazer a baixa dela, enquanto ela buscava uma cadeira de rodas para buscar minha mãe, ela seria internada. O alívio veio acompanhado do medo, ver minha mãe com seus 70 anos recém feitos, fraquinha, em uma cadeira de rodas sendo levada para ser internada, sozinha, e o medo de que aquele fosse meu último momento com ela... eu disse "fica forte aí mãe, que eu vou ficar forte aqui", e foi o que tentei fazer, parei de ver o noticiário, saí de grupos, pois não podia deixar as notícias compartilhadas me tirarem a esperança a qual eu me agarrava com toda a minha fé e todas as minhas forças. Falei com a Magali (minha orientadora) e ela me disse que estava em contato com o PPGEduc, para que a minha defesa fosse sem a minha presença, uma cerimônia com a leitura dos pareceres da banca, pois em um momento como este ela acreditava que minhas energias deveriam estar com minha mãe, e assim aconteceu.

Todos os dias às 17h, o doutor Amarílio do Hospital de Clínicas nos ligava para falar da mãe, muito atencioso, conversava comigo e com meu irmão Fabiano com muito carinho. No dia da minha defesa eu estava me sentindo triste, nunca tive muitas dificuldades de apresentar, então era um momento muito sonhado, ao mesmo tempo o cuidado da minha orientadora e do PPGEduc comigo, minha comunidade, que mobilizada pelos Mestrandos Pretos que me deram muita força nestes três meses de processo de mudança de nível, estive presente em grande número na

cerimônia, e pelo grupo de Whatsaap da família, fui sendo informada do quanto estava linda e emocionante, e de minha aprovação, estávamos no doutorado. Recebi muitas mensagens lindas, e um misto de emoções tomava conta de mim, pois a pessoa mais importante, que eu mais gostaria de compartilhar tudo aquilo não estava ali comigo. Um pouco mais tarde, Doutor Amarilio nos ligou, contou que a mãe cansou, e por isso optaram por entubá-la. Ele nos disse que era o melhor para ela, e que os próximos dias seriam essenciais para sabermos se o corpo dela iria responder ao tratamento. Naquela noite chorei sozinha, meu pai, também com Covid estava aos cuidados do meu irmão Fabiano, meu irmão Rafael estava começando a apresentar os sintomas, minha família estava tão feliz e orgulhosa com a banca que optei por deixá-los felizes por mais um tempo, antes de dar a notícia que faria todos, assim como eu, sentirem muito medo.

Ouvíamos muitos casos de pessoas que não conseguiam voltar da entubação, isso nos apavorava, doutor Amarilio nos tranquilizava dizendo que a mãe estava estável, e que nestes casos de Covid estar estável era uma notícia muito boa. Eu estava um pouco fraca, pois acabei contraindo o vírus também, mas tentava me fazer forte, por minha mãe, meu irmão Rafa, que estava pior que eu, e pela minha família e a rede gigante que estava em oração pela mãe e aguardava diariamente meu áudio com as notícias do dia. Todos os dias, perto das 16h30, eu me desconectava de tudo, olhava pela janela do meu quarto e rezava. Olhava para a cidade silenciosa, com menos carros que o normal, para os passarinhos voando e pensava na mãe, conversava com ela, com meus guias, e tentava ficar tranquila e positiva para receber a ligação do doutor Amarilio. Levamos uns sustos no caminho, mas um dia recebemos a notícia de que a mãe não estava mais com o vírus, que iria sair da UTI-COVID, e que poderia receber visitas de mim

ou do meu irmão uma vez por dia. Ficamos muito felizes, mas logo me dei conta de que eu não poderia visitá-la, pois ainda estava no final do ciclo da covid, fiquei arrasada, mas aliviada pelo meu irmão e pela minha Prima empregada Claudia (esposa do meu primo Leco) que trabalhava no Hospital de Clínicas, poderem ir visitá-la levando para ela um carinho que eu sabia que ela precisava. Meu irmão encontrou minha mãe irreconhecível, doutor Amarílio havia nos avisado, mas é difícil se preparar para algo assim, ele saía do hospital e me ligava, e eu repassava a notícia para um grupo de pessoas que passavam adiante para a nossa rede. Nesse meio tempo eu precisava homologar minha dissertação, era muito difícil em meio a tudo que vinha acontecendo. Minha Tia Leni me orientou neste processo e consegui, não queria ficar me preocupando com aquilo, queria estar para a minha mãe por inteira, e finalizar este processo foi importante por isso.

Os médicos avisaram meu irmão que minha mãe estava há muito tempo entubada, e que na idade dela, era perigoso, por isso iriam começar a tentar o desmame (como chamavam o processo de tirar a pessoa da entubação). Fizeram duas tentativas, e não conseguiram, pois a mãe ficava muito agitada, o que acelerava seu coração e era perigoso para o quadro clínico que apresentava. Nos disseram que iam fazer a última tentativa, e se não conseguissem, teriam que fazer uma traqueostomia¹². Naquele dia ficamos vigilantes e em oração, meu irmão me contou que conversou muito com ela (que ainda estava inconsciente pelos medicamentos) e que prometeu para ela que se ela ficasse calminha e ouvisse os médicos, ele me levaria para visitá-la. Rezamos muito, como nunca, eu, nossa família, nossos amigos, uma rede gigante de pessoas que amavam minha mãe e torciam muito por ela.

12. Se trata de uma intervenção cirúrgica, em que se abre um orifício na traqueia da pessoa, passando uma cânula que possibilita a passagem de ar.

No outro dia meu irmão foi para a visita e demorou muito a me ligar para dar notícias. A família inteira me chamando, estranhando a demora, e eu já estava em pânico quando recebo uma chamada de vídeo. Era meu irmão com a minha mãe, acordada, sem entubação e mandando beijinhos no vídeo, ela conseguiu! Desliguei o telefone e só conseguia chorar e agradecer, todos vibraram muito com a notícia, depois de muitas semanas, com ela, parece que voltamos todos a respirar. Como prometido, meu irmão me levou para visitá-la, e ela quando me viu sorriu, e me mostrava feliz para todos os técnicos de enfermagem que passavam dizendo com a voz rouquinha... "é a minha filha!", a médica conversou comigo e falou que ela ainta estava meio grogue¹³, disse que ela poderia falar algumas coisas sem sentido, e que não era para eu dar bola, pois durante uns dias ela ainda iria ficar assim pela forte medicação, isso nos rendeu muitas risadas, ela contava de visitas que não havia recebido (inclusive do prefeito e de minha melhor amiga Monique), contava de pacientes que não existiam e me cobrava o seu cartão de crédito, pois ela não estava participando dos rachas¹⁴ das refeições e estava devendo todo mundo no hospital. Foram dias de muita luta, em função do tempo de entubação, a mãe precisou reaprender quase tudo, a respirar com o auxílio do oxigênio, a engolir, a segurar objetos, se mover na cama, a levantar, a caminhar, e por último, respirar sem o auxílio do oxigênio, mas eram dias de sorrisos e muito amor, pois sabíamos que aquela luta era para levar a mãe para a casa, chance que estava sendo roubada de muitas famílias pelo tempo de demora que se levou para iniciarem as vacinações.

A mãe tinha uma equipe de profissionais incríveis e carinhosos, fisioterapeutas, médicas, fonoaudiólogas,

13. Pessoa que está um pouco tonta, atordoada.

14. Expressão que utilizamos quando cada um dá uma parte do dinheiro para pagar algo.

enfermeiras e as técnicas de enfermagem, que definitivamente são o coração do hospital. Apelidaram ela de Highlander¹⁵, pois com seus setenta anos, ela surpreendia a todos com a boa evolução de um quadro que é muito difícil de reverter. Aprendi muito com elas, que não paravam um minuto atendendo tantos pacientes com o hospital com uma lotação maior que o normal. Registro estes momentos nessa tese, pois a pandemia atravessou a minha pesquisa e a de muitos colegas de maneiras inimagináveis, e para deixar registrado aqui, meu agradecimento a todos os incansáveis profissionais de saúde que foram linha de frente neste momento tão delicado no país e no mundo, e para fazer um agradecimento especial a essa equipe maravilhosa do Hospital de Clínicas, que trouxe minha mãe de volta para mim. No esperado dia da alta, levei a mãe para tomar um banho, e quando saímos do banheiro do hospital, toda a equipe de enfermeiras, técnicas, e outros profissionais da saúde presentes fizeram um corredor de palmas para celebrar a vitória da mãe, foi muito, muito emocionante, pois sabíamos que aquele gesto era para a mãe, mas para eles também, que entre tantas perdas, se apegavam e celebravam as vitórias para não perder a esperança. Meu irmão Fabiano nos buscou, fomos pra casa e chegando no prédio, minha Tia Beth, minhas primas Amanda e Dora e meus priminhos Joaquim e Marina, representando a família, nos esperavam no estacionamento do prédio com uma faixa, balões e muita festa para darem as boas vindas para a mãe. Choramos muito, mas agora era de felicidade, os vizinhos batiam palmas de suas janelas emocionados, e nós, de máscaras, sem abraços, mas com a cumplicidade no olhar, de que havíamos vencido uma batalha muito grande, nos permitimos deixar o medo de lado, e viver aquele momento de felicidade.

15. Personagem de um filme do ano de 1986 que era considerado o guerreiro imortal.



Figura 18. Dona Neiva de volta ao lar. 29/03/ 2021

Fonte: arquivo da autora.

A recuperação e os exercícios seguiram em casa, eu ainda não havia assistido minha defesa, que foi gravada, pois havia prometido para mim, que assistiria com a minha mãe. Com a mãe em casa, na caminha dela, de mãos dadas, assistimos juntas a gravação da defesa como eu havia me prometido, nos emocionamos, choramos e vibramos juntas, vivi este momento com a pessoa mais importante de estar ali, agora sim, eu estava pronta para viver o Doutorado.

Faço questão de trazer esta história para este texto, pois esta experiência fez parte da minha pesquisa, assim como atravessou a pesquisa de muitas e muitos alunos que viveram a Pós-Graduação durante o período da pandemia da Covid-19. Foi essencial para a minha permanência na Pós, que minha

comunidade tenha me estendido a mão, a empatia da minha orientadora e do programa. Talvez neste período, unidos por uma mesma dor e um mesmo medo, tenhamos nos tornado mais humanos, e este aprendizado é algo que gostaria de eternizar neste texto, em minha memória e em meu coração.

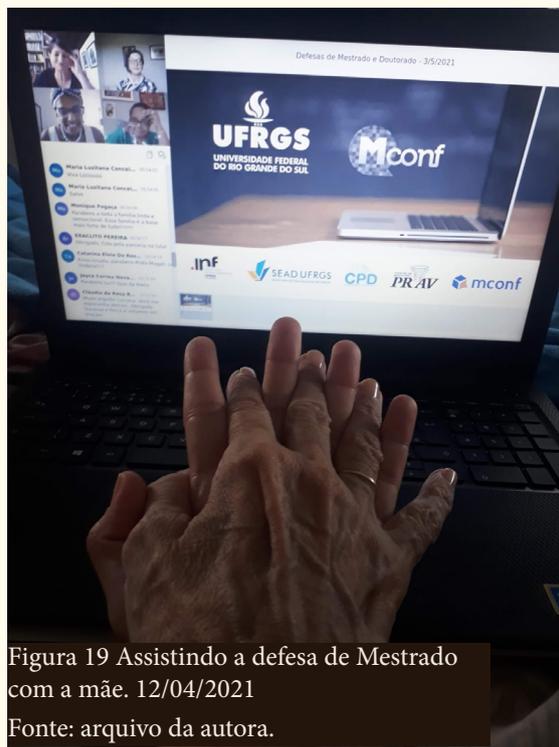


Figura 19 Assistindo a defesa de Mestrado com a mãe. 12/04/2021

Fonte: arquivo da autora.

No doutorado, incluímos o grupo todo na pesquisa, pois não teria como deixar ninguém de fora com tudo o que vivemos juntas e juntos. De 6 (seis) participantes na pesquisa, nos tornamos 15 (quinze) colaboradores. O Empoderadas existe e resiste, sempre se reinventando e se readaptando as dificuldades que surgem em nosso caminho. Juntos mergulhamos no mundo da educação, buscando seus problemas, suas potências e brechas para que pudessemos romper com as estruturas para a possibilidade de uma educação antirracista. Este projeto

me dá esperança, faz eu me sentir em movimento, e estar ao lado desses jovens me faz lembrar que por eles, e com eles, sempre vale a pena lutar.



Figura 20. Empoderadas IG. 17/07/2021

Fonte: arquivo da autora



Olá, me chamo Renan Luiz, tenho 19 anos faço parte do projeto desde 2019. O projeto Empoderadas IG tem feito parte da minha vida desde antes de eu entrar, com suas movimentações na escola e fora dela inspirou eu e muitos dos meus colegas através das práticas de educação antirracista, após a minha entrada comecei a viver mais profundamente esses assuntos e isso mudou a minha vida. Aprendi muito sobre o meu lugar na sociedade e acima de tudo aprendi a me amar do jeito que sou, e pra mim educação antirracista é isso, devolver a humanidade que nos foi tirada através da educação, nos leva para uma relação muito mais gentil com nós mesmos

5. DE PESQUISA PARTICIPANTE À PESQUISA COLABORATIVA: CAMINHOS QUE CONFLUEM PARA UMA ESCOLHA METODOLÓGICA

“Em uma comunidade de aprendizagem assim, não ha fracasso. Todas as pessoas participam e compartilham os recursos necessários a cada momento, para garantir que deixemos a sala de aula sabendo que o pensamento crítico nos empodera”

(hooks, 2020, p.36)

Esta pesquisa buscou refletir a caminhada que se iniciou em 2016 com a construção do Projeto Empoderadas IG. Reescrever esta história, compreendendo a importância que o projeto teve para mim e para as alunas, para entender o caminho trilhado, as buscas, contradições e inquietações, são questões que fizeram parte da pesquisa.

Quando comecei a me repensar como professora, os dois períodos de Educação Física em sala de aula com meus alunos não davam conta de tamanha demanda necessária para refletirmos as suas relações. Uma abordagem antirracista se fazia urgente, dialogar sobre o feminismo se fazia necessário. Com o início do projeto, percebi o quanto as alunas eram multiplicadoras e como o Empoderadas atingia também de maneira indireta outros alunos que não faziam parte do projeto. Relembrar esse processo me fez refletir sobre a pesquisa participante. Em um primeiro momento, foi uma das metodologias escolhidas para a pesquisa, pois para mim era o próprio caminho trilhado pelo Empoderadas, se mostrando como um método a ser seguido, mas também um método a ser analisado. Essa

dupla percepção me deu caminhos para começar a pensar aquele que inicialmente foi meu projeto de Mestrado.

Uma dinâmica da história é importante na reconstrução do passado próximo, ela o é, mais ainda, no olhar entre o presente e o futuro. Pois, aqui, não se trata de conhecer para "promover" ou para "desenvolver" algo, mas para transformar o todo em que este "algo" existe como está, e, assim, deve ser transformado junto com o todo social de que é parte. Na pesquisa participante sempre importa conhecer para formar pessoas populares motivadas a transformar os cenários sociais de suas próprias vidas e destinos, e não apenas resolverem alguns problemas locais restritos e isolados, ainda que o propósito mais imediato da ação social associada à pesquisa participante seja local e específico (Brandão e Borges, 2007, p. 51-62).

As teorias do feminismo negro foram e são referências teóricas essenciais neste trabalho para dar conta de um grupo tão diverso que se uniu por um mesmo objetivo, a prática de uma educação antirracista. Foi no feminismo negro que busquei as ferramentas de análise para a reflexão aqui construída. Me identifiquei com bell hooks quando fala do tipo de educação que nos preocupamos em construir:

Pertencemos a este lugar? Nossa igualdade de inteligência e habilidade é reconhecida? Nós acreditamos que solidariedade é importante? Estamos servindo aos interesses da libertação negra? Valorizamos a educação como uma prática da liberdade? Uma preocupação central para mim, como professora e pesquisadora, é essa última questão - a educação como uma prática de liberdade. Se pesquisadores negros estiverem ativamente comprometidos com uma pedagogia libertadora, então essa preocupação irá configurar e informar todas as outras percepções do nosso papel. É uma preocupação enraizada na consciência da realidade política, especialmente na situação de grupos oprimidos, uma preocupação que nos obriga a reconhecer como as instituições de ensino superior tem sido estruturadas, com o conhecimento sendo usado a serviço da manutenção da supremacia branca e de outras formas de

dominação, uma preocupação que nos obriga a enfrentar a realidade de que a educação não é um processo neutro (hooks, 2019, p. 142).

Assim como para hooks, para mim a educação como prática da liberdade passou a ser fundamental dentro das minhas práticas no projeto e em sala de aula. Reconheci que além das instituições de ensino superior, as de ensino básico também não têm a educação como um processo neutro. Estudamos a história do colonizador, não vemos pessoas negras, sua cultura e suas vitórias sendo mostradas de maneira positiva nos livros didáticos e a escola tem se mostrado tão racista que nem a lei 10.639, vigente desde o ano de 2003, fez com que as escolas incluíssem em seu currículo o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira para os alunos. Esse racismo estrutural enraizado na escola a torna um ambiente hostil para os alunos negros que, conforme avançam o nível de escolaridade, se veem cada vez mais solitários no ambiente escolar. Estudar essas feministas negras me fez rever meu papel como profissional e até hoje, nesta pesquisa de Doutorado, me provocam a erguer essas vozes de mulheres tão potentes, que nos ajudam a pensar a equidade a partir do respeito às diferenças.

Pensando a metodologia de nossa pesquisa, vi que não fazia sentido falar sobre as Empoderadas sem ouvir minhas alunas, que foram agentes ativas neste projeto e em todo o nosso processo de construção. Ter a oportunidade de escrever esta tese em primeira pessoa (e foi desta forma que toda a pesquisa se constituiu) me ajudou a ter outro olhar sobre a minha vida, e perceber como episódios cotidianos marcados pelo racismo tiveram e ainda tem influência em todas as minhas relações sociais. Ler outras mulheres negras me mostrou que mesmo com vidas completamente diferentes, essas vivências atravessam a vida de muitas de nós. Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento,

Djamila Ribeiro, bell hooks, Grada Kilomba, Angela Davis, Nilma Lino Gomes, Sueli Carneiro, Joice Berth, Bárbara Carine, Winnie Bueno, entre tantas outras que tive o prazer de ler neste período trazem em suas obras escrituras de suas experiências em corpos negros, são leituras diferentes das que já estudei em toda a minha vida como estudante, pois me identifico nessas mulheres e em suas escritas, elas me ajudam a ter outro olhar sobre quem eu sou e sobre a sociedade em que vivo.

Desde pequena vi na escola a história de pessoas negras contada por uma perspectiva branca e colonial, como diz a música do Natiruts, Palmares 1999, "A cultura e o folclore são meus, mas os livros foi você quem escreveu" (Natiruts, 1999)¹⁶. A branquitude se faz dona da narrativa da vida e da história de pessoas negras, mas temos intelectuais negros lutando por suas próprias narrativas há muito tempo. Trazer algumas dessas mulheres negras nesta pesquisa foi um ato político para mostrar nossas vozes. Conceição Evaristo diz que a sua escrita nasce profundamente marcada pelas suas experiências como mulher negra na sociedade brasileira, que são experiências da vida do povo Negro, "[...] o nosso projeto literário, a partir da minha vivência como mulher negra na sociedade é compor esses personagens de outra forma" (Evaristo, 2018).

Estar inserida na academia falando sobre negritude é passar de "objeto de pesquisa" à pesquisadora, é romper com estereótipos e imagens de controle criadas pela branquitude, e mostrar nossos saberes a partir das nossas próprias narrativas. Eu escrevo sobre mim, em uma perspectiva de que o "eu" não existe sem o "nós", e que em minhas vivências com o projeto "Empoderadas", eu aprendi tanto quanto ensinei. Rememorar a história deste proje-

16. Música "1999", Naturuts. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=inO_snx5yMQ

to junto as minhas alunas fez com que valorizássemos as experiências vividas para que elas tenham, como eu estou tendo, a oportunidade de olhar para essas experiências a partir de outra perspectiva, e que possamos, assim, aprender e construir juntas caminhos para a prática de uma educação antirracista. Nesta pesquisa, reescrevemos a história do nosso projeto, a partir de pesquisas em nossas redes sociais, histórias, reportagens sobre o projeto, falas das meninas, cartinhas das meninas e de alunas e alunos de escolas que visitamos, vivências em sala de aula, e de todo esse processo que fez a minha história se transformar em nossa história.

Em “Memórias da plantação”, Kilomba define sua pesquisa como uma pesquisa centrada em sujeitos, e traz uma definição de Mecheril sobre:

A pesquisa centrada em sujeitos, como argumenta Paul Mecheril (1997, p.33) em seu trabalho pioneiro sobre o racismo cotidiano, examina as experiências, auto-percepções e negociações de identidade descritas pelo sujeito e pela perspectiva do sujeito. Tem-se o direito de ser um sujeito- político, social e individual- em vez da materialização da Outridade, encarcerada no reino da objetividade. Isso só se torna concebível quando existe a possibilidade de expressar a própria realidade e as experiências a partir de sua própria percepção e definição, quando se pode recuperar a própria história e realidade. Se mulheres negras, bem como outros grupos marginalizados, tem o direito capital, em todos os sentidos do termo, de ser reconhecidas como sujeitos, então também devemos ter esse direito reconhecido dentro de processos de pesquisa e discursos acadêmicos (Kilomba, 2019, p.81-82).

Era fundamental reconhecer as sujeitas da minha pesquisa, minhas alunas, e seus saberes construídos a partir de suas vivências, de suas famílias e de nossa comunidade nos quase 8 anos de projeto das Empoderadas. Se estou aqui hoje, escrevendo esta tese, é porque sou parte do que vivi com elas e por elas. “Eu sou porque nós somos”,

e esta pesquisa não seria completa sem incluir toda a participação de minhas alunas neste processo.

Como pontuamos anteriormente, o Empoderadas se construiu como um grupo de estudos, onde chamávamos o primeiro semestre do ano de nosso momento de Empoderamento. Estudávamos livros, textos, vídeos, assistíamos palestras e participávamos de eventos cujos temas dialogassem com a nossa proposta. No segundo semestre, partíamos para a ação, visitando outras escolas públicas das periferias de Porto Alegre para compartilhar o que juntas estávamos aprendendo. É importante recuperar este movimento porque ele traz o quanto a ação é provocada por reflexões e o quanto esta desencadeia ações, em um movimento dialético.

As visitas do Empoderadas IG nas escolas eram compostas de três momentos. Um primeiro momento prévio a visita, onde era combinado com um professor responsável pela atividade um trabalho com as turmas da escola que iriam participar da atividade. O professor apresentava para a turma a página do nosso projeto, abrindo diálogo sobre os conteúdos postados e temas debatidos. Depois dos alunos conhecerem melhor nosso projeto o professor solicitava que escrevessem cartas para o Empoderadas, contando se se identificaram com o projeto, nos convidando e contando por que o Empoderadas deveria visitar sua escola. O professor recolhia essas cartas e entregava para mim. Das cartas recebidas eram selecionadas dez cartas onde identificávamos na escrita dos alunos um pedido de ajuda, ou uma necessidade maior de um contato mais próximo em um momento de empoderamento junto aos nossos alunos e alunas, que era o segundo momento da nossa atividade e que acontecia no dia da visita à escola.

Quando chegávamos, ficávamos em uma sala separada para a nossa atividade. Passávamos de sala em sala anunciando os alunos escolhidos para um momento de

empoderamento junto as(os) jovens do projeto, neste momento eles se apresentavam, faziam uma atividade antirracista organizada pelas próprias alunas do Empoderadas e as que se sentiam a vontade eram convidadas(os) a uma transformação, onde as alunas do Projeto davam dicas de maquiagem e de cuidados e penteados para os cabelos. O terceiro momento se tratava de uma palestra, esta sim para todas as turmas envolvidas na atividade da visita. A palestra falava sobre padrões de beleza, diversidade, saúde mental, respeito, representatividade e sobre a importância de uma educação antirracista. Deixávamos sempre um momento da apresentação para falarmos sobre o que eles pediam nas cartas, foi a forma que encontramos de dialogar com as comunidades que visitávamos, e pudemos perceber os alunos muito felizes quando viam que suas perguntas feitas nas cartas estavam sendo contempladas.

Todos os momentos da visita eram captados pelas lentes do nosso parceiro Kadu Casales, que fazia o making of sobre a escola que visitamos, mostrando não só a atividade do Empoderadas na visita à escola, mas buscando mostrar o que a escola produz, os projetos que ela tem, valorizando assim os saberes produzidos nas escolas públicas das periferias de Porto Alegre, apesar de todas as adversidades existentes no ensino público, mostrando que essas escolas também são espaços de resistência.

Foi imbuída deste fazer junto ao grupo que pensei em um primeiro momento na metodologia da pesquisa participante, pois ela nasce da necessidade de conhecer e estudar os problemas da população envolvida, e exige um envolvimento social, político e ideológico do pesquisador junto à comunidade, construindo de forma transversal um plano de ação a serviço deste movimento. Ela é uma construção de saberes coletiva entre o pesquisador e o grupo participante, como explicam Brandão e Borges:

Geralmente elas são postas em prática dentro de movimentos sociais populares ou se reconhecem estando a serviço de tais movimentos. Entre as suas diferentes alternativas, elas alinham-se em projetos de envolvimento com ações sociais de vocação popular. Seu ponto de origem deve estar situado em uma perspectiva de realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica. Ela deve ser pensada como um momento dinâmico de um processo de ação social comunitária. O compromisso social, político e ideológico do(a) investigador(a) é com a comunidade, com as suas causas sociais (Brandão e Borges, 2007, p. 51-62).

Por esses motivos, iniciei este projeto com a ideia de ter como metodologia a pesquisa participante e a pesquisa narrativa como caminhos para viver a pesquisa agora na academia, mas o que eu não imaginava é que em 2020, iríamos passar pela atípica situação de vivermos uma pandemia, exigindo um isolamento social e a interrupção das aulas e atividades escolares e acadêmicas desde a terceira semana de março. Ao contar a história da Empoderadas, problematizei o que vivemos com a educação à distância e, o ensino remoto, pois na prática, o que vimos é que alunos sem acesso a tecnologias e a um bom plano de internet ficaram privados do seu direito à educação. Dificuldade essa que enfrentamos também com o projeto Empoderadas e durante a pesquisa. Algumas alunas, sem Wi-Fi em casa, e muitos também, devido à dificuldade financeira que suas famílias viveram na pandemia, não tinham acesso à internet nem pelo 3g. Isso fez com que a nossa comunicação se tornasse mais difícil, e embora eu acreditasse ser importante seguirmos estudando, realizando tarefas, lendo textos no contexto da educação antirracista, percebia uma frustração muito grande das alunas(os) que não conseguiam acessar esses materiais ou se comunicar comigo. Chegamos a realizar encontros virtuais pelo aplicativo do Zoom, mas muitos alunos não puderam participar, pois, seus celulares não comportavam o aplicativo e também

tive alunos que de forma tímida, participaram do celular de suas mães, e em um espaço pequeno cheio de outras pessoas da família que moram com eles. Isso me levou a refletir, sobre como pensar um ensino a distância quando alguns alunos, além da falta de acesso, também não tem um espaço onde possam se concentrar nos estudos e atividades. Em tempos pandêmicos, a educação foi um direito de todos ou um direito dos que tem acesso à internet e suas tecnologias? Um direito de todos ou das crianças que tem seus quartos, ou espaços destinados ao estudo em suas casas? Como essas vivências pandêmicas se refletem nestes alunos nos dias de hoje? Longe das salas de aulas da educação básica, mas sempre perto de muitas professoras dialogamos sobre esses reflexos, sobre alunos com muita dificuldade em ler, escrever, em socializar. É um problema que ainda teremos que descobrir como resolver.

Quando me deparei com estas dificuldades, pensei em desistir da metodologia participante e da pesquisa narrativa, afinal, como fazê-las sem poder encontrar presencialmente o grupo de alunas do projeto? Como seriam nossas ações em campo, visitando outras escolas em tempos de isolamento social?

Após minha banca de qualificação, me senti muito provocada pelas observações da banca, tanto a Profa. Gladis como a Profa. Cida ressaltaram a participação ativa de minhas alunas na pesquisa e em nosso campo empírico que é o Projeto Empoderadas IG. A professora Cida ainda sugeriu que a pesquisa se mostrava muito mais uma pesquisa colaborativa do que uma pesquisa participante, pois como disse, estávamos produzindo uma narrativa colaborativa da história vivida.

Depois de muito pensar e estudar, optei pela pesquisa colaborativa, e compreendi que a pesquisa narrativa não dava conta da coletividade em que a pesquisa estava envolvida. A opção de manter este processo de encontro das

metodologias aqui, se deu também pelo falecimento, no dia 12 de julho de 2023, do Professor Carlos Rodrigues Brandão, a quem recorri para compreender a pesquisa participante, e que por ela, tracei caminhos que me levaram à pesquisa colaborativa. Mostro o caminho traçado como forma de homenagem a ele, que em tempos muito difíceis e de isolamento social me acompanhou através de seus escritos. Outra provocação da banca, a qual hesitei, mas me rendi, foram as escrevivências, a escrita a partir da experiência de corpos negros, que através do eu, pode e deve representar o nós. E fomos para campo com este desafio, de através das escrevivências, contar sobre a construção coletiva de práticas pedagógicas em educação antirracista. Reescrevemos nesta tese nossa história, para aprendermos a partir de nossas experiências como se dá esta construção, e como esta caminhada reverbera em nossas vidas e das pessoas que nos cercam.

A escolha das escrevivências se mostra, então, como o caminho possível para narrar uma pesquisa colaborativa, uma história contada por muitas vozes. Fazer esta opção me ensinou a abrir mão de uma escrita que narrava um eu, para uma escrita que através do eu, representa um nós.



Figura 21. Reunião das Empoderadas na Fora da Asa. Julho/2022

Fonte: arquivo da autora.



Me chamo Isadora Pacheco e entrei no projeto em 2017, desde então comecei a gostar mais de mim e me cuidar mais, comecei a acreditar mais em mim e em meu potencial. A cada palestra, visita, texto, aulas e etc.. eu encontrava partes de mim que eu não sabia que existiam. Minha vida mudou muito depois de ter entrado, e agora que sou mais velha sinto muito orgulho de fazer parte desse time. Entrei com 12 anos e hoje tenho 19 anos, bastante aprendizado e me sinto muito feliz de fazer parte desse trabalho lindo. Hoje me sinto muito mais forte e segura de me expressar e de descobrir quem eu sou a cada dia com base na história de nossos antepassados.

6. ESCRIVIVÊNCIAS QUE CRUZAM FRONTEIRAS: CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISA COLABORATIVA.

“[...] tudo o que eu queria, era estar na Bahia, andando pelas ruas por onde os malês tinham andado, entrando nas igrejas onde eles tinham entrado, nadando no mar no qual eles tinham nadado. [...] Eu acreditava que alguma coisa no ar da Bahia me faria ouvi-los e senti-los, muito mais do que apenas conhecê-los.”

(Gonçalves, 2017, p.11)

Desde 2013, despertou em mim o sonho de conhecer Salvador. O motivo deste despertar... o livro “Um defeito de cor” da Ana Maria Gonçalves. Lembro até hoje do dia em que, em um Festival Internacional de Folclore de Porto Alegre, conheci ele que viria a se tornar um amigo muito especial, Pedro Bárbara. Conversamos por muito tempo na noite em que nos conhecemos, e entre os desabafos da vida ele me disse, “Se você está nesta pegada de desconstrução e reencontro com a negritude, precisa ler o livro *Um defeito de cor*”. Logo fui buscar o livro, mas não o encontrava em nenhuma livraria de Porto Alegre. Consegui em uma livraria por encomenda, e quando entraram em contato para avisar que meu livro havia chegado, fui correndo buscar, muito feliz. Um livro grande, quase mil páginas, oito décadas de uma história que me traria respostas para perguntas que eu nem mesmo sabia que precisava fazer.

Foi em 2013 então que conheci Kehinde, personagem principal do livro, que me encantou e me fez viver emoções e sentimentos conflitantes e potentes durante sua história

de vida entre África e Brasil. A escrita da Ana Maria Gonçalves me marcou, ela conseguiu contar uma história cheia de dores de maneira quase poética. Sua maneira de descrever a cidade de Salvador me fez viajar e sentir como se estivesse realmente andando pelas ruas da cidade. Desde então eu sabia que era um lugar que eu precisava conhecer.

Este livro, definitivamente, foi uma virada de chave em minha vida. Através dele conheci uma outra história do Brasil, contada a partir da narrativa de uma mulher, negra, que foi escravizada e lutou muito não só por sua liberdade, mas também por seu povo. Foi a primeira literatura que li em que a maioria dos personagens eram negros, e me incomodei ao perceber que em minha vida li tantos autores brancos com seus personagens brancos, que mesmo com a escrita e a descrição maravilhosa que faz Ana Maria Gonçalves, imaginar tantos personagens negros era um esforço para mim. Ao refletir sobre isso, lembro de Chimamanda Adichie falando sobre suas experiências com livros americanos e britânicos onde todos os personagens eram brancos:

Eu amava aqueles livros americanos e britânicos que lia. Eles despertaram a minha imaginação. Abriam mundos novos para mim, mas a consequência não prevista foi que eu não sabia que pessoas iguais a mim existiam na literatura. O que a descoberta de escritores africanos fez por mim foi isso: salvou-me de ter uma história única sobre o que são os livros (Adichie, 2019, p. 14).

Como ela, ler Ana Maria Gonçalves e outras mulheres negras que adentraram minha vida com suas escritas, me fez entender que outros tipos de literatura eram possíveis, que outras histórias podiam ser contadas.

Algo que me chamou atenção também, é que a vida inteira eu havia ouvido falarem de escravos, como se não fossem seres humanos, como se não tivessem nome, família e história. Segundo Barbara Carine Pinheiro:

[...] a modernidade recuperou a pré-história da humanidade, pautando a escravidão de modo ontológico: nela não existe o escravizado, mas sim o escravo, como se o sujeito nascesse para ser escravo e toda a sua posteridade também. É como se existisse uma marca indelével da escravidão que eterniza a desumanização e o pertencimento dos corpos negros às pessoas brancas (Pinheiro, 2023, p.49).

Ao contrario disso, senti que o livro humanizava os personagens, contando suas qualidades, seus defeitos, os trabalhos que faziam, as lembranças e sonhos que tinham. E toda essa história era contada pela personagem Kehinde se despindo para nós com suas qualidades, defeitos, dores, amores, lutas e contradições. Uma narrativa que remete a uma vó contando uma história para a sua neta, senti lendo este livro, como se eu estivesse vivendo um reencontro ancestral. Na escola eu conheci o Brasil colônia do colonizador, no livro "Um defeito de cor" conheci o Brasil colônia de meus ancestrais, e isso foi uma virada de chave em minha vida.

Anos depois tive a oportunidade de conhecer a Ana Maria Gonçalves em um evento na UFRGS, e me senti privilegiada em poder ouvi-la contando sobre todo o processo de construção do livro, virei ainda mais fã.

Depois da mudança de nível, do Mestrado para o Doutorado, fiquei muito pensativa sobre a minha pesquisa, o que eu faria com o tempo a mais que me foi dado? Que caminho seguir? Como não perder a essência da pesquisa que fez com que a banca confiasse a nós essa mudança de nível? Foram perguntas que me acompanharam durante muito tempo, por vezes até me tiraram o sono. Nunca me esqueço em uma orientação com a Magali, quando ela me perguntou "Lu, tu não tem vontade de fazer um Sanduiche em Salvador?", comecei a rir de nervosa e respondi "Profe, não fala duas vezes porque já estou com o pão e a maionese na mão para fazer este sanduiche". Risadas a parte,

ela acreditava que em Salvador eu encontraria respostas para muitas das perguntas que eu tinha, e ali, se iniciou a caminhada por este sonho que estava quase adormecido desde 2013, conhecer a cidade de São Salvador. Eu teria a oportunidade de fazer isso estudando, trabalhando em minha pesquisa, e isso me deixava ainda mais feliz.

Por um tempo as coisas ficaram um pouco paradas, parecia que esta viagem não iria acontecer. Eu, já quase me boicotando, comecei a pensar que se não fosse para acontecer tudo bem. Estávamos em outra fase da pandemia de Covid-19, e eu não sabia se realmente estava pronta para me afastar da família depois de tudo o que passamos. Um dia, conversando com a Preta Velha Vovó Maria Conga perguntei sobre a viagem. Ela ficou reflexiva, e depois de um tempo, com toda a sua calma e palavras doces me disse que eu deveria fazer essa viagem sim, pois eu iria buscar em Salvador coisas que eu não tinha em Porto Alegre, e que seriam importantes para eu dar meus próximos passos. Fui para a minha casa reflexiva, as palavras e incentivo dela eram o combustível que eu precisava para correr atrás e fazer esta viagem acontecer. Lembrei de quando peguei o livro "Um defeito de cor" nas mãos e tive a impressão de que ele me traria respostas para perguntas que eu ainda não sabia fazer. Sentia o mesmo com essa viagem. Eu ia para buscar coisas que eu ainda não sabia que procurava, e precisava estar aberta para isso.

Depois deste momento tudo começou a andar, conversei com o Eduardo Oliveira¹⁷, que aceitou ser meu orientador no sanduíche pela UFBA, encaminhamos os documentos e pedidos necessários para a UFRGS, e comecei a buscar moradia, auxílios, e pesquisar mais sobre a cidade

17. Professor dr. de grande referência nos estudos de filosofia latino-americana, filosofia contemporânea, antropologia social, educação e movimentos sociais populares, cosmovisão africana, filosofia afrodescendente, estudos afro-brasileiros, história e cultura africana e afro-brasileira e literatura africana e ancestralidade.

de Salvador. Aos poucos, etapa por etapa, burocracia por burocracia, tudo foi dando certo, e o sonho ia se tornando cada dia mais real, mas sonho que se sonha junto é muito mais gostoso. Comecei a pensar muito nos meus alunos e alunas, eu não estaria onde estou se não tivesse o Empoderadas comigo, uma construção coletiva de professoras, alunas e alunos que acreditam na mudança e no empoderamento através da educação antirracista. Eu não podia viver este sonho sem compartilhá-lo com elas e eles. Não fazia sentido depois de tudo que vivemos e construímos não compartilhar parte desta experiência com minhas alunas, alunos e colegas de luta.

Em uma reunião do projeto, contei da viagem, do meu afastamento para estudos por um período de 3 meses, e fiz o convite, para que pelo menos uma parte deste sonho, elas(es) vivessem comigo. Nem preciso dizer que a gurizada¹⁸ foi à loucura. Conversamos muito e fizemos estratégias e planos para uma campanha de arrecadação que permitisse pagar as despesas necessárias e tornar nosso sonho realidade. Ficaram eufóricos, muitos nunca haviam saído do estado do Rio Grande do Sul, nenhum deles havia voado de avião, ao final da reunião quando perguntei se tinham alguma dúvida, se queriam fazer alguma pergunta, uma das alunas levantou a mão e perguntou, "Sôra Lu, a gente precisa fazer passaporte para ir para Salvador?", achei tão bonitinha a pergunta, porque era uma viagem grande para elas(es), algo muito longe de sua realidade. Salvador era um sonho distante que de repente tinha chance de se tornar realidade. Iniciamos a campanha Empoderadas em Salvador, meu sonho virou nosso sonho.

18. Expressão gaúcha que significa um grupo de meninos e meninas reunidos. Costumo chamar meus alunos e alunas do Empoderadas de gurizada.



Figura 22. Campanha de arrecadação de fundos para a ida das Empoderadas à Salvador, 2022

Fonte: arquivo da autora



Video: Campanha para Salvador

Algo que me dei conta muito próximo da viagem, era que ela era o sonho de alguém muito importante para mim, alguém que esteve muito próxima de realizá-lo, mas a pandemia a impediu. Como contei anteriormente, quase perdi

a minha mãe para a Covid, depois de muita luta, um mês de ligações do Doutor Amarílio para receber notícias, a expectativa do desmame, a felicidade em vê-la por chamada de vídeo, o renascer e o reaprender de funções básicas, tivemos o privilégio de levar a mãe para casa, vencemos.

Queria poder parar de contar esta história aqui, queria poder até hoje somente celebrar a vitória da minha mãe, mas infelizmente não acabou aí. Um mês depois da volta da minha mãe para casa, minha querida Tia Iris, que nos cuidou tanto da maneira que conseguiu na ausência da minha mãe, que mandava toda a segunda-feira uma entrega com "marmitas"¹⁹ de comidinhas gostosas que ela fazia com tanto carinho para a gente, para que em meio aquela loucura da Covid, dos sintomas, do cansaço, do medo de perder a mãe, não precisássemos cozinhar e sentíssemos um pouco do carinho dela. Um dia depois do seu aniversário de 60 anos, ela precisou fazer uma internação de urgência no hospital Ernesto Dornelles. Ela estava em um quadro grave que precisaria de cirurgia. Iniciamos outra luta na família, a cirurgia era delicada, mas ocorreu com sucesso, o corpo da minha tia estava muito frágil, mas os médicos não conseguiam explicar por que ela não estava se recuperando, e então voltamos ao pesadelo. Minha Tia estava com Covid, havia contraído no hospital. Quando minha mãe se recuperou, eu só pensava que não desejava para ninguém viver o que vivemos, e saber que minha Prima-irmã, a Bibi, que se criou em meio a mim e meus irmãos na minha casa, enquanto minha Tia Iris trabalhava como Professora, iria viver o medo que vivemos... acabou comigo. Mas eu precisava respirar e lutar ao lado delas, fazendo todo o possível como elas fizeram quando precisei. Foi uma luta longa, e 52 dias depois, minha tia não resistiu. Me despedir dela no hospital, dizer que ela poderia fazer sua passagem tranquila, porque a gente ia ficar bem, foi

19. Recipiente com tampa que serve para o transporte de comida.

das coisas mais difíceis que já fiz na minha vida. Falta-va um dia para a vacina, um dia para que esta história pudesse ter sido diferente, um dia para que ela e minha mãe tivessem mais chances, mais força e mais imunidade para lutar, mas isso foi roubado delas. Minha mãe internou um dia depois de fazer 70 anos, minha tia internou um dia depois de fazer 60 anos, ambas fariam a vacina um dia depois dos seus aniversários, mas ambas não tiveram a chance de fazer isso antes de serem atingidas pela Covid.

Iris E. Dornelles Alves (se eu colocar o outro nome ela me mata! 'risos') Professora Iris, que dedicou sua vida à luta por uma educação pública, gratuita e de qualidade. Professora que tinha outro olhar sobre os alunos e alunas, que conhecia suas histórias, suas famílias, sua comunidade. Que fazia com que aqueles jovens de periferia aprendessem a apreciar arte e literatura, que aplicava a lei 10.639/03 em suas aulas muito antes dela ser efetivada, e que ajudou muitos jovens a terem orgulho de sua história, sua cultura, de sua identidade. Tia que em tempos de vestibular, batia de porta em porta nos cursinhos pedindo bolsa para os seus sobrinhos, e a cada um que entrava na Federal, ela no outro ano ia para fazer o mesmo por outro, com uma listinha com nossos nomes e nossa aprovação no vestibular. Tia carinhosa e engraçada, que adorava contar histórias e dar boas risadas, aliás, aquela gargalhada dela seguida de um ataque de tosse e risos, não tem como esquecer. Ela foi uma das maiores referências como professora que tive, e olha que conheço muitas e boas, mas ela ensinava com amor e empatia. Cansamos de fazer longas ligações, trocando sobre nossos projetos, animadas construindo aulas, acho inclusive que foi ela que me ensinou que quanto mais animados ficarmos pensando em uma aula que vamos propor para os nossos alunos, mais chance temos de

essa aula dar certo. Ensinou-me tanto, que nunca vou esquecer, e nem deixar que esqueçam.

Rubem Alves (1994) diz que ensinar é um exercício de imortalidade, que quando a gente ensina a gente continua a viver naquele que ensinamos, e ela segue viva em mim, a cada aula que preparo, a cada aluno e aluna que conheço, a cada pesquisa que realizo... a cada viagem que faço. E sim, quando iniciou a pandemia, ela estava com a passagem comprada para realizar com meu Tio Mano o sonho de conhecer Salvador. Cada lugar aqui que conheço, também é por ela, cada música que aqui escuto, eu escuto com ela, cada passo nessas ruas encantadas e cheias de histórias, eu dou com ela porque ela me ensinou que sonho que se sonha junto é muito mais gostoso. Não é nada fácil escrever sobre ela, mas com lágrimas nos olhos e com meu coração cheio de amor, dedico esta viagem e este capítulo à minha Tia Iris, e que a gente possa seguir sonhando juntas, que eu possa seguir fazendo a roda girar, vivendo uma luta pela educação que um dia foi sua, que eu possa como ela, através da educação como prática da liberdade, ensinar aos nossos jovens que sim, é possível sonhar. Eu sou tia, porque nós somos.



Video: Escola Porto Alegre



Figura 23. Tia Iris e os Dornelles
Fonte: arquivo da autora



Oi, meu nome é Maria Eduarda Pacheco. Atualmente, sou a aluna que está há mais tempo no projeto. Entrei quando a professora Luh passou de sala em sala nos convidando para uma roda de conversa sobre cabelos, e assim começou minha jornada com o Empoderadas. Desde que o projeto se tornou parte da minha vida, tive a oportunidade de me conhecer melhor e abraçar as oportunidades que a vida oferece. Aprendi a ter inteligência emocional, a abraçar o processo de resgate da autoestima e a crescer junto com o grupo. Hoje, estou colhendo os frutos que foram plantados nos primeiros anos do projeto, confiante de que o caminho ainda é longo, mas juntos iremos longe.

7. EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: ROMPENDO COM OS MUROS DA ESCOLA E DA UNIVERSIDADE.

"[...] a educação – em suas mais diversas configurações – foi parte fundamental do movimento de resistência/insurgência das pessoas escravizadas, abrindo caminhos para a conquista/reivindicação da liberdade. Foi também na condição de sujeitos de ações educativas que negros e negras elaboraram estrategicamente modos de acesso ao mundo das letras como forma de ocupação de espaços sociais e de reversão de sua condição de subalternização" (Sant'anna, 2023, p.50)

Há tempos venho refletindo sobre a educação que rompe com os muros da escola. Não é uma novidade, não é uma invenção da roda, mas nem sempre é valorizada como deveria. Tenho vivido ela com as minhas alunas. Nosso projeto que se iniciou dentro de um espaço de educação formal, precisou romper com esses muros para seguir seu propósito. Será que a escola com toda a sua estrutura racista está pronta para receber outros modos de viver, sentir, pensar e existir que não o do colonizador? A resposta me parece óbvia. Se ela estivesse disposta a essa mudança desde a lei 10.639/03, de 2003 à 2023 (ano em que a lei completa vinte anos) muitas coisas já teriam mudado.

Acompanhando a história do Movimento Negro aprendemos que para o povo negro a educação se fez muito mais por fora dos muros da escola do que dentro dela, da mesma forma a educação dos povos indígenas. Segundo Luana Oliveira e Mônica Todaro, esta é "a importância da educação não formal, como processo socioeducativo que se situa à margem dos espaços escolares, e se dá na inte-

ração entre os espaços de relação da comunidade” (Oliveira & Todaro, 2020, p. 91). Esta educação dialoga com os sujeitos de diferentes idades e gerações, pontuando, valorizando e fazendo compreender os meios sociais onde estão inseridos esses sujeitos.

Na educação formal, há um tempo de permanência, fixação e aprendizagem bem definido em cada contexto escolar na rotina dos educandos, diferente da educação não formal na qual há uma maior flexibilidade do tempo de aprendizagem e um respeito aos saberes dos educandos. A característica de formação da educação não formal se dá no caráter da cidadania, na construção das relações sociais baseadas no princípio de igualdade e justiça social e na formação de uma identidade coletiva do grupo, desenvolvendo autoestima e o empoderamento das pessoas (Oliveira e Todaro, 2020, p.92).

Analisando essas diferenças, eu erroneamente poderia dizer que o Empoderadas nasceu no IG, mas na verdade, ele nasceu no Movimento Negro, que foi o movimento que me acolheu para que eu pudesse começar a pensar como trabalhar com as minhas alunas uma educação que eu não havia recebido. Outro ponto é que apesar de o Empoderadas estar inserido dentro do espaço escolar, ele sempre foi um projeto voluntário, o que trabalhávamos não estava inserido no currículo escolar e não consegui com a Secretaria do Estado do Rio Grande do Sul oficializar o projeto, recebendo horas para colocá-lo em prática, então o que conseguimos foi um espaço que não era utilizado na escola, que reformamos e tornamos nosso espaço de aquilombamento, mas oficialmente nunca fizemos parte do espaço formal de educação na escola. Este nascimento foi resultado de um grande mergulho nos movimentos negros de Porto Alegre, para me entender, entender meus alunos e para descobrir as muitas histórias sobre nós e sobre os nossos que a escola não conta.

Imergir neste mundo que chamarei aqui de espaços

não formais de educação pode nos proporcionar experiências incríveis, potentes, libertadoras e revolucionárias. Dessas que venho experienciando desde que me entreguei de corpo e alma à luta pela educação antirracista. O que aprendi desde lá foi principalmente nestes espaços não formais de educação, e sigo aprendendo, me encantando, e tentando entender os próximos passos que devo dar, guiados por muita ancestralidade, por encontros e reencontros, passos que são resultados de, há alguns anos atrás, eu ter me aberto para aprender enquanto tentava ensinar.

Quando entendi que a cidade de Salvador estava nesse caminho, me abri para o que lá encontraria, nessas horas agradeço por minha orientadora de Porto Alegre, a Magali Mendes ser uma grande filósofa, pois acredito que ela era a melhor pessoa para compreender que eu vinha atrás de respostas para perguntas que eu ainda não conseguia fazer, e ela não somente compreendeu como foi uma das pessoas que mais me incentivou a este desafio de desbravar outras terras, outras culturas, outro lugar. Foi com ela também que vivi experiências incríveis e revolucionárias na minha vida com os povos indígenas. Que aprendi um pouco sobre o quão relativo pode ser o que na cultura ocidental chamamos de “sala de aula”. Na educação formal minha sala de aula sempre foi o pátio, que já não era uma sala de aula “normal”, que já tinha outra dinâmica e também outra relação com os estudantes, e mesmo assim, tinha que se encaixar e se adequar aos quadrados da escola, mas ainda assim se mostrava para os estudantes como uma das pequenas brechas de liberdade dentro de um espaço cheio de quadrados que podem aprisionar. Quando falo nesses quadrados lembro dos meus amigos indígenas que chamam o branco de cabeça quadrada. Eles dizem que até na escola, tudo é quadrado, a sala de aula, o caderno, as mesas... e diz que na cultura indígena a visão de mundo deles, assim como seus cocares, é circular, pois

quando estamos em círculos, podemos receber de todos os lados, tudo que está a nossa volta.

Ceguei em Salvador sem saber bem como seriam as dinâmicas de aprendizado que eu viveria na cidade. Vim com uma expectativa grande em relação a UFBA, a Universidade Federal da Bahia, onde eu faria o sanduíche, onde faria uma parte da minha pesquisa de Doutorado e com uma lista de instituições de ensino que eu entrei em contato para visitar. Logo que cheguei me deparei com os primeiros aprendizados, que iriam além da minha pesquisa, mas que aos poucos fui entendendo que fariam parte dela. Adaptar-me a uma nova vida, a uma nova cidade, a novos modos de ser, se comportar, e se relacionar com as pessoas. Salvador é uma cidade enorme comparada a Porto Alegre, e isso para quem chega pode ser assustador. Cada bairro e rua que fui conhecendo foi fazendo com que muitas coisas fizessem mais sentido para mim. Algumas por terem sido lugares que conheci através de leituras, outras por indicações de amigos que diziam que estando em Salvador eu não poderia deixar de conhecer, e quando fui compreendendo as conexões que ligavam um lugar ao outro, fui estranhamente começando a me sentir em casa.

Quando fazemos uma pesquisa acadêmica, para mim, a parte mais difícil é filtrar os temas que abordaremos para fazerem parte da pesquisa. Chegando aqui, beirei ao desespero (risos) de me deparar com um campo de pesquisa enorme e potente e pensar que muitas das coisas que me tocavam e inspiravam teriam que ficar de fora da tese. Acho que dos maiores equívocos que temos quando não conhecemos muito bem como se dá esse processo criativo da pesquisa é achar que somente estamos produzindo quando estamos escrevendo. Lembro no início do meu mestrado o quanto eu me frustrava quando não via as páginas do meu projeto aumentando e dizia que não estava conseguindo produzir. Foi necessária uma mentoria com

a querida Fidelainy Souza para ela me mostrar que eu havia produzido e muito, e foi pontuando todos os outros processos que eu já havia feito e que fazem parte desta produção. Magali também, sempre deu muito valor a estes momentos de leituras, reflexões sobre as disciplinas, organizar as ideias e pensamentos, filtrar o que vai ou não entrar na pesquisa, acredito que ainda estou neste processo de aprendizagem, e trago para esta tese, a partir das escrituras de Salvador, como ela foi se construindo e me construindo como pesquisadora.

Os primeiros aprendizados que tive aqui, então, não se deram na universidade, se deram na cidade, na comunidade, em minhas vivências e descobertas como uma “estrangeira” em Salvador. A primeira aula que participei foi de um grupo de pesquisa do Pós-doc, do PPGDC (Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento), grupo que fui convidada a fazer parte pelo querido Eduardo Oliveira, meu orientador em Salvador. Foi em um dia em que eu já havia assistido uma disciplina a distância na UFRGS, e que ocorreu também reunião da minha linha de pesquisa, “Educação, Culturas e Humanidades”, da UFRGS. Eu estava bem cansada, e talvez não estivesse preparada para o texto potente sobre Poética da Natureza que Eduardo compartilhou com a gente. Foi uma leitura tão profunda e potente que quando se abriu a discussão, só o que eu sentia era a vontade de silenciar, para refletir e compreender todas as provocações que aquele texto me trouxe sobre outra maneira de pensar, mas mais que isso, sobre outra maneira de existir no mundo. Eu nunca havia pensado a natureza da maneira que nos foi apresentada no texto, posso dizer que ele me tocou profundamente, e até hoje estou reflexiva sobre.

Buscando como oferecer aos meus alunos uma educação antirracista a qual não tive acesso, eu fui à Salvador para conhecer instituições formais de educação e compreender como era o funcionamento da Educação das Relações

Étnico-Raciais (ERER) nelas e em seus currículos. Da grande lista de escolas que tinha para visitar, a única que me abriu as portas foi a Escolinha Maria Felipa²⁰, a primeira escola de educação afrocentrada do Brasil. Pude conhecer um pouco do espaço, da proposta, e pude conhecer também a Barbara Carine Pinheiro, que muitos conhecem como “Uma intelectual diferente”, que é a idealizadora da instituição. Em seu livro “Como ser um educador antirracista, Bárbara conta que:

Na Maria Felipa as práticas pedagógicas de base africana/afrodiaspórica ou indígena buscam ter a agência africana/afrodiaspórica ou indígena, ou seja, a centralidade existencial (ética, estética, política, teórica, prática) desses povos. É sobre cosmopercepção de base, um “palavrão” que remete ao modo de ser, estar, criar e reproduzir o mundo de um povo (Pinheiro, 2023, p. 90).

A escola, de educação infantil, tem uma proposta afrocentrada, afro-brasileira, decolonial e antirracista. O espaço é todo afrorreferenciado, as turmas são identificadas como reinos e impérios africanos ou ameríndio, a escola tem educação bilingue, com aulas em português e inglês, sem deixar de lado o contato dos alunos com a linguagem brasileira de sinais, envolvendo família e comunidade em uma educação libertadora, que trata com o respeito que merece, a história da África e sua influência na história de nosso país e no mundo. Assim nos conta Bárbara Carine Pinheiro:

[...] cada turma da Escola Afro-brasileira Maria Felipa é nomeada por um reino africano ou ameríndio. São eles: Império Inca, Reino de Daomé, Império Maia, Império Ashanti, Império de Kush, Império do Mali, Povos Tupinambás, dentre outros. A ideia é gerar nas crianças a sensação de que elas fazem parte da realeza, bem como destacar que não são apenas descendentes de europeus que possuem ancestralidade real. Os povos africanos e indígenas também eram reis e rainhas; no caso específico africano, os reis e rainhas surgiram lá. (Pinheiro, 2023, p. 98)

20. Instagram da Escolinha Maria Felipa- <https://www.instagram.com/escola-mariafelipa/> acesso em: 19/03/2023



Figura 24. Barbara Carine e Escolinha Maria Felipa, Setembro/2022

Fonte: arquivo da autora

É importante ressaltar que a Escola Maria Felipa trabalha com práticas de reforço positivo, como nos explica Bárbara:

Na Maria Felipa trabalhamos com crianças da primeira infância e achamos prudente não falar sobre racismo com elas, apesar de existirem em uma sociedade na qual as vivências racistas lhes atravessam a todo o instante. Optamos por falar do poder do nosso povo, do nosso pioneirismo, das nossas produções. As crianças se formam por uma perspectiva de reforço positivo, e não pela negação do que a sociedade racista afirma acerca de nós (Pinheiro, 2023, p. 108).

Visitar essa escola foi me deparar com um pedaço de sonho de todo o educador antirracista, pois ela é pensada desde sua base, da formação de todos os profissionais que compõem a comunidade escolar e na relação com os alunos e famílias de forma afrorreferenciada, podendo desenvolver mais livremente e tranquilamente suas práticas.

[...] mantivemos formações quinzenais, e todos e todas as profissionais da escola participavam: professores/as, professoras-assistentes, secretária, assistente de financeiro, coordenação, direção, profissionais da limpeza, porteiro, psicóloga escolar. Desde o início tivemos a compreensão de que todas as pessoas que atuam no interior de uma escola são educadoras e precisam ser formadas, não apenas professores/as. (Pinheiro, 2023, p. 77)

Para nós, professores inseridos em instituições que tem o racismo em sua base, a dificuldade em podermos fazer nossas práticas como gostaríamos é muito maior, e na maioria das vezes solitária, pois os professores que se comprometem com práticas decoloniais, afrorreferenciadas e antirracistas muitas vezes são ativistas solos dentro das escolas, sem apoio dos colegas, da gestão, e muitas vezes das próprias famílias de nossos alunos. Lembrados, quando somos, perto de novembro para que a escola possa dizer (mesmo que o envolvimento na atividade seja somente deste profissional) que cumpriu com seu dever em realizar o Dia da Consciência Negra. Por isso conhecer a escolinha Maria Felipa foi um sonho para mim, um sopro de esperança e de possibilidades, que certamente seguirão comigo em minha luta com minhas alunas contra o racismo nas escolas do Rio Grande do Sul, um dos estados mais racistas do país. Aprender com minhas referências daqui, com um Movimento Negro ativo, organizado e resistente, e também me abrindo para aprender com outros lugares e pessoas que dentro de suas realidades, lutam por um mundo onde o respeito a nossa cultura, nossos corpos, nossa humanidade, nosso modo de ser e existir neste

mundo que é tão plural seja realidade.

Assim foi nascendo um outro lado da minha pesquisa, caminhando pelas ruas, encontrando outros modos de falar, de sentir, de viver. Ouvindo os tambores ressoarem dentro de mim e reverberarem por todo o meu corpo, me desprendendo das amarras da cultura gaúcha, e dançando a cultura soteropolitana. Conectando-me com a natureza, mergulhando nos mares, subindo e descendo ladeiras, me cercado de pessoas pretas, vivenciando o samba, o olodum, a capoeira.

Em Salvador pude viver a emoção de estar em uma roda de samba com as “Ganhadeiras de Itapuã”²¹, saí de casa por um convite de amigas, para uma roda de samba de mulheres, demoramos a encontrar o local, pensamos inclusive em desistir, mas quando chegamos, nos deparamos com uma roda imensa só de mulheres fazendo samba, e de repente elas foram chegando, senhoras elegantes, com seus turbantes, blusas brancas e saias coloridas, cheias de pulseiras e colares, pareciam majestades africanas. Me emocionei, pois conheci um pouco sobre elas, através de um samba enredo da escola de samba Unidos da Viradouro²² (2020), e quando prefaciei o livro da Graziela Oliveira Neto da Rosa, li também sobre as Ganhadeiras de Itapuã em sua pesquisa: “Suas histórias reverberam para outras mulheres, mesmo nessa luta contemporânea, muitas delas partilhavam dores, conquistas, mágoas e alegrias nas grandes rodas de samba que se formavam em volta do rio. Essa cultura ocorre até os dias atuais” (Rosa, 2022, p. 37).

Eu estava lá, sentindo a cultura e a ancestralidade daquele momento reverberando em mim, emocionada

21. Grupo Cultural Ganhadeiras de itapuã - <https://ganhadeirasdeitapua.org/> acesso em 19/05/2023

22. Samba enredo Viradouro 2020: Viradouro de alma lavada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KG9xE7f1M8>

lembrando das palavras de Grazi e por estar vivendo aquele momento que nem imaginava que iria viver. Salvador tem dessas, parece que somos conduzidos pela ancestralidade para estarmos nos lugares que temos que estar, na hora em que precisa acontecer.

Hoje, Ganhadeiras de Itapuã é um grupo cultural que foi construído com a finalidade de recontar e afirmar as tradições culturais de Itapuã, especialmente para homenagear as antigas ganhadeiras da época em que o bairro ainda era uma pequena vila de pescadores. O grupo foi batizado com este nome também para homenagear as mulheres negras “ganhadeiras”, escravizadas ou libertas, que, no século XIX, viviam do ganho, ou seja, da venda de produtos alimentícios transportados na cabeça, nos tabuleiros e gamelas em várias cidades do Brasil (Rosa, 2022, p. 37).

Observar suas vozes, modo de cantar, o respeito da comunidade para com elas, as letras das músicas, fizeram de uma noite despreziosa um momento de muito aprendizado e ancestralidade. Uma noite que certamente nunca esquecerei.



Figura 25. Grupo sociocultural “As Ganhadeiras de Itapuã”

Fonte: <https://ganhadeirasdeitapua.org/>

Outra noite de samba que acabou se tornando especial, em um lugar que retornei para aprender mais sobre histórias que não conhecia de Salvador foi no Clube do Samba²³. Uma amiga me convidou, dizendo que era um local que parecia escondido, mas que tinha um samba maravilhoso. Realmente muitas pessoas devem passar pela frente da entrada e nem perceber o clube, e quando entramos nos deparamos com um espaço colorido, alegre, com uma energia difícil de explicar. Conheci o dono do espaço, Seu Wilson, e ele começou a me contar a história do local. Descobri que o Clube do Samba, localizado no Terreiro de Jesus, é um espaço que antigamente chamado de Senzala, era um local de aglutinação da população negra de Salvador, que se reunia as terças feiras para se inteirarem das coletividades e demandas da população negra dos diferentes bairros da cidade. Lá, falavam sobre assuntos (candomblés que iriam ser tocados, eventos negros que iriam acontecer, demandas políticas da população negra), que não poderiam ser divulgados em rádios e jornais (que eram os meios de comunicação da época). Para muitos, era um simples local onde os negros se reuniam para fazer samba, para a população negra era um local de encontro para empoderamento, estratégias políticas e revolução, local onde nasceram movimentos negros importantes de Salvador.

23. Empoderadas no Clube do Samba em Salvador e conversa com Seu Wilson - <https://www.instagram.com/reel/CjamQsyvXIV/?igshid=MT-c4MmM1YmI2Ng%3D%3D> – acesso em 19/05/2023.

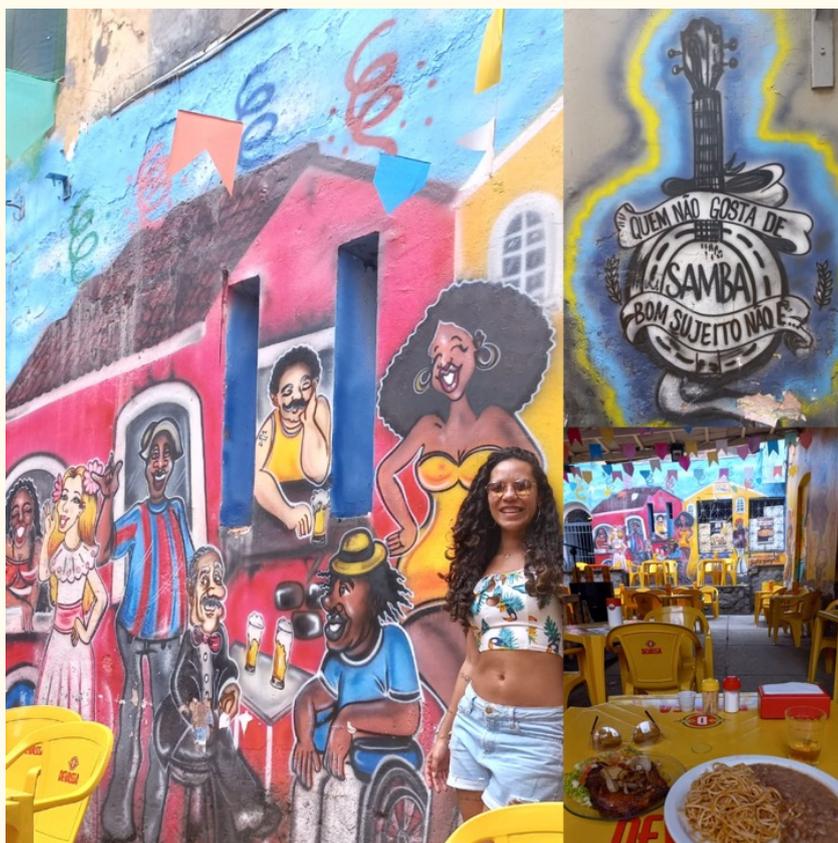


Figura 26. Clube do Samba, Salvador, 2022

Fonte: arquivo da autora



Video: Rolê do
samba

Quando li o livro “Um defeito de Cor”, nunca esqueci as descrições de Ana Maria Gonçalves e da personagem Kehinde sobre a Ilha de Itaparica. Foi um lugar que sempre quis conhecer, e nem acreditei quando minhas amigas Nathi, Ana e Vivi me fizeram o convite para ir com elas passar uma tarde lá. Conforme fazemos a travessia começamos a

ver Salvador de longe, que cidade bonita, que cidade enorme, e quando nos aproximamos da Ilha, fui percebendo a água mudar a cor, sentindo uma emoção difícil de descrever em palavras. Passei uma tarde linda com as meninas e prometi a mim mesma voltar, e voltamos, com a turma de Pós-Graduação em dança (que tive o privilégio de participar de algumas aulas), acompanhadas do professor Lau Santos. Conheci um lugar, que para uma pessoa como eu, que sonha com um centro de referência em educação afrorreferenciada, parecia um sonho, o Instituto Bantu²⁴.

O Instituto Bantu, apresentado para nós pelo Mestre Roxinho, é um lugar que vem trazendo um olhar cheio de carinho para a comunidade da Ilha. Ali se criou e vai se criando um outro modo de viver e existir no mundo. Através da Capoeira Angola, o Mestre Roxinho começou o Instituto, trazendo a capoeira como um movimento social, que trabalha corpo mente e outras possibilidades de bem viver. O espaço é lindo, acolhedor, e de diversas maneiras nos convida a nos comprometer com esta luta diária por um mundo melhor. Os espaços, todos pensados com muito carinho, nos fazem lembrar a luta de nossos ancestrais pela educação, nos espaços formais, mas também, e talvez principalmente, nos espaços não formais onde nossa educação antirracista se deu no Brasil, que muitas vezes tem um olhar mais empático e valoroso com a comunidade.

24. Instituto Cultural Bantu - <https://institutobantu.org/> acesso em: 19/05/2023.



Figura 27. Instituto Bantu. Ilha de Itaparica. Outubro/2022

Fonte: arquivo da autora

Depois do Instituto Bantu, outra surpresa, visitamos a Mestra Aurinda do Prato. Conhecida por ser Mestra sambadeira e lalorixá, muito atuante nos quilombos do Tereré e Maragogipinho na Ilha de Itaparica, Aurinda Raimunda da Anunciação é uma das figuras mais incríveis que conheci e tive o privilégio de escutar. Chegamos em sua casa e ela estava descansando, então sua família nos recebeu e ficamos esperando para ver se ela ia querer conversar com a gente. Depois de um tempo ela apareceu, com um olhar desconfiado, tive a impressão de que ela ficou nos analisando enquanto o Professor Lau ia fazendo as apresenta-

ções. Depois de um tempo, como se a análise tivesse sido feita, ela começou a falar, a contar histórias e fazer piadas. Nós, sentados no chão ouvindo aquelas histórias tão interessantes, estávamos em frente a uma Griô que tanto viveu e contribuiu para as comunidades da Ilha, mas que fez história em outros lugares também. No final da visita ela tocou um samba no prato para a gente, e pudemos ver sua família chegando e se envolvendo no samba, cultura que estava sendo passada de geração em geração. Cantando nos sambas, com o prato e a faca, assuntos da vida, angústias do cotidiano, mas não deixando de fora as grandes paixões.



Figura 28. Um abraço em Mestra Aurinda. Outubro/2022
Fonte: arquivo da autora

Das outras viagens que já fiz, sempre fiquei com o sentimento de querer dividir o que estava vivendo com pessoas queridas, e Salvador é tão mágico e encantador, que nesta cidade eu tive o privilégio de dividir essa experiência com minhas alunas e alunos, de viver uma experiência coletiva. Eu tive um mês para preparar a chegada das Empoderadas, para arrecadar o que faltava para pagar a viagem, encontrar um lugar para ficarem, fazer parcerias para a alimentação, e acima de tudo, escolher o roteiro dos lugares mágicos que conheci, das experiências que vivi, e que felizmente teria a oportunidade de compartilhar com minhas alunas e alunos em uma feliz vivência em espaços formais e não formais de educação. As Empoderadas estavam chegando em Salvador.



Figura 29. Empoderadas e suas famílias no aeroporto. Setembro/2022

Fonte: arquivo da autora



Sou Raynner Victor, atualmente tenho 24 anos e nesse período da adolescência até aqui foram momentos bem intensos, com alta contribuição para formar a pessoa que sou hoje.

E foi um período bem difícil pra me reconhecer como um jovem preto, me sentindo bem com isso, conseguir conciliar tudo que eu fazia até aquele momento, com a cor da da minha pele.

Me recordo que eu achava normal ser parado por viaturas na volta da escola ou volta das aulas de dança, entrar em um lugar e ter a certeza que os seguranças estão te seguindo, sair com meus amigos em algum lugar público e as pessoas esboçarem uma cara de menosprezo.

É complicado perceber a maldade das coisas quando a maldade não está em você, então segui a vida, mas a medida que fui crescendo e fui tomando consciência do que estava acontecendo, percebi que as abordagens policiais começaram a ficar mais intensas, a ponto de eu não querer sair de casa, dependendo da minha vestimenta, seguranças de lojas virem me revistar após sair de um provador... sair com meus amigos se tornou um incômodo por ouvir em alto bom tom as pessoas comentando coisas do tipo "bando de marginal", "tinha que ser preto"; "bando de sem futuro" e por aí vai...

A verdade é que durante todas a minha vida tive bastante experiências negativas que foram enterrando minha autoestima, e aos poucos me diminuindo como pessoa, e a

maior verdade é que são poucos os lugares que você pode conversar sobre isso.

Nos meus 21 anos eu, como jovem negro já escalando os degraus da auto afirmação, conheço através de uma visita à minha escola de dança em um bairro periférico, o Empoderadas IG. Elas entraram na minha sala, e com uma naturalidade e auto confiança falaram um pouco sobre si, seus processos de auto descobrimento, suas lutas, suas dores e generosamente nos cativaram a conhecer o projeto e a nos encontrar como jovens pretos e periféricos.

Aquele momento me deu uma coceira atrás da orelha, pois dava pra sentir que eles tinham orgulho, e se sentiam bem consigo mesmos e mesmo se não sentissem, pareciam sentir. Invulnerabilidade era o que eles me passaram, eu queria aquela confiança, aquela autonomia.

E nos meus 22 anos recebi o convite pra entrar no Empoderadas IG, foi um processo de estudos muito intenso e interessante, não nos víamos muito por causa da rotina e do cotidiano pra ser sincero, no nosso grupo no Whatsapp diariamente era recomendado livros, PDF's, filmes, artigos, artistas, cantores, tudo relacionado a nós, tentei devorar o máximo que consegui, e tento até hoje.

Fizemos uma viagem para Salvador, nos conhecemos mais, me conheceram mais, em um minuto a Luciana Dornelles nossa mentora criava um ambiente confortável para gente poder falar e se expressar.

Penso que o Empoderadas IG tem a capacidade de fazer por muitas crianças e até mesmo adultos, é terem o que eu não tive durante muito tempo da minha infância e adolescência. Ajudar, auxiliar e dar as ferramentas necessárias pra lidar e encarar as coisas, e com muito empenho mudar esse mundo, afinal é o que estamos fazendo... desconstruindo e construindo ideias para nos encontrarmos.

8. EMPODERADAS EM SALVADOR: ESCREVIVÊNCIAS DE UMA EXPERIÊNCIA COLETIVA.

Eu queria que essa fantasia fosse eterna, quem sabe um dia a paz vence a guerra... e viver será só festejar”
(Baianidade Nagô²⁵ - Banda Mel, 1991)

Parece que agora voltei a respirar. Dezesseis de setembro de dois mil e vinte e dois, o dia em que as Empoderadas viajaram para Salvador. Desde o dia anterior à viagem, já estavam muito agitadas no grupo de WhatsApp, como se “a ficha estivesse caindo”²⁶, como se estivessem se dando conta de que o sonho estava se tornando realidade. Para nós que já viajamos de avião, de imediato pensamos em coisas básicas para organizar, mas e quem nunca viajou? A ansiedade, o medo, o não saber o que fazer, acompanham cada segundo dessa primeira experiência. Vocês já realizaram um sonho coletivo? Foi o que vivemos, um sonho em que se um ganha, todos ganham, e quando não dá certo para um, não dá certo para ninguém. Um sonho que depende do grupo, mas que depende muito da comunidade, de uma rede que abrace com a gente o desejo de torná-lo realidade.

Quando a oportunidade de vir fazer um sanduiche em Salvador se tornou real fiquei muito feliz, como já disse, conhecer Salvador era um sonho distante para mim e que me acompanhava de maneira muito forte desde 2013. Assim que a viagem se confirmou pensei: como viver isso sem minhas alunas? Elas são colaboradoras da minha pesquisa, me acompanham desde 2016 nesta caminhada de

25. Música Baianidade Nagô, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qOPqXRZLD_4

26. Expressão usada para expressar o momento em que nos damos conta de que alguma situação é real, aconteceu ou vai acontecer.

luta, uma luta que nem sabíamos bem como lutar, bell hooks (2020) diz que a pedagogia engajada começa com um entendimento de que quando há interação entre professor e estudante, aprendemos melhor.

Como líderes e facilitadores, professores devem descobrir o que os estudantes sabem e o que precisam saber. Essa descoberta só acontece se os professores estiverem dispostos a engajar os estudantes para além da superficialidade. [...] Isso significa que precisamos dedicar tempo à avaliação de quem estamos ensinando (hooks, 2020, p.45).

No Empoderadas, nos abrimos para aprender, construir juntas, viver, sonhar e compartilhar a educação antirracista. Em 2016 o próprio mestrado era um sonho distante, nós somente sentíamos que precisávamos agir, e foi o que fizemos, foi o que plantamos desde lá a cada encontro, cada palestra, cada escola que visitamos, cada pessoa que conhecemos, plantamos o desejo de multiplicar uma educação que transgride o racismo na escola.

Nosso projeto sempre foi sem fins lucrativos, as visitas que fazemos, os encontros que temos são frutos da ajuda da nossa comunidade, desde o investimento das famílias, com passagens escolares, lanches, apoio, até a rede que nos abraça nas campanhas de arrecadação. Muitas pessoas ajudam doando o valor da passagem, do Uber, da camiseta do projeto, de livros... e às vezes elas não fazem ideia do quanto esse gesto nos ajuda a seguir sonhando.

Empoderadas em Salvador foi um sonho que 3 meses antes de acontecer parecia distante, se não impossível. Em uma primeira reunião fazendo um orçamento de quanto sairia em média levar o grupo todo com tranquilidade, entendemos que para levarmos em torno de 16 pessoas para Salvador, teríamos que arrecadar uma média de quarenta mil reais. Teríamos que arrecadar este valor em três meses. Eu não me dei muito tempo para sentir medo, não podia e

nem tinha tempo para isso, algumas pessoas me questionavam temerosas, “e se não der certo?”, mas alguma coisa me dizia que ia ficar tudo bem. E ficou.

Os dias anteriores a viagem, com o grupo fazendo as malas, check-in do voo, revisando documentos e coisas importante de levarem, aquele agito prévio a um momento importante, foi me causando uma sensação de nostalgia, de lembrar nossa história, das tantas vezes que caímos, das tantas vezes que nos levantamos, dos momentos de êxtase, das primeiras vezes vividas juntas, a nossa longa caminhada até chegar onde chegamos. Onze jovens de escolas públicas, quinze pessoas envolvidas na viagem e no projeto, levando para o Nordeste um pouco do que fazemos e de quem somos. Onze jovens voando de avião pela primeira vez juntos, catorze pessoas conhecendo pela primeira vez Salvador. Ainda hoje, parece difícil acreditar que foi real, porque foi uma experiência coletiva tão linda que nenhum texto seria capaz de traduzir. Mais tarde fiquei sabendo que quase todas as alunas mais antigas do projeto estavam com a mesma sensação de nostalgia, sensação parecida com a que nos causa a música “A Estrada”²⁷ (1998) do Grupo Cidade Negra que diz, “você não sabe o quanto eu caminhei, pra chegar até aqui”.

27. Música “A Estrada” do Cidade Negra, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xMQso-BWFmA>



Figura 30. Foto tirada no dia em que decidimos iniciar a campanha “Empoderadas no doutorado em Salvador”. Junho/2022.

Fonte: arquivo da autora

Fiquei reflexiva sobre como uma mesma situação, vivida por pessoas diferentes pode ter suas várias versões. Elementos que diferem a cada perspectiva, mas que também se entrecruzam nas esquinas da interseccionalidade. Segundo Akotirene:

A interseccionalidade nos permite a partir da avenida estruturada pelo racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, em seus múltiplos trânsitos, para revelar quais são as

peçoas realmente acidentadas pela matriz de opressões (Akotirene, 2020, p.47).

Ela nos ajuda a entender as diferentes opressões sem hierarquias, nos ajuda a entender que as nossas diferentes vivências também podem nos aproximar. Um pouco do que foram essas vivências, experiências coletivas, escrevivências é o que trazemos neste texto, para que vocês compreendam o que vivemos e para que aprendamos a traduzir sensações e sentimentos através de um texto que para suprir isso talvez tenha de ser um tanto... “não acadêmico”, pois como diz Conceição Evaristo “se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não” (Evaristo, 2020, p.30).

Existe uma pressão sobre nós pesquisadores, que diz que devemos ter o controle sobre a escrita, que devemos nos distanciar dos nossos “objetos de estudo”, e isso é uma característica de uma academia ocidentalizada. Tenho a certeza de que a escrevivência se trata do oposto disso, para descobrir como utilizar a escrevivência como metodologia sinto que tenho que exercitar a tranquilidade de perder o controle sobre a escrita, pois ela depende de vivências coletivas, de experiências compartilhadas, de vários atores que inspirem uma narrativa de si que traduza o nós. Segundo Grazi Oliveira Neto da Rosa, “Quando escrevemos deixamos registrados memórias que em algum momento de nossas vidas nos identificamos” (Rosa, 2022, p.58), portanto, é uma escrita onde não existam objetos, mas sim sujeitos da pesquisa. Segundo Camisolão (2020):

Escrevivência, conceito cunhado por Evaristo (1995), que articula três termos, escrever, ver e viver, é um elemento permanente no percurso investigativo. A escrevivência marcada na produção literária de Evaristo por sua identidade racial, social e de gênero, adota outros contornos na universidade. A produção de conhecimento a partir da presença negra, assumindo voz e temáticas negras, desde a perspectiva de sujeito, abre caminho para que a univer-

sidade se modifique ao absorver os conhecimentos, trajetórias de vida, visões de mundo, vivências e referenciais teóricos até então bastante distantes desse espaço. (Camisolão, 2020 , p.11)

São estas trajetórias de vida, conhecimentos, vivências e referenciais teóricos que trazemos nesta escrita, para não somente aproximá-los da academia, mas para traduzir os conhecimentos desenvolvidos na academia para essas pessoas tantas vezes tão distantes dela. Meu desafio com estas metodologias, então, foi traduzir a vocês a busca por uma pesquisa colaborativa, descobrir como fazer pesquisa em conjunto, encontrar o lugar de cada um dos participantes dentro da pesquisa mesmo com minhas demandas como doutoranda e de meus e minhas alunas como jovens secundaristas, vestibulandos(as), graduandas. Foi importante para compreender a dinâmica da pesquisa colaborativa, como nos diz Ivana Ibiapina (2016):

Nesse processo não significa que cada um dos partícipes tenha a mesma função na tomada de decisões durante todas as etapas ou fases da pesquisa. A negociação das funções ocorre dependendo das necessidades dos agentes e da investigação, o que ocorre mediante a comunicação e a produção de uma rede de colaboração entre os envolvidos, de forma que possam conciliar o mundo da pesquisa e o mundo da prática educativa escolar ou não escolar, por meio da pesquisa (Ibiapiana, 2016, p. 36)

Quando optei pela pesquisa colaborativa, não compreendia como fazê-la com um grupo que inicialmente era de 6 meninas participantes da pesquisa, muito menos como fazer com um grupo de 15 pessoas, já que a viagem havia me provocado a incluir todas as alunas e alunos do projeto na pesquisa, não somente as seis que haviam me acompanhado durante a pandemia. Entender que cada um colaboraria da maneira que fosse possível, me tranquilizou, e no processo percebi, que cada integrante participando da sua maneira, ajudando com o que faz de melhor, e que é

exatamente esta pluralidade de um grupo de 15 pessoas que torna nossa pesquisa muito mais potente e interessante, me deu coragem para seguir com este desafio da pesquisa colaborativa. A insegurança me acompanhou no processo, buscar respostas para perguntas que eu ainda não sabia fazer, me permitir viver para poder escrever, falar em primeira pessoa de uma experiência vivida por no mínimo 15 pessoas e entender também durante o processo que além dessas 15 pessoas do projeto, amigos, amigas, comunidade, famílias que ajudaram em nossa campanha de arrecadação também viveram este momento com a gente.

Escrever... escrevivências, tentei fugir dela como metodologia durante um bom tempo, embora muitas pessoas, minha orientadora, e a banca me dissessem que ela estava presente o tempo todo em meu texto. Lembro quando via colegas que se desafiavam a trazer este conceito cunhado na literatura para a pesquisa acadêmica e pensava em como eram ousados e corajosos. Dialogar com Conceição Evaristo em minha pesquisa me dá frio na barriga, mas busquei referências lendo os textos e ouvindo os processos de meus e minhas colegas corajosos(as) que o fizeram antes de mim, tive reflexões profundas também a partir da vivência de uma disciplina no PPGEdu/UFRGS sobre Educação e Escrevivências, aceitei o desafio e espero fazê-lo com o respeito que este conceito e esta mulher que é uma referência para a comunidade negra merecem.

Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas os de quem conta. E. quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem.

cem, na medida em que, às vezes, se (com)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde, e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (Evaristo, 2011, p.8).

Foi deixando o choro viver que escrevi algumas páginas deste texto. Trazendo histórias que se (com)fundem com as minhas. Foi comprometida com o escrito e o vivido, que escutei diferentes perspectivas sobre as nossas vivências para registrar as histórias da imersão de um grupo de 15 pessoas em uma pesquisa colaborativa. Foi ouvindo debates, discussões e lendo outras escrevivências que busquei minha própria maneira de escrever. De entender que quando uma escrita é escrevida, os corpos negros que a leem se deparam com uma escrita que é quase um espelho que lhes atravessa a alma. A sensação que tive quando li bell hooks, Grada Kilomba, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Vanda Machado, Ana Maria Gonçalves, Conceição Evaristo, Bárbara Carine, Winnie Bueno e tantas outras que vieram antes de mim. Tive a impressão, ao ler essas mulheres, que elas estavam me lendo, que falavam dos meus mais profundos sentimentos. Ao lê-las, eu olhava para um espelho, pois suas escritas, a partir do eu, falavam sobre o nós.

Minha orientadora Magali disse que acha lindo quando a emoção atravessa a escrita, diz que a gente não deve tirar a emoção das coisas que a gente escreve. Disse que em alguns momentos isso vai ser dolorido, pesado, leve, emocionante, porque a escrevivência carrega toda a carga de existir enquanto um corpo negro, que é um exercício de si e, ao mesmo tempo, do nós, e isso

fez muito sentido para mim. Foi um lindo processo de descoberta de minha escrita.

Lembro, durante o meu mestrado que quando li Grada Kilomba (2019) falando que nossa escrita não refletia um erudito branco, que falávamos de outros corpos, a partir de outras realidades, me senti aliviada, e mais empoderada para realizar em minha pesquisa uma escrita em primeira pessoa que fosse acessível aos meus. Para mim não fazia sentido ter meus alunos e alunas como colaboradores da pesquisa e eles e suas famílias não entenderem o que estava escrito em uma pesquisa da qual fizeram parte. Escrevo para este público, para mim é importante que minha escrita seja acessível a essas pessoas, mas durante muito tempo me peguei sentindo que não estava fazendo um trabalho acadêmico, que não escrevia tão bem como meus colegas, e ao ler mulheres negras, de uma escrita acessível que não deixava a potência de lado, entendi que sim, essa escrita é possível, e que inspirada nelas posso falar a partir de nossas vivências, de nossos corpos, de nossa ancestralidade. Compreendo quem opta por outra via, ou colegas que nem tem esta opção dentro da academia, mas me inspiro em Conceição para escrever no eu, a partir de um nós, para falar por e com as mulheres negras que vieram antes de mim.

E se ontem, nem a voz pertencia a mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (Evaristo, 2020, p.30).

Trazer a oralidade e a vivência coletiva para a escrita é um desafio para mim, mas tenho aprendido muito com essas mulheres que nos abriram portas e encontraram maneiras de “escreViver” em um mundo que sempre tentou nos silenciar. Vendo as violências vividas pelos povos negros e indígenas me pergunto, como se fazer ouvir em um

mundo que não foi feito para nos escutar? Como escrever em uma academia que não foi feita para nos ler? Mas entender para quem escrevo, me deu o propósito de continuar. Escrevo para minhas alunas e alunos, que são a minha maior e melhor perspectiva de futuro e que me fazem esperar, escrevo para as suas famílias que não desistiram de lutar. Escrevo para a minha mãe, que esteve sempre ao meu lado não me deixando fraquejar, para minha família que é meu porto seguro, para onde sei que, independentemente dos voos que eu alce, sempre posso voltar. Escrevo para professores que, como eu, acreditam na educação como forma de revolucionar e para os que vieram antes de mim, prometendo que até onde conseguir, irei seguir fazendo a roda girar.

O que vivemos em Salvador, consideramos nosso ápice como projeto, foi um sonho que sonhamos juntos e pudemos vê-lo se tornar realidade. Momentos que de diversas maneiras tentamos eternizar, pelos vídeos que estamos trazendo nesta tese, pelas cartas envolvidas pela emoção do vivido, e pela escrita desta tese, com a intenção, como diz Evaristo, “de recolher os restos, os pedaços, os vestígios, pois creio que a escrita, pelo menos para mim, é o pretensioso desejo de recuperar o vivido. A escrita pode eternizar o efêmero” (Evaristo, 2018). Dandara Dorneles (2020) relata sobre sua pesquisa: “experienciei o “campo” (con)fundindo escrita e vida, ou melhor, pesquisa e vivência [...] Busco, dessa forma, descrever momentos coletivos vividos intensamente, dotados de ancestralidades” (Dorneles, 2020, p.97), esperamos trazer também em nossa escrita, nossa experiência coletiva da construção de uma pesquisa colaborativa, que nasceu de um aprendizado coletivo a partir de vivências na luta antirracista.

Que a escrita desta tese seja uma maneira de recuperarmos os caminhos percorridos em nossa luta coletiva

pela construção de uma pedagogia antirracista. Que ela eternize em nós, o sentimento de que a educação pode mudar vidas e tornar sonhos realidades. Que ela nos remeta ao momento vivido de êxtase, realização, orgulho e felicidade. Sentimento difícil de ser traduzido em palavras, e tão potente que deixa uma marca eterna em nossos corações.



Figura 31. Empoderadas em Salvador. Setembro/2022

Fonte: arquivo da autora.



Video: Empoderadas em Salvador



"Foi aí que a professora lu (<3) apareceu me convidando para participar, e nesse convite eu me senti a pessoa mais especial do mundo. Eu vi que era isso que eu precisava, necessitava de alguém acreditando em mim, me ouvindo e me trazendo muito mais aprendizado que eu não conseguiria sozinha" (Esthefany, 9/07/2017).

9. CARTAS AO EMPODERADAS: UMA HISTÓRIA CONTADA POR MUITAS VOZES

“[...] fui percebendo a necessidade de deixar claro, desde o começo, de um lado, que as experiências de que falaria não me pertenciam em termos exclusivos; de outro, que, ainda quando minha intenção não fosse escrever um conjunto de textos autobiográficos, não poderia deixar de fazer, evitando qualquer ruptura entre o homem de hoje e o menino de ontem, referências a certos acontecimentos de minha infância, de minha adolescência, de minha juventude. É que, tais momentos, pelo menos em alguns aspectos, se encontram ligados às opções que iluminam o trabalho que venho realizando como educador. Por isso mesmo, seria uma ingenuidade pretender esquecê-los ou dicotomizá-los das atividades mais recentes, fixando, então, entre eles e estas, rígidas fronteiras. Com efeito, um corte que separasse em dois o menino do adulto que se vem dedicando, desde o começo de sua juventude, a um trabalho de educação, em nada poderia ajudar a compreensão do homem de hoje que, procurando preservar o menino que foi, busca ser também o menino que não pôde ser.”

(Freire, 2019, p.37).

Desde pequena, sempre gostei de cartas! Na minha geração não eram todas as pessoas que tinham telefone, e as cartas eram uma boa alternativa para comunicação. Na época, também era comum fãs escreverem cartas para os artistas e eu, quando mal sabia escrever, já fazia cartas para a Xuxa mandando beijinhos e falando de mim, das coisas que eu gostava e de minha família. Uma das minhas principais correspondentes era minha prima/irmã Dora, temos a mesma idade e ela mora em Pinhal, uma praia aqui perto de Porto Alegre. Desde muito pequenas nos correspondemos por cartas, contando dos nossos mascotes, perguntando como iam as coisas, torcendo para que o tempo

passasse e que o verão chegasse logo para que eu fosse para a praia e brincássemos muito juntas nas férias escolares. Quando mais velha, encontrei algumas destas cartinhas, e me peguei rindo de nossas conversas, ainda não sabíamos escrever bem, mas isso não nos impedia da comunicação pelas cartas. Apesar de não escrevermos mais uma para a outra, este elo existe até hoje, uma ligação muito especial.

Outra correspondente assídua era minha melhor amiga Monique, também vizinha de prédio. Temos a mesma idade, e minha mãe viu pela janela quando a Tia Célia (Mãe da Monique) chegou da maternidade com ela nos braços, desde então somos amigas. Nos víamos quase todos os dias, fazíamos quase tudo juntas, mas até hoje não perdemos o hábito de escrever uma para a outra. Fico pensando, por que escrever se estávamos sempre juntas? Talvez, porque pelas cartas nos sentimos mais corajosas para abrirmos o coração, para falarmos o que fica mais difícil de falar olhando no olho. Muitas vezes escrevendo, organizamos os pensamentos e dizemos o que geralmente nos falta coragem de verbalizar, ou, escrevemos o que é tão profundo que achamos importante no papel eternizar.



Figura 32. Uma vida de amizade em cartas: Luciana e Monique

Fonte: arquivo da autora

Este hábito fez parte da minha vida por muito tempo e com muitas pessoas, hoje, escrevendo este capítulo me pergunto por que perdi este costume. Fico com vontade de voltar a escrever cartas, sentir aquela emoção de abrir a caixinha de correio e ver aquele envelope que trazia pedacinhos de papel que continham o mundo de alguém. Lendo Paulo Freire, no livro “Cartas a Cristina” (2019), percebi quanto a provocação de sua sobrinha por cartas, que contassem desde sua infância o que o provocou a ser o educador que Freire se tornou, o fizeram realizar movimentos para se compreender e compreender seus processos. Identifiquei-me, pois também fiz um pouco disso nessa tese. Precisei me reencontrar com a pequena Lu, olhar para ela e para seus processos com mais empatia, o que me fez também compreender melhor a Lu adolescente e as vivências que me levaram ao magistério, ao Empoderadas e a toda a trajetória que tivemos juntas na busca pela construção de caminhos para práticas pedagógicas antirracistas. Ouvir as jovens foi fundamental neste processo, e encontrei nas cartas uma maneira para que elas refletissem e colocassem no papel o que achavam ser importante ser dito.

Neste capítulo, compartilhamos com vocês um pouco do que a gurizada expressou nas cartas, apesar de termos autorização do uso das mesmas na pesquisa, optamos por incluir o nome real, somente das alunas participantes do Empoderadas IG, trazendo somente trechos sem nomes dos alunos das outras escolas, preservando suas identidades.

O que as Empoderadas diziam nas cartas me deram pistas para compreender o que era mais urgente de ser trabalhado, questões que iam além de raça, mas que de uma maneira ou outra se interseccionalizavam com ela.

“Não entendia por que meus colegas achavam feia a minha cor da pele”, “Todas as minhas amigas tinham cabe-

lo liso e eu obviamente queria ser igual a elas”, “Eu odiava meu cabelo, achava ridículo, eu queria ser o padrão”, “Eu não gosto do meu cabelo”, “eu não me aceitava muito...”, foram frases que apareceram em muitas das primeiras cartas de minhas alunas em 2017, e que me fizeram refletir sobre como a autoestima delas estava prejudicada. Foi por onde começamos a organizar os conteúdos do Projeto Empoderadas, trazer referências de mulheres negras, empoderadas, que ensinavam para elas, mesmo sem saber, que elas podiam se permitir se amar. Voltamos às histórias do povo negro que não haviam sido contadas em sala de aula, e as meninas começaram a compreender de onde vieram, compreender a luta dos seus ancestrais para que elas pudessem chegar onde estão, puderam fazer as pazes com a sua identidade, ter orgulho do seu passado e uma melhor perspectiva de futuro. Nessas primeiras cartas, elas, as primeiras alunas do Projeto, escreveram para outros jovens como eram e como se sentiam, e também escreveram sobre a diferença que o acesso ao projeto havia feito para elas.

Foi aí que a professora Lu (<3) apareceu me convidando para participar, e nesse convite eu me senti a pessoa mais especial do mundo. Eu vi que era isso que eu precisava, necessitava de alguém acreditando em mim, me ouvindo e me trazendo muito mais aprendizado que eu não conseguiria sozinha” (Esthefany, 9/07/2017).

“[...]aprendi que eu deveria me aceitar do jeito que eu era, sem pensar no que as pessoas iriam me falar, somente me sentir bem” (Letícia, 28/06/2017).

“Aceitei o convite dela para fazer parte do projeto e foi aí que me reencontrei, passei a me desconstruir progressivamente com a ajuda dela e das outras meninas que fazem parte desse maravilhoso projeto” (Nickoly, 27/06/2017).

“Este ano entrei no IG e conheci a Sôra Lu (<3) que me apresentou esse projeto lindo, que me mostrou que eu posso me amar, que eu não preciso seguir padrão nenhum, que eu sou linda com meus traços, com os meus defeitos”, (*Julia*, 18/06/2017).

As cartas das meninas traziam suas dores, mas mostravam que elas estavam em um processo muito bonito, de aprenderem a se amar. Foram escritas em 2017 quando criamos nossas redes sociais e as meninas quiseram compartilhar com outros jovens o que vinham vivendo, o projeto estava fazendo quase um ano. Escrevendo este capítulo, me emocionei lendo suas cartas, e tentando me conectar com essa Lu que estava buscando caminhos para acessar essas meninas para encontrarem juntas possibilidades de educação antirracista, me deparo com uma carta que eu fiz, onde começo dizendo assim:

Eu acredito, como professora de Educação Física, que a estética é apenas a consequência de uma transformação interna muito maior que ocorre com a gente. É preciso partir do amor próprio para ir para uma academia, para iniciar em um grupo novo de caminhada e corrida, entrar em aulas de dança, para procurar uma nutri e começar uma reeducação alimentar... coisas que são para a gente, para a nossa saúde, e é preciso amor próprio para se cuidar. Isso é uma peça chave, que determina como, com quem e de que maneira vamos seguir nossa vida e nossas relações” (*Luciana Dornelles*, 05/12/2017).

Amor próprio... me deparar com os depoimentos das meninas no início do projeto me fez refletir sobre ele, sobre como ele é peça chave para que façamos movimentos em nossas vidas que não sejam autodestrutivos, que não sejam tóxicos, que sejam um caminho de autocuidado para que a gente se permita se amar, se permita se tornar a nossa melhor versão. Lembro que me vi nelas, eu já havia sido aquela jovem que me achava feia, que aceitava relações

tóxicas, que mendigava por um pouco de carinho e atenção não importava o que isso custasse, e acho que o que mais mexeu comigo, é que me via uma adulta que ainda carregava essas questões, que ainda sentia precisar fazer as pazes com a minha autoestima, que me sentia quebrada em mil caquinhos²⁸ fazendo um esforço tremendo para juntá-los, colando caquinho a caquinho para poder me reconstruir.

Eu não queria que minhas alunas se quebrassem tanto como eu, queria que elas tivessem mais cedo, acesso a uma educação que eu não tive, que as ajudasse a cultivar o amor próprio, o orgulho da sua ancestralidade, da sua identidade, para que se permitissem se amar. Foi por aí que começamos, entre aulas sobre os tipos de fios de cabelos, sobre representatividade, sobre tipos de hidratação, nutrição, reconstruções caseiras para os cabelos, também estudamos sobre racismo, sobre outras histórias do Brasil, sobre gênero, feminismo negro, lugar de fala, luta antirracista e tantas outras coisas. Assim as meninas foram se encontrando no mundo, se olhando com mais carinho, isso se refletiu diretamente em outras alunas da escola que começaram a vê-las como uma referência positiva.

Visitando outras escolas, percebi o quanto para outros alunos e alunas era importante ver aquelas meninas, com seus cabelos soltos e sorrisos largos. Orgulhosas de quem eram, de sua pertença, de sua identidade, e logo entendi que o Projeto Empoderadas IG era sobre empoderar essas jovens através da educação antirracista, para que elas pudessem se tornar representatividade para jovens de outras escolas e pudessem compartilhar com eles e elas o que juntas estávamos aprendendo. Conversamos muito sobre a responsabilidade de se tornar referência para alguém, so-

28. Expressão que faz referência a quando um objeto de vidro cai e se quebra em diversos cacos de vidro pequenos. Utilizada para dizer que uma pessoa está machucada, e precisa colar os caquinhos para se reconstruir

bre o quanto elas precisariam estudar para dialogar com essas outras jovens, para darem entrevistas, para dominarmos os assuntos que estávamos nos propondo a debater e levar para outras pessoas. Logo entendemos também que não existia receita de bolo, que para elas foi importante o que trabalhamos no primeiro ano do projeto, mas que só foi possível porque me disponibilizei a ouvi-las, a entender suas demandas para pensar com elas caminhos para o tipo de educação que estávamos dispostas a construir. Foi então que resolvemos estruturar nossas visitas, ouvir o que os alunos e alunas de outras escolas tinham a nos dizer sobre suas demandas, sobre as demandas de sua comunidade, e foi então que as cartas voltaram a ter um papel fundamental em nossas atividades.

Como comentamos anteriormente, combinamos com os professores que nos buscavam pedindo que visitássemos suas escolas, que iriam apresentar o projeto para os alunos e alunas, e pedir que escrevessem cartas para o Empoderadas, dizendo o que acharam do projeto e nos contando por que achavam importante nossa visita em suas escolas. Para minha surpresa e dos professores envolvidos nas atividades, os alunos e alunas se abriram muito nas cartas, mostrando um lado deles que até professores que os acompanhavam por muitos anos não conheciam, nos fez pensar sobre quanto aqueles adolescentes tinham a dizer, coisas que talvez, não estivessem encontrando espaço para dizer dentro da escola, nas rotinas corridas da sala de aula.

Neste processo, fiz questão de conversar com os professores sobre as cartas. Quando escolhíamos as 10 cartas dos alunos para participarem das atividades com as Empoderadas, sabíamos também que nem sempre os alunos que melhor se expressavam escrevendo eram os que mais precisavam de um momento como aquele, de interação com as alunas do projeto. Geralmente as cartas que

escolhíamos eram as mesmas que os professores, posteriormente, nos diziam ser dos alunos que escolheriam para a atividade se tivessem a oportunidade, e muitas vezes incluíamos alguns alunos ou alunas que não haviam sido escolhidos no grupo, pelo olhar das professoras de que seria importante para elas e eles. Isso fazia com que sempre nossa atividade fosse com mais de dez pessoas, mas sempre foram momentos muito bonitos, de trocas sinceras e brilhos nos olhos.

A primeira escola que visitamos, com essa estrutura das cartas, no segundo semestre de 2017, foi a escola Porto Alegre que fica localizada no Morro Santana. Escola em que minha Tia Iris trabalhava e produzia sonhos. Ficamos organizando a visita meses antes da visita acontecer e isso gerava uma ansiedade imensa, tanto nas Empoderadas como nas alunas e alunos da escola. Recebemos as cartas das alunas, e encontramos muitas pistas sobre a necessidade de um debate sobre padrão de beleza. Li todas as cartas e em nossos encontros do Empoderadas as alunas leram também. Conversamos muito e fomos construindo juntas as atividades para levar para a visita. Era sempre muito emocionante este momento de ler as cartas. Alunas e alunos da Escola Porto Alegre traziam frases como: "Por que o jeito de alguém te incomoda tanto?", "Fico triste que em pleno século 21, existe padrão para trabalhar em alguns lugares", "Minha mãe passou um produto no meu cabelo que deu uma queda muito grande", "Eu queria ser alguém que não fosse taxada de gorda", "É chato, incomoda as pessoas querem ditar o que devemos ou não usar, falar ou até mesmo ser".

Traziam situações da escola, do trabalho, de casa, da internet, e muitos desabafavam sobre a pressão de não se poder ser, simplesmente quem se é. Apesar das denúncias, encontramos nas cartas também, pistas de que algumas professoras na escola estavam atentas e trabalhando

em sala de aula essas questões. "Aqui na escola é tratado isso com uma professora, ela trabalha bastante com feminismo e aceitação, isso é ótimo, as pessoas que fazem esses comentários podem se ligar²⁹, mas isso é sobre cada um parar e pensar".

Entendemos então, que poderíamos nos unir a essas professoras que trabalhavam essas questões na escola, potencializando com a nossa visita, a importância de discutir essas temáticas, de romper com padrões de beleza, e acima de tudo, trabalhando com elas e eles a importância do respeito às diferenças.

A visita foi um sucesso, de uma energia surreal. Ao sairmos da escola, minha *Tia Iris* agradeceu muito, e disse que já estava sentindo as energias mudando. Foi uma experiência que é difícil explicar em palavras, mas que graças aos ancestrais, foi nossa primeira visita com o *Kadu Casales*, que registrou tudo em vídeo, de uma maneira que só ele sabe fazer, deixando para sempre gravado este momento especial.



Figura 33. Visita à Escola Porto Alegre. 28/08/2017

Fonte: arquivo da autora.

29. Expressão utilizada para dizer que a pessoa passou a ficar atenta àquela questão.

No período de 2018-2019, seguimos nas visitas das escolas sempre com o processo das cartas como uma maneira de ouvir o que as alunas e os alunos tinham a nos dizer. Visitamos a escola Otávio Rocha, na Conceição; a escola Giúdice no Hamaitá, a escola Pasqualini na Restinga, a escola Judith Macedo no Morro da Cruz, e cada escola nos deixou uma marca e muitos aprendizados que nunca iremos esquecer.

No final de 2019, tivemos uma visita muito especial, não porque as outras não tenham sido, mas porque ela de alguma maneira foi diferente. Desde que recebi as cartas da Escola Loureiro da Silva, da Vila Cruzeiro, já fiquei bem emocionada. Como o projeto já tinha um certo tempo de "vida", já havíamos aparecido na televisão, dado entrevistas em rádios, quando os professores levaram um vídeo do nosso projeto para os alunos, muitos disseram já nos conhecerem e nos seguirem nas redes sociais, e isso se refletiu nas cartas, onde muitos dos alunos e alunas demonstravam uma certa intimidade comigo e com o projeto. Em seus escritos, muitos pedidos de ajuda e muitos sinais que precisavam de atenção, das três turmas trabalhadas, quase 90% das cartas falavam ou perguntavam sobre saúde mental.

"Eu não gosto da minha vida, mas não é questão de gosto e sim que ela continua mas eu tenho vários cortes, marcas de isqueiro e tenho depressão"; "Eu sofro de ansiedade e não gosto da minha aparência, sou negra e as vezes sinto vontade de mudar de aparência"; "Eu sou descendente de indígena e tem varios guri que ficam fazendo bulling com isso, só sei que isso tem que parar". "Ja me deram tapa na cara e não param de me chamar de macaca e falam que não era pra mim ta na escola e sim no zoológico que é meu lugar"; "Eu queria falar sobre os indígenas, falaram que os indigenas não vão para o céu porque eles são negros. Eu gostaria de saber sobre".

Tantas violências e tanta dor nos escritos desses e

dessas jovens me fizeram entender o apelo das professoras por ajuda. Os estudantes falavam muito sobre bullying e depressão, e em muitas das cartas eles nos faziam perguntas como: "Alguém de vocês ou uma pessoa que conhecem sofreu depressão ou algum problema psicológico por conta da discriminação racial?"; "Como nós podemos ajudar as pessoas que tem depressão?"; "Tem como a pessoa se sentir sozinha mesmo tendo pessoas do seu lado e não ter depressão?"; "Existe cura para a depressão?".

Lembro que na época fiquei muito preocupada e pensativa sobre o que levar para esses jovens. Nós sempre nas palestras falávamos sobre educação antirracista e deixávamos um espaço para abordar algum tema que os alunos demonstrassem interesse nas cartas. "Me lembro ainda de quanto a leitura daquela carta me desafiou e começou a me fazer pensar em como responder a Cristina (Freire, 2019, p. 36). Como Freire, me senti desafiada, não existia dúvidas de que precisaríamos falar sobre saúde mental, mas como abordar este tema tão delicado, mas que se manifestava urgente de ser dialogado com esses jovens?

Percebi nas cartas que eles nos admiravam muito, que nos tinham como mulheres empoderadas, que lutavam contra as discriminações, muitos adoravam os vídeos que a gente postava nas redes sociais. "Assistindo o vídeo deixou minha autoestima muito alta, lá em cima, uma energia muito boa", "Eu amo os vídeos de vocês".

De alguma maneira, eles tinham uma intimidade comigo, alguns escrevendo inclusive, diretamente para mim.

"Acho que a presença da Lu aqui na escola é totalmente necessária pra que as pessoas saibam que elas podem se amar, se sentirem lindas e poderosas. Eles precisam de ajuda! E nós não conseguimos sozinhos. São pessoas incríveis mas que não se sentem incríveis"

“Queria convidar você Lu e o seu grupo para conhecer um pouco mais da nossa história porque afinal, não da pra escrever tudo numa folha”.

Eu queria muito conhecer mais as histórias daquelas alunas/os que escreveram cartas tão profundas para nós, que abriram tanto o coração, e conversando com uma das professoras, compreendi melhor porque nas cartas parecia que alguns alunos já me conheciam. Uma das alunas, a **Liane**, tinha problemas de autoestima, de saúde mental, ela não se gostava, mesmo sendo uma menina linda, muito linda. A Prof. **Andressa**, preocupada, mostrou para ela a página do nosso projeto, e ela surpresa falou que tinha nos assistido no Jornal do Almoço e tinha amado nosso projeto. Ela virou nossa fã e por ela, muitos alunos da escola que acompanhavam seu processo de aceitação também conheceram o Empoderadas, a Lia dizia para os colegas que o sonho dela era me conhecer, vontade que ela também manifestou em sua cartinha.



Figura 34. Lia em Salvador com o Projeto Empoderadas. 18/09/2022

Fonte: arquivo da autora.

Eu queria agradecer você por ser quem você é!

Obrigada por todas as postagens no facebook!

A senhora só imaginou o que seria de todas essas pessoas se você não tivesse entrado na vida delas?

Eu não sei porque mais eu me sinto muito indentificada com você, apesar de nunca termos nos encontrada eu espero que essa honra esteja muito proxima!

Luciana Dornelles é um nome que eu tenho certeza que muitas meninas quando escultam ele os olhos brilham de muita gratidão.

Eu quero ter essa honra de poder falar que eu fui uma

Figura 35. Carta Liane. Outubro/ 2019.

Fonte: arquivo da autora



Video: Escola
Loureiro da Silva



Para mim, aquilo foi surreal, aqueles jovens que já me conheciam tanto, sem eu conhecê-los. Com as alunas e alunos do Loureiro eu comecei a entender também a potência da internet e o quanto nossos posts e nossas histórias entravam na casa e na vida de pessoas que a gente não fazia ideia. Eu e as Empoderadas conversamos muito, e por entendermos que éramos representatividade para aquelas e aqueles jovens decidimos mostrar para eles nossas lutas mas também nossas vulnerabilidades. Sentamos em uma grande roda, e cada um fez um depoimento sobre sua vida, suas dores, suas alegrias, a importância do projeto e também as maneiras que encontramos de pedir ajuda nos momentos difíceis. Eu, que havia iniciado um processo de depressão em 2017, dividi um pouco com eles e elas sobre. Conteí sobre como foi importante dividir com as alunas do Empoderadas que eu estava doente, e do quanto elas me ajudaram neste processo a diminuir (dividindo entre elas) minhas demandas com o projeto, me dando mais espaço para cuidar de mim e permitindo assim, que o Empoderadas seguisse “vivo”. Conteí para eles e elas a importância de ter entendido que eu não dava conta sozinha, e ter conseguido pedir ajuda profissional. Ressalteí o quanto profissionais, psicólogos e psiquiatras, fazem diferença nesses processos e que não é tabu nenhum pedir ajuda para estes especialistas para encontrarmos caminhos para ficarmos bem. Os alunos e alunas da escola também falaram, muitos se emocionaram (e nós também), foi uma tarde muito potente, de entrega, de diálogos sinceros e muito amor compartilhado.



Figura 36. Lia e Anderson em nossa roda de conversa na Loureiro, 2018.

Fonte: arquivo da autora

Se tivéssemos ido para a escola Loureiro da Silva sem ter feito esse exercício de escuta com os alunos, teríamos preparado uma atividade legal, mas que talvez não contemplasse os alunos da maneira como contemplou. Segundo bell hooks (2020, p. 81), “Ao escolher e nutrir o diálogo, nós nos envolvemos mutuamente em uma parceria na aprendizagem”. Esse tem sido um aprendizado constante dentro de nossa pedagogia antirracista, a horizontalidade, escutar os alunos, conhecer nosso público, conhecer a comunidade com quem vamos trabalhar.

Quando os alunos e alunas da Loureiro perceberam que nós lemos as cartinhas e nos disponibilizamos a dialogar sobre os diversos assuntos que eles nos trouxeram nelas, se entregaram a atividade, ficaram atentos e participativos. bell hooks (2021, p. 93) diz que “O diálogo é o espaço central da pedagogia para o educador democrático”, essa construção de diálogo com as comunidades que visitamos tem dado muito certo para nós. Nela, aprendemos tanto quanto ensinamos, desenvolvemos mais empatia pelos alunos que vamos conhecer e no final deste processo, todos nós, participantes do projeto e alunos e alunas das escolas ganhamos.



Figura 37. Cartas recebidas de alunos e alunas das escolas que visitamos

Fonte: arquivo da autora

Na época dessas visitas, não fazíamos ideia de que no ano de 2022 iríamos viver o que consideramos nosso ápice no projeto. Viveríamos juntos a viagem para Salvador. Lembro que quando começamos as visitas com as cartas em 2018, falei para as meninas que iria guardar todas elas e que era importante registrarmos todos os nossos passos nas redes sociais, pois quem sabe, um dia, poderíamos usar tudo isso para uma pesquisa de Mestrado. Também expliquei para elas o que era um Mestrado e elas acharam o máximo. Naquela época, isso seria o mais alto que poderíamos sonhar, nunca imaginávamos que, no Doutorado, faríamos uma viagem juntas para descobrir histórias que a escola não conta sobre Salvador.

A campanha para a viagem foi cansativa, e não teríamos conseguido sem a ajuda da nossa comunidade que literalmente abraçou nosso sonho e bancou nossa viagem. Quando nos reunimos lá no hostel, em um dia chuvoso conversamos muito sobre como aquela viagem foi uma virada de chave em nossas vidas, sobre como há uns anos atrás nem sonhávamos que isso seria possível, sobre como as famílias se envolveram e se realizaram através dessa experiência que seus jovens estavam tendo a oportunidade de viver, e sobre como seria importante devolvermos para a nossa comunidade de diversas maneiras, mas principalmente através do comprometimento em nossa tese de doutorado, o tanto que nos possibilitaram experienciar.

Neste dia, ainda muito impactadas com a nossa visita guiada descobrindo outras histórias sobre o Pelourinho, conversamos sobre o tema que sempre permeia nossas construções referentes à educação antirracista, o perigo da história única. Falamos sobre os calendários de celebrações que ocorrem nas escolas e sobre como, muitas dessas datas são celebradas a partir de uma narrativa única, de uma única versão da história que é contada nas escolas. Falamos sobre o mês Farroupiha, que celebra no Rio

Grando do Sul, a dita Revolução Farroupilha. Conversamos sobre a responsabilidade da escola, que permite que as crianças, durante um mês, saiam da sala de aula, participem de rodas onde tomam chimarrão e comem pipoca para ouvir as narrativas únicas sobre a Guerra dos Farrapos, sem nenhuma outra perspectiva, sem nenhum olhar mais crítico sobre essa estória e a construção de símbolos a partir delas para a história do Rio Grande do Sul.

Algumas alunas revoltadas falaram que somente mais velhas descobriram a história dos Lanceiros Negros³⁰, o grupo todo concordou que teria feito muita diferença em suas formações conhecer a história a partir da versão de um Lanceiro Negro, ou minimamente, conhecer suas histórias. Mas muito pouco se fala (exceto o Movimento Negro que denuncia a traição dos Farrapos e exalta nossos heróis Lanceiros Negros) desta traição vergonhosa aqui no Rio Grande do Sul. A história dos Lanceiros foi tão bem apagada, que até hoje temos dificuldades de saber o nome de algum deles. Seguimos em nossas trocas naquela tarde chuvosa, e nos perguntamos por que não estudamos a Independência da Bahia e heroínas como Maria Felipa, por que no RS o Dia da Consciência Negra, que aqui nasceu, não era feriado como em outros lugares e por que não aprendemos nas escolas sobre o Grupo Palmares, Oliveira Silveira³¹ e a importância que eles tiveram neste movimento que se espalhou por todo o Brasil?

30. Homens escravizados convidados a lutar na revolta Farroupilha em troca de conquistarem sua liberdade ao final da guerra. Conhecidos por sua coragem e bravura, portando somente lanças, pois os senhores tinham medo de deixar em suas mãos armas de fogo, faziam a linha de frente nas batalhas. Foram traídos pelos Farroupilhas, desarmados e entregues para serem dizimados pelos Imperiais em Porongos.

31. Oliveira Silveira, escritor e Poeta que se denominava Afro-gaúcho, reverberou sobre a presença negra no Rio Grande do Sul, e juntamente com o grupo Palmares, lutaram por uma outra história do negro brasileiro e idealizaram o Dia da Consciência Negra.

Como resposta, voltamos ao livro da Chimamanda (2019) que perpassa toda a nossa trajetória com o projeto e com a pesquisa, que fala sobre o perigo de uma história única. Este é o lugar das escolas que não se comprometem com a ERER, que contam durante os nossos, em média, doze anos de formação escolar, a história a partir de uma narrativa única, a partir da versão do colonizador. Em nossa trajetória com o Empoderadas fomos descobrindo outras histórias, sobre o continente africano, sobre o Brasil, sobre o Rio Grande do Sul; histórias negras e indígenas que não são contadas na escola e que foram essenciais para o nosso empoderamento. Barbara Carine Pinheiro, contando sobre a construção do plano pedagógico da Escola Maria Felipa, relata que pensam as práticas pedagógicas a partir de uma lógica do reforço positivo:

[...] dizemos que a matemática surgiu em África, por exemplo, e apresentamos o papiro de Ahmes, com formulações matemáticas e aritméticas, o osso de Lebombo e Ishango, que são artefatos matemáticos mais antigos do mundo. Mostramos e jogamos Mancala, falamos das formas geométricas e de suas simetrias nos tecidos da costa, nos fractais africanos, nas tranças nagô... eles e elas aprendem na dinâmica cotidiana escolar que pessoas negras pensam e produzem conhecimento há muito tempo (Pinheiro, 2023, p.60).

Foi muito importante no início do projeto acolher as dores das meninas, dialogar sobre questões sociais e sobre como elas impactam na vida de pessoas negras, mas foi esse reforço positivo, a busca por esse outro lado da história de nossos ancestrais que não havia sido contado para a gente que nos trouxe maior empoderamento, que nos reconectou com a nossa riqueza ancestral, nos fez sentir orgulho de nossa pertença, da história de nossos antepassados, de nossa ancestralidade.

Na viagem de Salvador fomos apresentadas a outras histórias da cidade, e nos despertou a vontade de des-

bravar todo este Brasil descobrindo histórias que a escola não conta.

Nesta tese, desafiada pela escrevivência, escrevo a partir de um eu, que se mistura com um nós, e isso é desafiador. Escrevendo este capítulo, lembro de uma reflexão que fizemos naquele dia de chuva em Salvador sobre vivermos uma mesma experiência que foi a viagem e como esta experiência, a partir da perspectiva de cada um, mesmo estando no mesmo lugar, pegando o mesmo vôo, dormindo no mesmo hostel, pode ter versões muito diferentes. “Sempre senti que é impossível se envolver direito com um lugar ou uma pessoa sem se envolver com todas as histórias daquele lugar ou daquela pessoa” (Adichie, 2019, p.27), me inspirando em Chimamanda, compreendi a importância de trazer neste capítulo as cartas, um pouquinho das vozes que fizeram parte de nossa experiência, tanto no início do projeto e de nossa caminhada, como em nossa pesquisa e no ápice de nossa vivência, a viagem para Salvador.

Desde a campanha de arrecadação, os diálogos para acalmar os corações dos pais, os pedidos de ajudas e indicações para passagens, hospedagem, alimentação da gurizada, os convites para os profissionais que fizeram parte de nossos dias na viagem, pois, “Aquele sentimento de comunidade que ultrapassa fronteiras só foi alcançado devido à incrível generosidade de todas as pessoas presentes” (hooks, 2021, p. 185). Foram muitas vozes que se misturam em nossa trajetória, e essas vozes não podiam ficar de fora de nossa tese. Por isso, voltamos as cartas, cartas das Empoderadas, de mães, amigas/colaboradoras da viagem, vozes que permitiram que nosso sonho se tornasse realidade, uma história que de única não teve nada, foi coletiva, plural, uma experiência em comunidade.

“Passei então a recolher dados e por em ordem velhas fichas, com observações que fizera em diferentes momentos de minha prática. Passei também a conversar com amigos em torno do projeto, recolhendo suas impressões, suas críticas” (Freire, 2019, p.36-37). Como Freire, pensando em organizar esses materiais, pedi que as alunas e alunos escrevessem cartas, contando sobre o Projeto em suas vidas e esta experiência que tiveram com a viagem, e para a minha felicidade, ao ler seus relatos, toda aquela dor que aparecia em suas primeiras cartas do Projeto (entre 2016 a 2018) tinha se transformado em sonhos e possibilidades.

oii sora, eu não sei se caiu a ficha ainda pra sra sobre o quão importante foi essa viagem pra nós mas vou contar o meu ponto de vista.
a sra mudou a minha vida, ajudou a mudar a vida dos meus familiares, através dos ensinamentos q eu tive com a sra mudei muito meu pensamento e senso crítico sobre diversar coisas e sou muito grato por tudo que a sra ja fez por mim. na volta da viagem enquanto eu tava pensando no texto(ainda não consegui formar ele 😞) eu pensei no quão importante essa viagem foi pra autoestima da minha familia. meus pais nunca tiveram condição de fazer uma viagem de avião, meu vo e meus irmãos também não. quando surgiu a ideia da viagem meus pais apoiaram na hora, e quando chegou o momento de ir pro avião eles estavam muito felizes e quando eu voltei eles estavam empolgadíssimos querendo saber como foi e planejando uma futura viagem em familia. a sra e o projeto são muito importantes na minha vida, eu não me imagino longe de vcs, muito obrigado mesmo sora ❤️

21:59

Figura 38. Mensagem do Renan. 21/09/2022.

Fonte: arquivo da autora (21/09/2022)

“Será necessário algum tempo e muitos sonhos para metabolizar tudo o que vi e senti nessas duas semanas frenéticas” (Lorde, 2019, p. 38). Foi como se senti Audre Lorde que me senti após a passagem das Empoderadas por Salvador. Eram tantas emoções misturadas que precisaria de um tempo para digeri-las. Lembro de minha emoção ao receber esta mensagem do Renan, ainda estávamos embebidos nas emoções da viagem, e eu, que fiquei

em Salvador, nervosa com o retorno da gurizada, fiquei esperando ansiosa por suas mensagens avisando que haviam chegado, que estavam seguros com suas famílias, e que estava tudo bem. Somente depois disso eu poderia relaxar, poderíamos dizer que sim, a viagem foi um sucesso, sem contratempos e repleta de emoções e boas histórias para contar. Eu ainda não tinha dado um passo atrás para olhar de fora a imensidão do que aquele momento tinha significado em nossas vidas.

Quando o *Renan* me traz seu relato falando sobre como aquilo havia afetado positivamente sua família, lembrei de todas as pessoas que estavam nos acompanhando, mesmo sem terem ido para Salvador com a gente, de como essa viagem tinha sido uma virada de chave para o nosso Projeto, mas como ela também afetava a vida de pessoas tão queridas para nós. Chorei ao receber a mensagem do *Renan*, sozinha, em meu kitnet no bairro Federação, chorei de emoção, de alívio, de felicidade, de realização. O que havia acontecido era muito maior que eu, maior que o doutorado, maior que o Empoderadas... nossa comunidade se uniu por acreditar em nosso trabalho, por acreditar em nossa luta, por acreditar na impotência da educação antirracista. Difícil traduzir em palavras nestes escritos o que vivemos, existem momentos na vida que não existe muito como explicar, somente sentir. Espero que nos relatos de nossos alunos, alunas e amigas, vocês consigam sentir um pouco do que vivemos, do que significou para nós esta viagem que foi um exercício prático do esperar.



Figura 39. Recepção das Empoderadas pelas famílias no aeroporto de Porto Alegre. 20/09/2022.

Fonte: arquivo da autora.

Escrever este capítulo não foi nada fácil, li e reli as cartas, cada uma com suas riquezas, com suas percepções, e fiquei muito tempo pensando em como escolher o que daquele material tão lindo eu traria para o texto. Costuro então com minhas reflexões, as palavras de minhas alunas e alunos, suas impressões sobre suas vidas, o projeto, a primeira viagem de avião e a cidade de São Salvador que nos acolheu com tanto carinho.

Lembro de minha primeira viagem sozinha indo para China trabalhar com dança, quando me despedi de minha família e com lágrimas nos olhos sentei no avião. Ali, como dizem minhas alunas, me caiu a ficha, entendi que a viagem era real, que eu realmente estava indo. Ler os relatos das Empoderadas sobre a viagem me fez lembrar este momento.

Quando estávamos no primeiro vôo de Porto Alegre para São Paulo a Thai sentou na janela e quando o voo decolou ela encheu os olhos de lágrimas, o pessoal se olhou com cara de “CARAAA TA ACONTECENDO!!!! É REAL” e isso não tem preço, ver todo mundo feliz, animados, curtindo, interagindo mais...(*Ana Laria*).

Foi o que relatou *Ana Laria* sobre este momento, e percebo que foi um momento que marcou quase todas as integrantes do projeto, pois ele apareceu em quase todas as cartinhas.

“Amei poder andar de avião pela primeira vez. Foi um misto de emoções, eu ri, eu chorei, eu passei mal (risos)”, contou a *Maria David*.

A *Isa Pacheco*, falando ao Empoderadas, escreveu: “a primeira vez que andei de avião foi contigo e eu nunca mais vou esquecer disso, e nem de ti”.

“Ir para Salvador parecia algo fora da realidade, mas o sonho virou real. O nervosismo de viajar a primeira vez de avião, de conhecer novas pessoas, aprender outra cultura... sem dúvidas a experiência mais incrível que já vivi até hoje”, disse *Thai Dutra*.

“As caras na primeira viagem de avião, a emoção junto, por estarmos realizando tudo isso através da educação, de pessoas que acham tão importante esse projeto lindo”, contou *Duda Laria*.

O *Rayner* que disse que “De primeira a única coisa que pensava era ‘nossa, a gente conseguiu mesmo’, pensei em quanta gente que vive e vem de periferias que sonham em fazer viagens como essa. E a gente estava ali. Privilegiados pela presença constante do Pelourinho”, mostrando a realização de um sonho que na maioria das vezes parece muito distante para esses jovens que crescem nas periferias.

Natasha, contou do seu medo do primeiro vôo

Tivemos a oportunidade de andar de avião pela primeira vez, foi incrível. A sensação de medo quando o avião vai decolar, ele começa a acelerar e não para mais, quando tu

vai ver ele já ta saindo do chão e vem aquela sensação de medo e no final é super tranquilo, ainda mais quando tem pessoas que tu conhece junto ao seu lado para segurar a mão. Madu estava do meu lado na primeira decolagem segurei a mão dela com tanto medo por conta de ser a primeira vez de estar em um avião e ter ela ali foi tão bom.

Medos e expectativas compartilhados, emoções a flor da pele e nos relatos deles a lembrança de como é bom viver novas experiências, desbravar novos mundo e sentir novas emoções.

Conviver em grupo não foi fácil, nossa viagem aconteceu depois de dois anos de pandemia em que fomos obrigadas a viver o isolamento social, isso afetou a todos, mas aos jovens acredito que afetou de uma maneira especial. Chegamos em Salvador e eram 15 pessoas dormindo e acordando juntos, se organizando no espaço do hostel, onde ficavam todos e todas em um tipo de alojamento, diversas realidades se cruzando ali para a convivência. Foram necessárias de minha parte algumas mediações de conflitos, mas no fim, para todos e todas essa imersão em nossa vivência e convivência foi um grande aprendizado.

Segundo a *Duda Laria* essa experiência: “Me tirou um pouco da zona de conforto, me fez conviver durante esses 4 dias com pessoas de diferentes jeitos, pensamentos, etc...”

Maria David também relatou a experiência de conviver em grupo, “Primeira vez que eu convivo 4 dias e 5 noites em grupo foi bem importante, todos temos costumes diferentes, e vivências, então foi bem importante para mim conviver em grupo”.

A *Isa Pacheco* disse,

[...] foi a viagem que eu fiz que me deixou mais feliz mesmo tendo dias chuvosos que só deu para ficar em casa, me aproximei mais das meninas, e eu amei ficar perto de vocês, parar de me sentir sozinha, eu nem tive tempo de pensar em coisas que me frustram lá em poa, muito obrigada por ter me proporcionado esta viagem incrível

e fazer eu sair da minha bolha e conhecer uma realidade incrível, com pessoas incríveis, ver outro lado da Bahia que eu nem imaginava, fazer eu conhecer nossa verdadeira história.

O *Raynner* se mostrou chocado ao saber das lutas que o povo negro de Salvador ainda enfrenta, “Foi horrível saber que no berço da cidade com maior história negra do Brasil, a luta continua se não igual pior que a que vivemos em Porto Alegre” e também se mostrou supreso e reflexivo com a companhia que tivemos em nossa visita guiada ao Pelourinho, *Mestre Pelé*, homem em situação de rua que pediu para acompanhar nosso passeio e contribuiu com muitos relatos incríveis sobre sua versão e de seus colegas de rua, das histórias daquele lugar, que nos chocam e nos encantam.

Relembrei que por mais insignificante que possa parecer uma pessoa ainda tem muito a passar e ensinar, como o Sr. Pelé que conhecemos durante um tour que a chuva tentou estragar mas acabou proporcionando outro momento do qual falarei mais tarde. Morador de rua, viciado, aparentemente rejeitado pela sociedade, Sr. Pelé com um conhecimento histórico muito rico e claramente grato por ser ouvido e mostrar que tem algo a dizer (Raynner).

O Mestre Pelé nos impressionou com seus conhecimentos, e com a emoção que demonstrou por escutarmos ele com empatia e respeito. Naquele dia me lembrei de nossa Orientação do Pretxs no PPGEduc (espaço construído por Pós-Graduandas(os) negros para compartilharmos nossas pesquisas uns com os outros, sendo um suporte fundamental neste processo). Uma de nossas colegas, a Paulina Gonçalves, pesquisa os saberes de jovens em situação de rua, e nos falava muito sobre o conceito de Rualogia que diz que:

Segundo o Pequeno Dicionário de Rualogia, ela é uma ciência, não ensinada em escolas nem em faculdades e suas provas são orais. A matéria precisa ser sabida de cor. Quem é domiciliado, com emprego e diploma seria reprovado. Os professores são pessoas em situação de

rua mais antigas. (Gonçalves, 2021, p. 116).

Naquele dia em Salvador, Mestre Pelé foi nosso professor e contribuiu muito com os nossos aprendizados.

Assim como *Raynner*, *Ana Laria* também se disse frustrada ao conhecer outro lado da história de Salvador.

Sinceramente quando a Bela contou a real história do Pelourinho eu broxei³². Mas é claro que foi muito bom saber disso... porque nem tudo é aquilo que está na internet né! Achei que aqui era "tranquilo" em relação ao racismo, preconceito e tudo mais... ouvir os relatos das meninas chorando na atividade na UFBA me deixou triste mas ao mesmo tempo não, porque em todo o lugar a de ter pessoas racistas, preconceituosas (*Ana Laria*).

A visita na UFBA, a convite da professora Raquel Pavin, gaúcha que também me estendeu as mãos lá em Salvador, se fosse resumida, poderíamos falar em quebras de estereótipos, isso ficou perceptível tanto pelos nossos alunos e alunas quanto para os da universidade, como disse o Raynner: "vi que nossas realidades não são tão distintas, fiquei bem surpreso já que tínhamos ideias e conceitos bem diferentes sobre o estado um do outro".

Os alunos das ciências sociais ficaram surpresos em haver pessoas negras no Sul, e ao conhecerem nosso histórico de luta que vem de um Movimento Negro extremamente ativo e organizado. Por outro lado, as alunas do Empoderadas ficaram surpresas com os relatos das alunas sobre o racismo na cidade, pensavam que por ser a cidade mais negra fora da África, Salvador estaria de certa forma "imune" ao racismo que tão forte nos atinge no Rio Grande do Sul, mas entenderam que ele está em todos os lugares, e só reforçaram a necessidade de seguirmos lutando contra ele, tão enraizado na construção da sociedade brasileira.

No dia anterior a visita à UFBA pedi que fizessem uma reflexão de suas trajetórias, pensassem no que iam contar para os alunos e alunas, e elas se compromete-

32. Expressão utilizada pelos jovens para dizer que desanimaram.

ram e se dedicaram àquele momento que para nós estava sendo muito especial.

A palestra da UFBA foi carregada de emoção, minha energia estava 100% lá, vinha um filme na cabeça de tudo que vivemos desde a primeira plaquinha colorida da parede da nossa salinha, até aquele momento que estávamos apresentando o Empoderadas para pessoas de outro estado. Os depoimentos e elogios das alunas preencheu meu coração, ouvir outras mulheres pretas acreditando e se vendo em mim e no grupo foi lindo, faltam palavras para descrever tudo o que senti (*Thai Dutra*).

A *Duda Laria* também se sentiu tocada com os relatos do pessoal da UFBA,

Algo que me marcou muito, foi ver como o pessoal da UFBA se expressaram diante do projeto, é mais um estalo para lembrar de como o projeto toca as pessoas, de como uma simples palavra muda o dia de alguém, da uma força sabe, e de fazer isso porque realmente gosta, não por achar que é obrigação, mas fazer parte de tudo isso com gosto.

Naquele dia, todos saíram da zona de conforto, combinamos que todos iam falar um pouco a partir de sua perspectiva, sobre o projeto, e isso deixou aqueles(as) que geralmente não falam ou se expõe muito durante as atividades do projeto ansiosos com o desafio. "Falar em público na UFBA foi um desafio muito muito muito grande, sério, eu estava muito nervoso por saber que era uma fala muito importante não só para mim, mas para o projeto em si, mas também estava tranquilo por saber o que eu iria falar, e do mesmo jeito foi tenso jjjkkkkk³³ ", relatou o *Deyvson*.

Vi meus colegas se apresentando e contando a história do Empoderadas IG e por um minuto fiquei bem inseguro, afinal eu era um membro recente, que eu poderia falar que fosse significativo, mas o clima acolhedor e receptivo ajudou a resolver tudo, afinal todos foram bem, todos passaram por cima de suas inseguranças pra poder mostrar o que o proje-

33. Risos.

to fez por eles e estava fazendo comigo. (*Raynner*).

Ana, mais acostumada a falar, lembrou das visitas que fazemos às escolas aqui em Porto Alegre. "Pisar na UFBA me lembrou das visitas às escolas, todos nervosos, animados querendo conhecer o pessoal, um pouquinho da história deles. E todos preparados para chorar hahahahaha Porque é sempre uma emoção diferente" e realmente foi, pessoal se emocionou, chorou e compartilhou um pouco de suas histórias naquela tarde de trocas e aprendizados.

Salvador nos marcou de maneiras que ainda estamos compreendendo sempre que falamos na viagem, falamos sobre como ela foi divisor de águas em nossas vidas, como ela foi uma virada de chave nos deixando na vontade de viver mais e mais.

Nas palavras da *Madu Pacheco*,

Nossa ida a Salvador é um fruto dessa caminhada coletiva, foi uma experiência incrível, o nervosismo de estar em um avião pela primeira vez a quilômetros de distância de casa mas não sozinhos, tínhamos uns aos outros e isso tornou tudo tão especial, conhecer a realidade local e quebrar imagens e estereótipos. Estar conectados tão diretamente com nossa ancestralidade foi um misto de sentimentos gigantes. Foi uma experiência única que vou levar para o resto da minha vida e agradeço muito a você Empoderadas. Por nos manter aqui, por não desistir, por ser tão gigante e potente.

Eu poderia finalizar com essas vozes, nas lindas palavras da *Madu*, mas como não dialogar com as mães do projeto? Elas que confiaram na gente para cuidar dos seus filhos e filhas, que mesmo com medo deixaram a gurizada livre para voar, desbravar novos lugares, outras culturas, outras histórias, um novo mundo. A histórias dessas mães com a gente não começou na viagem, começou muito antes, quando ainda estávamos no IG, como nos conta a *Puebla, mãe do Deyvson*.

Lembro quando conheci o projeto na escola Ildefonso

ajudando tantas meninas pretas a enxergarem seu valor, ensinando a cada uma delas a se amar e se cuidar, meu primeiro pensamento foi: nossa, se tivesse um projeto assim na minha época de adolescente e se eu também tivesse um grupo de iguais dizendo umas as outras e para todo o mundo o quanto somos maravilhosas e inteligentes e fortes e corajosas? Seria muito maravilhoso.

Nossa história foi se entrelaçando aos poucos, assim como nossa confiança foi sendo construída gradualmente, como nos conta *Elenice, mãe da Thai*.

Um dia minha filha chegou da escola me falando que havia sido convidada a participar de um projeto, que estava sendo formado na escola, dirigido pela professora Lu. Era uma professora muito querida por todos os alunos a qual tive o prazer de ser apresentada. Era uma profe muito jovem e logo como mãe pensei humm o que será esse projeto? Como seriam as palestras? Ou seria mais um grupo sem propósito nenhum? Pois me enganei. Comecei a ver os cartazes que faziam, com frases libertadoras, sobre racismo, direitos das mulheres, frases antirracismo, sobre liberdade de expressão, de o direito de ir e vir, de aceitação de si mesma e de ser aceita como você é. Daí entendi o propósito daquele projeto, e que embora jovem aquela profe tinha muita vontade de orientar, amparar, de ajudar aqueles jovens.

Elenice conheceu o projeto pela *Thai* quando ainda estávamos buscando caminhos, descobrindo como fazer as coisas, quando nossos sonhos ainda eram comedidos. A *Adriana* conheceu o Empoderadas através de suas filhas gêmeas, a *Ana* e a *Duda Laria*, que haviam entrado no IG e tinham uma prima, a *Letícia*, que fez parte do primeiro grupo do projeto, e ela escreve assim para nós:

Queridas Empoderadas IG, quando te conheci há 4 anos atrás senti que a vida das minhas filhas iria mudar, pois és um projeto maravilhoso onde não só ensina, mas realiza sonhos e cuida das pessoas. Tenho muito orgulho e gratidão por minhas filhas terem te conhecido.

Assim como a *Adriana*, a *Puebla* também desejou o

projeto para o *Deyvson*.

Quis aquele projeto pra ele, pra ele estar entre iguais, ele ter fora de casa com quem conversar sobre suas dores, quis muito, e o mais lindo foi que o projeto também quis ele. Porque é muito importante empoderar uma menina preta, mas é muito lindo empoderar jovens pretos, nosso presente e nosso futuro. Imagina crianças pretas donos de si, fortes e sabendo seu valor daqui uns 10 anos. Nossa me arrepia de imaginar.

Assim como nós, elas sonham, mães empoderadas que viveram nossos processos junto com a gente. Aprendiam o que a gurizada chegava em casa contando, compartilhando suas descobertas, algumas deixaram de alisar seus cabelos, fizeram transição capilar, riram e choraram com a gente, nos viram tropeçar, nos deram as mãos para seguir e vibraram demais com a gente quando nos viram brilhar. Como falei anteriormente a viagem para Salvador foi um marco em nossas histórias, lembro das mães me chamando no privado para conversar, preocupadas, *Puebla* inclusive diz em sua carta: “Eu só tenho a agradecer a Luciana que sempre escutou com calma e cuidado meus pedidos de socorro kkkkkkk”. (Puebla, mãe do Deyvson)

Até minha mãe ficou com medo de não dar certo, de não conseguirmos arrecadar o valor total para levar os jovens. Minha mãe me perguntava “Lu, tu não tem medo? E se não der certo a vakinha?”, e eu dizia rindo... “Mãe, não tenho tempo pra ter medo... vai ter que dar!”, e deu.

Sobre a viagem, *Adriana* nos conta da ansiedade das gêmeas, “quando chegou o dia da viagem elas não conseguiam dormir de tão eufóricas, eu então, vendo meus bebês felizes chorei de emoção”.

Dias antes da viagem, fiz um grupo no WhastApp com as mães, pais e responsáveis. Sei como a gurizada é quando está eufórica, então eu fazia quase um relatório para os pais contando o que estávamos fazendo, mandando vídeos e fotos. Sei que isso acalmaria seus corações,

mas mais que isso, elas mereciam viver isso com a gente, mesmo que a distância. A cada mensagem que eu enviava elas vibravam, agradeciam muito, era nítido o quanto ficavam felizes.

Elenice relata um pouco do que acompanhou de nossa viagem:

[..]um sonho se realizou para nossos filhos e aos envolvidos no projeto, viajar para Salvador. E lá conhecerem a universidade, pessoas interessantes, conheceram a história do nosso povo, dos nossos ancestrais. E que lindo ver nossos filhos participando timidamente das palestras, e contando cada um a sua história de autoconhecimento. Essa experiência toda na vida de nossos filhos, jamais será esquecida por cada um deles, e na nossa de ver o olhar de cada, de ansiedade, de curiosidade, de medo e de felicidade, que transbordava nos olhos de cada um deles. E o mais importante, professora Lu foi plantando nesses coraçõzinhos a esperança e a certeza de que somos tudo aquilo que queremos ser e que os sonhos podem sim se tornar realidade.

Puebla diz que:

[..] a viagem para Salvador foi assustadora e emocionante. Ver meu guri crescendo, se tornando um ser humano consciente, inteligente. Aprendendo sobre outra cultura, trocando ideias, vivendo intensamente essa oportunidade maravilhosa. Saber que o projeto faz parte disso, todo o cuidado que as professoras tiveram com eles e com os pais, não tenho palavras para agradecer. Eles se mobilizaram, andaram com as próprias pernas, e foi lindo lindo ver eles voando alto com empenho. Esse aprendizado, essas memórias são pra sempre.

Adriana também fala com emoção sobre, “a viagem para Salvador foi um sonho lindo, elas nunca tinham saído para longe, fiquei com o coração apertado quando soube, mas muito feliz, até na arrecadação da verba para irem foi intenso, seus olhos brilhavam”.

Os olhos delas e os nossos, vendo toda aquela mobilização coletiva acontecer, a esperança em ver um mo-

vimento que se deu a partir da educação. Educação que transgride, que liberta, que cria possibilidades e que torna sonhos realidade. Sonhos que muitas vezes vivemos pelos nossos mais velhos, que se realizam através de nossas vitórias, através de nossas vivências. Foi assim com a *Maria* e a *Lidiane David*. Nunca vou esquecer de sua emoção ao descobrir que a sua filha *Maria* viajaria para um lugar que ela sempre sonhou em conhecer.

A *Lidi* nos escreveu uma carta tão linda, tão profunda, que decidi trazê-la na íntegra para cá.

Conheci o IG numa roda de amigas.
Tenho o grande privilégio de ser amiga da idealizadora.
Uma "Sôra" dedicada, empática, determinada.
Acho que a Lu conseguiu o que todo o ser humano deveria fazer, olhar o mundo com o olhar dos jovens.
Sempre fui encantada pelo projeto, na época eu já pensava o quanto aquele coletivo faria diferença na minha comunidade e claro pra minha filha.
Uma jovem na época com 16 anos que estava passando por uma fase de depressão e muita conturbação.
Como eu costumo dizer, morar na favela é como andar de roda gigante.
Divertido, mas a paisagem não muda
Eu tava sentindo que a Maria tinha só aquela paisagem.
Mesmos amigos, rotina, a vida constantemente difícil dos vizinhos e nossa, tiros e poucas notícias vitoriosas.
Como toda mãe, carrego a culpa de saber disso e não ter mais para oferecer.
Até que a lampada do coletivo se acendeu e ela pode fazer parte do projeto.
Começou a ler, ter outras ideias, conhecer outras ruas, valores e pessoas.
O jovem da periferia é nascido pro combate, portanto, algumas vezes ela se comportou assim.
Mas com o tempo consegui compreender que não era pessoal, eram apenas diferenças.
A viagem a Bahia é um sonho meu desde que eu tinha 16 anos e era obsecada por música baiana (Timbalada era minha religião). Eu não realizei, não porque a vida não

me deu oportunidades, mas sim porque nem sempre as identifiquei.

Quando o coletivo anuncia a viagem, automaticamente me vi com a idade da Maria querendo muuuuito aquilo.

Mas eu não sou a Maria, Maria estava apreensiva, talvez porque as diferenças ainda não são tão simples para ela.

Mandeí uma carta para ela contando meu sonho e pedindo que ela apenas estivesse lá, a vida a levou pra lá, talvez no futuro iremos juntas, mas naquele momento ela iria com o coletivo ver outras coisas, cheiros, sonhos e paisagens que a roda gigante da favela não permite.

Ela foi!

Foi sorridente, voltou com semblante dos ancestrais.

A Bahia que eu não conheço já conhece minha filha.

A Bahia que eu não conheço mas sei que é sagrada.

Vida longa aos coletivos que abraçam os jovens com aquilo que eles não tem, ESCUTA.

Vida longa as professoras que fazem mais, que fazem por querer mais aos filhos que não são delas.

Vida longa e novas paisagens aos nossos jovens.

Com o coração infinitamente agradecido.

Lidiane David

Como ler as palavras dessas mães e não se emocionar? Como não entender que essa experiência foi maior que nós, que atingiu direta e indiretamente tantas pessoas, tantos corações. Lendo as cartas das Empoderadas e suas mães, fiquei curiosa em ouvir as vozes de outras pessoas que viveram essa experiência com a gente.

Quando cheguei em Salvador, fui acolhida por três mulheres que se tornaram família para mim, me convidavam para passeios, me chamavam para jantar com elas quando sentiam que eu podia estar me sentindo sozinha, fora nossos encontros na beira da praia, regados por muitas conversas, risadas, trocas profundas e reflexões. Três mulheres negras, de lugares diferentes do Brasil que foram estudar em Salvador, cada uma levando em sua bagagem um pouco de sua arte, de sua cultura, de seus sonhos. Nosso encontro não tinha como não ser lindo lá, e por isso

tive certeza de que seria enriquecedor para minhas alunas e alunos que elas compartilhassem com eles suas experiências, e quando fiz o convite elas prontamente disseram sim, e tivemos o privilégio de receber suas cartinhas também.

A *Nathi*, minha conterrânea, mudou sua vida de Porto Alegre para Salvador. Nos conhecemos em Porto Alegre, mas é de comum acordo que nos reconhecemos em Salvador, lá tivemos a experiência de ver o outro lado uma da outra, de nos encontrarmos em nossas diferenças e semelhanças, a *Nathi* que me deu a mão e me apresentou as meninas, que se via em mim quando foi pela primeira vez a Salvador, longe de casa, dos amigos, da rede de apoio, mas encantada com o tanto que essa cidade tem a nos oferecer. Tenho minhas desconfianças de que a *Nathi* em alguma vida foi Rainha do Ilê Ayê, é só a musica começar a tocar pra ela mudar o semblante, se entregar a melodia e brilhar, lindo de ver. Quando ainda morava em Porto Alegre, ela disse que acompanhava o Projeto de longe.

Minha relação com vocês começa de um olhar curioso e admirador, de alguém que ficava observando todos os passos, acompanhando as movimentações de vocês nas redes sociais e pensando que as Empoderadas era um projeto muito necessário e potente para a educação na nossa cidade, ainda mais quando se tem um projeto de extermínio da população preta em curso, onde a negligência com a nossa população é a base desse projeto, mas essa carta é para falar de coisas boas e do quão incrível tem sido tudo que vocês tem realizado (*Nathi*).

Através da *Nathi* conheci a *Ana*, e a *Ana*, com brilhos nos olhos, me ensinou sobre a história preta do Tap Dance. A praia foi nosso ponto de encontro oficial, saudades aliás, a Ana, dona da melhor risada, compartilhou comigo sua vida e sua luta no Tap (conhecido por alguns como sapa-teado), fico feliz de ter acompanhado o movimento lindo que ela e os colegas estavam fazendo para contar histórias

que a escola não conta sobre essa dança. Trocamos tanto uma com a outra, contei do meu projeto no passado, e ela me contou de seus projetos futuros, em comum, o amor e o encantamento como prática que nos move e nos faz esperar.

Eu conheci o Empoderadas em Salvador, qual chance? Mas aconteceu... e sabe por que? Porque eu tinha que encontrar esse trabalho lindo para modificar minha vida também. Para começar, o Empoderadas só tem gente linda, você olha para as pessoas, elas brilham, elas reluzem o que está dentro delas. O amor toma conta. Tem amor pelo trabalho, pelas pessoas, pelo futuro. Um futuro antirracista que ilumina o final do túnel da humanidade. Tem consciência. Formar as mentes para serem donas de si, descolonizadas, desobedientes com a formatação desumana de hoje e sempre, encorajadas empoderadas. Comunidade. As pessoas se conectam e os laços são fiéis aos princípios, o caminho construído é formado por gente, de gente e para gente que quer seguir em direções de afeto e vivências positivas para seus corpos. O Empoderadas me deixou aberta para entender que novas gerações são mais seguras de si, da sua força, das suas capacidades enquanto pessoas pretas. Pessoas que já entendem o poder da negritude e da potência étnica e ancestral que temos em nós (*Ana*).

Ler as palavras da *Ana*, me fez entender um olhar de fora que as pessoas podem ter sobre o projeto que nem imaginamos. Pensar que nossa simples presença pode ser algo que passe uma mensagem para pessoas pretas me faz refletir sobre o quanto de representatividade nos tornamos.

A *Vivi* também observou sobre essa potência das jovens das Empoderadas, quando a conheci, ela me chocou com sua beleza arrebatadora que traz um poder que a primeira vista chega a nos intimidar, mas quem tem o prazer de conhecê-la, encontra doçura, cuidado, acolhida e arte. No primeiro dia em que nos conhecemos saímos para caminhar na beira da praia em Itaparica, conversamos tanto que nos perdemos no tempo, e ali, já nos entregamos

uma para a outra dividindo nossas vidas, medos, sonhos... pode ter sido a magia do lugar, mas foi uma conexão muito genuína naquele primeiro encontro, lembro que falei para ela sobre o projeto e ela me falou que demorou muito tempo para se entender como uma mulher bonita, e isso me deixou em choque, embora não surpreenda o que o racismo faz com a autoestima das mulheres pretas, nesses anos de Empoderadas pudemos compreender isso muito bem.

Ahh! Salvador.. Meu coração fica quentinho de tanto amor em falar dessa cidade, e do que ela é capaz de fazer conosco. A gente se sente em casa, acredito que essa seja a melhor definição para nós pessoas pretas.. Casa! Poderia ficar horas contando sobre todas as experiências que vivi nessa cidade e com certeza uma das que mais me marcou, foi conhecer as jovens do projeto Empoderadas. Poder ver e compartilhar os momentos com cada uma delas, foi tão enriquecedor. Eu tenho 34 anos, me entendi como uma mulher negra potente há pouco mais de 5 anos, conheci meu cabelo aos 29 anos. Falo disso porque nós sabemos o que o racismo causa em nós, e como tantos anos vivendo presas as falas, a falta de entendimento de quem somos, a invisibilidade, a negar-se para adentrar em um padrão, a dor que tudo isso causa. Então, olhar para cada uma das meninas e meninos empoderadas, e poder ver aquelas jovens tão cedo, se redescobrimo e se entendendo potentes, é lindo e forte. Vê-las escrevendo suas próprias histórias e descobrimo o mundo, a partir das suas próprias lentes. Vivendo! (*Vivian*).

Vivi conta de seu processo que é uma experiência muito comum de mulheres pretas, e das muitas alunas que acompanhei que fazem parte ou já passaram pelo Projeto. Recuperar a autoestima, se orgulhar dos nossos traços, de nossa cor, de nossa identidade é um processo, e acredito que ver as Empoderadas, assim como ver essas novas gerações que crescem com mais referências, que tem um maior acesso ao letramento racial do que tivemos, nos choca, ao mesmo tempo que nos dá esperança de que os mais novos não precisem se quebrar tanto quanto nós para se entender e se amar.

As meninas me ouviram tanto falar e preparar a chegada das Empoderadas em Salvador que ficaram ansiosas como se fossem alunas delas, elas já faziam parte do nosso sonho, já faziam parte da nossa comunidade, como disse a *Nathi*.

Cada dia que a Lu contava até a chegada de vocês, eu me sentia uma pequena partezinha desse grande sonho, como ela mesmo fala. Estava eu, ali, escutando os sonhos utópicos de uma professora, uma utopia que deixou de ser fantasia para se tornar realidade. Era real, AS EMPODERADAS ESTAVAM VINDO PARA SALVADOR. Foi muito lindo acompanhar de pertinho e poder contribuir com a passagem breve, mas muito intensa de vocês em Salvador. Durante o pouco tempo que passamos juntos, eu me sentia renovada a cada olhar, era como se eu tivesse vendo a Natália que tinha vindo para Salvador pela primeira vez em 2017 e que também estava realizando um grande sonho. É, Salvador tem esse poder de realizar muitos sonhos mesmo (*Nathi*).

Nathi, Ana e Vivi foram convidadas por mim para uma roda de conversa com as meninas, momento muito especial relatado pela *Vivi*.

Um momento muito especial, dentro da sorveteria na Barra, tranquilo e leve, foi quando eu e mais duas amigas, que estamos no mestrado em dança juntas, compartilhamos nossas histórias com as empoderadas, nossas trajetórias na vida, na dança e até chegarmos no mestrado na UFBA (Universidade Federal da Bahia). Cada uma de um lugar do país, mulheres pretas, que estavam ali compartilhando os desafios que enfrentamos para chegar até a academia, e para permanecer nela. Mas que também entendemos dia após dia que é possível e que juntas nos fortalecemos nessa caminhada! Eu particularmente, amo contar sobre minha história e ouvir também de outras mulheres, porque entendemos que são inúmeros os desafios para alcançarmos nossos sonhos, mas nós conseguimos chegar. É um privilégio poder compartilhar com as jovens, que estão cheias de sonhos, e contribuir para que compreendam que é pos-

sível, apesar dos desafios, estar onde elas quiserem e ser quem elas desejam ser, que todo o lugar é nosso lugar (*Vivi*).

Foi uma linda roda de conversa, e as meninas fizeram questão de estarem presentes em outros momentos, vivendo aquelas experiências com a gente, como segue nos contando a *Vivi*.

Andamos pelas ruas de Salvador, conhecendo a história daquele lugar, das muitas pessoas negras que construíram e ainda constroem aquela cidade, compartilhando as nossas vivências. Poder ver o sorriso e a alegria de cada uma de estar ali, de poder realizar esse sonho, perceber em cada olhar o carinho de ouvir atentamente as pessoas que dialogavam com elas e tudo o que era partilhado (*Vivian*).

Foram andanças coletivas por Salvador, emoções distintas de uma mesma experiência, versões múltiplas de uma mesma história.

Outro momento que vivemos em Salvador, e que já foi comentado pelas mães, foi a visita à UFBA. Não tenho como não trazer o olhar da *Nathi* sobre aquele momento tão especial,

Mas agora, deixa eu contar um pouquinho sobre como foi passar o dia com vocês lá na UFBA. Primeiro dizer que eu não imaginava que aquela tarde ia mexer tanto comigo e movimentar lugares tão importantes pra mim, que é o meu fazer como educadora. Cada um de vocês que levantava para falar sobre o projeto, era como se cada palavra fosse me nutrindo e ativando uma esperança que por vezes tem estado adormecida diante de tanta violência que atinge nossos corpos diariamente. Eu me senti em um lugar muito seguro e protegido, mas também um lugar de luta e articulação política, pois era muito mais do que compartilhar um projeto, mas sim afirmar as nossas existências ou como diz Conceição Evaristo "A gente combinamos de não morrer (*Nathi*).

Combinamos de não morrer e ainda nos superamos em fazer mais que sobreviver, em viver. Fazer mais que vi-

ver da resistência, nos possibilitar nossa re-existência. Essa viagem mexeu com muitas pessoas, e saber disso nos deixa muito felizes, pois ela foi uma troca, fomos muito felizes em Salvador, e saber que marcamos de maneira positiva pessoas que estiveram próximas a nós, nos mostra como, quando recíprocas, as relações são muito mais positivas e intensas.



Figura 40. Ana, Nathi, Vivi e Lu. Família em Salvador. Setembro de 2022

Fonte: arquivo da autora

Outra pessoa que marcou nossa experiência nessa viagem foi a **Sônia Abike**, que mulher incrível. No dia em que conheci a Sônia, estava indo para um churrasco na casa dela com um casal que me acolheu como filha em Salvador, a **Vera** e o **Neneco**. No caminho eles me contando sobre a Sônia, disseram que eu devia conhecer a filha dela, que era uma filósofa muito importante, a **Katiuscia Ribeiro**. Quase me engasguei no carro, hehehe, eu estava indo para um churrasco na casa da mãe da **Katiuscia**, uma intelectual que tanto admiro, e que pude entender, conhecendo sua mãe, que com uma base como a dela, ela só poderia ser esta mulher incrível que é. Eu e a **Sônia** sentamos, conversamos e trocamos muito, ela, socióloga renomada, logo se interessou pela nossa pesquisa e por nossas aventuras, e

ali já fiz o convite para que ela fosse com a gente na UFBA e fizesse parte da nossa roda de conversa com os alunos de lá. Mesmo morando longe, a *Sônia* aceitou, e foi lindo demais escutá-la naquele dia, assim como poder ler e reler sua carta, que trago aqui na íntegra sobre sua percepção na experiência com as Empoderadas. Agradeço aos Orixás por colocarem essas mulheres em nosso caminho.

Esse breve texto é para expressar minha tamanha satisfação de participar de uma grande roda com meninas e meninos pretas/os das comunidades urbanas da cidade de Porto Alegre. Roda essa, organizada pela doutoranda Luciana Dornelles que parceirizou sua pesquisa de doutorado trazendo essa juventude com as suas experiências, como prática para desenvolver uma proposta educacional antirracista, bem como a necessidade de valorar essas/es por contribuírem na sua pesquisa. Essa grandiosa roda coletiva aconteceu na UFBA, juntamente com as alunas/os do curso de serviço social, onde escutamos e contribuimos para um debate fraterno e solidário, falo em solidariedade porque nos sentimos muito tranquilas para ajudar a impulsionar os giros das rodas, que as nossas antepassadas/os iniciaram e giraram ao longo de datas. Esse é o grande desafio da professora Luciana, olhar para as experiências grandiosas do passado e construir com as grandiosas percepções do presente trazendo as diferentes linguagens que a juventude preta periférica exercita no seu local e transformar em práxis pedagógica antirracista. Ao participar da roda senti a necessidade de trazer as manifestações presentes no cotidiano das comunidades pretas para o universo da escola e contribuir para garantir as narrativas dessas comunidades, como conteúdo necessário para pensar uma educação inclusiva e antirracista. Nessa carta quero agradecer a participação nessa linda roda de diálogos e trocas de conhecimentos que fortalecem as nossas caminhadas pretas e nos trazem esperança que o povo preto contribuiu secularmente para uma reconstrução de humanidade na sociedade Brasileira e contribuirá para uma nova proposta emancipadora, coletiva e participativa, sobretudo no sistema racista educacional... Viva a potente participação das empoderadas/os na tese de doutorado de preta LUCIANA. Asé em nós. (*Sônia*)

Esta carta de Sônia me remete a continuidade na luta de nossos ancestrais. A filosofia Sankofa é representada por uma ave gestando um ovo, e que tem a cabeça voltada para trás. Segundo Bárbara Carine Pinheiro, "isso significa que é só sabendo de onde viemos (olhando para trás) que sabemos quem somos; e é só sabendo de onde viemos e quem somos, a partir da nossa agência ancestral, que conseguimos construir novos passos rumo a emancipação do nosso povo". (Pinheiro. 2023, p. 99). Ler as palavras de uma mais velha, trazendo toda a sua sabedoria e experiência para celebrar nossa luta e nossa experiência me fazem acreditar que estamos no caminho certo, que estamos aprendendo, sempre nos nutrimos nos aprendizados deixados pelos nossos mais velhos e nossas mais velhas, para entendermos quem somos e assim projetar as diversas possibilidades de futuro que existem para nós.

Sônia, Nathi, Ana, Vivi... achei tão lindo o olhar das meninas sobre essa experiência compartilhada, eu, envolvida demais, acabo sendo suspeita para falar, mas lendo suas cartas, eu vejo que realmente o Empoderadas tem uma magia que encanta e que dá esperança. Ele me dá esperança, faz de mim quem eu sou e me move a continuar, me contagiando com a energia dos jovens, o brilho no olhar, o encantamento com as novas experiências, me lembra de ver o valor nas coisas mais simples que às vezes a correria da vida adulta faz a gente esquecer. Ler essas mulheres me faz sentir que elas realmente conheceram a nossa essência, nos viram com a pureza do olhar de uma criança e se permitiram viver com a gente essa experiência comunitária que foi o Empoderadas em Salvador.

Através das cartas, tivemos acesso a diversas versões dessa experiência profunda que foi nossa viagem e que é nossa pesquisa. Falas das alunas, de suas mães, e de mulheres que conheceram o projeto em Salvador, mas também recebi cartas de mulheres que nos acompanham

desde o nascimento do Projeto, que conheceram as meninas e os meninos mais novinhos, inexperientes, muitas vezes atrapalhados e atrapalhadas, mas sempre dispostos a aprender e abertos a novas experiências. A *Tainá Albuquerque*, foi convidada por mim para fazer parte do projeto em 2017. Desde então ela caminha comigo, é calma em meio a tempestade, viu comigo as meninas e meninos crescendo, e assim como eu, ao vê-las em Salvador, maiores de idade, falando para alunos da graduação, senti uma nostalgia, de tudo que passamos até chegarmos lá.

Observando os alunos falando, viajo no tempo. Lembro bem de todos eles, bem mais jovens, inseguros, falando baixinho, sem certeza das palavras. Agora, nesse espaço máximo do conhecimento, sob os olhos de tantos alunos e professores, a postura é confiante, as palavras certas... mesmo aqueles que são mais tímidos por natureza tem a fala firme e o olhar seguro. Me emociona ver essa transformação. Me sinto honrada de ver e fazer parte dessa linda trajetória. Quando comecei no projeto pensei que poderia ajudar a Lu e ensinar alguma coisa aos alunos, mas na verdade, eu não tinha nada a ensinar, apenas a aprender. E eu aprendi tanto!.. e ainda aprendo! Me coloco nesse lugar de observadora e de aprendiz, pois em cada fala, cada evento, cada visita, aprendo um mundo de coisas! Eu cresci no berço do samba, no subúrbio carioca. Terra do povo preto com toda a sua cultura que eu tanto amo e admiro. Mas, obviamente como pessoa branca, nunca sofri o racismo. E na verdade, eu não tinha uma real percepção do racismo até vir para o Sul. Antes eu pensava que racismo era uma coisa de gente ruim, de vilões, gente mal amada... Mas aqui o racismo me pulou aos olhos de um jeito que era impossível negar. Entendi que todos somos racistas, pois vivemos em uma sociedade que ainda o tem em sua base e que é preciso vigiar e combater diariamente até mesmos pequenos gestos e palavras "inofensivas" que na verdade carregam dor e sofrimento. Nesses anos de Empoderadas, sofri e sofro com depoimentos deles e de outros pretos, quando dizem as barbaridade que ouvem e sofrem apenas pela cor da pele. E sempre me pergunto, o que posso fazer para reparar

isso? Qual o papel dos brancos nessa luta? Muitas vezes fico sem saber o que dizer. Medo de ser condescendente pois sei que nunca vou entender essa dor. Sigo nessa tentativa, de aprender, de ouvir, de repassar o que aprendo e de admirar cada dia mais e me orgulhar de poder ser uma Empoderada.

Tainá

A *Sôra Tai*, como a gurizada chama, compreendeu como eu, um lugar em que precisamos nos colocar nesta trajetória, com toda a responsabilidade ética de sermos professoras, nos colocar no lugar de aprendizes nos ajuda a nos aproximar dos jovens, e mostrar para elas e eles que podemos aprender juntas e juntos na luta de nos tornarmos antirracistas. Acredito ser um eterno processo de desconstrução e aprendizado, onde cada um tem seu tempo e seu processo, e por isso, se torna quase impossível falarmos dos processos dos nossos alunos sem olharmos para os nossos próprios processos.

Outra pessoa que me acompanha desde o início do Projeto, que também tem seus projetos e que literalmente voa alto é minha amiga *Kenia*. Comissária de Vôo, criou o projeto Quilombo Aéreo, que através de uma arrecadação coletiva e de muito trabalho, formou a primeira turma de comissários negros no Brasil. A *Kenia*, se sentindo solitária dentro da aviação como mulher negra, quis mudar a cor do céu, e está mudando. Foi ela a primeira pessoa que eu chamei para contar que ia levar as Empoderadas para Salvador, foi para ela que pedi ajuda nesse desafio enorme que teríamos nos três meses de arrecadação antes da viagem, e foi ela que sem pensar, correu ao meu encontro e fazendo um churrasco começamos a pensar as estratégias para fazer nosso sonho se tornar realidade.

Oi Empoderadas, espero que se encontre bem!! Estava pensando em por onde começar essa carta e lembrei de como nos conhecemos! Conheci na verdade a "Sora Lú" em um evento pra mulheres pretas, e acabamos nos aproximando para não nos separarmos mais. Ela é aquela

amiga que eu sei que posso contar em todas as horas! Vivenciamos momentos bons e ruins juntas, mas queria contar pra ti que acompanho teu crescimento e teu desenvolvimento e me sinto muito honrada por te acompanhar. Tenho consciência do quão clichê soa falar que me sinto honrada em poder minimamente fazer parte dessa construção, porém essa é uma verdade que não posso negar! É uma alegria poder ver a maneira como a educação tem DE FATO empoderado a juventude!! Tu me conhece, conhece um pouco da minha trajetória e sabe que eu sou aquela comissária de voo maluca que acredita que através da educação, podemos mudar a cor do céu! Bem, pelo menos mudar a cor da pele das pessoas que estão voando pelos céus do Brasil! E falando em voar pelos céus do Brasil, queria te dizer que foi sensacional estar contigo na beira da praia de Salvador!! Ver teu sorriso, ver a alegria, o mar sendo contemplado, a energia sendo trocada e a sensação de que ali era realmente onde eu deveria estar: pertinho de ti e observando tuas descobertas naquele mar azul! Embora eu não acredite em coincidências, a "coincidência" mais legal desse meu ano, foi ter sido acionada pra trabalhar naquele voo que parava em Salvador justamente no dia que você estaria lá. Porém, sonhar essa viagem contigo desde o primeiro dia foi a parte mais gratificante pra mim. Lembro que a Sora Lú me chamou e disse assim: "eu quero levar as empoderadas pra Salvador, me ajuda a pensar na vaquinha?", saí imediatamente de casa e fui ao encontro dela, da tua outra profe Tainá, da "equipe" toda de apoio! E foi lindo construir isso! Pra mim, poder ajudar um jovem preto da periferia a vivenciar seu primeiro voo de avião é uma missão de vida! Imagina ajudar um grupo de 14 jovens! Que sonho!! Espero que tu tenha aproveitado muito essa visita a cidade mais negra fora de África! Espero que possamos voar mais vezes, fazermos outras viagens e sonharmos novos sonhos! Quem sabe da próxima vez estejamos juntas em Nova Iorque? Quem sabe Angola?! Lembra que pra mim o céu não é o limite né?! (Risos) Obrigada Empoderadas, por me lembrar o quanto é importante pensarmos no poder que tem a juventude negra com seus cabelos cheios de volume, seus questionamentos a cerca da nossa sociedade e seus aprendizados constantes! E pra dizer a verdade quem

aprende sou eu! Vendo você se empoderar quem ganha mais sou eu! Muito obrigada e saiba que podes contar comigo sempre! Um abraço apertado com todo meu carinho, *Kênia Aquino*.

A *Kenia* em diversos momentos de nossa história pegou na nossa mão e não nos deixou desistir de sonhar, ela pensou com a gente a campanha de arrecadação, participou ativamente das nossas ações, se envolvendo até em brechó das Empoderadas, e acredito que como presente dos ancestrais, pudemos estar juntas em Salvador, vendo aquele sonho coletivo se tornando realidade.

Tantas vozes, tantas vidas, tantos sonhos, tantas realizações. Essa é a beleza de uma história construída e contada de forma coletiva, que traz emoções que nos atravessam por cada percepção, cada palavra, cada olhar. Ficaram muitas vozes de fora deste capítulo, mas elas estão dentro da nossa história, de nossas descobertas através de cada pessoa que compartilhou seu mundo com a gente, essas vozes se misturam com quem somos hoje, e aquecem nossos corações.

Eu agradeço ao Empoderadas por me ensinar a ouvir, a prestar atenção no outro e em suas demandas, a me ver no outro e entender minhas demandas também. Agradeço por me permitir compartilhar sonhos e viver experiências coletivas, a ver meus alunos/alunas/amores crescendo, vivendo e aprendendo, por poder acompanhar essa juventude criando mil possibilidades de quem podem ser, e se permitindo se tornarem suas melhores versões.

Fica o aprendizado de que uma história, quando contada em suas mais diversas versões, é mais completa, mais rica, diferente de uma história única. No decorrer das cartas das Empoderadas, pudemos perceber a dor se transformando em esperança, orgulho, gratidão e perspectiva, e aprendemos a nos abrir para escutar o que as comunidades que visitamos tinham a dizer. Com as cartas das mães e amigas que viveram a viagem de Salvador com

a gente, presencialmente ou não, pudemos ver o quanto nossas experiências afetam as pessoas ao nosso redor, e o quanto é importante e especial ver a perspectiva de quem está de fora, de como o projeto é maior que a gente e transcende... não somente os muros das escolas e das universidades, mas os limites do nosso próprio grupo, afetando pessoas que às vezes nem imaginamos.

Finalizo esse capítulo com as palavras deles e delas, que me nutrem, que seguem fazendo a roda girar, que abraçaram a minha luta e de nossos ancestrais, e que me dão esperanças de um futuro melhor, mais bonito e mais diverso, cheio de histórias plurais.

Sobre o Empoderadas IG...

Ele me ensinou a me amar como sou, a cuidar de mim e dos meus, me olhar no espelho com outros olhos... Saber me colocar em uma conversa, saber me defender... [...] Mas é isso, gratidão a todos que fizeram esse sonho virar realidade e fazer nós acreditarmos mais e mais que tudo é possível e que nós não estamos sozinhos!!! Somos nós por nós! E obrigada a sora Lu, que acreditou em nós e que nos quis junto a ela! MUITO OBRIGADA! Um dia vamos voltar, estou muito feliz, muito realizada e muito confiante porque ainda tem muuuuito mais pela frente! Gratidãoooo!! *Ana Laria*".

E graças a ti eu sou essa pessoa em evolução, que consegue se olhar no espelho (antes de ti isso era uma coisa muito difícil pra mim) acho que mesmo que eu escreva um textão, um livro, ou uma bíblia talvez eu não consiga expressar todos os sentimentos que tu já fez eu sentir, e eu nunca vou esquecer que foi tu que me acolheu com tanto carinho e com isso fez eu me olhar com cuidado e perceber que eu sou uma pessoa que merece se cuidar e se sentir bem também. [...] eu sou bonita e eu devo me sentir assim, tu me ensinou que além de ser bonita eu tenho que ir atrás dos meus objetivos, eu tenho que ir atrás dos meus sonhos, eu tenho que fazer as coisas certas, tu me ajuda tanto.. e tu me mostra que pra eu ficar contigo eu tenho que merecer, e merecer isso focando nas minhas

coisas, estudando, indo atrás do meu futuro. Eu sou muito grata por ti. [...] eu me sentia tão sozinha e tu e as meninas fizeram eu ter momentos muito felizes e inesquecíveis, eu nunca vou esquecer o dia em que eu te conheci e no dia que eu te conheci eu me reconheci também, muito obrigada por isso, eu entrei em 2017, e eu fiz uma cartinha pra entrar e eu (insegura demais como sempre) achava que talvez nem iriam me escolher, porém, hoje estou aqui escrevendo outra carta e mil vezes mais confiante do que da primeira carta que eu escrevi. quando tu entrou na minha vida e fez eu conhecer tanta coisa, pessoas, momentos. Apesar dos meus altos e baixos eu amava estar contigo. E hoje eu tô aqui no aeroporto de Congonhas voltando pra casa com um sentimento de gratidão e muito feliz por nossos caminhos terem se traçado, acho que eu precisava te conhecer, eu precisava de ti, obrigada por estar aqui ainda, mesmo que por um momento que estive vulnerável eu quase soltei a tua mão, eu fui crescendo e não soube direito me organizar pra fazer as minhas coisas e não conseguia me dedicar tanto pra ti, e mesmo assim tu não desistiu de mim [...] aconteceu tudo do jeito que tinha que acontecer! Deu tudo certo, e eu tô muito feliz por ti, por nós, pelas meninas(os) *Isa Pacheco*”

Conheci o projeto através de uma professora da escola q eu estudava. A professora pediu pra gente escrever uma cartinha sobre a gente, que um grupo de empoderamento iria ir fazer uma visita na nossa escola pra conversarmos. Quando chegaram na escola eu fiquei encantada pela energia que todos transmitiam, era uma energia que contagiava todo mundo que tava na roda! [...] Eu nunca tinha saído do Rio Grande do Sul, e a maioria das vezes que sai de Porto Alegre foi pra ir pra outra cidade com a dança, e ter essa oportunidade de viajar pra outro estado com as empoderadas eu não sei nem como me expressar, não tenho palavras pra descrever o quanto eu estou grata!!! Ir pra lá pra fazer uma atividade de uma parte do doutorado da sora Lu foi muito bom, esse foi realmente o primeiro contato que eu tive com as atividades das empoderadas, porque eu entrei no grupo na pandemia então não tive a oportunidade de ir nas escolas pra conversar. [...] Vou ser eternamente grata a todes que nos ajudaram a tornar esse sonho realidade!!! *Natasha*

Fim do ano de 2019 as Empoderadas IG foram fazer uma visita na escola que eu dançava e então o amor que já existia só aumentou... Dia 14/01/2020 fui oficialmente uma integrante das empoderadas ig e eu não sabia lidar com tudo aquilo que estava acontecendo, era tudo tão mágico pra mim e era tudo um sonho estar em um projeto que a maioria das pessoas eram como eu...nas empoderadas aprendi várias coisas, mas uma delas foi aprender a se amar, aprender sobre os meus valores, sobre mim. [...] Chega o dia da viagem, acorda, toma banho, se arruma, revisa a mala e partiu aeroporto...chegando lá o medo de andar de avião foi aumentando, o frio na barriga vindo, então embarcamos, todos reunidos...avião decola, começa uma série de caretas kkkkkkkk, mas deu tudo certo. Chegamos em salvador encontramos a sora lu e então começaram nossos incríveis dias em Salvador, dias inesquecíveis e indescritíveis. Aprendi em salvador que juntos somos mais fortes e o real significado de "ubuntu". *Lia*

Conheci o projeto em 2016, acompanhei desde o começo a mudança que o Empoderadas teve na vida de suas integrantes. Na época eu não tinha nenhuma identidade racial, sabia que era negro porém não me via identificado com a minha cor, ver a ascensão do projeto fez eu me reconhecer como pessoa negra e me interessar em aprender sobre minha raça.

Fiquei muito orgulhoso em ver minhas amigas e colegas mudando por causa do projeto e me deu vontade de fazer parte do empoderadas ig. O que mais me motivou a entrar no projeto em 2019 foi para aprender mais sobre assuntos q eram debatidos nas palestras e entender como isso afetava na minha vida. Participar dos eventos e das palestras do projeto, conhecer pessoas importantes da cultura negra mudou minha vida. Me encontrei na arte, aprendi muito sobre autoestima e parei de reproduzir muitas atitudes erradas que eu nem fazia ideia do que era antes de entrar no projeto.

Lembro de quando a sora lu me contou sobre a viagem para salvador no fim de 2021 foi muito impactante, nunca antes tive a oportunidade de sair do estado, conhecer uma cultura diferente e viajar de avião, durante a campanha de arrecadação todos nós botamos muita esperança

de que ia dar certo, era um sonho coletivo. Quando chegou o dia da viagem, ver o brilho no olhar de todos ali, a maioria viajando de avião pela primeira vez me deixou muito feliz em ver como o Empoderadas mudou a vida de vários jovens de periferia de Porto Alegre, que através do projeto se encontraram. Muito obrigado Empoderadas IG por mudar as nossas vidas. *Renan.*

Diferente do que disseram pra sora Lu sobre ela não conseguir mudar o mundo, ela conseguiu sim! Ela mudou o meu mundo quando colocou o Empoderadas na minha vida. A educação abre portas, a educação nos levou pra Salvador e eu tenho certeza que vai nos levar pro resto do mundo. Que a gente nunca se solte, que a gente continue sendo inspiração para os nossos que estão vindo e aprenda com quem veio antes. É uma honra caminhar ao lado de vocês, obrigada por me proporcionar tanta felicidade e me mostrar a força que tenho para chegar aonde eu quiser! O mundo é nosso, Ubuntu. *Thai Dutra*



Figura 41. Empoderadas na UFBA. Setembro/ 2022

Fonte: arquivo da autora.

ANDANÇAS DAS EMPODERADAS: O QUE APRENDEMOS ATÉ AQUI.

“Quando todas as pessoas na sala de aula, professores e estudantes, reconhecem que são responsáveis por criar juntos uma comunidade de aprendizagem, o aprendizado atinge o máximo de sentido e utilidade”

(hooks, 2020, p.36)

Nos encaminhando para o final desta escrita, fico reflexiva sobre o que aprendemos em nossa caminhada. Início este capítulo trazendo bell hooks, que percorreu todos os capítulos desta escrita, assim como todas as diferentes e intesas fases dessa pesquisa. bell hooks (2020) pontua ensinamentos, e neste capítulo, pretendemos, a partir deste exercício de reescrever nossa história, pontuar os nossos aprendizados, fazendo um diálogo entre estes, com as intelectuais negras e outros intelectuais que sulearam estes momentos, estas reflexões e estas vivências. Nossa caminhada, visita a diferentes comunidades e os diálogos com muitos jovens, nos ensinou que não existe receita de bolo, não temos como chegar aqui e dizer o que vocês devem fazer para a educação antirracista dar certo e ser efetiva, podemos sim, compartilhar os caminhos que encontramos para criar nossas metodologias e os tantos aprendizados que percorrer estes caminhos nos trouxeram.

A vida inteira fui ensinada de que um bom pesquisador se afasta do objeto de estudos, e minha entrada na Pós-Graduação em 2019, na linha de Educação, Culturas e Humanidades, permitiu que eu fizesse um movimento contrário a esse aprendizado, e hoje, finalizando este ciclo, olho para trás e consigo compreender cada parte desta pesquisa, em que consegui encontrar a minha maneira de

ser pesquisadora, de conduzir o processo a partir do que faz sentido para mim e para as pessoas para quem escrevo. Minhas alunas não são objetos, são sujeitas em meu estudo, que se tornou nosso. Elas caminham comigo há sete anos, buscando possibilidades na educação antirracista. Com elas me identifiquei, e olhando para elas como olhando para um espelho, encarei suas dores que também foram minhas, seus medos que também foram meus, a busca inconsciente por uma identidade perdida, compartilhada por uma esperança de encontrá-la. Precisei me deparar com a Lu pequena e ter coragem de iniciar esta tese a partir de um eu, que durante a caminhada se permitiu transformar em um "nós".

Encaminhando-me para o final desta escrita olho para trás e posso ver cada fase dela em "minhas meninas e meninos", posso visualizar o encontro do que estávamos buscando e também do que nem sabíamos que devíamos procurar, mas que nos atravessou em nossa caminhada como pesquisadoras. Foi mergulhando nesta pesquisa e me permitindo aproximar como nunca das sujeitas que fazem parte dela, que entendi o sentido de pesquisar para mim. Muitas pessoas que leem meus escritos me elogiam, mas dizem não saber se minha escrita é acadêmica o suficiente, mas tudo o que fiz nessa trajetória foram escolhas, de um tipo de escrita acessível, já que não faria sentido falar sobre e com meus alunos e suas famílias em um tipo de escrita que não os contemplasse, que teriam dificuldades em compreender. A escolha do tipo de metodologia que faria sentido e dialogaria com a nossa trajetória. A escolha da banca de qualificação, da Gladis Kaercher, da Cida Bergamaschi, da Ivi Guedes, que me disseram que estávamos no caminho certo, que nos provocaram a ousar, a fugir do convencional, de metodologias tradicionais, da "escrita acadêmica", e buscar outras formas de viver a escrita... delas que me encorajaram a trazer nossos corpos por completo, nossas

vidas, nossas vivências e escrevivências nesta pesquisa.

A escolha de um referencial repleto de mulheres negras que e acompanharam e inspiraram nesta caminhada, de intelectuais negras(os) e indígenas que representam também este novo momento da academia, já que em 2012 foram instauradas as cotas nas universidades, e com elas outros corpos, outros saberes, outros modos de ser e existir no mundo adentraram estes espaços também. Diferente da cultura ocidental, não separamos corpo de mente, então precisamos deixar de violar nossos corpos, nossos saberes, para caber em um modelo de academia branca que não nos comporta e nem quer nos comportar. Referencio as mulheres que li, que vieram antes de mim e com seus escritos me mostraram que sim, somos acadêmicas, e optar por não falar a partir de um erudito branco (Kilomba, 2019), não nos faz menos pesquisadoras, pois sabemos exatamente com quem e para quem queremos falar. Durante muito tempo contaram uma versão nada nossa de nossas histórias, e estamos aqui, pois queremos que nada mais seja sobre nós sem nós. Então sim, minha escrita é acadêmica, pois essa pesquisa parte de nossa experiência. De sete anos buscando caminhos para romper com o eurocentrismo na escola, pesquisa que começou anos antes de adentrarmos a academia, que na defesa de qualificação do Mestrado foi avaliada pela banca como uma pesquisa de excelência, que merecia a mudança de nível do Mestrado para o Doutorado, desafio que abraçamos e que nos trouxe a este momento, onde olhamos para trás e podemos ver o que plantamos, o que aprendemos, e o que ainda podemos aprender. Essa pesquisa é fruto de nossos corpos por inteiro na academia, ela é contrária ao que o eurocentrismo acadêmico nos impõe, pois estamos aqui exatamente para Transgredir (hooks, 2020), para ser mais, para re-existir (Torres, 2017) , para sermos as melhores versões que podemos ser.

Quando entrei no IG, uma das primeiras perguntas

que me fiz quando pensei em iniciar uma pedagogia engajada, foi “que tipo de representatividade eu quero ser para os meus alunos?” e um dos primeiros movimentos que fiz com eles foi me humanizar, sair daquele pedestal que nos colocam por sermos professores, e mostrar para eles e elas que eu não somente estava disposta a ensiná-las, mas estava disposta a aprender com elas. Esta disponibilidade me ajudou a olhar com empatia para a minha comunidade escolar e me levou a criação do Empoderadas IG. Neste movimento, me fiz a pergunta que me acompanhou nestes anos de pesquisa e suleou ³⁴ nossa caminhada no projeto. “Como ensinar para meus alunos e alunas uma educação antirracista que eu não tive? Que eu não vivi?”. Para responder esta pergunta encontramos diversos caminhos e muitos perpassavam espaços não formais de educação. O Movimento Negro se mostrou um caminho efetivo para aprender a pensar a educação antirracista e para conhecer outras versões da história do negro que não são contadas na escola. A disponibilidade para estudar e aprender é essencial, pois tivemos uma vida de colonialidade em nós, e para revertermos este processo, precisamos muitas vezes ser autodidatas para aprender sobre estes temas que na maioria das vezes passam longe dos espaços escolares formais de educação.

Quando comecei a estudar com as meninas, vi que questões do feminismo eram muito presentes em seus diálogos e seus discursos, e me preocupei quando vi que aquele feminismo que se dizia universal, mas falava a partir de corpos brancos, não contemplava os corpos e vivências das minhas alunas. Por isso, ler feministas negras foi um caminho de aprendizado e acolhida, que nos mostrou outras possibilidades de ser e existir no mundo, que nos

34. Sulear é uma expressão que leva a um pensamento anticolonial, que contraria a norma eurocêntrica, colocando o Sul como referência que aponta para outras perspectivas metodológicas e epistemológicas.

provocou a partir da vivência de mulheres negras, mas que mesmo assim nos fez refletir sobre as interseccionalidades, sobre outros tipos de opressão. Compreendemos como nos aproximamos através da Dororidade (Piedade, 2017), e como Vilma Piedade nos ensinou, pudemos transformar a dor em potência e fazer com que outros jovens se aproximassem do Projeto não pela dor, mas por identificação, por referências positivas, pela possibilidade de sonhar.

Ler mulheres negras nos ajudou a compreender que não somos uma peça que não se encaixa em um quebra cabeça. Que a solidão que sentimos como pessoas negras em um mundo que se pretende branco não é algo que devemos ignorar. Lendo essas mulheres compreendemos melhor nossa sociedade e a tentativa de nos polir e nos moldar para que caibamos em espaços que não nos aceitam como somos. Entendemos que não é o jeito que falamos, as roupas que vestimos, não são nossos cabelos volumosos demais e não somos nós que levamos tudo “a ferro e fogo³⁵”. Aprendemos que é a sociedade que não respeita as nossas existências, que fragiliza a nossa autoestima, que tem medo que nosso sucesso faça com que os detentores do poder e dos holofotes percam privilégios, que tem medo da nossa união. Entendemos que juntas temos mais poder para mexer na base, para desacomodar, temos o poder de explicitar privilégios e dar nome as opressões. Aprendemos que quando deixamos de nos comportar como a branquitude (Bento, 2022) espera, quando deixamos de ser “os negros bonzinhos e submissos”, incomodamos até mesmo pessoas próximas, que se diziam aliadas, pessoas que muitas vezes se afastam, mas também compreendemos que este movimento abre possibilidade para que outras pessoas se aproximem, ou para que fortaleçamos os laços com aquelas e aqueles que ficam, com aqueles que sempre estiveram ali. Compreendemos

35. Expressão que significa que levamos as coisas muito a sério.

através destes aprendizados a importância e a necessidade de movimentos negros, indígenas, LGBTQIAPN+, trans, de pessoas com deficiências, autistas... de pessoas que fujam da norma hegemônica de nossa sociedade. Nestes processos aprendemos que não precisamos nos encaixar, mas lutar para se permitir viver as “mil possibilidades” de ser e existir no mundo.

Durante esta caminhada aprendemos também sobre compromisso, educação antirracista não existe sem ação. Mauricio Dorneles propõe que:

A descolonização do pensamento e o “enegrecer” das dinâmicas de produção do conhecimento, na qualidade de ações capazes de forjar outros caminhos e outras possibilidades. Emancipando sujeitos e transformando espaços universalmente monorracionais em espaços Pluriversais e Polirracionais. (Dorneles, 2021, p. 19).

Por isso devemos pensar diariamente ações que levem a uma ruptura com a colonialidade através das práticas na sala de aula, no dia a dia, na vida, o que também propõem Gladis Kaercher e Gabriel Fortes Pereira quando dizem que:

Nesse sentido, referimos a necessidade de promover uma ruptura decolonial, ao acolhermos as crianças negras (dentro ou fora dos espaços educativos escolares) na dimensão proposta por Maldonado-Torres (2020), pensando em esforços efetivos para sairmos das estruturas coloniais que ainda regulam nossos modos de ser, poder e saber. (Kaercher e Pereira, 2023, p. 17)

Por isso também, pensar uma educação antirracista envolve também valorizar outras formas de expressão que não somente a escrita. Em nosso Projeto, as imagens, através de fotos e ilustrações, os vídeos do Projeto e das visitas às escolas, a música, foram formas efetivas de comunicação com as(os) jovens. Aprendemos que em culturas negras e indígenas o corpo e a mente não se separam, e que outras linguagens devem ser valorizadas como saberes.

Rufino (2019) nos ensinou a mandinga como a sapiência do corpo, sem uma separação do que é dito verbalmente ou não verbalmente. Nunca vamos esquecer, na visita à escola Loureiro da Silva, na Cruzeiro, que os alunos da EPD (espaço preparatório de dança que existe em algumas escolas municipais de Porto Alegre) dançaram para a gente, e uma das apresentações foi um manifesto muito forte sobre a morte de Marielle³⁶. Eles dançavam no ritmo da poesia do Bruno Negrão (Poeta de Porto Alegre), e suas expressões e movimentos corporais nos faziam nos emocionar... diziam muito além do que palavras podem dizer. Rufino (2019) reforça que a modernidade/colonialismo investiu fortemente na regulação e vigilância dos corpos, negando qualquer forma de saber que se codifique na dimensão dos corpos, portanto, valorizar estas outras linguagens e saberes na escola também é uma forma de educação antirracista, pois ela não cala nem domina o corpo, a busca é sobre compreender o mundo ao qual este corpo faz parte.

Eu não teria percorrido metade destes caminhos sem ter escutado meus alunos. Criando uma relação de horizontalidade, o exercício de escuta se mostra essencial para um trabalho em comunidade, ou para uma pedagogia engajada. bell hooks (2020) nos diz que "Como líderes e facilitadores, professores devem descobrir o que os estudantes sabem e o que precisam saber. Essa descoberta só acontece se os professores estiverem dispostos a engajar os estudantes para além da superficialidade" (hooks, 2020, p. 47), em nossa experiência descobrimos que este engajamento envolve uma escuta empática, como a bell nos ensinou, precisamos "dedicar tempo a avaliação de quem estamos ensinando" (hooks, 2020, p. 47), ouvir as alunas do Projeto, entender suas e minhas demandas nos ensinou

36. Foi uma política brasileira, também socióloga e ativista. Representatividade na luta das mulheres negras e lgbtqiapn+, que foi brutalmente assassinada no dia 14 de março de 2018.

que este movimento é essencial para o engajamento do grupo, e nos fez, inclusive, criar nossa comunicação com os jovens de outras escolas antes das nossas visitas, através das cartinhas que nos enviavam. Antes delas, quando chegávamos nas escolas os jovens se mostravam curiosos, mas não muito envolvidos, muitas vezes nem sabiam quem éramos. Conhecendo nosso Projeto e escrevendo as cartas, eles criavam uma expectativa em nos conhecer pessoalmente e era perceptível sua alegria ao perceberem que comentávamos as cartas ou falávamos sobre algum dos temas que pediam... mesmo sem citarmos nomes, podíamos ver que eles percebiam que tínhamos escutado eles, e se abriam muito mais para o diálogo, gerando um ambiente muito mais propício à aprendizagem.

Outra intelectual que nos acompanhou muito nesta trajetória, foi Chimamanda Adichie (2019), seu alerta sobre o perigo de uma história única, advertia sobre histórias contadas a partir de uma única versão. Suas provocações nos ajudaram a compreender que muitas vezes as histórias na escola são contadas a partir de uma única versão, a do colonizador, e isto é uma cultura nos espaços formais de ensino que acontece desde a educação básica até as universidades, inclusive nos cursos de licenciaturas, que preparam os alunos para que se tornem os professores do amanhã. Em muitas conversas com as Empoderadas, dialogamos sobre este acesso a uma história única em nossas vidas, muitas delas dizem que começaram a ter contato com outras narrativas e outras versões das histórias em nosso Projeto. Não aprendemos na escola a história a partir da narrativa dos indígenas, não aprendemos a partir da narrativa dos povos negros. Aprendemos que o Brasil foi descoberto e graças ao colonizador vivemos em uma sociedade civilizada. Talvez ouvindo outras perspectivas desta mesma história ao invés de descobrimento, ouviríamos a história de uma invasão, de um genocídio, questionaríamos

a civilidade em explorar, torturar, estuprar, desumanizar o outro, e tiraríamos as nossas próprias conclusões, a partir do acesso a diferentes versões, de como se contruiu a história do nosso país.

Nas formações de professores que faço, sempre peço que imaginem alguém que como minhas alunas dizem, tem ranço³⁷ deles. Aí peço que imaginem que ganharam um presente, a história de sua vida irá se tornar um livro, ou uma série em algum streaming³⁸. Em seguida conto para eles, que a pessoa escolhida para fazer o roteiro e dirigir ou escrever suas histórias é exatamente a pessoa que tem ranço deles. Na hora os professores começam a rir, e pergunto se eles acham, que mesmo tentando ser muito profissional a pessoa escreveria a melhor versão de suas histórias, e a resposta é sempre não. Provoco o grupo então, à reflexão de que a história dos negros e indígenas foi registrada e contada por pessoas que não gostavam deles, que os consideravam selvagens, que nem os consideravam humanos, e questiono se eles acham que até os dias de hoje, temos nas escolas suas histórias contadas nas suas melhores versões. Esta provocação sempre nos ajuda a uma abertura maior para o diálogo sobre a importância da educação antirracista nas escolas, pois algo que aprendemos em nossa caminhada também foi que não se trata de falar somente sobre o racismo, mas sim, de levar para as escolas as histórias dos povos negros e indígenas que o racismo impede que cheguem na sala de aula.

Grazi Oliveira (2022) nos ensina que devemos estar sempre atentas e curiosas sobre as histórias que a escola não conta. Quando começamos a olhar para estas outras histórias e compartilha-las, rompemos com a bolha da

37. Expressão utilizada para dizer que a pessoa tem implicância, sente aversão, raiva, ou não gosta de alguém.

38. Um site que armazena algum tipo de conteúdo. No Brasil, muito utilizados para o acesso a séries, novelas, programas e filmes.

colonialidade, rompemos com a história única, e passamos a dar acesso aos nossos alunos e alunas a outro repertório, que dará a eles um entendimento mais plural de nossa sociedade, trabalhando assim com muito mais responsabilidade e respeito aos diferentes povos que são essenciais para a construção social do nosso país.

Não é somente em nossa escola que ficamos em bolhas, isso acontece também nos grupos sociais dos quais fazemos parte e também de nossas redes sociais. Nelza Jaqueline Franco em sua pesquisa (2022) afirma que:

É possível inferir que vivemos, ou fizemos parte alguma vez na vida, inseridos em várias redes sociais: a família, a vizinhança, a empresa, turma da escola/faculdade, torcida de um time, profissionais de determinada área, organização sindical, etc. (Franco, 2022, p.43)

Sobre essas redes, lembro que em 2015, me vi cercada de um círculo social majoritariamente branco, que inclusive, em sua maioria, não compreendeu meus movimentos em busca de uma reconciliação com minha negritude. Começar a ir a eventos do movimento negro, ler mulheres negras e me cercar de pessoas negras foi essencial em meu processo de letramento racial, e fazer este movimento também em minhas redes sociais foi um diferencial nesta trajetória. Jaqueline Franco (2022) coloca que “As redes sociais conectadas proporcionam que sejam pautados assuntos diversos e de interesses de diferentes grupos” (Franco, 2022, p. 44). Pensando em ter acesso a assuntos e pautas de diferentes grupos, comecei a seguir mais pessoas negras, pessoas indígenas, trans, pessoas com deficiência, autistas, pessoas com TDAH, e com essas pessoas me deparei com mundos diferentes, onde essas pessoas compartilham suas vivências, seu modo de ser e existir no mundo, muitas vezes tão diferentes do meu, mas comecei também a encontrar semelhanças em nossas lutas e em nossas vidas, e isso com certeza me ajudou a desenvolver

empatia, aprendo diariamente sobre como respeitar suas existências assim como a valorizar e celebrar nossas diferenças, tratando-as como riqueza (Candau, 2016), e não como um problema. Esse foi um dos aprendizados que tive ao conhecer um pouco mais sobre a interculturalidade, segundo Vera Candau:

A Educação Intercultural parte da afirmação da diferença como riqueza. Promove processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos -individuais e coletivos-, saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça -social, econômica, cognitiva e cultural-, assim como da construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, através de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença. (Candau, 2016, p. 11)

Esse diálogo entre diferentes sujeitos, saberes e práticas faz parte do que viemos aprendendo sobre a educação antirracista. Como o projeto iniciou em 2016, antes da nossa entrada no Mestrado em 2019, foi muito comum a descoberta de teorias que se interseccionalizavam com nossas práticas. Lembro da sensação de ler textos sugeridos pelas professoras das disciplinas e pensar "Ah, então esta prática que fazemos se identifica com esta teoria?", e foi o que senti conhecendo a interculturalidade. Conhecê-la e estudá-la me mostrou como ela pode ser um caminho para a educação antirracista.

Em 2016, quando o Projeto começou, o primeiro tema que estudamos foi representatividade, e dentro deste contexto, racializar a branquitude foi um fator importante para que as meninas compreendessem melhor algumas pautas e alguns debates do movimento negro e também do movimento feminista. Pessoas brancas não se racializam, elas se tem como universais, como a representação do todo. Mesmo os que tem famílias constituídas somente de pessoas brancas, trabalham somente com pessoas brancas, tem um grupo social de amigos somente com

pessoas brancas, não fazem uma mínima reflexão sobre a problemática disso em um país constituído em sua maioria pela população negra.

Quando foram instauradas as cotas nas universidades vieram com o discurso do mérito, como se toda uma população que não estava ali representada não tivesse se esforçado o suficiente. Quando fazemos campanhas pela primeira Ministra Negra no STF (Supremo Tribunal Federal), ouvimos do atual presidente que gênero e cor não irão determinar a decisão, como se um grupo hegemonicamente branco não fosse uma mensagem clara, bem clara, da cor que é sempre a escolhida disfarçada de universal. Quando sugerimos a uma empresa, ou a uma universidade ações afirmativas em uma vaga de emprego, estágio ou projeto, ouvimos que a pessoa para a vaga tem que ser escolhida por suas qualificações, não por cor, como um pressuposto de que pessoas de outra cor que não a branca, não tivessem qualidades para estar ali. E assim, a branquitude vai agindo, e se mantendo nos espaços de poder, na mídia, e em todos os lugares de representação, porque quando são pessoas da nossa cor nestes espaços, é identitarismo, quando são pessoas brancas, elas são tidas como universais.

Em nossas palestras, mostramos uma foto da Gladis May West, e perguntamos se alguém a conhece. Nessas palestras não tivemos mais de 2 pessoas de todo o grupo que levantaram a mão, na maioria dos lugares que visitamos, ninguém a conhece. Contamos então, que ela é ninguém menos, que a mulher que inventou o GPS, e a partir daí, começamos a trazer imagens e nomes de diversos cientistas negros e suas invenções, como Mary Beatrice Davidson Kenner, que inventou o absorvente; Alexander Miles que inventou o elevador; Valerie Thomas, que inventou o transmissor de ilusão (os óculos que colocamos para assistir os filmes em 3D); Thomas Mensah, que inventou a fibra ótica; Jane Cooler, que inventou a quimioterapia; Hamilton Naki,

que inventou o transplante de coração; Katherine Jhonson, que fez os calculos para que o primeiro homem pudesse pisar na lua; Frederick Jones, que inventou o ar condicionado... Todos inventores negros, que não tem suas imagens e suas cores estampadas nos livros de ciências, nos livros didáticos das escolas, onde somente vemos pessoas brancas, e isso nos dá a impressão e nos faz construir a imagem de que este é o estereótipo de pessoas que detêm o conhecimento, que inventam, que trabalham em prol de nossa evolução. Incluir estes cientistas negros nestes livros seria identitarismo, ou identitarismo é fazer livros e livros, somente com a representação e protagonismo de pessoas brancas?

Essa universalização, que faz com que pessoas brancas não se racializem faz parte do Pacto Narcísico da branquitude, como aprendemos com Cida Bento (2022). Fazem parte de uma, dentre tantas estragégias de manutenção de poder, como ela nos explica:

É evidente que os brancos não promovem reuniões secretas às cinco da manhã para definir como vão manter seus privilégios e excluir os negros, mas é como se assim fosse: as formas de exclusão e de manutenção de privilégios nos mais diferentes tipos de instituições são similares e sistematicamente negadas ou silenciadas. Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de auto-preservação como se o "diferente" ameaçasse o "normal", o "universal". Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele (Bento, 2022, p. 18).

Problematizando a escola, podemos pensá-la como um lugar onde acontecem essas reuniões nada secretas de perpetuação do poder da braquitude, afinal, é um lugar que reúne pessoas para ensinar a história do branco, o poder do branco, as qualidades do branco, a beleza do branco, e um lugar que se nega a valorizar a potência de povos negros, indígenas e outras populações não bran-

cas. A prova disso é, depois de vinte anos da criação da lei 10.639/03, ainda termos que lutar tanto pela efetividade de sua aplicação nas escolas. Racializar a branquitude escancarou a branqueza dos currículos escolares, que não é nada universal, a não ser que este universal seja sinônimo de branco. Com frequência nos deparamos em palestras e formações com professores que dizem não ver cor nos seus alunos, que tratam eles como iguais, então questionamos: "Se somos todos iguais, por que os currículos não tratam nossas histórias como iguais?". Por que os currículos tem um protagonismo da história do colonizador, e inclui muito pouco, quando não ignora a história das dos povos negros e indígenas? Onde está a igualdade na importância dessas histórias nos planos pedagógicos das escolas? Nas práticas em sala de aula? Como se sentem os alunos que passam uma vida escolar sem se ver? Como entendem o mundo os alunos que se veem o tempo todo e se acham os detentores da beleza, do saber, do poder, sem aprender a respeitar pessoas diferentes deles? Sim, racializar a branquitude é um fator muito importante para pensarmos a educação antirracista.

A representatividade foi outro fator muito importante para o nosso aprendizado. Quando ainda existia nossa salinha do IG, eu levava com frequência profissionais negros de diferentes áreas e profissões para conversarem com as alunas e alunos e compartilharem com o grupo sobre sua trajetória, suas experiências, sua profissão. Isso foi maravilhoso, pois os jovens começaram a ver pessoas como eles em espaços que não pensavam serem possíveis para pessoas como nós. Como podemos acreditar que é possível chegar em determinados espaços se neles não vemos ninguém como nós? Com esses profissionais a gurizada pôde se ver e se inspirar, conhecemos diferentes profissões e diferentes profissionais e muitos tiveram influência positiva nas Empoderadas e nos caminhos que

estão trilhando hoje.

Durante muitos momentos da pesquisa, mas principalmente do projeto, senti o peso de ser a idealizadora dele. Muitas de minhas alunas começaram essa caminhada comigo quando tinham seus treze, quatorze anos, e durante nosso processo cresceram, começaram a trabalhar, a estudar para o ENEM e para o vestibular, e eu sempre tentei ter empatia com elas pois já passei por estes momentos e sei o quão turbulentos eles podem ser. Mas algo que aprendi foi a me humanizar como professora, pois tendo empatia por todos e muitas vezes segurando as pontas sozinha, se eu não compartilhasse com elas minhas demandas, quem teria empatia por mim? Aprender a pedir ajuda foi essencial para que as coisas dessem certo, pois uma das imagens de controle que age sobre a mulher negra é a de que somos fortes, acolhedoras, amigas, as mães do mundo, mas quem cuida da gente? Em alguns momentos precisei pedir ajuda para as minhas alunas, explicar minhas demandas e deixar que elas alçassem alguns vãos solos, sempre dentro dos limites que podíamos identificar.

Nas visitas às escolas elas começaram a assumir as atividades com os alunos enquanto eu e o Kadu, fazíamos os vídeos pelas escolas, entrevistas com professores, preparação de toda a logística da palestra para os grandes grupos. Aos poucos elas foram assumindo nossas redes sociais, dando ideias de posts, me avisando ou repassando meu contato para mensagens que elas não tinham como responder. Começaram a ser mais proativas sobre encontros, atividades, e aos poucos elas foram desenvolvendo uma autonomia linda no Projeto, chegando ao ponto de, neste ano de 2023, terem assumido totalmente as visitas nas escolas com os alunos enquanto eu assumia as formações de professores. Em um primeiro momento elas me chamavam, pediam orientações ou ideias, mas aos poucos elas foram ficando cada vez mais independentes e esse

processo foi muito lindo de ver. Lembro de um dia em que fui dar uma formação na UFCSPA (Universidade Federal de Ciências da Saúde), e ao final da atividade, quando peguei meu celular, comecei a ver as mensagens delas no grupo das Empoderadas, compartilhando fotos e contando quão maravilhosa havia sido a visita. Elas se auto geriram tão bem que eu cheguei a esquecer que naquele dia elas tinham visita à escola, e quando vi minhas alunas ali, empolgadas contando sua experiência me emocionei muito, pois ali entendi que nós nos multiplicamos, em uma mesma manhã, estávamos em dois lugares distintos, dialogando com diferentes públicos, e compartilhando com eles o que aprendemos em nossa trajetória sobre educação antirracista. Me deu uma sensação de dever cumprido, uma sensação de continuidade, pois sei que mesmo que amanhã possa não estar aqui, elas darão seguimento a nossa luta. Nessa manhã recebi uma mensagem emocionante da professora que programou a visita com as Empoderadas na escola, ela dizia assim:

Foi lindo!! Tinha estudantes dos anos finais e muitas meninas do quarto e quinto ano, que se interessaram em participar. Eu fiquei surpresa com a concentração das pequenas. As empoderadas foram tão bem na apresentação, que envolveu as menores, foram as que mais perguntaram e participaram, lindo de ver!!! Minha colega profe, que assistiu também, disse que foi o momento mais lindo dos últimos anos docentes dela. A nossa outra colega, funcionária da limpeza, que também quis assistir, chorou em um momento de emoção enquanto elas apresentavam! Foi demais! Eu comentei com elas que elas mobilizaram a escola antes mesmo de estar lá... pq as alunas fizeram vídeos, fotos, depoimentos, entraram nas outras turmas para divulgar a ida das Empoderadas, foi show! (*Amanda*).

Ler os relatos da Prof. Amanda da Escola América me emocionou muito. Cheguei a chorar. Lembro quando assisti a peça “O Topo da Montanha”, com Lázaro Ramos e Thais Araújo contando sobre as últimas horas de vida de

Martin Luther King³⁹, e no final da peça eles falavam em passar o bastão, fazendo referência a darmos continuidade na luta de nossos ancestrais. Sei que ainda tenho muita luta pela frente, mas saber que tenho para quem passar o bastão me dá mais força para seguir em frente, me faz saber que não estou sozinha nesta luta.

bell hooks (2020) fala da importância da imaginação em sala de aula, este texto me fez lembrar de um hábito que tinha com minha Tia Iris, também professora da rede pública. Quando assistíamos algum filme, série, vídeo que nos inspirava em algo que poderíamos desenvolver como projeto na escola ou algo que pudessemos levar para a sala de aula, fazíamos ligações e ficávamos horas no telefone imaginando e trocando as mil possibilidades do que poderíamos fazer. Levei este hábito para o Empoderadas, e de alguma maneira, me acompanhando e me observando, as meninas começaram a aprender e desenvolver suas habilidades na prática da criação de conteúdos para levar para as visitas nas escolas. Hoje elas lêem as cartinhas dos alunos, pesquisam sobre suas comunidades e pensam em atividades que podem ser interessantes para os alunos sozinhas. O que podemos observar no relato da Thai, que foi uma das integrantes do Empoderadas responsável pela organização da visita na Escola América.

A visita na escola América foi uma renovação de energia para mim, voltar pro lugar onde nasci e cresci e ver uma beleza que eu nunca tinha visto, encontrar pessoas que hoje são referência e são de lá, virou uma chave para mim. O carinho que recebemos das crianças foi algo lindo, servir de referência viva para eles e poder mostrar que é possível sonhar e realizar independente de onde viemos. Me fez lembrar da frase do Emicida: "Nunca volte pra sua quebrada de mãos e mente vazia", me senti grande, capaz de mudar os lugares por onde passamos e transmitir essa

39. Foi um Pastor batista e ativista político que se tornou uma das lideranças mais conhecidas do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos, e foi assassinado em 1968.

força e coragem pra outros jovens de escolas públicas e periferias, assim como nós. Essa visita me inspirou muito e eu queria levar algo diferente pras crianças, algo que de alguma forma eles se vissem e entendessem a mensagem que queríamos passar... Foi então que conheci através das redes sociais o trabalho do Crystom Afronario, estudante de cinema e morador da comunidade. Fiquei encantada com os vídeos que ele faz mostrando a beleza da comunidade através da visão dele, mostrando que tem coisas boas nas comunidades e não apenas a violência que a mídia relata. Usei um dos vídeos da série criada por ele chamada "Favelas presente" como referência, dei play sem falar nada pra eles de onde era aquele vídeo e esperei as reações... Tive como resposta carinhas de boca aberta, gritos de alegria, falas como "eu moro naquela rua", "eu conheço aquele ali", "olha a minha escola", entre outras diversas reações positivas. Quando o vídeo acabou vi eles ainda eufóricos por "se verem" naquela obra tão linda, perguntei se depois de verem aquilo tinham entendido o que eu queria dizer quando me referia a "referências reais", gritaram em coro "SIIIIIIM!". Ali eu entendi a importância de ter uma referência real, como isso nos dá autoestima e nos empodera, como as comunidades tem potência e pessoas que fazem tanto para que não sejamos limitados a coisas ruins que mostram na mídia, tirando nossa força e capacidade de acreditar que podemos sim sonhar e realizar. *Thaisiane Dutra.*

Pedi este relato para a Thai depois de ler suas mensagens animadas contando como foi a visita e como fizeram as atividades, pedi para que ela escrevesse para que não perdesse a emoção daquele momento, e são tantos pontos que ela traz neste texto. Ela nos conta como o acesso a educação antirracista possibilitou que ela reconstruísse seu olhar sobre o lugar de onde veio, e quis compartilhar com as crianças da escola, através da arte do Afronário, uma outra perspectiva sobre a comunidade do Morro da Cruz. Ela fala sobre representatividades reais, sobre as potências das comunidades periféricas, um olhar dela construído a partir do que viemos estudando nestes

últimos anos. Eu sou uma mulher negra, mas nunca morei em periferias, me conectei com meus alunos para valorizar estas temáticas a partir do slam e das poesias marginais que tratam desta realidade, que eu não vivi, mas que 95% das alunas e alunos do projeto viveram ou ainda vivem, então este olhar da Thai, é dela, a partir da experiência dela como uma jovem de periferia que teve acesso a uma educação antirracista, e o resultado foi este lindo encontro das Empoderadas na escola América, no Morro da Cruz, que também podemos ler, a partir da perspectiva da Prof. **Amanda Assis**.

"Para as Empoderadas!

Com muita gratidão, escrevo para registrar o quão importante foi a visita de vocês em nossa escola. As mobilizações na escola começaram desde o primeiro contato via WhatsApp, quando me pediram para enviar cartas escritas pelas/os estudantes. Isso foi disparador para um conjunto de atividades: a professora do projeto de teatro, por exemplo, começou a organizar uma peça de teatro com a temática de cabelos Afros; esse grupo de teatro, passou em outras turmas para conversar sobre o assunto, e outras alunas se reuniram para fazer vídeos e podcasts com relatos de preconceitos.

E claro, outro momento muito importante foi a ida das Empoderadas na escola. Foi emocionante! Alunas e alunos de diferentes idades participaram. Também estavam presentes outras professoras, a diretora, uma funcionária da limpeza.. todo mundo ficou admirando as Empoderadas! Foi um momento único! Destaco o cuidado que tiveram em apresentar outras personalidades negras da própria comunidade e isso envolveu muito todo mundo!

Depois da visita das Empoderadas, um grupo de estudantes montou uma exposição sobre cabelos Afros e apresentaram na Festa Junina, quando a escola estava aberta para toda a comunidade.

As sementes foram plantadas. Só temos a agradecer por tudo! Muito obrigada, Empoderadas!

Amanda Assis – Profi do Espaço Educativo Afro-brasileiro e indígena (EEABI) DA EMEF América.

Esses retornos são muito bons, pois podemos ter uma ideia de como as visitas do Projeto reverberam antes, durante e depois nas comunidades por onde passamos. Saber que plantamos sementes que podem crescer dando frutos para as comunidades que visitamos nos nutre e nos da esperança e forças para seguir.

Essas visitas não reverberam somente nas escolas, reverberam em nosso grupo também. Eu amo nossas conversas após as visitas delas às escolas, pois vejo elas descobrindo coisas novas e se vendo em situações que eu já estive e elas se consideravam distantes da possibilidade de viver. Me disseram que quando eu contava para elas das minhas viagens, e que eu dizia para elas que era possível, elas riam, pois acreditavam que eu viajava pois era rica (risos), e me contaram que nas visitas às escolas, quando falam na viagem de Salvador e mostram os vídeos e dizem para as crianças que é possível realizar esses sonhos, em um primeiro momento as crianças, assim como elas pensavam de mim, acham que elas viajam pois são ricas. Demos muitas risadas disso, e elas me contaram como foram construindo o diálogo com eles para que compreendessem que elas, como eles, eram jovens periféricas, e que através do estudo, foram aprendendo a abraçar as oportunidades e realizar sonhos que antes pareciam muito distantes.

É lindo ver a gurizada voando solo, se mobilizando para pensar o projeto, as visitas, as postagens, as atividades, realmente formamos uma comunidade de aprendizagem, onde cada um vai encontrando onde e como melhor pode colaborar. Observando elas e eles, falantes, despachados, articulados lembro de uma barreira que muitos tiveram que passar para se engajarem no Projeto, a vergonha. bell hooks (2021) fala sobre a vergonha como uma barreira para o aprendizado, e em nossa caminhada, dialogamos muito sobre a importância de não ter vergonha de assumir não saber algo, pelo contrário, é exatamente

identificando o que não sabemos que descobrimos o que precisamos estudar mais, e entender isso, foi muito construtivo para o nosso grupo.

Um dia fiz uma atividade com elas que gostaram muito que chamamos de “caixinha do argumento”. A ideia surgiu de um diálogo onde muitas desabafavam sobre sua frustração, quando em uma discussão sabiam que a pessoa estava falando algo que era errado, preconceituoso, mas não sabiam como argumentar, então tivemos a ideia de colocar em uma caixinha, diversas palavras/temas geradores dessas discussões, fizemos uma roda e cada um pegava uma palavra, e dizia se sabia o que era, se não sabia, e juntos em um diálogo íamos conversando sobre os temas e ajudando eles a criarem argumentos para esses diálogos.

Falamos no exercício sobre não ter vergonha de dizer que não sabiam, pois o que não soubessem iríamos construir juntos a partir dessa conversa em nossa comunidade de aprendizagem. Surgiram palavras como racismo; preconceito; homofobia; racismo reverso; cotas; gordofobia; feminismo; feminismo negro; transfobia; lugar de fala; afeto; amor próprio. E ao compreenderem que não precisavam ter vergonha de dizer que não sabiam algo, que este exercício não era uma avaliação, mas sim um diálogo, uma construção coletiva, ficaram mais leves e foram se permitindo falar com mais liberdade, sem medo. A partir deste exercício que fizemos entre nós, entendemos a importância que ele tinha e acabou se tornando por muito tempo a atividade preferida das meninas para levarem para as escolas. bell hooks (2021) afirma que:

Quando a educação como prática da liberdade é afirmada em escolas e faculdades, podemos nos mover para além da humilhação, na direção de um lugar de reconhecimento que humaniza. A humilhação desumaniza. Não há lugar melhor do que a sala de aula – ambiente em que

convidamos os estudantes a abrir a mente e pensar para além de todas as fronteiras a fim de questionar, confrontar e superar o secreto trauma da vergonha (hooks, 2021, p. 170).

Trauma esse que trava muitos alunos, não somente em sala de aula, mas para novas experiências e desafios, seguindo inclusive, quando chegamos na academia. Lembro da Thai em nossa primeira participação em um programa de rádio, que chegou a se encolher em sua vez de falar, a voz quase não saía de tanta vergonha. Fiquei sabendo depois que ela, quando precisava apresentar trabalhos na escola, já chegou ao ponto de desmaiar, da vergonha de se expor, de se sentir avaliada. Hoje a Thai é uma das alunas do Projeto que mais visita escolas, que mais fala em nossas palestras, e me orgulha muito ver que os exercícios que fizemos, as vivências no Projeto a ajudaram a superar a vergonha. A Isa Pacheco também, era uma menina muito tímida, muito quietinha, que hoje quando fala ainda me surpreende com sua confiança desenvoltura, e elas ensinam isso para outros jovens, que não temos que ter vergonha do que não sabemos, mas utilizar isso como ponto de partida para o que sabemos que temos que aprender.

Nesta pesquisa, aprendemos a buscar como cada um pode colaborar em uma construção coletiva, que podemos doar o que fazemos de melhor e neste processo se permitir aprender o que não sabemos. bell hooks diz que:

É por isso que nosso projeto contínuo e colaborativo de pensamento crítico é crucial, enquanto lutamos para manter nosso compromisso com o trabalho pela liberdade para todas as pessoas, e enquanto lutamos para manter a integridade dentro dos sistemas que não valorizam vozes dissidentes (hooks , 2021, p.76).

Foram nossas vozes dissidentes que construíram esta pesquisa a partir de nossa experiência, na construção de uma história nada única sobre o Projeto Empoderadas

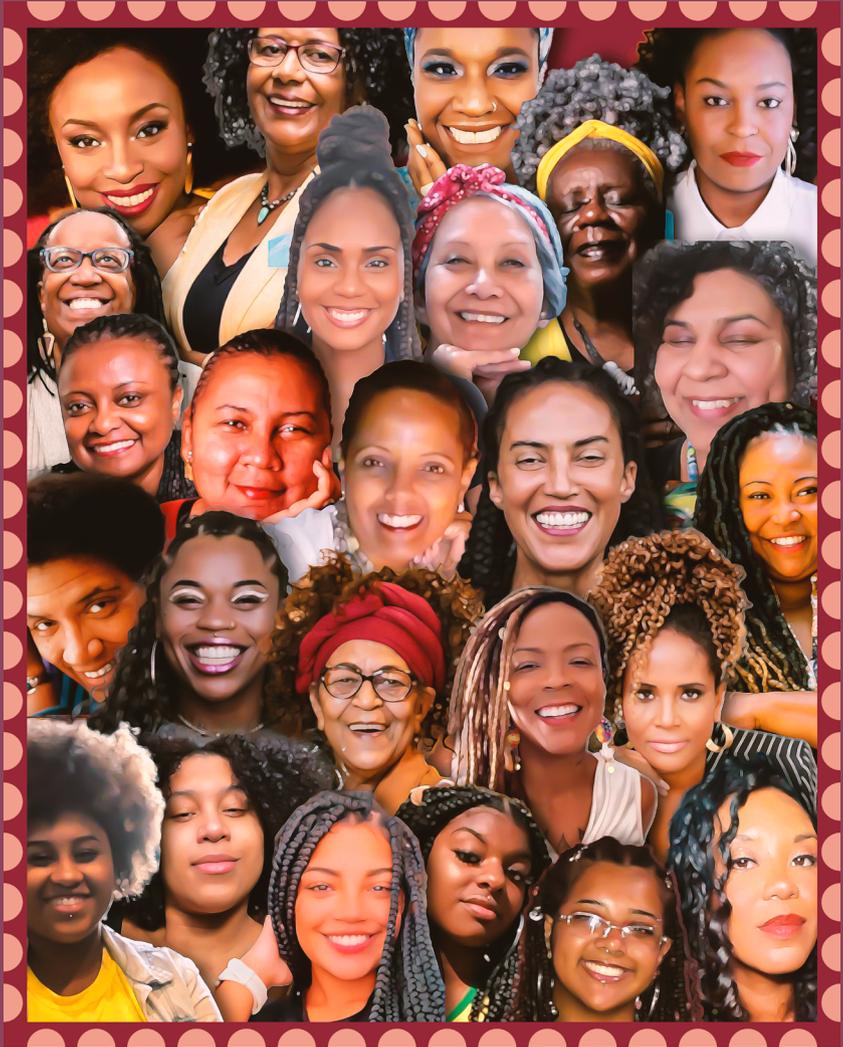
IG. Juntas e juntos aprendemos a aprender, a cada tombo, descobrimos como levantar, a cada ruptura, descobrimos como nos reinventar. Crescemos juntas, e com as mudanças em nossas vidas aprendemos a nos adaptar, na insistência em resistir, aprendemos como re-existir. Foram sete anos de trajetória, que esperamos que se tornem muito mais, pois juntas, aprendemos a olhar com carinho para nós e para os nossos, e neste exercício de escrever, Conceição Evaristo e as tantas mulheres negras que nos acompanharam, nos ensinaram a escrever.

Lembro que ao finalizar minha dissertação, disse que me descobri muito mais freireana do que imaginava, e posso dizer, ao final desta tese, que hoje me vejo uma bellhookiana nata, e com muito orgulho disso me comprometo a seguir lendo os livros de bell hooks que ainda me faltam, aprendendo com suas reflexões e reverberando seus ensinamentos, como nessa trajetória aprendi que devemos fazer para manter vivos os nossos ancestrais. Celebramos bell hooks e as tantas mulheres que nos acompanharam nesta experiência, assim como celebramos em vida, as que ainda... mesmo sem saber, caminham com a gente.

Como nossa história, o final desta tese se mostra como uma vírgula, e não como um ponto final, pois entendemos que o exercício de se desconstruir, de aprender e de estar em movimento, não acaba, é para toda a vida. E quando a vida acabar? Há de ter alguém por quem passamos, que vai seguir fazendo a roda girar.



Figura 42. Empoderadas no Rio de Janeiro/ GERER. Novembro/ 2023
Fonte: arquivo da autora.



Arte: Rodrigo Munhos (Empoderadas ig)

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGUIAR, Nickoly. Empoderadas IG. 2017.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

ALBUQUERQUE, Tainá. Empoderadas IG. 2022.

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: coleção Feminismos Plurais. Pólen, 2019.

ALVES, Rubem. A alegria de ensinar. São Paulo. ARS Poética. 1994,

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: um a carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feministas. Ano 8, p. 229-236, 2000.

AZEVEDO, Liane da Silva.

Empoderadas IG. 2019.

AZEVEDO, Liane da Silva. Empoderadas IG. 2022.

BANDA MEL. Baianidade Nagô. Música Baianidade Nagô, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qOPqXRZLD_4

BENTO, Maria Aparecida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERTH, Joice. Empoderamento. São Paulo: coleção Feminismos Plurais, Companhia das letras, 2019.

BONILHA, Tamyris e SO-LIGO, Ângela. O não lugar do sujeito negro na educação brasileira. Revista Iberoamericana de educação. v. 68, n. 2, p. 31-48, 2015.

BORGES, Deyvson Lençina. Empoderadas IG. 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues e BORGES, Maristela Correa. A pesquisa parti-

cipante: um momento da educação popular. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v.6, p. 51-62, 2007.

BUENO, Winnie. Imagens de controle. Um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020.

BUENO, Winnie. Por que você não acredita em mim? Rio de Janeiro: Harper Collins, 2023.

CAMISOLÃO, Rita de Cássia dos Santos. CARTOGRAFIA DO ACOLHIMENTO: escriturais do estudante negro na UFRGS. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS. 2020.

CANDAU, Vera Maria. Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação "outra"? Viveiros de Castro Editora Ltda: Rio de Janeiro, 2016.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação

da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.

Rio de Janeiro: Racismos contemporâneos. Takano Editora, 2003.

CESÁIRE, Aimè. O discurso sobre a Negritude. 1987- Miami.

DAMASCENO, Ana Carolina de Laria. Empoderadas IG. 2022.

DAMASCENO, Letícia. Empoderadas IG. 2017

DAMASCENO, Maria Eduarda de Laria. Empoderadas IG. 2022.

DAVID, Maria Luiza. Empoderadas IG. 2022.

DORNELES, Dandara Rodrigues. As escriturais de uma Mulher Negra iniciada junto aos barquinhos de lemanjá. In: Reafirmando direitos: cotas, trajetórias e epistemologias negras e quilombolas na pós-graduação. Dorneles, Dandara Rodrigues... [et al.] organizadores. Porto Alegre: Cirkula, 2020.

DORNELES, Maurício da Silva. Protagonismo negro e ações educativas configuradas no projeto do Centro de Referência Afro-brasileiro/CRAB em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, / RS-BR, 2021.

DORNELLES, Leni Vieira. ; MARQUES, Circe Mara. Pedagogias da racialidade: modos de se constituir crianças negras em escolas de educação infantil do Brasil. Propuesta Educativa (Online) , v. 1, p. 113-122, 2015.

DUTRA, Thaisiane. Empoderadas IG. 2022

DUTRA, Thaisiane. Empoderadas IG. 2023.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: Escrivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro:

Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

EVARISTO, Conceição. Falar sobre o preconceito racial no Brasil é derrubar o mito da democracia racial. Sul 21, 03/05/2018.

Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/05/03/falar-sobre-preconceito-no-brasil-e-derrubar-o-mito-de-democracia-racial/>

EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Malê, 2020.

EVARISTO, Conceição. Literafro: o portal da Literatura Afrobrasileira. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 07 jan. 2022.

Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>
Acessado em: 24/11/2023.

FERNANDES, Maria Eduarda Pacheco. Empoderadas IG. 2022.

FRANCO, Nelza Jaqueline Siqueira. Ciberquilombis-

mo – Negros e Negras no espaço diital: perfis digitais pretos performando saberes, memórias, acolhimento e letramento racial. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, / RS-BR 2022.

FREIRE. Paulo. Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GELEDÉS, 2020. Crianças e adolescentes negras: o direito a educação, infância e juventude, Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/criancas-e-adolescentes-negras-o-direito-a-educacao-infancia-e-juventude/>

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro Educador: saberes construídos na luta por emancipação - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Saberes das lutas do Movimento Negro Educador. Nilma

Lino Gomes (org.) . Petrópolis, RJ : Vozes, 2022.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

GONÇALVES, Paulina dos Santos. "ME APOIA?" A CONSTRUÇÃO DE SUPORTES ENTRE JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA E A PROTEÇÃO SOCIAL. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre-BR.RS. 2021

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São

Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

IBIAPINA, I. M. L. M. Reflexões sobre a produção do campo teórico-metodológico das pesquisas colaborativas: gênese e expansão. In: IBIAPINA, I. M. L. M., BANDEIRA, H. M. M., ARAÚJO, F. A. M. (orgs.) Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes. Teresina: EDUFPI, 2016, p. 33 – 61.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Educação na Pnad contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

INTITUTO ALANA. Lei 10.639/03 : a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afrobrasileira. Portal Geledés, São Paulo, p. 86fl, 2023. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2023/04/lei-10639-pesquisa.pdf>>. Acesso em: 09 dezembro 2023

KAERCHER, Gladis Elise Pereira da Silva; PEREIRA, Gabriel Fortes. Performance e Ancestralidade: o que a cosmologia bakongo ensina sobre a infância negra brasileira? Revista Brasileira de Estudos da Presença [PERIODICO] , v. 13, p. 1-21, 2023.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. LORDE, Audre. Irmã outsider. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MARIA, Agnes et al. Vozes

da revolução. Porto Alegre: Class, 2019.

MARQUES, Elenir Gularte. GRUPO PALMARES EM PORTO ALEGRE NA DÉCADA DE 1970: O PAPEL DE MULHERES NEGRAS ATIVISTAS. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, , Porto Alegre, RS-BR, 2019.

MARTINS, Leda Maria. Performance do tempo espiralar, poética do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cogobó, 2021.

MATOS, Julia. Empoderadas IG. 2017.

MELLO, Natasha. Empoderadas IG. 2022.

MOREIRA, Raynner Victor Silva. Empoderadas IG. 2022.

NATIRUTS. 1999. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=inO_snx5yMQ

NEPOMOCENA, Renan Luiz Gonçalves. Empoderadas IG. 2022.

OLIVEIRA, Luana; TODARO, Mônica. Educação não formal, teatro do Oprimido e Identidade negra de adolescentes: teses e dissertações. Revista Humanidades e Inovação v.7, n.7.7, p. 90-103, 2020.

PIEIDADE, Vilma. Dororidade. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil. 2023.

Pretos e pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos brancos permanece, Agência IBGE notícia, 2019, disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>

RATTS, Alex e RIOS, Flavia. Lélia Gonzalez. São

Paulo: Selo Negro, 2010.

RAMOS, Luciana Dornelles. Descolonizando práticas pedagógicas: a narrativa de uma educadora na luta pela educação antirracista. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre/ RS-BR. 2021.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual antirracista. São Paulo: Coleção Feminismos Plurais, Companhia das letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do Feminismo Negro? São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

RODRIGUES, Esthefany. Empoderadas IG. 2017.

ROSA, Graziela Oliveira Neto da. A história que a história não conta: ART. 26-A da LDBEN. Porto Alegre: Cirkula, 2022.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANT'ANNA, Livia. Cotas raciais. São Paulo: coleção Feminismos Plurais, Jandaíra, 2023.

SANTOS, Isadora Pacheco dos. Empoderadas IG. 2022.

TORRES, Maldonado. El arte como territorio de re-existencia: una aproximación decolonial. Iberoamérica Social: Revista-red de estudios sociales VIII, pp. 26 - 28.

TRUTH, Sojourner. "E não sou uma mulher?", 1851. Tradução: Osmundo Pinho Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>

VIRADOURO. Samba enredo 2020: Viradouro de alma lavada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KG9xE7f7IM8>

ANEXO A- Modelo de termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO COMISSÃO DE PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARTICIPANTE

PESQUISA: Empoderadas IG: o resgate da autoestima de jovens de escolas públicas através do empoderamento e da educação antirracista.

COORDENAÇÃO: Luciana Dornelles Ramos.

NATUREZA DA PESQUISA: Esta é uma pesquisa que tem como finalidade investigar como construir a prática de uma educação antirracista a partir das vivências de jovens de escolas públicas em um projeto de estudos e empoderamento. Este projeto foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa 6 jovens da cidade de Porto Alegre. **ENVOLVIMENTO NA PESQUISA:** Ao participar deste estudo você, junto a pesquisadora e as outras jovens, irá participar de encontros para análise de vídeos e cartas do projeto Empoderadas IG. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo podem entrar em contato com a Prof. Magali Mendes de Menezes pelo fone (51) 33084153.

SOBRE A ANÁLISE DOS MATERIAIS: serão analisados dois vídeos das visitas do projeto Empoderadas IG nas escolas, EEEF Porto Alegre e EMEF José Loureiro da Silva, também serão analisadas dez cartas de alunos de cada uma das duas escolas citadas acima, recebidas pelo projeto. **RISCOS E DESCONFORTO:** a

participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras p

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Nome do participante _____

Assinatura do participante _____

Local e data _____

Coordenador(a) da pesquisa _____

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a/o Prof(a). Magali Mendes de Menezes, vice diretora da Faculdade de Educação da UFRGS. Caso queiram contatar a equipe, isso poderá ser feito pelos telefones (51)33084153. Maiores informações podem ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS (51) 3308.3738.

Av. Paulo Gama, s/n, sala 918, Centro Histórico, Porto Alegre, RS – Cep: 90046-900 – Fone: 3308.3098 – Contato: <compesq@ufrgs.br>